UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

PAULO HENRIQUE RIBEIRO NETO

As consequências da cooperação científica francesa (France-AmSud) na integração regional de cientistas sul-americanos

Versão original

São Paulo
2018

PAULO HENRIQUE RIBEIRO NETO

As consequências da cooperação científica francesa (France-AmSud) na integração regional de cientistas sul-americanos

Versão original

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Práticas Políticas e Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Cacciamali.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R484c

Ribeiro Neto , Paulo Henrique
As consequências da cooperação científica francesa (France-AmSud) na integração regional de cientistas sul-americanos / Paulo Henrique Ribeiro Neto ; orientadora Maria Cristina Cacciamali. - São Paulo, 2018.
247 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina. Área de concentração: Integração da América Latina.

1. France-AmSud. 2. Cooperação internacional. 3. Política científica. 4. Relações internacionais. 5. França na América do Sul. I. Cacciamali, Maria Cristina, orient. II. Título.

RIBEIRO NETO, P.H. **As consequências da cooperação científica francesa (France-AmSud) na integração regional de cientistas sul-americanos.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho aos meus pais, Marilene Cavalcanti e Paulo Henrique, pelo apoio e amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Maria Cristina Cacciamali, por ter me orientado de maneira tão atenciosa e prestativa durante estes mais de dois anos. Suas contribuições para esta pesquisa e para a consolidação da minha formação enquanto pesquisador foram inestimáveis.

À Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa de mestrado. Também aos professores Pablo Rubén Mariconda e Gladys Beatriz Barreyro, membros da minha banca de qualificação, que auxiliaram o trabalho com as suas avaliações, oferecendo sugestões que tornaram esta pesquisa mais sólida.

Ao corpo docente Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM), que me proporcionou uma formação extremamente rica e multidisciplinar sobre o continente, e também aos funcionários sempre prestativos. Agradeço ainda aos colegas do corpo discente (em especial, às queridas Beatriz Naddi e Giovanna Botti) que partilharam desta árdua e gratificante jornada comigo.

Aos pesquisadores entrevistados que, em sua maioria, aceitaram contribuir com seus relatos em benefício desta pesquisa. Agradeço ainda aos funcionários da embaixada francesa no Chile, particularmente à Hortense Philipot, coordenadora regional dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud, que também não hesitaram em ceder informações relevantes para este trabalho.

Agradeço a todos os amigos que continuaram ao meu lado e me apoiaram durante este período, mesmo com a minha parcial ausência por questões acadêmicas. Agradeço também a minha família, em especial meus pais, Marilene Cavalcanti e Paulo Henrique, e meu irmão, Gabriel Henrique, por estarem sempre presentes.

Finalmente, agradeço à luz, inominável e indescritível, que guia os meus passos.

Ipsa scientia potestas est.

Francis Bacon.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo avaliar as consequências que a delegação francesa "France-AmSud" teve na integração cientistas sul-americanos financiados por suas iniciativas Math-AmSud e STIC-AmSud entre os anos de 2012 e 2015. Este corpo diplomático francês na América do Sul tem como um de seus objetivos, através de suas programas acadêmicos, a criação e o fortalecimento de redes de investigação científica multilaterais entre pesquisadores franceses e sul-americanos. Sob a ótica de autores latino-americanos de teorias críticas, a interferência de um dos antigos colonizadores em nossa pesquisa científica poderia ser uma forma de recolonizar o continente. No entanto, pesquisadores vinculados a outras correntes de pensamento entendem a interação entre cientistas sul-americanos e franceses como uma oportunidade positiva que tem a capacidade de proporcionar ganhos para todas as partes envolvidas. Há ainda outros pensadores, mais vinculados com as vertentes realistas em Relações Internacionais, que desconsideram a importância de atividades desse tipo para a arena internacional. As três correntes de pensamento supracitadas foram utilizadas como bases teóricas para as hipóteses. Dos 39 projetos apoiados e concluídos pelos programas Math-AmSud e STIC-AmSud entre 2012 e 2015, três foram selecionados como estudos de caso. Coordenadores sul-americanos destes projetos, membros de instituições universitárias de cinco países da região (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai), foram entrevistados para esta pesquisa. As três hipóteses inicialmente formuladas foram observadas nos estudos de caso, embora em diferentes graus. Uma quarta ocorrência, não prevista pelas hipóteses, também foi detectada por meio do estudo empírico dos programas de cooperação científica. Os resultados obtidos não fornecem uma resposta única à problemática estudada, mas demonstram que, devido à complexidade do sistema internacional na contemporaneidade, as categorias “colonizadores” e “colonizados” (embora não devam ser totalmente descartadas) são, por si sós, insuficientes para explicar a realidade da cooperação científica Norte-Sul. Ademais, o presente trabalho reverbera a necessidade de uma ampliação do campo das Relações Internacionais para a inclusão de novas temáticas, como é o caso das relações acadêmicas entre os países.

Palavras-chave: France-AmSud; cooperação internacional; política científica; relações internacionais; França na América do Sul.

ABSTRACT

The aim of this research is to evaluate the impact of the French delegation "France-AmSud" on integration of South American scientists funded by their initiatives Math-AmSud and STIC-AmSud between the years 2012 and 2015. This French diplomatic corps in South America has as one of its objectives, through its academic programs, the creation and strengthening of multilateral scientific research networks between French and South American researchers. From the perspective of Latin-American critical authors, the interference from one of the region's former colonizers in our scientific research could be a way to re-colonize the continent. However, researchers affiliated with other currents of thought understand the interaction between South American and French scientists as a positive opportunity that has the ability to provide benefits for all parties involved. There are also other scholars, more tied to the realist strand in International Relations, who disregard the importance of such activities for the international arena. The three currents of thought mentioned above were used as theoretical bases for the hypotheses. Of the 39 projects supported and completed by the Math-AmSud and STIC-AmSud programs between 2012 and 2015, three were selected as case studies. South American coordinators of these projects, members of university institutions from five countries in the region (Argentina, Brazil, Chile, Paraguay and Uruguay) were interviewed for this research. The three hypotheses initially formulated were observed in the case studies, albeit to varying degrees. A fourth occurrence, not predicted by the hypotheses, was also detected through the empirical study of the scientific cooperation programs. The results do not provide a single answer to the question posed, but they do show that, due to the complexity of the international system in the contemporary world, the categories "colonizers" and "colonized" (even though they should not be completely ruled out) are, by themselves, insufficient to explain the reality of North-South scientific cooperation. Furthermore, this work reverberates the need for an expansion of the field of International Relations for the inclusion of new themes, such as the academic relations between countries.

Key-words: France-AmSud; international cooperation; science policy; international relations; France in South America.

RESUMEN

Esta investigación tuvo por objetivo evaluar las consecuencias que la delegación francesa France-AmSud tuvo en la integración de científicos sudamericanos financiados por sus iniciativas Math-AmSud y STIC-AmSud entre los años 2012 y 2015. Este cuerpo diplomático francés en América del Sur tiene como uno de sus objetivos, a través de sus programas académicos, la creación y el fortalecimiento de redes de investigación científica multilaterales entre investigadores franceses y sudamericanos. Bajo la óptica de autores latinoamericanos críticos, la interferencia de uno de los antiguos colonizadores en nuestra actividad científica podría ser una forma de recolonizar el continente. Sin embargo, investigadores vinculados a otras corrientes de pensamiento entienden la interacción entre científicos sudamericanos y franceses como una oportunidad positiva que tiene la capacidad de proporcionar ganancias para todas las partes involucradas. Hay también otros estudiosos, más vinculados a la vertiente realista en Relaciones Internacionales, que desconsideran la importancia de actividades de ese tipo para la arena internacional. Las tres escuelas de pensamiento antes citadas se utilizaron como bases teóricas para las hipótesis. De los 39 proyectos apoyados y concluidos por los programas Math-AmSud y STIC-AmSud, tres fueron seleccionados como estudios de caso. Los coordinadores sudamericanos de estos proyectos, miembros de instituciones universitarias de cinco países de la región (Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay), fueron entrevistados para esta investigación. Las tres hipótesis inicialmente formuladas se observaron en los estudios de caso, aunque en diferentes grados. Una cuarta ocurrencia, no prevista por las hipótesis, también fue detectada por medio del estudio empírico. Los resultados obtenidos no proporcionan una respuesta única, pero demuestran que, debido a la complejidad del sistema internacional contemporáneo, las categorías "colonizadores" y "colonizados" (aunque no deban ser totalmente descartadas) son por sí solas insuficientes para explicar la realidad de la cooperación científica Norte-Sur. Además, este trabajo reverbera la necesidad de una ampliación del campo de las Relaciones Internacionales para la inclusión de nuevas temáticas, como es el caso de las relaciones académicas entre los países.

Palabras-clave: France-AmSud; cooperación internacional; política científica; relaciones internacionales; Francia en Sudamérica.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Cronologia do corpo diplomático France-AmSud

QUADRO 2 Cronologia das iniciativas de cooperação científica multilateral da França

QUADRO 3 Totalidade dos projetos Math-AmSud e STIC-AmSud entre 2012 e 2015

QUADRO 4 Presença dos países que fazem parte dos possíveis estudos de caso frente à totalidade de projetos realizados via programa Math-AmSud (2012-2015)

QUADRO 5 Presença dos países que fazem parte dos possíveis estudos de caso frente à totalidade de projetos realizados via programa STIC-AmSud (2012-2015)

QUADRO 6 Relações entre coordenadores de equipes e instituições e/ou pesquisadores das outras nacionalidades participantes, após o fim do projeto Beta

QUADRO 7 Correlação entre os casos observados e as hipóteses (projeto Beta)

QUADRO 8 Relações entre coordenadores de equipes e instituições e/ou pesquisadores das outras nacionalidades participantes, após o fim do projeto Ômega

QUADRO 9 Correlação entre os casos observados e as hipóteses (projeto Ômega)

QUADRO 10 Relações entre coordenadores de equipes e instituições e/ou pesquisadores das outras nacionalidades participantes, após o fim do projeto Sigma

QUADRO 11 Correlação entre os casos observados e as hipóteses (projeto Sigma)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Relações entre equipes durante o projeto Beta

FIGURA 2 Relações entre equipes durante o projeto Ômega

FIGURA 3 Relações entre equipes durante o projeto Sigma

SUMÁRIO

Apresentação 14
Capítulo 1: Relações científicas entre França e América do Sul 17
1.1. Breve histórico da presença científica francesa 17
1.2. A delegação France-AmSud 30
1.3. Os programas Math-AmSud e STIC-AmSud (e seus similares) 36
Capítulo 2: Literatura correlata em Ciências Sociais e Relações Internacionais 41
2.1. Teóricos Críticos 42
2.2. Ciência e Relações Internacionais 49
2.3. Teorias sobre cooperação internacional 55
Capítulo 3: Problematização, hipóteses e metodologia de pesquisa 60
3.1. Problematização e hipóteses 60
3.2. Metodologia de pesquisa 62
3.2.1. Sobre a determinação do espaço temporal (2012-2015) 64
3.2.2. A seleção dos estudos de caso 65
3.2.3. A seleção de um caso do programa Math-AmSud 66
3.2.4. A seleção de dois casos do programa STIC-AmSud 69
3.2.5. A preparação para as entrevistas semiestruturadas 72
3.2.6. O questionário das entrevistas semiestruturadas 73
3.2.7. Compilação e análise do material coletado 75
Capítulo 4: Resultados obtidos 76
4.1. Projeto Beta (Math-Amsud) 77
4.2. Projeto Ômega (STIC-AmSud) 87
4.3. Projeto Sigma (STIC-AmSud) 99
Considerações finais 110
Bibliografia 117
Apêndice I - Entrevista com Hortense Philipot 121
Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 133
Apêndice III - Entrevista com o Pesquisador B 135
Apêndice IV - Entrevista com o Pesquisador D 147
Apêndice V - Entrevista com o Pesquisador G 159
Apêndice VI - Entrevista com o Pesquisador H 166
Apêndice VII - Entrevista com o Pesquisador I 183
Apêndice VIII - Entrevista com o Pesquisador J 192

Apêndice IX - Entrevista com o Pesquisador L 206
Apêndice X - Entrevista com o Pesquisador M 221
Apêndice XI - Entrevista com o Pesquisador O.....233

APRESENTAÇÃO

No final de 2015, ainda nos últimos meses da minha graduação em Relações Internacionais na Universidade Estadual Paulista (UNESP) – campus de Franca, eu havia tomado a decisão de que faria um mestrado e que gostaria de abordar alguma questão relacionada a presença e influência de estados do Norte Global no continente sul-americano na contemporaneidade. Conforme iniciei uma primeira incursão sobre o material disponível, com a finalidade de elaborar um projeto de pesquisa, percebi que a França possuía relevantes iniciativas na região e soube, pela primeira vez, da existência de uma delegação que me acompanharia pelos dois anos subsequentes: “France-AmSud”, um corpo diplomático voltado para a cooperação científica e cultural com as sociedades sul-americanas.

Ainda que essa delegação esteja atuando no continente há mais de 25 anos, não encontrei, após extensa pesquisa, nenhum trabalho acadêmico que a analisasse enquanto objeto de estudo. Tendo isso em vista, a primeira proposta para esta pesquisa era analisar este órgão diplomático como um todo, realizando um grande panorama sobre os seus diversos ramos de atividade. No entanto, a professora Maria Cristina Cacciamali, minha orientadora, apontou que tal projeto não seria factível dentro das limitações temporais de um curso de mestrado e aconselhou-me a delimitar o estudo da France-AmSud em uma de suas vertentes de atividades.

O enfoque na questão científica já era um interesse pessoal, mas se consolidou realmente após o contato proporcionado pela disciplina “Science, Technology and Innovation: the international dimension” oferecida na Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo (USP), em 2016. Nas discussões realizadas em sala com os colegas e coordenadas pelos professores Guilherme Ary Plonski e Alberto Pfeifer, fui capaz de perceber as vastas possibilidades de discussão nessa temática ainda emergente no campo das Relações Internacionais e decidi explorá-la nesta pesquisa de mestrado, voltando as disciplinas que cursei subsequentemente também para essa temática.

Dito isto, o presente trabalho teve por objetivo avaliar as consequências que a delegação France-AmSud teve na integração regional de cientistas sul-americanos que participaram de seus dois programas de cooperação científica multilateral

(nomeadamente, Math-AmSud e STIC-AmSud) entre os anos de 2012 e 2015. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturais com os coordenadores sul-americanos, que participaram de um dos três projetos financiados por essas iniciativas selecionados aqui como estudos de caso. Com a finalidade de organizar e expor o trabalho de investigação realizado durante o curso do mestrado, esta dissertação foi organizada em seis partes.

No primeiro capítulo, introduzimos a temática abordada por este trabalho. São discutidos nele, brevemente, o histórico da presença francesa na América do Sul (em especial no que tange as questões científicas), o *modus operandi* da delegação France-AmSud (e as respectivas mudanças na sua estrutura desde o seu estabelecimento) e a criação dos dois programas de intercâmbio científico supracitados voltados para a região, bem como sua inserção na política internacional francesa em um âmbito macroestrutural.

No segundo capítulo, pode-se encontrar uma revisão da literatura acadêmica existente sobre as temáticas abordadas neste estudo. Ele também foi subdivido em três tópicos: as perspectivas de teóricos críticos (principalmente latino-americanos) sobre a influência do Norte, com especial atenção às questões educativas; os recentes e emergentes estudos sobre a importância das atividades científicas nas Relações Internacionais (RI); e as interpretações de diferentes vertentes do campo de RI sobre cooperação internacional entre Estados em um sentido mais geral, ou seja, não se restringindo apenas ao âmbito científico.

O terceiro capítulo, por sua vez, aborda questões mais pragmáticas desta pesquisa de mestrado. Estão explicitadas, neste trecho, a problematização feita para essa pesquisa, a formulação da pergunta que guia o trabalho e a construção das três hipóteses que foram testadas. Ademais, são descritos também o método empregado para a seleção dos estudos de caso e para a condução de entrevistas.

Em um quarto momento, os resultados obtidos por meio das entrevistas e da coleta de matérias são apresentados. É realizada uma análise detalhada das consequências dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud na atividade de cada um dos pesquisadores sul-americanos que fizeram parte dos projetos de cooperação internacional. Este capítulo contém três subseções: uma para cada estudo de caso

que foi analisado (o projeto Beta, do programa Math-AmSud; e os projetos Ômega e Sigma, do programa STIC-AmSud).

Após a apresentação dos resultados, a presente dissertação é finalizada com as conclusões obtidas a partir deste trabalho. Os principais logros e dificuldades das pesquisas são retomados e um quadro-resumo auxilia no entendimento dos apontamentos possíveis a partir dos dados e materiais coletados durante a sua execução. Como exposto nas últimas páginas, os resultados obtidos a partir da análise das entrevistas realizadas não fornecem uma única resposta à problemática estudada, mas é possível adquirir, a partir deles, uma melhor compreensão das influências que esse tipo de iniciativa tem na atividade dos pesquisadores que delas fazem parte, bem como em suas instituições de origem e em suas comunidades acadêmicas.

Por fim, em respeito ao princípio de transparência inerente à atividade científica, é possível encontrar nos apêndices o modelo do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido assinado pelos entrevistados, assim como a transcrição completa de todas as entrevistas realizadas para este trabalho. Trata-se de um importante material de apoio, coletado por meio de entrevistas qualitativas, realizadas em cinco países da região (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai), exclusivamente para a realização desta dissertação, que permitirá ao leitor corroborar as minhas conclusões enquanto autor e pesquisador ou, até mesmo, refutar as afirmações aqui feitas e levantar pontos sobre os quais esta análise pode não ter versado.

CAPÍTULO 1
RELAÇÕES CIENTÍFICAS ENTRE FRANÇA E AMÉRICA DO SUL

O presente capítulo tem por objetivo introduzir a temática das relações científicas francesas e sua conexão com o continente sul-americano. Ele está dividido em três subseções. Na primeira, por meio de uma abordagem histórica, resgata-se os principais eventos que demarcaram a presença científica francesa em todo o globo, desde o século XVI, com as grandes navegações. Na segunda, a delegação France-AmSud, corpo diplomático francês presente na América do Sul desde 1990, é apresentada com a descrição de suas atividades e sua estrutura organizacional. Finalmente, na terceira parte, as iniciativas de cooperação científica multilateral promovidas pela France-AmSud, os programas Math-AmSud e STIC-AmSud, são introduzidos e identificados em um marco mais abrangente, demonstrando que tais programas científicos são ferramentas de uma estratégia que a política externa francesa utiliza em diversos cantos do globo.

1.1. Breve histórico da presença científica francesa (nas Américas e no mundo)

O interesse francês pelos continentes americanos não é um fenômeno recente. Ambições imperialistas por parte de cidades costais do que hoje conhecemos como a França eram observáveis antes mesmo da unificação da região, mas foi a partir do século XVI, sob o reinado de François I, entre os anos de 1515 e 1547, que o Estado europeu passou a financiar expedições marítimas ao estrangeiro com fins coloniais, com especial atenção para esta região do globo (OSBORNE, 2005, p. 84).

Dois dos empreendimentos inaugurais para o estabelecimento de colônias francesas nas américas ocorreram no Brasil, mas fracassaram após derrotas para as forças do império português. Uma das primeiras expedições do tipo, realizada em 1555, foi comandada por Nicolas Durand de Villeganon, que atracou com três navios na região hoje conhecida como Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, um espaço já frequentado por outros navios franceses que realizavam escambos com os nativos (BICALHO, 2008, p. 32).

Por quase quinze anos, os franceses tiveram posse de uma ilha e estabeleceram uma colônia conhecida como “França Antártica”, desafiando o domínio de Portugal. Ainda que tenham existido alguns confrontos anteriores, que enfraqueceram os representantes da França, a resposta portuguesa apenas ganhou força em 1560, com a chegada de uma expedição de Mem de Sá para disputar o território. Todavia, foi somente em 1567, dois anos após a fundação da cidade do Rio de Janeiro e da intensificação da presença portuguesa, que todos os emissários franceses foram expulsos do continente (ELMALAN, 2008, p. 267).

Outra tentativa de colonização francesa no Brasil ocorreu na região Nordeste do país, entre os anos de 1612 e 1615. Coordenada por François de Razilly, o empreendimento ficou conhecido como “França Equinocial” devido à localização na embocadura do Amazonas, abaixo da linha do equador (DEL PRIORE, 2000, p.22). Tendo o auxílio dos indígenas, os colonizadores franceses construíram uma capela, um forte, habitações, um armazém e batizaram o local como “São Luís” (povoado que deu origem à capital do atual estado do Maranhão). Em 1613, partiu de Recife uma expedição de reconquista do Maranhão, coordenada por Jerônimo de Albuquerque Maranhão, que conseguiu recuperar o território entre outubro e novembro de 1615 (DEL PRIORE, 2000, p.24).

Houve ainda neste período uma tentativa fracassada de colonização francesa, liderada por René de Laudonnière, na América do Norte, mais especificamente na região onde hoje se encontra o estado da Flórida, nos Estados Unidos, quando a mesma ainda estava sob o domínio espanhol. Chegou-se a estabelecer um forte entre os anos de 1564 e 1565, batizado de “Fort Caroline”, que foi rapidamente saqueado e destruído pelas tropas espanholas, sob o comando de Pedro Menéndez (LYON, 1974, p. 415).

Apesar dos fracassos de suas primeiras investidas, os franceses conseguiram, eventualmente, estabelecer algumas colônias no continente americano no período que antecedeu a Revolução Francesa, dentre ais quais destacam-se a Nova França (onde atualmente se encontra a cidade de Quebec, no Canadá), “Saint Domingue” (hoje conhecido como Haiti) e outras ilhas do Caribe, como Martinica e Guadalupe - ambas ainda territórios ultramarinos da França (OSBORNE, 2005, p. 85). Os franceses também chegaram a estabelecer uma colônia nos atuais Estados Unidos, em 1682, que foi nominada de “Louisiana” como uma forma de prestar homenagem

ao monarca Luís XIV. Embora eles tenham estabelecido alguma atividade colonial na região durante o período de pouco mais de um século em que a controlaram, fundando inclusive a cidade de Nova Orleans em 1718, a região foi vendida por Napoleão Bonaparte, em 1803, para o recém-independente Estados Unidos da América (LIBRARY OF CONGRESS, s.d., p. 5)

Isso não significa, no entanto, que os franceses deixaram de realizar tentativas de colonização ao sul do equador americano, tanto é que algumas invasões e atos de pirataria ainda foram registrados na região nos séculos subsequentes. Ruy Gama (1996, p. 43) aponta que a última incursão francesa no Brasil ocorreu somente em 1711, quando o corsário René Duguay-Trouin liderou dezessete navios e mais de 5500 homens em um ataque à cidade do Rio de Janeiro. Eles regressaram à França após dois dias de ocupação, levando em suas embarcações caixas de açúcar, cabeças de gado e 610 mil cruzados, onde o capitão receberia o título de tenente-general (GAMA, 1996, p. 43)

Cabe destacar também que, mesmo em um período em que a França estava sob o regime político absolutista, é possível observar traços de estratégias que se denominariam posteriormente como diplomacia cultural e como diplomacia científica, fazendo com que alguns as caracterizem como instrumentos essenciais da política exterior francesa (LANE, 2016, p. 16). A título de exemplo, monarcas como François I tinham como preocupação a preservação da cultura e tradição francesa no exterior, tendo firmado tratados com o Império Otomano para assegurar os direitos dos cristãos que viviam na região, promovendo assim a manutenção de uma influência linguística e simbólica de seu país (LANE, 2016, p. 15).

Ademais, outros pesquisadores afirmam que, assim como ocorreu com outras potências na época, a ciência desempenhou um papel essencial no modelo colonizador francês, acompanhando suas ambições geopolíticas. James E. McClellan III e François Regourd (2001, p 32) apontam, por exemplo, para a existência de uma complexa máquina burocrática desde o regime de Luís XIV, criada com o objetivo de estabelecer uma infraestrutura tecno-científica que protegesse e assegurasse os interesses coloniais, nacionais e dinásticos do império.

Os autores pontuam que a medicina foi um dos primeiros ramos do conhecimento científico a auxiliarem no processo de colonização, mas que –

posteriormente – diversos outros campos passaram a fazer parte do conglomerado intelectual que atuava em prol da manutenção do império francês. Sob a égide do rei e do “ministério da Marinha e das colônias”, operavam diversas instituições (podendo ser associações, comunidades ou sociedades) científicas, tais quais: a “Académie Royale des Sciences” (Academia Real de Ciências); a “Societe Royale de Agriculture” (Sociedade Real de Agricultura); a “Societe Royale de Medecine” (Sociedade Real de Medicina); e muitas outras. Até mesmo órgãos relativamente independentes da realeza, como ordens religiosas, jornais acadêmicos e companhias de comercio faziam parte do aparato denominado pelos autores como máquina colonial (MCLELLAN; REGOURD, 2001, p. 33).

Tamanho investimento e dedicação a construção de uma infraestrutura científica que desse suporte ao império colonial francês se justificava por três principais razões. Primeiramente, deve-se ter em conta que o comércio colonial era vital para a economia da metrópole, não só para as finanças governamentais, mas também para a população como um todo (no século XVIII, uma a cada oito pessoas tinha o comércio colonial como principal fonte de subsistência). Em segundo lugar, cabe lembrar os territórios ocupados tiveram, em especial de 1660, uma grande importância geopolítica para a França, tornando-a apta a disputar posições hegemônicas com outras potências mundiais, como a Grã-Bretanha. Desenvolver as colônias por meio do aparato técnico-científico era, portanto, essencial para a presença internacional da França. A terceira justificativa para a construção da infraestrutura científica é que a fama e a glória inerentes a possessão de um poderoso império, que fizessem jus à onipotência e influência que os monarcas franceses acreditavam ter sobre o mundo, justificavam, por si só, o alto custo do aparato da máquina colonial (MCLELLAN; REGOURD, 2001, p. 49).

O império francês viu uma nova oportunidade de influência no continente americano em 1775, quando os colonos ingleses na América do Norte deram início a uma guerra de independência contra os britânicos. Com o objetivo de diminuir o poderio do Reino Unido e vingar-se pela derrota de seu pai na Guerra dos Sete Anos, o monarca Luís XVI decidiu apoiar os revolucionários, inicialmente de forma secreta, com munição e armamentos, mas posteriormente também com o envio de frotas e exércitos para lutarem contra os exércitos ingleses. Os Estados Unidos conseguiram consolidar sua independência e assinaram um tratado de paz que deu cabo à guerra

em 1783, mas o auxílio teve um alto custo monetário para a monarquia de Luís XVI (HODSON; RUSHFORTH, 2011, p. 22).

Pouco mais de uma década após o início do processo independentista estadunidense, em 1789, a queda da prisão de Bastilha marcou o início de um dos processos de transição política mais significativos na história do país: a Revolução Francesa. Tendo por base os mesmos ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade que haviam inspirado a independência dos Estados Unidos, o processo revolucionário levou à aprovação da “Déclaration des droits de l’homme et du citoyen” (Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão) e também à execução pública de porção significativa dos membros da monarquia e, posteriormente, de líderes eminentes da própria revolução, alterando profundamente diversas estruturas de poder vigentes há século no país.

Contudo, mesmo após mudanças tão drásticas no que tange o poder político, a diplomacia cultural e científica continuaram sendo elementos relevantes das relações exteriores francesas. A grande diferença com o antigo regime monárquico é que, durante a última década do século XVIII, forças militares, intelectuais e diplomáticas pressionaram o novo governo a “nacionalizar” a ação cultural internacional da França, alinhando-a com os ideais da revolução para que pudesse servir como um instrumento de propagação destes valores (LANE, 2016, p. 17).

A estratégia deu certo e os ideais iluministas espalharam-se para diversas partes do globo. No entanto, a primeira grande potência colonial a sentir os efeitos materiais da chegada dos valores após o início da revolução francesa foi justamente aquela que os difundiu. A colônia de “Saint Domingue” (Haiti), conhecida como a mais rica do mundo na época por ser responsável por cerca de 40% de todo o comércio exterior da França, composta em sua maioria por uma população negra de escravos em plantações de açúcar, conseguiu sua independência após quinze anos de um violento processo iniciado também no ano de 1789 (KNIGHT, 2000, p. 107).

Embora revoluções de escravos houvessem existido antes dos processos revolucionários da França, elas se intensificaram muito após os eventos que levaram à derrocada da democracia. O primeiro movimento desta nova leva foi observado em agosto de 1789, na ilha de Martinica. Há registros de que os insurgentes da ilha citavam que, embora houvesse ocorrido uma abolição da escravatura na Europa

(referindo-se à Revolução Francesa), os colonos franceses no Caribe se recusavam a implantar esta nova lei no outro lado do Atlântico (GEGGUS, 1997, p. 08). Sendo assim, é pouco provável que os processos de independência do Haiti e dos outros países caribenhos que seguiram seus passos no início do século XIX (Barbados, a antiga Demerara – hoje parte da Guiana - e Jamaica) tivessem ocorrido sem a influência dos ideais libertários propagados pela Revolução Francesa (KNIGHT, 2000, p. 109).

Enquanto isso, no continente europeu, a França continuou investindo na diplomacia cultural e científica: Napoleão Bonaparte renovou o acordo de proteção aos cristãos no Oriente com o Império Otomano e convidou uma série de intelectuais, engenheiros e artistas para sua expedição ao Egito, fomentando assim o nascimento da egiptologia e um intercâmbio profícuo entre os franceses e a região (LANE, 2016, p. 18). Com a segunda onda de expansão colonial francesa nas décadas subsequentes do século XIX, esses tipos de expedição científica – que eram combinadas com expedições militares – se tornaram mais frequentes. Segundo Petitjean (1996, p. 29), essa prática de incluir cientistas também nas expedições internacionais tinha como finalidade não só “preparar o terreno” para uma futura ocupação, mas também legitimar todo o processo que seria imposto sobre um território e sua população, caracterizando-a como inferior e bárbara. Era formada assim uma duradoura e profícua aliança entre os interesses científicos e as estratégias nacionais, que perduraria com o passar dos séculos.

Com a queda de Napoleão Bonaparte em 1814, a França enfrentou períodos turbulentos em seu sistema político, com a reinstalação da monarquia, tendo, nos anos subsequentes, dois monarcas da casa de Bourbon e um da casa de Orleães. O novo ciclo absolutista somente foi quebrado pelo golpe de estado de 1851, quando Napoleão III, sobrinho de Napoleão Bonaparte, assumiu o poder enquanto imperador da França. O novo líder promoveu uma grande expansão imperial como parte de sua estratégia política internacional, visando competir com o movimento expansionista das outras potências mundiais à época. Ele anexou neste período os territórios africanos (hoje englobados pelo Senegal e pela Algéria), as regiões asiáticas Cochinchina (atual Vietnã) e Camboja, bem como o arquipélago Nova Caledônia, na Oceania. O líder estatal francês também promoveu intervenções na China, na Coreia, no Japão, na Indochina, na Síria e no Líbano enquanto estava no poder.

Nas Américas, a atuação mais proeminente do governo de Napoleão III se deu no México. Tendo acedido ao poder em 1854 com a Revolução de Ayutla, o presidente mexicano, de origem indígena, Benito Juarez havia promulgado uma série de leis que haviam removido privilégios da igreja e seus eclesiásticos, que se aliaram a facções conservadoras para insurgir contra o governo, dando início a uma guerra civil (SOARES, 2014, p.68). Um ano após reaver a soberania política no país, em 1861, Juarez anunciou que não pagaria a dívida de 7.5 milhões de francos contraída pela oposição que derrotou, cujos credores eram três estados europeus - França, Espanha e Grã-Bretanha.

Os governos das três nações europeias ameaçaram o México com uma reação militar, mas apenas os franceses chegaram a invadir de fato a Cidade do México sob as ordens de Napoleão III. Alguns pesquisadores afirmam que, mais que uma simples retaliação a recusa de honrar a dívida, a invasão estaria também aliada às pretensões expansionistas do então imperador francês (SOARES, 2014, p.68). Com o auxílio das forças conservadoras e do exército francês, o poder foi entregue ao membro da monarquia austro-húngara Maximiliano de Habsburgo, que chegou ao México em 1864.

Contudo, por não satisfazer os desejos dos conservadores e da igreja, o reino de Maximiliano perdeu força rapidamente e, em 1865, Napoleão III ordenou as retiradas das tropas francesas do território mexicano (SOARES, 2014, p.71). Nem mesmo com o advento de uma guerra civil, o monarca austro-húngaro recusou-se a abandonar o país com os franceses e se tornou refém dos liberais depois que Benito Juárez e seus aliados recuperaram o poder político. Maximiliano de Habsburgo foi fuzilado, junto com outros generais conservadores, em junho de 1867 (SOARES, 2014, p.72).

Napoleão III também se envolveu em conflitos no continente europeu e a derrota em um deles, a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), levou ao colapso de seu regime e ao estabelecimento da Terceira República na França. Parcela considerável da elite francesa atribuiu o fracasso na guerra contra os germânicos a uma deficiência técnico-científica perante os adversários, exercendo forte pressão para o avanço do aparato técnico-científico no país. O governo francês atendeu essas demandas e investiu dinheiro público na criação de novos organismos para a valorização da atividade científica (PETITJEAN, 1996, p. 91). Ainda que o novo regime

político tenha banido a propaganda estatal, a diplomacia cultural foi mantida como uma política governamental por ser considerada pacífica (SUPPO, 2000, p.312).

O evento mais marcante do fim do século XIX, para alguns pesquisadores, foi a criação da Aliança Francesa em 1883, como uma iniciativa de personalidades para reunirem os “amigos da França” em países estrangeiros aliados (LANE, 2016, p. 17). Rapidamente, no entanto, o ensino da língua francesa também se tornou uma estratégia de dominação colonialista, através da aplicação do lema norteador de suas ações: os aprendizes da língua francesa também são naturalmente clientes dos produtos franceses (SUPPO, 2000, p.312).

Tal instrumento foi aplicado, por exemplo, no Egito. Com o acirramento da disputa colonial na África e tentando frear a influência britânica, o Ministério de Relações Exteriores da França financiou um curso do idioma francês no país e funda também outra instituição, em 1890: a Escola de Direito do Cairo (LANE, 2016, p. 17).

Outros órgãos científicos de apoio à diplomacia continuaram a ser criados no início do século XX, como o “Office National des Universités et Écoles Françaises” (Escritório Nacional de Universidades e Escolas Francesa – ONUEF, na sigla francesa), estabelecido em 1910 e voltado para cooperação escolar e universitária (PETITJEAN, 1996, p. 96). A América Latina ganhou destaque nesse sentido, por ter sido a primeira região a receber um instituto específico para cooperação com a França quando, em 1907, foi criado o “Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les Relations avec l’Amérique Latine” (Agrupamento de universidades e grandes escolas da França para as relações com a América Latina) no Còllege de France (PETITJEAN, 1996, p. 91).

Diferentemente de outras iniciativas, o Groupement havia sido fundado não por iniciativa do Estado francês, mas sim de dois professores universitários: o físico-químico Henry Le Chatelier, que havia visitado a Argentina, e o matemático Paul Appel. O objetivo de sua fundação, explicitado nas primeiras convocatórias a novo membros, era promover a manutenção da influência francesa pelo mundo, assegurando a sua proteção contra os rivais (PETITJEAN, 1996, p. 91).

Segundo Patrick Petitjean (1996, p. 97), grande parte das atividades do Groupement foram desenvolvidas na França. Ele as divide em cinco grandes grupos: (i) as atividades diplomáticas, que dizia respeito ao acolhimento de pesquisadores

latino-americanos na França (única função exercida pelo grupo a partir dos anos 1930); (ii) as atividades publicitárias, isto é, divulgar a latino-americanos com o perfil de estudantes informações os cursos existentes no país de origem, organizando livretos e comitês receptivos a estrangeiros; (iii) a difusão e defesa da área de estudos latino-americanos nas instituições francesas, criando bibliotecas e postos para professores titulares na temática; (iv) as atividades ligadas à gestão financeira, a partir dos anos 1920, de missões e viagens francesas para a América Latina, bem como de escolas francesas na região; (v) a edição de uma revista, contendo textos de intelectuais latino-americanos e franceses, entre os anos de 1910 e 1932, em uma estratégia de combate à crescente dominação cultural estadunidense por meio da latinidade (PETITJEAN, 1996, p. 99).

O estopim da Primeira Guerra Mundial, em 1914, fez com que o governo francês devote ainda mais atenção a influência simbólica e à propaganda. Em 1918, o “Service de decentralisation artistique” (Serviço de descentralização artística), ou “Service des œuvres françaises à l’étranger” (Serviço de obras francesas ao estrangeiro), foi criado pelo Ministério das Relações Exteriores, sendo coordenado pelo musicista Alfred Cortot. Em 1920, são definidas as três linhas de atuação de atuação deste órgão: a universitária, a artística e de obras francesas. Como exposto claramente em documentos da época, entendia-se que as artes, as universidades e as escolas ao estrangeiro tinham grande capacidade de atração e poderiam ser utilizadas, pelo poder público, como uma “arma poderosa” (LANE, 2016, p. 20). Não supreendentemente, com apenas cinco anos de funcionamento, o novo serviço possuía mais de 250 correspondentes no estrangeiro.

A partir dos anos 1920, os intelectuais do Groupement passam a auxiliar também na criação de institutos franceses e universidades em diversos países da América Latina. Na Argentina, em 1921, com o auxílio dos cientistas Georges Dumas e Marcel Labbé, iniciam-se reuniões para a criação de um instituto francês na capital federal, no entanto, devido à problemas com investimento, ele materializa-se apenas como um instituto da Universidade de Buenos Aires. Mesmo sem o investimento esperado inicialmente, entre 1921 e 1938, quase 60 estudiosos franceses viajaram à Argentina para ministrar cursos de cultura e civilização francesa na referida instituição (PETITJEAN, 1996, p. 103).

O Brasil também foi receptor das políticas científicas francesas da época, tendo um instituto Franco-brasileiro fundado em 1922 na cidade do Rio de Janeiro, integrado à primeira universidade da então capital nacional, também com a presença e colaboração de membros do Groupement. A instituição recebeu até 1939 mais de 40 professores oriundos da França e proporcionou o contato direto entre pesquisadores franceses e brasileiros em diversas áreas, tais quais: psicologia, biofísica, etnologia e fisiologia (PETITJEAN, 1996, p. 105).

Por outro lado, na cidade de São Paulo, houve o estabelecimento de um Liceu Franco-Brasileiro, formulado em negociações que antecediam a Primeira Guerra Mundial, mas inaugurado apenas em 1925. No mesmo ano, há a tentativa de criação de um Instituto Técnico Franco-Paulista (ITFP), que, embora tenha tido algumas sessões, nunca conseguiu se consolidar de fato (PETITJEAN, 1996, p. 108).

A presença francesa tornou a ser robusta em São Paulo somente em 1934, quando é publicado o decreto que fundou a Universidade de São Paulo e tem início um forte intercâmbio com comunidades acadêmicas estrangeiras. A primeira missão ocorreu no mesmo ano e foi marcada por uma forte disputa por cadeiras entre italianos, alemães e franceses. Theodoro Ramos viajou ao continente europeu, em busca de professores para contratar e, em julho do mesmo ano, os primeiros cursos da universidade tem início (PETITJEAN, 1996, p. 269).

A segunda missão foi realizada a partir de 1935. A rivalidade entre os países europeus diminuiu, tendo em vista as renovações de alguns contratos da primeira missão e a demanda brasileira por participações mais estáveis de pesquisadores estrangeiros. Mesmo tendo sido um período marcado por agitações e conflitos entre docentes, foram necessários apenas ajustes nos anos de 1936 e 1937, fazendo com que os três anos fossem categorizados como partes de uma mesma missão (PETITJEAN, 1996, p. 277). Diferentemente do que acontecia até então, os professores que vieram ao Brasil como parte desta missão eram, em sua maioria, jovens (a média de idade deles quando chegaram ao país era de 29 anos) e estavam mais alinhados ao espectro da esquerda política que os seus antecessores.

Finalmente, a terceira e última missão universitária francesa na Universidade de São Paulo ocorreu entre os anos de 1938 e 1940. O Brasil passa a exigir maior permanência dos professores franceses, com contratos de duração de três anos,

durante todo o período escolar. Embora o início da Segunda Guerra Mundial tenha conferido às missões mais autonomias nas relações com os professores estrangeiros, a ditadura de Vargas no Brasil e as mudanças que ela implica nas relações internacionais resultam em limitações e tormentos políticos no contexto da USP, em especial no que diz respeito aos docentes provenientes de nações do Eixo, com as quais o governo cortou relações em agosto de 1942 (PETITJEAN, 1996, p. 288).

A análise realizada por Patrick Petitjean aponta que fatores como a chegada de professores mais jovens (em especial da França) e os problemas políticos enfrentados pelos italianos e alemães, permitiram uma maior autonomia intelectual dos docentes, distanciando-os dos objetivos das diplomacias de suas nações. Segundo ele, a partir de 1939, houve uma mudança de perspectiva entre os professores que participaram das missões francesas na USP, fazendo com que a finalidade de seus trabalhos estivesse voltada para a universidade e não para o prestígio de seus países de origem (PETITJEAN, 1996, p. 326). Não seria possível, portanto, caracterizar o trabalho desses intelectuais franceses no Brasil dentro do espectro daquilo que se denomina como “colonialismo cultural”, expressão utilizada (segundo Petitjean, equivocadamente) por alguns dos primeiros discentes da USP, como Othon Leonardos (PETITJEAN, 1996, p. 314).

Todavia, pesquisadores como Hugo Suppo (2000, p. 311) refutam a visão supracitada e demonstram que havia sim um elo dos intelectuais com os interesses da política cultural e científica francesa da época. Em 1932, por exemplo, uma nota do Ministério de Relações Exteriores da França destaca que todos cidadãos nacionais com moradia no exterior deveriam considerar-se também embaixadores de seu país, com especial atenção para os papeis desempenhado por industriais, comerciantes e professores (SUPPO, 2000, p. 314).

Dito isto, Suppo aponta para a emergência dos intelectuais-embaixadores, profundamente engajado com a política de seus países e aponta a figura de George Dumas, psicólogo de nacionalidade francesa, que desempenhou uma função crucial na organização e seleção dos franceses para a missão no Brasil, como um de seus maiores exemplos. Segundo o autor, mesmo que Dumas tivesse uma real afeição pelo Brasil, como declarava publicamente, o objetivo real de seu trabalho nas missões para a fundação Universidade de São Paulo era garantir que a França tivesse um espaço privilegiado na formação das elites dirigentes brasileiras (SUPPO, 2000, p. 338).

Foi também uma viagem de George Dumas, em 1924, que desencadeou uma cooperação universitária entre universidades parisienses e mexicanas, orquestrada pelo Groupement. Em 1929, outro intelectual francês, Paul Hazard, negociou um acordo para a presença de professores franceses nas universidades do México e também para a criação de uma escola francesa, que passou a funcionar no ano seguinte e teria, nos anos 1940, a presença permanente de arqueólogos e etnólogos da França (PETITJEAN, 1996, p.110).

Os membros do Groupement também cooperaram com outros países latino-americanos nos anos 1930, ainda que não tão energicamente quanto com os três casos anteriormente mencionados. No Chile, eles assinam acordos em 1921, 1927 e 1938 - este último jamais entraria em vigor, devido ao conflito bélico. Na Venezuela, apoia-se a criação de um Instituto Franco-Venezuelano em 1928, que funcionou até a metade dos anos 1930 (PETITJEAN, 1996, p. 111). Uma instituição também é fundada em Lima, no Peru, em 1929, que receberia os pesquisadores franceses que estavam em Buenos Aires. A Colômbia assinou acordos de cooperação com os franceses, mas estes nunca entraram em vigor por dificuldades financeiras. Países menores, como o Paraguai, a Costa Rica, a Guatemala e El Salvador também fizeram acordos de cooperação com os membros do Groupement que não resultaram em muita cooperação na prática, seja porque as universidades locais não os ratificaram ou porque (no caso paraguaio) não havia interesse dos candidatos franceses em realizar a estadia científica (PETITJEAN, 1996, p. 112).

Devido às turbulências geradas pela Segunda Guerra Mundial, em especial pela ocupação nazista na França, o Groupement deixou de existir no ano de 1940. Houve uma tentativa de retomar suas atividades em 1945, com envolvimento de personalidades renomadas como o médico Louis Pasteur Vallery-Radot, mas ela não foi bem-sucedida (PETITJEAN, 1996, p. 97). A nova configuração do poder na ordem internacional, que foi redistribuído entre as potências que venceram a guerra, e certas mudanças significativas no modo de produção científica, agora menos concentrado que no início do século, são fatores que colaboraram para a impossibilidade do ressurgimento do Groupement no pós-guerra (PETITJEAN, 1996, p. 120). No início dos anos 1950, a rede de pesquisadores deixara de existir por completo.

A diplomacia científica e a diplomacia cultural continuaram, no entanto, como prioridades da política externa francesa após o fim da Segunda Guerra, que

estabeleceu três objetivos principais nos anos subsequentes aos conflitos: (1) o reestabelecimento dos fluxos intelectuais interrompidos durante cinco anos pelo conflito armado; (2) o oferecimento de livros, professores e palestras aos países que os solicitavam, algo que não havia sido possível também durante os anos de guerra; e (3) demonstrar que pensamento francês tinha vitalidade e não havia sucumbido, mesmo após os obstáculos enfrentados no embate com o Eixo (LANE, 2016, p. 22).

Para lograr os objetivos supracitados e expandir sua influência sobre o mundo, a França criou os primeiros postos de conselheiros culturais em suas embaixadas, em 1949. Ademais, o governo francês também celebrou mais de 60 acordos bilaterais de cooperação cultural no período compreendido entre os anos de 1945 e 1961 (LANE, 2016, p. 22).

Com o avanço da nova leva de descolonizações, a França atualizou seus objetivos de diplomacia cultural e científica, conferindo mais atenção à cooperação técnica – voltada para os gestores dos estados recém-independentes – e também incorporando a ação comercial e industrial em suas ações. A partir de 1961, um importante programa de cooperação foi colocado em marcha, oferecendo bolsas para formação de administradores públicos estrangeiros na França e também financiando viagens de técnicos e especialistas franceses à países em desenvolvimento (LANE, 2016, p. 22).

Ao final dos anos 1960, a expansão na diplomacia científico-cultural era expressiva e significativa. A França possuía, nesse momento, 80 conselheiros culturais e quase 60 institutos franceses espalhados pelo mundo, assim como 150 centros culturais e 180 escolas ou liceus. A Aliança Francesa, por sua vez, havia se estabelecido em 85 países, com mais de 800 comitês e beneficiara mais de 220 mil professores de língua francesa no exterior (LANE, 2016, p. 23).

Com o objetivo de dar continuidade a esta política, foi criada – em 1969 - a “Direction générale des relations culturelles, scientifiques et techniques” (Direção geral de relações culturais, científicas e técnicas) no Ministério de Relações Exteriores da França. Ela centralizou as diplomacias científica e cultural francesa em três eixos de atuação, que guiaram as ações internacionais nesse âmbito nos anos 1970 e 1980: profissionalização (recrutamento e formação de pessoas), intercâmbio (focado na parceria com outros países, como ocorreu com a Alemanha e seus institutos Goethe)

e mídias (voltado para a difusão radiofônica e televisiva francófona) (LANE, 2016, p. 24).

Nos anos 1990, após a queda do Muro de Berlim, a desintegração da União Soviética e o fim da Guerra Fria, a França ampliou mais uma vez suas atividades científicas e culturais no exterior. Regiões antes inexploradas, como a Ucrânia, a Bulgária, a Romênia e, até mesmo, a Rússia, passaram a estabelecer parcerias com os franceses e a serem receptoras de suas políticas (LANE, 2016, p. 24). É neste período também que foi criada a delegação France-AmSud para o continente sul-americano (que será explorada em detalhes na próxima seção).

Novas reformas foram realizadas no Ministério de Relações Exteriores a partir de 1993, sob a gestão de Alain Juppé, e mais profundamente a partir de 1996, em uma tentativa de renovar o aparelho estatal diplomático da França e alinhar sua política exterior e sua estratégia de influência ao novo contexto internacional trazido pela intensificação da globalização (LANE, 2016, p. 24). Em 1998, há uma fusão do Ministério de Relações Exteriores com o Ministério da Cooperação. Outras mudanças estruturais e departamentais para aperfeiçoar a estrutura de cooperação técnica, científica e cultural francesa continuaram sendo aplicadas pelo Ministério de Relações Exteriores nas duas primeiras décadas do século XXI, dentre as quais a mais importante foi a criação de um diretório geral para a globalização, desenvolvimento e parcerias em 2009. Em 2015, este último foi reestruturado e nomeado como diretório geral da globalização, da cultura, da educação e do desenvolvimento internacional (LANE, 2016, p. 25).

1.2. A delegação France-AmSud

Tendo em vista todo o contexto histórico mencionado na seção anterior, é possível afirmar que a diplomacia científica e cultural sempre foi um elemento importante para a política exterior da França. Pode-se observar também que esse tipo de influência se tornou ainda mais relevante para o país com o surgimento de novos estados independentes pelo mundo.

Sendo assim, não surpreende o fato de que, desde o ano de 1990, a França possua uma missão diplomática pouco conhecida e estudada – tanto por teóricos sul-

americanos quanto por pesquisadores europeus – chamada “Cooperação Regional Francesa na América do Sul” (ou ainda France-AmSud)[1], que realiza atividades científicas e culturais em praticamente todos os países da região.

Até 2015, a France-AmSud era composta por duas delegações. A primeira delas, instaurada na sua inauguração, tendo como sede administrativa a cidade de Santiago, no Chile, e como central para a cooperação cultural a cidade de Buenos Aires, na Argentina. Esse corpo diplomático era responsável por “acompanhar” e “contribuir” com o processo de integração dos países do Cone Sul (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai) e o Brasil.

A segunda delegação, por sua vez, foi estabelecida quinze anos depois, em 2005, e tinha por foco os países andinos do continente (Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela). Bem como a primeira, esta também possuía duas sedes: uma administrativa, na cidade de Lima (Peru), e uma somente para a cooperação cultural, em Bogotá (Colômbia).

No início de 2016, o governo francês optou por unificar essas duas delegações em um único corpo diplomático que ficou, a partir de então, responsável pela atuação em todo o continente sul-americano. Posteriormente, em 2017, o corpo diplomático foi incorporado à estrutura da embaixada francesa no Chile. Grande parte dos serviços realizados pela France-AmSud continuam sendo realizados no novo contexto. As mudanças fizeram com que as iniciativas de cooperação científica multilateral Math-AmSud e STIC-AmSud (que serão detalhadas na seção 1.3) ganhassem ainda mais destaque, tendo sido realizado até o lançamento de um site exclusivo para estes programas.

---

[1] Nesta dissertação, optamos pelo uso da sigla “France-AmSud” para designar o corpo diplomático francês na América do Sul, isso porque ele engloba todo o seu histórico de atuação. Outras denominações, no entanto, podem ser encontradas em uso nos documentos oficiais e nos sites das embaixadas francesas na América do Sul. Isso ocorre porque, até 2015, grande parte dos informativos sobre as atividades da France-AmSud eram feitos mencionando o nome específico de uma das duas delegações regionais que a compunham. A partir de 2017, com a unificação das delegações e a incorporação à embaixada francesa em Santiago, no Chile, convencionou-se o uso de uma nova nomenclatura para o órgão francês: Delegação Regional de Cooperação para a América do Sul (“Delegatión Régionale de Coopération pour l’Amérique du Sud”, em Francês). Cabe ressaltar que, apesar das múltiplas terminologias, todas elas fazem/faziam referência à mesma missão diplomática.

No quadro-resumo que se encontra a seguir, pode-se verificar a cronologia da delegação France-AmSud:

Ano	**Evento**
1990	Criação da primeira delegação France-AmSud, voltada para os países do Cone Sul e o Brasil
2005	Criação da segunda delegação France-AmSud, voltada para os países andinos
2016	Unificação das delegações
2017	Incorporação da delegação France-AmSud à estrutura da embaixada francesa no Chile.

Quadro 1: Cronologia do corpo diplomático France-AmSud
Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Como apontava muito claramente o site do programa em questão[2], a missão designada pelos franceses aos diplomatas e funcionários que atuam na France-Amsud é "acompanhar o processo de integração e de cooperação regional". Ademais, são três os principais objetivos que devem ser atingidos durante a atuação do corpo diplomático France-AmSud: (a) a valorização da produção científica, acadêmica e cultural francesa, aumentando sua influência e garantindo o reconhecimento de sua competência; (b) a promoção de redes de interações de órgãos e instituições francesas com atores (organizações não governamentais, universidades, laboratórios

[2] Até 2016, a delegação France-AmSud possuía um website próprio, que congregava todas as informações sobre suas atividades e que foi utilizado como uma das principais fontes para esta seção. Ele era acessado pelo endereço: www.franceamsud.org. No entanto, com a congregação de suas atividades no organograma da embaixada francesa no Chile, este website deixou de existir. Informações escassas sobre a delegação hoje só podem ser encontradas no site da embaixada francesa no Chile e apenas na versão em francês do site: cl.ambafrance.org/-Francais-.

públicos e privados, centros de pesquisa, entre outros) dos países da região; e, por fim, (c) a contribuição para que o processo de integração regional entre homens e instituições se intensifique.

Mas como trabalha este órgão da diplomacia francesa? No presente trabalho, para proporcionar ao leitor uma melhor compreensão do funcionamento deste corpo diplomático, a atuação da France-AmSud foi dividida em quatro partes: (1) a parceria com a CEPAL; (2) a promoção cultural francesa; (3) a cooperação técnica (com especial atenção para a cooperação descentralizada, até 2016, e para a governança em um sentido mais amplo posteriormente); e (4) a cooperação científica e universitária.

A primeira forma de atuação, em conjunto com a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (CEPAL), criada em 1948 e cuja sede é em Santiago, no Chile, está vinculada ao debate sobre mudanças climáticas. A França é um membro do órgão desde sua formação, porém é a partir de 2001 que tem participado mais ativamente de suas atividades.

Por meio do programa France–AmSud, o país disponibiliza há mais de dez anos um assistente técnico para trabalhar na CEPALC, apoia financeiramente diversas ações da instituição e organiza, periodicamente, diversos seminários, publicações, “atividades de reflexão” e conferências – em que os principais convidados são, usualmente, pesquisadores franceses – na sede do órgão das Nações Unidas.

A promoção dos produtos culturais franceses, por sua vez, era realizada até 2016 com o apoio do Instituto Francês de Estudos Andinos (IFEA) e da rede Aliança Francesa. Não há informações sobre a continuidade das parcerias após a incorporação do corpo diplomático à embaixada francesa no Chile, mas grande parte das ações continuam sendo realizadas. Alguns exemplos de atividades nesse ramo são: a organização de festivais de cinema e de feiras de livros franceses; o financiamento para a tradução e publicação de obras da França na América do Sul; a difusão de informações sobre essas obras nos círculos comerciais e artísticos sul-americanos; o apoio à formação de profissionais sul-americanos do setor audiovisual; entre outros.

A France-AmSud também possui atividades ligadas à cooperação técnica, com um importante enfoque, até 2016, na promoção da cooperação descentralizada entre institutos franceses e atores regionais. Através de fóruns e seminários sobre a temática, os diplomatas buscavam fortalecer os laços cooperativos existentes entre as sociedades civis francesas e dos países latino-americanos, bem como incentivar a criação de novos elos entre elas. Até mesmo um “observatório da cooperação descentralizada” foi criado e organizado pela delegação e era outra importante ferramenta utilizada para impulsionar esse tipo de relação paradiplomática.

No entanto, a partir de 2017, a agenda da cooperação técnica se ampliou, incorporando à pauta da cooperação descentralizada temáticas como direitos do homem (direitos à memória, à diversidade sexual e à igualdade de gênero) e participação cidadã sob um novo guarda-chuva da governança, em um sentido mais amplo (que abrangeria os âmbitos nacional, regional e local, embora o conceito de “governança” aqui empregado nunca seja realmente delimitado nos materiais disponíveis no site da France-AmSud). Não há informações se instrumentos utilizados anteriormente pela delegação, como o observatório supracitado, continuam ativos, embora seja explicita a continuidade de parcerias com organizações governamentais e não-governamentais para o funcionamento de seus empreendimentos.

Finalmente, a cooperação científica e universitária da França com instituições sul-americanas segue, na atualidade, tendo por principais objetivos apoiar os projetos existentes dos grandes centros de pesquisa franceses no continente, fomentar o intercâmbio de pesquisadores e docentes entre as duas regiões e reforçar a presença do país no cenário acadêmico da América do Sul. Trabalhando tanto com pesquisadores das ciências naturais e das ciências biológicas como das ciências humanas e sociais, as delegações divulgam e coordenam a seleção de diversos editais de financiamento de projetos de pesquisa e de intercâmbio cientifico.

A delegação France-AmSud já esteve envolvida em projetos no âmbito da cooperação científica da União Europeia para a América Latina. Até 2016, dois deles eram citados em seu antigo site: o programa ALFA (América Latina Formação Acadêmica), criado em 1995, e o programa ERASMUS MUNDUS, que seleciona e financia desde 1980 estudantes de várias partes do globo interessados em realizar uma parte ou a integridade de sua formação universitária no continente europeu.

Com as mudanças na estrutura do corpo diplomático, a atuação universitária da delegação passou a ter por enfoque somente iniciativas próprias e independentes da França voltadas para as comunidades científicas da América do Sul. Segundo a responsável por esse ramo de atividades na France-AmSud, Hortense Philipot[3], a priorização de iniciativas próprias da França ocorre como uma estratégia nacional para garantir que seus cientistas estejam mais presentes e tirem mais proveitos do intercâmbio com os pesquisadores sul-americanos.

As duas principais iniciativas da delegação France-AmSud para a região, os programas Math-AmSud e STIC-AmSud, serão explicadas em detalhes na próxima seção. Deve-se mencionar, no entanto, outros dois projetos gerenciados pelo órgão francês: o "Programme Regional France Amérique Latine et Caraïbes" (Programa Regional França, América Latina e Caribe) - PREFALC, que promove o intercâmbio de professores universitários e a formação de parcerias e cursos de mestrado com dupla titulação entre instituições francesas e latino-americanas, encorajando a formação de redes de pesquisa; e a criação recente de um curso de formação na área de biociências, em parceria com o Instituto Pasteur de Montevideo, para encorajar a pesquisa nessas temáticas e propiciar o contato entre jovens pesquisadores sul-americanos e especialistas franceses e regionais.

Em tempo, é importante destacar que essas não são as únicas iniciativas de cooperação científicas francesas na região. Outros acordos regionais, estabelecidos bilateralmente com governos sul-americanos, estão em vigor e promovem as relações colaborativas entre cientistas da região com pesquisadores atuantes em universidades francesas. Um dos exemplos mais proeminentes é o programa COFECUB, realizado em parceria com a CAPES (Brasil) a partir de um tratado assinado em 1979, que há dez anos financia investigações conjuntas para estimular intercâmbios e formação de recursos humanos de alto nível, por meio de missões de trabalho e missões de estudo internacionais.

[3] Ver "Apêndice I"

1.3. Os programas Math-AmSud e STIC-AmSud (e seus similares)

Como indicado anteriormente, a delegação France-AmSud é responsável por coordenar dois programas de cooperação científica multilateral para cientistas e acadêmicos da América do Sul. Mesmo sendo atividades de grande relevância para a delegação no âmbito da cooperação universitária desde que foram estabelecidos, estes projetos ganharam ainda mais destaque no ano de 2017, quando ganharam um site próprio[4], obtendo maior destaque na diplomacia francesa.

São eles:

- **Programa STIC-AmSud**: iniciativa voltada para pesquisadores das Ciências e Tecnologias da Informação e da Comunicação, existente desde 2006;
- **Programa Math-AmSud:** projeto com enfoque nas ciências matemáticas, existente desde 2008.

Os dois programas são coordenados pela delegação France-AmSud, que cumpre o papel de representar quatro instituições públicas francesas, involucradas na iniciativa, no continente sul-americano: o Ministério da Europa e dos Assuntos Exteriores (MAE), o "Centre National de la Recherche Scientifique" (Centro Nacional de Pesquisa Científica*)* - CNRS, o "Institut National de Recherche en Informatique et en Automatique" (Instituto Nacional de Pesquisa em Informática e Automação) - INRIA e o Instituto Mines-Télécom. As iniciativas STIC-AmSud e Math-AmSud também contam com o apoio de instituições nacionais de nove países da região: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Paraguai, Uruguai e Venezuela – a Bolívia é o único país hispânico da região a não participar da iniciativa, apesar de ter demonstrado interesse em cooperar com a mesma no futuro[5].

Pesquisadores de temáticas das áreas contempladas, atuantes em organismos de pesquisas estabelecidos em qualquer um dos países parceiros supracitados ou da França podem postular propostas aos programas. Para tanto, eles devem elaborar uma proposta de projeto de pesquisa, de duração de dois anos, que envolva,

---

[4] O endereço do website dos programas é: www.sticmathamsud.org

[5] Ver "Apêndice I".

obrigatoriamente, ao menos um pesquisador francês e cientistas de, no mínimo, dois países sul-americanos diferentes. Quando aprovados, o financiamento dos projetos aprovados é dividido entre a França e as instituições de fomento à pesquisa dos países parceiros (no caso do Brasil, por exemplo, parte do projeto é arcada pela CAPES - Coordenação para o Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior).

As convocatórias são abertas anualmente no mês de dezembro e os projetos podem ser postulados por pesquisadores de instituições das nações participantes até o maio do ano subsequente. Após a recepção, os projetos são enviados às agências nacionais de cada um dos cientistas e seus funcionários averiguam se estes são elegíveis, de acordo com os requisitos estabelecidos pelo edital: se possuem ao menos dois parceiros sul-americanos, se têm um orçamento que se enquadra dentro do estipulado (isto é, entre 10 e 15 mil euros por projeto, anualmente[6]), se não possuem nenhum coordenador ou pesquisador que faça parte de um projeto Math ou STIC-AmSud em andamento, etc. Projetos que não cumprem todos as bases delimitadas pela chamada para a elegibilidade são excluídos do processo de seleção.

Em um segundo momento, é realizada uma avaliação internacional do projeto. O Comitê Científico dos programas (formado por especialistas das áreas, representantes das agências nacionais sul-americanas e dos institutos franceses parceiros) indica outros pesquisadores do campo das ciências matemáticas e das ciências e tecnológicas da informação e da comunicação (TICs), que não possuam nacionalidade nem atuem em instituições localizadas nos países membros, para ocuparem as posições de avaliadores externos. A delegação France-AmSud é a responsável por contatar estes acadêmicos recomendados pelo comitê, enviando-os os projetos submetidos aos editais dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud, bem como as pautas que devem guiar o trabalho avaliação. São realizadas, a princípio, doze avaliações internacionais por projeto, independentemente do número de cientistas de países distintos que compõem a proposta analisada.

Ao receber as avaliações, os funcionários da France-AmSud as enviam para o Comitê Científico do programa que ao avaliar o material recebido, em conjunto com uma avaliação própria realizada por seus membros, divide os projetos concorrentes

[6] Montantes explícitos na convocatória mais recente para os programas científicos Math-Amsud e STIC-AmSud, publicada em dezembro de 2017.

em três categorias, formando um ranking: na primeira, estão os projetos que devem ser financiados pelos programas Math-Amsud e STIC-AmSud; na segunda, são inseridas as propostas que só devem ser aprovadas caso haja financiamento disponível; e, na terceira, estão as propostas que não são tão boas quanto as restantes e que, normalmente, não têm o financiamento aprovado.

A decisão final, no entanto, ocorre apenas na reunião anual do Comitê Diretivo dos programas Math e STIC-AmSud, também composto por representantes das instituições francesas e sul-americanas envolvidas na iniciativa. As decisões preliminares, tomadas pelos membros dos comitês científicos, são levadas em consideração, mas a aprovação também está sujeita à disponibilidade orçamentária de cada um dos países membros selecionados. Os resultados são anunciados em novembro e os projetos aprovados começam suas atividades em janeiro do ano seguinte.

Todavia, é importante notar também que os programas detalhados nesta seção não estão isolados e apartados da estratégia nacional em um âmbito mais macro. Como aponta o documento “Une diplomatie scientifique pour la France” (Uma diplomacia científica para a França), lançado em 2013 pelo Ministério de Relações Exteriores do país, os franceses consideram esses tipos de atividade essencial no atual cenário de expansão da atividade de pesquisa científica pelo mundo. Em um contexto em que países como os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) investem cada vez mais em ciência, é crucial – segundo o documento - que a França invista na diplomacia científica para assegurar o lugar de seus pesquisadores (e suas empresas) no mundo, promovendo e expandindo sua atratividade político-cultural ao moldar uma imagem positiva do país no exterior (FRANCE, 2013, p. 3).

Sendo assim, não é de se estranhar que a França tenha promovido, desde 2004, iniciativas muito similares aos programas Math-Amsud e STIC-AmSud em outras regiões emergentes do globo. Três outras iniciativas de cooperação científica multilateral, nos mesmos moldes dos projetos para a América do Sul, isto é, com duração de dois anos e a exigência de pesquisadores franceses e de ao menos dois parceiros regionais, de diferentes nacionalidades, estão também em funcionamento

na Ásia e no Mediterrâneo. No continente asiático, os programas STIC-Asie (também voltado para pesquisas em ciências da computação, assim como o STIC-AmSud) e Bio-Asie (cujo enfoque é nas disciplinas vinculadas às ciências biológicas) têm como membros os países da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático: Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Filipinas, Singapura, Tailândia e Vietnã), bem como Bangladesh, a China, a Coreia do Sul, a Índia, o Japão, o Paquistão, o Timor Leste e Taiwan. Outrossim, na Bacia do Mediterrâneo, há o ENVI-Med, iniciativa voltada para pesquisadores da área da saúde provenientes de instituições de quaisquer pais da região, desde que os projetos contenham ao menos uma equipe francesa e duas equipes de dois países diferentes, sendo que no mínimo um deles não pode ser um Estado-membro da União Europeia. No quadro a seguir, está listada a cronologia completa dos programas de cooperação científica multilateral da França:

Programa de cooperação científica multilateral francês	**Ano de criação**
STIC-Asie	2004
STIC-Amsud	2006
Math-AmSud	2008
Bio-Asie	2010
ENVI-Med	2012

Quadro 2: Cronologia das iniciativas de cooperação científica multilateral da França[7]

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Embora Hortense Philipot tenha ressaltado, em sua entrevista[8], que as temáticas escolhidas para a América do Sul sejam de interesse da França e dos países da América do Sul, pode-se perceber pelo quadro que elas também foram empregadas em outras partes do globo pela diplomacia francesa. O programa STIC-Asie, também para tecnologias da informação e da comunicação, é anterior ao STIC-AmSud, e até mesmo a biologia, área contemplada pelo projeto francês Bio-Asie, foi

[7] Quadro de autoria própria (RIBEIRO NETO, 2018).

[8] Ver Apêndice “I”

também alvo de promoção por meio de uma iniciativa francesa na América do Sul: o (atualmente inativo) programa Bio-AmSud.

Por outro lado, a funcionária da delegação France-AmSud está correta ao afirmar que os Estados sul-americanos também possuem algum interesse nas temáticas trabalhadas pelos programas franceses. Sem a anuência e o financiamento das agências nacionais, que participam ativamente dos processos de seleção realizados anualmente, os cientistas de um país não poderiam fazer dos projetos contemplados pelos editais Math-AmSud e STIC-AmSud.

CAPÍTULO 2

LITERATURA CORRELATA EM CIÊNCIAS SOCIAIS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Mesmo sendo um órgão atuante na América do Sul há quase trinta anos, não encontramos, após extensa pesquisa, estudos empíricos realizados por pesquisadores do campo das ciências humanas e sociais, latino-americanos ou europeus, que analisasse o corpo diplomático France-AmSud e suas iniciativas. Uma possível razão para tal fato é que este novo campo de investigações, conhecido como "estudos sociais da ciência", vem se popularizando há pouco tempo nas ciências sociais e, infelizmente, ainda não foi incorporado por alguns campos de conhecimento, como é o caso das Relações Internacionais.

Tendo em vista esse cenário, pode-se afirmar que a literatura existente sobre as correlações entre as atividades acadêmicas e a política internacional ainda é muito escassa, contando com poucos marcos teóricos que auxiliem a estruturar uma visão compreensiva e abrangente sobre o fenômeno da cooperação científica internacional. Sendo assim, levando em consideração essa ausência de estudos sobre as temáticas abordadas nessa dissertação, este capítulo traça um panorama da literatura correlata a ela, fazendo para tanto o uso de pensadores tanto das ciências sociais quanto especificamente do campo das Relações Internacionais.

Esta parte do trabalho está dividida em três grandes seções: na primeira, resgatamos o trabalho de teóricos, em sua maioria latino-americanos, que criticam a lógica positivista e o *status quo* do sistema internacional vigente. Nela, introduzimos o movimento crítico no qual a maioria deles se insere para, posteriormente, detalhar as suas visões sobre o fenômeno da globalização (que servem como um paralelo para suas visões sobre a ordem internacional, aproximando-os dos objetos de estudo das Relações Internacionais) e, finalmente, trabalhamos algumas das suas considerações sobre a produção do conhecimento neste contexto atual.

A segunda seção, por sua vez, diz versa sobre o campo das Relações Internacionais: desde as suas principais correntes teóricas até as recentes tentativas de inclusão de temáticas ligadas à atividade científica no âmbito internacional na agenda de pesquisas da disciplina, por meio dos conceitos de poder brando ("soft

power”) e diplomacia científica (“science diplomacy”). Finalmente, a terceira e última seção fala sobre as diferentes visões existentes sobre a cooperação internacional em um sentindo mais amplo, utilizando a Teoria dos Jogos para demonstrar que nem todos os pesquisadores de Relações Internacionais acreditam que uma cooperação real, benéfica para todas as partes envolvidas, seja possível na arena global, dada as características anárquicas e competitivas inerentes a ela.

2.1. Teóricos Críticos

Como aponta José María Rodríguez García (2001, p.110), Francis Bacon foi um dos primeiros pensadores a conectar a atividade científica e relações de poder ao cunhar, em 1597, sua notória frase: “Ipsa scientia potestas est” (em tradução livre, a ciência por si mesma é poder), presente na epígrafe desta dissertação. Embora Bacon a tenha elaborado em um contexto específico, a relação estabelecida por ele foi muito importante para fomentar uma discussão que ganharia forças centenas de anos depois, na segunda metade do século XX, quando pensadores vinculados a teorias críticas iniciam estudos sobre as dinâmicas existentes entre os aparelhos educativos e o conceito de poder.

No campo das Relações Internacionais, esse tipo de crítica ao paradigma positivista despontou tardiamente se comparado aos outros campos das Ciências Sociais e das Humanidades. Foi somente no final da década de 1980, com o início da derrocada do sistema bipolar estabelecido pela Guerra Fria, que o debate proposto por intelectuais das novas correntes teve algum destaque no meio, ao serem abordados em um discurso do renomado pesquisador Robert Keohane, então presidente da International Studies Asociation – ISA (RESENDE, 2011, p. 14). O cientista norte-americano defendeu o método tradicional e fez, em sua fala de abertura do encontro anual de 1989, duras críticas às novas metodologias analíticas, principalmente porque, segundo ele, elas não possuíam uma teoria evidente ou sequer hipóteses claras que poderiam ser testadas. Keohane (1988, p. 380) também usou no mesmo discurso a terminologia “reflexivista” para caracterizar todos os grupos contrários ao paradigma “racionalista”, tendo em vista que um ponto de convergência entre elas era a valorização da intersubjetividade, dos indivíduos e do contexto sociológico.

Todavia, ao contrário do que o termo “reflexivista” pode indicar, as teorias que criticam o método positiva são diversas e conseguem hoje dialogar e promover debates tão interessantes no campo das Relações Internacionais quanto as teorias clássicas. Estão englobadas por essa denominação escolas de pensamento como a teoria crítica marxista, os feminismos, as teorias normativas e as duas que embasam a maior parte desta seção: a crítica pós-colonialista e a crítica pós-moderna/pós-estruturalista[9].

Em um primeiro momento, é importante destacar as principais características dos dois ramos teórico-metodológicos supracitados (“racionalistas” e “reflexivistas”), assim como os pontos que os diferenciam. De forma sucinta, os teóricos pós-colonialistas das Relações Internacionais trabalham em um diálogo constante com a obra do pesquisador e ativista palestino Edward Said, com especial atenção para seu conceito de “Orientalismo”[10], levantando questões sobre a continuidade das relações de poder estabelecidas no período colonial nos dias de hoje. Os teóricos pós-estruturalistas, por sua vez, realizam análises de Relações Internacionais que têm por objetivo determinar em que medida os discursos oficiais conseguem moldar e alterar a realidade global (RESENDE, 2011, p. 16). Pesquisadores de ambas escolas de pensamento, no entanto, realizam reflexões interessantes sobre o papel da educação na política internacional e as novas relações que ela constitui no contexto do século XXI. Alguns destes trabalhos serão analisados nos próximos parágrafos.

Uma das temáticas de grande relevância para as análises dos pensadores críticos é a crítica ao fenômeno denominado de “globalização”. Diferentemente de pensadores racionalistas, parcela significativa destes autores consideram que esse novo contexto, que propicia o aumento das trocas e o fortalecimento de redes em um nível mundial, nem sempre resulta em benefícios para todos os países. Muitos deles refutam, assim, a ideia de que a globalização seria plural e heterogênea e alguns chegam até a questionar a real existência de um aumento dos fluxos internacionais

---

[9] Embora haja diferenças significativas entre as escolas pós-estruturalistas e pós-modernas nas Ciências Sociais e na Linguística, no âmbito das Relações Internacionais, como aponta Resende (2011, p. 17) elas parecem fundir-se em um único grupo. Por essa razão, os dois termos serão utilizados aqui como sinônimos.

[10] De acordo com a obra homônima ao termo, publicada pelo autor em 1979, o que se entende por “Oriente” é uma invenção político-cultural dos ocidentais, que vem sendo utilizada há séculos de forma instrumental para inferiorizar os povos englobados por este termo, que são classificados pelo “Ocidente” como “exóticos” (SAID, 1990).

com o fim da Guerra Fria, indagando, em outras palavras, se o mundo contemporâneo é de fato tão “globalizado” como postulam seus defensores.

No que tange as relações culturais, o cientista social português Boaventura de Sousa Santos, por exemplo, refuta a afirmação de que hoje existiria apenas uma “cultura global”. Segundo ele, o sistema-mundo capitalista gerou, na realidade, somente algumas culturais parcialmente globais, em sua maioria decorrentes do “imperialismo ocidental” (SANTOS, 2002, p.37).

A visão da globalização exposta por Santos pode ser complementada pelos estudos realizados por George Ritzer. Em seu livro The McDonaldization of Society, de 1993, ele analisa a expansão de restaurantes fast-food estadunidenses pelo mundo e demonstra que o processo conhecido como “globalização” é, na verdade, muito homogêneo e unificador. Ritzer afirma que, com a intensificação do fluxo de exportação, não só de bens materiais, mas também simbólicos dos centros hegemônicos, “o anseio por diversidade está sendo suplantado pelo desejo de uniformidade e previsibilidade” (RITZER, 1993, pp. 138-139, tradução nossa). O pensador estadunidense cria ainda o termo “glocalization” para explicar esse processo, no qual valores de uma cultura global parcial (provenientes de um Estado ou de um seleto grupo de nações influentes no sistema internacional) são incorporados à dinâmica social local com ligeiras mudanças para que logrem assim uma melhor absorção e aceitação (RITZER, 1993, p. 164).

Deve-se ressaltar ainda que nem todos os pesquisadores críticos concordam com a visão adotada por George Ritzer. O argentino Néstor García Canclini, por exemplo, defende o conceito de “hibridação cultural” para a compreensão das dinâmicas culturais entre diferentes países na contemporaneidade, já que, segundo ele, ao assimilar uma cultura externa, uma sociedade a funde com elementos provenientes da tradição e faz com que a sua cultura se torne “híbrida”. Canclini esclarece em seu livro “Culturas Híbridas” (1997, p. 19) que prefere utilizar a ideia de hibridação pois ela abrange mais elementos que termos correlatos, tais quais mestiçagem (muito ligado a miscigenação racial) e sincretismo (mais próxima da ideia de fusão de símbolos religiosos).

De qualquer forma, pode-se afirmar que os pensadores de teorias reflexivistas acreditam, ainda que em diferentes graus, que exista uma continuidade das dinâmicas

de poder e dominação, estruturas utilizadas pelos países do Norte Global para subjugar os países do Sul Global[11] desde a era das colonizações até a atualidade. É possível citar, a título de exemplo, Frantz Fanon, pensador argelino que influenciou fortemente as correntes pós-coloniais ao analisar a situação dos países africanos recém-independentes na segunda metade do século XX. Segundo ele, as desigualdades inerentes ao sistema internacional, consequências de sua estruturação baseada na dominação, transformavam a "apoteose da independência" africana na "maldição da independência". Isso porque, mesmo depois de sua independência, um país que foi colonizado não consegue se livrar das amarras impostas por seus antigos colonizadores completamente. Dito de outra forma, Fanon pontua que, após o processo de independência, é comum observar

> o antigo país dominado transforma[r]-se em país economicamente dependente . [Isso porque] A ex-potência colonial que manteve intactos, e às vezes reforçou, circuitos comerciais de tipo colonialista admite alimentar através de pequenas injeções o orçamento da nação independente (FANON, 1979, p. 70)

Para além da dominação, simplesmente, econômica, outros pensadores de vertentes mais críticas observam que as instituições presentes nos países do Sul Global também exercem, por si mesmas, a manutenção das relações de poder, tendo em vista que suas origens remontam, muitas vezes, aos passados coloniais e que elas seguem sendo controladas pelas elites que serviam como o elo entre colônia e metrópole no período anterior à independência.

O doutor em sociologia política Carlos Alfredo Gadea defende, por exemplo, que instituições são responsáveis por reger a vida em sociedade, controlando a condutas e estabelecendo padrões de comportamento canalizar a todos em uma direção específica (GADEA, 2007, p.50) e que, no que diz respeito à América Latina, "(...) tem-se recorrido sempre a elas para superar eventuais crises" (GADEA, 2007,

---

[11] Os termos "Norte Global" e "Sul Global", citados aqui, foram cunhados por Boaventura de Sousa Santos. Ao contrário da divisão em hemisférios tradicionalmente adotada, cujo critério é puramente geográfico, esses conceitos levam em consideração a posição das nações no sistema internacional e o grau de desenvolvimento de cada uma delas. Sob essa ótica, países como a Austrália, que está no Hemisfério Sul, seria parte do "Norte Global", enquanto a Índia, que se encontra no Hemisfério Norte, seria um dos países que fazem parte da região denominada como "Sul Global".

p.51). Sob essa ótica, o controle desses órgãos – ainda fortemente influenciados (de forma direta ou indireta) aos antigos colonizadores - é estratégico para coagir ou dominar quem quer que esteja sob a sua zona de atuação.

Outrossim, Gadea defende que a criação de instituições nos países latino-americanos teve como principal finalidade "(...) abolir as diferenças culturalmente surgidas no mesmo processo da dinâmica da modernidade" (GADEA, 2007, p.53), podendo ser caracterizado como um processo excludente e autoritário. Bem como outros teóricos críticos, o autor acredita que essa coerção, parte constituinte das funções institucionalizadas, configura um obstáculo à emergência de processos sociopolíticos e/ou culturais verdadeiramente autônomos. Mais ainda, esse caráter repreensivo representaria, sob essa ótica, uma espécie de continuação do processo civilizador implantado pelos países do Norte global desde o século XVI em regiões como as Américas, apresentando resquícios da era colonial até os dias de hoje (GADEA, 2007, p.59).

O francês Michel Foucault é outro renomado pesquisador a investigar de que forma as instituições auxiliam na construção e na manutenção dos Estados-nação, bem como determinar em que medida a coerção exercida por elas impacta a vida social. Sua obra inclui estudos sobre instituições como prisões, manicômios, clínicas, mas focaremos aqui somente em sua análise sobre o sistema educativo.

Em seu livro "A ordem do Discurso", Foucault afirma que "todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo" (FOUCAULT, 2004, p. 12). Segundo o filósofo, um processo educativo formal, seja ele qual for, está inevitavelmente ligado à defesa e tentativa de perpetuação de um regime de verdade, crença que é imposta e disseminada por aqueles que se encontram com maior poder sobre uma sociedade ou comunidade.

Sendo assim, para ele, todo saber apreendido por meio da educação formal, é derivado desse interesse coletivo pela perpetuação de um regime de verdade, e tem, como último objetivo, dominar e domesticar os futuros cidadãos para a vida social. Portanto, "Saber" e "poder" estão, segundo o autor, profundamente conectados, constituindo em uma relação recíproca e cíclica de influência. Em outras palavras,

como afirma o próprio Foucault (2007, p. 80), “(...) o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder”.

O cientista social Santiago Castro-Goméz, mais identificado com as vertentes pós-colonialistas que estruturalistas, também pontua em suas análises que, para que o projeto da modernidade fosse bem-sucedido no continente latino-americano, os colonizadores tiveram que criar e definir duas categorias: o “civilizado” e o “bárbaro”. Nesse processo, o conhecimento produzido nas Ciências Sociais teve de ser institucionalizado e um processo de aprendizado que excluía a multiplicidade de saberes e tradições existentes nas sociedades da época (e que, por isso, foi caracterizado pelo autor como sendo uma “violência epistêmica”) foi implantado nas escolas e colégios.

Em consonância com essa visão, o crítico literário Ángel Rama escreve, em “A Cidade das Letras”, que – dentro do processo de colonização – foi primordial a existência de uma “cidade letrada”, ou seja, de uma elite intelectual com valores, ideologias e princípios similares aos das sociedades europeias, para fundamentar a criação das cidades (e das sociedades) no nosso continente. Ao fazer com que essa minoria detivesse grandes poderes e influências (tanto político quanto simbólico) nas colônias latino-americanas, os europeus lograram avanços na evangelização dos nativos e na gestão das terras, estabelecendo também uma ordem no espaço social que se assemelhasse àquela existente na Europa.

A pesquisadora venezuelana Beatriz González-Stephan complementa os apontamentos realizados por Rama, determinando três fatores essenciais no processo de domesticação do homem colonial através da letra: as constituições, os manuais de urbanidade e, como mencionado há pouco, as gramáticas (GONZÁLEZ-STEPHAN, 1995).

Castro-Gómez retoma ainda a proposta de genealogia do poder-saber, categorizada por Foucault, para afirmar que ela deve ser expandida e substituída por um conceito de “colonialidade de poder”, até porque, segundo ele

> (...) el concepto de la colonialidad del poder amplía y corrige el concepto foucaultiano de ‘poder disciplinario’, al mostrar que los dispositivos paranópticos erigidos por el Estado moderno se inscriben en una estructura más amplia, de carácter mundial,

> configurada por la relación colonial entre centros y periferias a raíz de la expansión europea. (CASTRO-GÓMEZ, 2000, p.92)

Ainda segundo Castro-Goméz, haveria uma dupla governabilidade jurídica no projeto da modernidade vigente na atualidade. Uma primeira em âmbito interno, na qual os Estados exerceriam o papel de coerção para a criação de uma identidade nacional homogênea em seus territórios, em prol de sua continuidade e estabilidade. A outra seria observável no âmbito externo e seria exercida pelas grandes potências do sistema-mundo (colonial ou moderno), como uma tentativa de propiciar a manutenção do status quo e da divisão internacional do trabalho.

É importante mencionar, no entanto, que esse conceito de “colonialidade do poder” não foi criado por Castro-Goméz, mas sim por Aníbal Quijano, nas últimas décadas do século XX. Embasada principalmente na ideia de “raça”, terminologia que carrega consigo a expressão primeira da dominação social, e na construção de uma identidade negativa na América Latina, a “colonialidade do poder” reestruturou o sistema internacional ao estabelecer tanto o mundo moderno nos países do Norte quanto o mundo colonial nos países do Sul Global (QUIJANO, 2005, p. 117). Tendo em vista que, segundo a teoria de Quijano (2005, p. 135), o processo de descolonização não foi mais que uma reorganização de forças, preservando os elos e as relações hierárquicas existentes entre os países, entender a “colonialidade do poder” é essencial para entender as relações internacionais na atualidade. Segundo ele, a estrutura de poder vigente no sistema-mundo contemporânea, que afeta o cotidiano de todos as populações do mundo, é constituída por três elementos fundamentais: o capitalismo, o eurocentrismo e a citada “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2005, p. 124).

Walter Mignolo é outro teórico crítico, integrante do mesmo grupo de pesquisadores do qual Aníbal Quijano fazia parte nos anos 1990 (Grupo Modernidade/Colonialidade), que tentará articular as relações internacionais contemporâneas com o passado colonial latino-americano. Tendo como pressuposto que a produção do conhecimento possui fortes vínculos geográficos e históricos, não podendo ser um processo abstrato e “des-localizado”, ele cria a terminologia “geopolítica do conhecimento” para designar todo o conhecimento científico imposto desde o período colonial pelos estadistas europeus, em cooperação com intelectuais e pensadores de suas mais prestigiosas instituições, para que o processo civilizatório

da modernidade fosse bem-sucedido (MIGNOLO; WALSH, 2003, p. 2). Sob essa lógica, a América Latina, tal qual a conhecemos hoje, é uma consequência direta desse processo de produção de conhecimento científico enviesado, que legitimou a dominação colonial (MIGNOLO, 2005, p. 50).

Mignolo sugere ainda o uso da "geopolítica do conhecimento" para sustentar um projeto maior, que não só reconheça os vínculos existentes entre o conhecimento e a dominação colonial nas Américas, presentes até a atualidade, como também busque novas alternativas para a verdadeira libertação da região. Sendo assim, seria relevante a organização de um movimento intelectual para a emergência de uma "razão pós-colonial", um conjunto de teorias que questionasse a origem e a finalidade dos conhecimentos produzidos nos grandes centros do Norte Global e que, ao mesmo tempo, promovesse a ruptura com todos aqueles que legitimam a exploração e a continuidade da relação de dominação e domesticação (MIGNOLO, 1995).

2.2. Ciência e Relações Internacionais

Embora temáticas correlatas às Relações Internacionais sejam incluídas e abordadas por estudiosos da geopolítica ou da economia há séculos, a primeira cátedra focada especificamente no estudo da política internacional surgiu apenas no ano de 1919, na Universidade de Aberystwyth, no País de Gales (Reino Unido) e as primeiras reflexões sobre a arena internacional que tinham por objetivo configurarem-se como teorias para a realização deste tipo de estudo também datam do mesmo período, inicialmente como uma reação direta, por parte das comunidades intelectuais europeias, aos acontecimentos tenebrosos registrados durante a Primeira Guerra Mundial (PORTER, 1972).

As duas grandes escolas teóricas que despontaram durante a emergência das Relações Internacionais enquanto campo de conhecimento foram o realismo e o liberalismo. A primeira escolheu focar suas análises em questões como a inevitabilidade para a manutenção da ordem global e a lógica de sobrevivência e competição inerente à sociedade internacional anárquica (CASTRO, 2012, p. 316), tentado opor-se aos teóricos "idealistas" ao oferecer uma visão da realidade como ela era de fato. Os fundadores do realismo clássico retomaram trabalhos antigos, como

os de Sun Tzu, Tucídides, Nicolau Maquiavel e Thomas Hobbes para estruturar suas premissas e seus argumentos conceituais.

Os teóricos do liberalismo clássico, por sua vez, consideravam que outros sujeitos além dos Estados-nação eram relevantes na arena internacional, enfatizando o cooperativismo estatal e os princípios jusnaturalistas como alternativas pacíficas para a convivência entre os povos, analisando positivamente a criação de instituições de caráter regional e multilateral (CASTRO, 2012, p. 338). As referências clássicas que fundamentaram a formação de uma escola liberalista em Relações Internacionais eram os trabalhos de pensadores como Abade de Saint-Pierre, Thomas More e Immanuel Kant.

Sendo assim, embora possuam importantes divergentes teóricas na análise da sociedade internacional, pode-se perceber que tanto o realismo clássico quanto o liberalismo clássico em Relações Internacionais classificavam apenas fenômenos concretos e materiais – de um lado, a capacidade de ataque e defesa militar de uma nação e, de outro, a institucionalização da arena internacional e a intensificação do comércio internacional – como elementos relevantes o suficiente para constituírem objetos de estudo em suas análises sobre política internacional. Questões culturais, sociais e científicas, que operam em âmbitos simbólicos, eram quase que completamente abstraídas dos estudos realizados pelos primeiros pesquisadores deste campo.

Isso não significa, no entanto, que os pensadores mais antigos, que fundamentaram as teorias de Relações Internacionais, não abordavam em suas obras essas temáticas. Sun Tzu, por exemplo, que viveu na China em algum período entre os séculos 4 a.C e 3 a.C. (DA SILVA BUENO, 2011, p. 14), dedicou um capítulo inteiro de seu “A Arte da Guerra” para a “estratégia de ataque”, em que apontava que a destruição total dos inimigos não era o caminho mais recomendado em um conflito. Um general sábio, segundo ele, “ [...] domina um exército sem lutar; conquista uma cidade sem cercá-la” (DA SILVA BUENO, 2011, p. 41) utilizando, para isso, métodos mais sutis, como a capacidade de convencer e atrair o adversário através da influência.

Contudo, essas nuances dos antigos tratados e estudos não foram incorporadas às teorias mais clássicas de Relações Internacionais e nem mesmo na

maior parte de suas vertentes posteriores, como o neorrealismo e o institucionalismo liberal (ou neoliberalismo). Foi somente a partir dos anos 1980, com o surgimento de teorias críticas, como o construtivismo, que desafiaram o “status quo” das duas maiores perspectivas do campo, que algumas reflexões sobre a relevância dos poderes em níveis simbólicos chegaram à disciplina.

Cabe destacar que um dos trabalhos que obteve maior impacto na comunidade neste sentido foi o realizado pelo pesquisador estadunidense Joseph Nye Jr. Tradicionalmente vinculado à gênese das teorias neoliberais nos anos 1970, tendo lançado um livro com Robert Keohane em que propunha o conceito de “interdependência complexa”, ele realizou uma das primeiras tentativas de incorporar os elementos supracitados às Relações Internacionais ao publicar quase quinze anos depois, em 1990, um artigo em que tentaria conceituar dois tipos poderes e, assim, ampliar o entendimento das dinâmicas entre os atores da sociedade internacional.

Nye (1990, p. 164) argumenta que, embora ainda possamos definir “poder” como sendo uma relação na qual o Estado mais poderoso tem capacidade de controlar a ação de outro, os novos contextos do mundo pós-Guerra Fria implicam em mudanças que exigem uma reavaliação dos instrumentos cabíveis para a aplicação do poder na esfera global. Os mecanismos mais tradicionais, elementos materiais tais quais a força militar e a capacidade econômica de uma nação, denominados por ele como ferramentas de “poder duro” (“hard power”, em inglês) continuam sendo relevantes, mas não são mais suficientes por si só para garantir à mesma uma posição hegemônica internacionalmente (NYE, 1990, p.154).

Os estadistas e governantes, sob a ótica de Nye, deveriam investir também em um outro tipo de poder, mais sutil que o anteriormente citado, mas não necessariamente menos efetivo. Ele cunha o termo “poder brando” (“soft power”, em inglês) para denominar este tipo de ferramenta, que opera com a atratividade de um Estado e sua capacidade de influência sobre outros países do mundo, convencendo-os (e não os obrigando) a agir de forma condizente e benéfica para com os seus interesses nacionais (NYE, 1990, p.166).

Em um livro publicado em 2004, o pesquisador definirá o poder brando como a habilidade de um governo ou Estado para moldar a preferência dos outros na sociedade internacional (NYE, 2004, p. 5). Nye aponta ainda que as grandes nações

possuem três fontes primárias de poder brando: a sua cultura (em especial, os aspectos da mesma que são atrativos ao olhar estrangeiro); seus valores políticos (quando estes são respeitados pelos governantes tanto doméstica quanto internacionalmente, sendo verificáveis em suas ações); e sua política externa (isso se a comunidade internacional a interpreta como legitima, conferindo ao país uma autoridade moral) (NYE, 2004, p. 11).

Como exemplos de poder brando, é possível citar a indústria cinematográfica de países como os Estados Unidos e a Índia e, até mesmo, a capacidade de influência de um líder religioso, como o Papa, sobre as nações majoritariamente cristãs e seus políticos. Nos anos 2010, Nye cunha ainda o conceito de “poder inteligente” (“smart power”, em inglês) para caracterizar a combinação fortuita de instrumentos de poder brando e poder duro por um chefe de estado para lograr o sucesso de ações que são do interesse de seu país na arena internacional (NYE, 2011, p. 46). Este conceito se populariza rapidamente, fazendo com que até mesmo Hillary Clinton, chefe de Estado durante a administração de Barack Obama e candidata à presidência dos Estados Unidos pelo partido democrata, adote-o em seus discursos.

Joseph Nye reconhece que, embora seu conceito de poder brando abranja um leque muito maior de políticas que apenas as culturais, muitos teóricos erroneamente delimitam sua utilização a este âmbito da política externa (NYE, 2004, p. 11). Desta forma, áreas como a cooperação científica, que poderiam também ser consideradas como instrumentos de poder brando, foram pouco exploradas por pesquisadores das Relações Internacionais.

No campo mais amplo das Ciências Sociais e das Humanidades, os estudos sociais sobre a atividade científica vêm ganhando força desde a segunda metade do século XX, dando origem a relevantes discussões em campos como a antropologia, a sociologia e a filosofia. Embora tenha existido algum interesse sobre a temática entre alguns teóricos de Relações Internacionais nos anos 1990 – o que gerou até uma edição especial do periódico “International Organization” sobre as possibilidades de convergências de estudos sobre Ciência e Tecnologia com as análises de política internacional – o tópico perdeu espaço e não conseguiu muitos adeptos nos anos posteriores (GAYARD, 2017, p. 113).

Uma das poucas iniciativas do tipo foi realizada por Eugene B. Skolnikoff, que lançou em 1993 um livro intitulado “The Elusive Transformation” (“A transformação elusiva”, inédito em português) em que tenta compreender de que forma a ciência e a tecnologia interagem e impactam as Relações Internacionais. Embora não acreditasse que estes novos tópicos gerariam uma mudança revolucionária na estrutura da ordem internacional ou na organização dos Estados-nacionais, Skolnikoff realizou uma análise ampla, em que avaliava as consequências da ciência e da tecnologia para diversos âmbitos de relevância para a política internacional, como a segurança, a economia e o meio ambiente (SKOLNIKOFF, 1993, p. 8).

Outro trabalho que merece ser destacado é o realizado por Charles Weiss em 2005. Na tentativa de auxiliar estudantes e teóricos de Relações Internacionais, o autor sistematizou quatro categorias que podem ser utilizadas para classificar os impactos da ciência e da tecnologia na arena internacional: (i) mudanças no processo operacional da sociedade global (seja em atividades realizadas por entidades públicas – como a diplomacia ou a guerra – ou em atividades levadas a cabo pelo setor privado – tal qual os fluxos de finanças e o comércio exterior); (ii) mudanças nas Relações Internacionais enquanto disciplina acadêmica (ao criar novos temas de interesse, campos de investigação, remodelar os paradigmas das teorias empregadas pelos cientistas, etc.); (iii) mudanças na arquitetura do sistema internacional (quer sejam na sua arquitetura, nos conceitos que o organizam ou diretamente nas relações interestatais); e, finalmente, (iv) as mudanças nas percepções do sistema internacional (o que acarreta também em alterações nas informações disponíveis sobre o mesmo e nas metáforas utilizadas para o estudo das relações internacionais, enquanto disciplina) (WEISS, 2015, pp. 299-305). Contudo, as pesquisas de Weiss, assim como a de Skolnikoff, constituem uma iniciativa isolada e tiveram pouco impacto na produção acadêmica do campo de Relações Internacionais como um todo.

As relações entre política internacional e ciência voltaram a ganhar alguma notoriedade apenas nos últimos anos, depois que a Royal Society do Reino Unido, a academia independente de ciências mais antiga do globo, publica um relatório, em 2010, intitulado “New Frontiers in Science Diplomacy” (“Novas Fronteiras na Diplomacia Científica”, em português). No documento, a organização exalta o papel histórico que os cientistas desempenharam nas relações internacionais (de forma muito mais positiva que aquela realizada pelos teóricos críticos da seção anterior) e

cria uma terminologia que auxilie na análise das interações entre as atividades científicas e a política externa das nações (ROYAL SOCIETY, 2010, p. 15).

Em um primeiro momento, é válido pontuar que as atividades de diplomacia científica, assim como todas as outras atividades diplomáticas, estão diretamente conectadas aos interesses nacionais de um país, não podendo existir fora desse contexto (RUFFINI, 2016, p. 4). Além disso, elas possuem, ainda segundo Pierre-Bruno Ruffini (2016, p. 4), duas finalidades principais: fomentar a cooperação (visto que, em um mundo globalizado, a ciência de ponta só pode ser produzida com o estabelecimento de diálogos e parcerias interinstitucionais e internacionais) e atrair talentos (uma vez que a competitividade entre nações têm sido cada vez maior e que a excelência em ciência é um importante motor para o desenvolvimento, reter os melhores estudantes e pesquisadores em seu território se torna uma capacidade essencial da diplomacia).

Dito isto, o documento elaborado pela Royal Society do Reino Unido reparte as atividades de diplomacia científica em três grandes campos. São eles:

a) *a ciência na diplomacia* (“science in diplomacy”, em inglês): utilizado para designar instâncias nas quais cientistas providenciam a diplomatas e/ou a funcionários de organismos internacionais as informações técnicas necessárias para a tomada de decisão em uma temática especifica. A Royal Society que o maior exemplo de “ciência na diplomacia” provavelmente seja o “Intergovernamental Panel on Climate Change” (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas - IPCC), criado em 1988 para auxiliar a Organização das Nações Unidas e representantes de todos os seus países-membros no desenvolvimento de políticas internacionais em sua área de especialidade (ROYAL SOCIETY, 2010, p. 5);
b) *a diplomacia para a ciência* (“diplomacy for science”, em inglês): terminologia empregada quando diplomatas atuam para facilitar a cooperação internacional entre cientistas, seja ela bilateral ou multilateral, envolvendo departamentos inteiros ou acadêmicos de forma individual. É comumente observável em projetos de larga escala, que exigem um financiamento partilhado entre várias nações, como no Grande Colisor de Hádrons (conhecido também pela sigla em inglês,

"LHC"), maior acelerador de partículas do mundo, em funcionamento desde 2008 e estabelecido na França (ROYAL SOCIETY, 2010, p. 9); e

c) *a ciência para a diplomacia* ("science for diplomacy", em inglês): categoria aplicada nas instâncias em que os cientistas agem também em prol da diplomacia, atuando como ferramentas de "soft power" de seus Estados ou de suas regiões de origem mesmo em contextos onde não haja uma representação diplomática oficial presente. Ela inclui, dentre outras atividades: o estabelecimento de acordos de cooperação, a criação de novas instituições, o oferecimento de bolsas de estudos, os festivais ou feiras de ciência e o uso de cientistas como mediadores (como um canal alternativo para a diplomacia);

2.3. Teorias sobre cooperação internacional

Nas duas últimas subseções foram expostas visões muito distintas sobre as dinâmicas que regem a interação e o intercâmbio entre comunidades científicas de diferentes partes do globo. No entanto, é importante mencionar também que, apesar de tratarem de uma temática bem delimitada, os teóricos dessas duas grandes correntes ("reflexivistas", composta por teóricos críticos das ciências sociais, e "racionalistas", constituída dos pensadores de teorias clássicas de Relações Internacionais, como o realismo e o liberalismo) possuem, em um sentido mais amplo, visões distintas sobre a emergência de uma nova governança global e sobre o fenômeno da globalização: enquanto uma vertente destaca as consequências mais positivas do mesmo, outra enfoca sua análise nos seus aspectos mais nefastos. Pode-se dizer, portanto, que essas divergências evidenciam a ausência de um consenso, no âmbito da disciplina de Relações Internacionais, sobre os efeitos que essas transformações, potencializadas especialmente a partir dos anos 1990 após a Guerra Fria, impuseram aos atores da comunidade internacional (RACY; ONUKI, 2001, p. 92). O objetivo da presente seção é explorar, sob essa ótica, as questões e divergências teóricas mencionadas acima.

Para tanto, é importante destacar, em um primeiro momento, a relevância da Teoria dos Jogos e seus conceitos para o debate contemporâneo entre pesquisadores de Relações Internacionais. Esta teoria foi criada originalmente para o campo das

ciências matemáticas, no século XX, mas se expandiu aos poucos para outras áreas do conhecimento, como as ciências econômicas (DAMIANI, 2014, p. 12). Ela postula alguns modelos para analisar a tomada de decisões e a estratégia empregada por atores racionais, que optam pelo conflito ou pela cooperação. Embora seja mais frequentemente aplicada, especificamente em Relações Internacionais, em pesquisas sobre conflitos bélicos e outros temas de defesa e segurança, ela também tem sido utilizada como uma ferramenta para o estudo de outros objetos de interesse para o campo, como o comércio internacional e o meio ambiente (DAMIANI, 2014, p. 15).

Dois principais modelos fundamentam a Teoria dos Jogos e seu emprego nas Relações Internacionais atualmente. O primeiro deles é o “jogo de soma zero”, sintetizado por John Von Neumann e Oskar Morgenstern em uma obra publicada no ano de 1944 pela editora da Universidade de Princenton. Este tipo de modelo diz respeito aos “jogos” que envolvem dois ou mais atores e nos quais só pode haver um ganhador, em outras palavras, nos quais, para que um jogador ganhe, todos os outros atores envolvidos no jogo precisam perder. É o caso, por exemplo, de um jogo de “par-ou-ímpar” ou de “cara-ou-coroa” (DAMIANI, 2014, p. 23). O segundo modelo, por sua vez, é o “jogo de soma não zero”, também tipificado por Neumann e Morgenstern. Ao contrário do anterior, este tipo de jogo em que os resultados podem ser benéficos para mais de um dos atores envolvidos, ou seja, em que pode haver mais de um ganhador. Como exposto pelo teórico John Nash, estes jogos podem ocorrer em um “equilíbrio não-cooperativo”, conceito utilizado para as instâncias nas quais os atores envolvidos beneficiam-se mutuamente tomando a melhor decisão possível para si próprios, sem as alterarem mutuamente. Contudo, a regra estabelecida por Nash não é observável em todos os “jogos de soma não zero”, isso porque os jogadores optam por diferentes estratégias para lograr os maiores benefícios em suas interações (DAMIANI, 2014, p. 25).

Os modelos de “jogos de soma zero” e de “jogos de soma não zero” são muitas vezes traduzidos em Teorias de Relações Internacionais, respectivamente, por intermédio do uso de duas conceituações: os “ganhos relativos” (que só podem ser alcançados se ocorrer, simultaneamente, a perda de outro ator) e os “ganhos absolutos” (que são passíveis de uma realização conjunta, através da cooperação, ainda que nem sempre sejam equivalentes). Entre o fim dos anos 1980 e o início dos anos 1990, em um contexto de profundas alterações na estrutura do sistema

internacional com o fim da Guerra Fria, esse debate acadêmico se intensificou e voltou-se para a questão da relevância da cooperação internacional[12], opondo os pensadores de correntes institucionalistas neoliberais àqueles mais identificados com vertentes derivadas do realismo clássico.

Os pesquisadores mais vinculados as teorias liberais e neoliberais, que consideram que a globalização é um fenômeno majoritariamente benéfico (sendo chamados até mesmo de “globalistas” por alguns de seus pares) e acreditam que ela teria ocasionado uma importante mudança da estrutura do sistema internacional, fazendo com que temáticas de natureza econômica se tornassem tão (ou mais) importantes que as de natureza política (RACY; ONUKI, 2001, p. 92). Desta forma, as instituições internacionais também teriam mais capacidade de inferência na realidade internacional, balanceando a anarquia inerente a esfera supranacional. Embora ainda exista competitividade e desconfiança nas relações entre nações, tanto os organismos multilaterais quanto a repetitividade de acordos e tratados entre os mesmos parceiros favorecem a cooperação e permitem a existência de ganhos absolutos, isto é, que beneficiam todas as partes envolvidas (MELLO, 1997, p. 108).

Por conseguinte, é possível identificar que os formuladores dos conceitos de “diplomacia científica” e “soft power”, expostos na seção anterior deste capítulo, se identificam mais com a lógica de cunho liberal. Isto porque, como dito anteriormente, para eles, a cooperação científica internacional é um caráter importante do sistema internacional, tão importante que pode, em alguns casos, servir como uma ferramenta da diplomacia para a condução da política internacional.

Os teóricos críticos apresentados na seção 2.1. desta dissertação possuem, por sua vez, diferentes nuances sobre as relações cooperativas entre os Estados no sistema internacional. Embora estes intelectuais considerem a relevância das instituições internacionais, eles acreditam o passado colonial (e seus reflexos na atualidade) deve ser reconhecido como um dos principais motores determinantes para entender as dinâmicas globais ainda hoje. Deste modo, pode-se dizer que os teóricos

[12] É importante reconhecer que as interpretações existentes sobre cooperação internacional são amplas e plurais, diferindo até mesmo entre autores que se identificam com as mesmas escolas ou correntes teóricas. No entanto, por uma finalidade utilitária, serão apresentadas aqui as três visões mais relevantes para esta pesquisa de mestrado.

críticos veem com certo pessimismo as possibilidades de cooperação entre antigos colonizadores e ex-colônias, tendo em vista que elas possuiriam resquícios da dominação existente e poderiam favorecer mais os países do Norte Global que os do Sul Global (para usar a linguagem da Teoria dos Jogos, nesse caso os ganhos da cooperação seriam relativos). Por outro lado, a cooperação Sul-Sul, que busca promover a emancipação real dessas nações, e a cooperação Norte-Norte, que têm por objetivo a manutenção do status quo vigente, poderiam sim resultar em vantagens para todos os envolvidos mutuamente (ou seja, em ganhos absolutos).

Finalmente, é importante destacar outra interpretação: a dos teóricos de Relações Internacionais vinculados a correntes realistas e neorrealistas, que tendem a defender que os ganhos relativos são mais importantes e mais frequentes que os ganhos absolutos para os Estados que fazem parte do sistema internacional. A principal explicação para tal fenômeno não estaria na desconfiança existente entre os países (como defendem os neoliberais), mas sim no temor de que, em uma situação de cooperação, os outros jogadores logrem ganhos relativamente maiores que os seus, beneficiando-se mais e ameaçando suas posições e ambições na arena internacional (MELLO, 1997, p. 109).

Sendo assim, sob a ótica neorrealista, a competitividade entre as nações e a disputa por poder são características intrínsecas à comunidade internacional anárquica, que permanecem constantes mesmo em tempos de globalização. Portanto, eles afirmam que o uso do poder por parte das grandes potências para concretizar seus interesses egoístas continua sendo frequente, considerando-se que estes normalmente se sobrepõem à coletividade durante o processo de tomada de decisão (MEARSHEIMER, 1995, p. 9). Em um mundo que está alinhado desta maneira, a cooperação internacional teria um espaço muito mais limitado que aquele proposto pelas teorias neoliberalistas, ocorrendo apenas de forma pontual, escassa e instável. Trata-se, então, de uma terceira visão sobre a cooperação internacional, que ressalta a sua suposta ineficácia e irrelevância na alteração da dinâmica existente entre os diferentes países do globo (MEARSHEIMER, 1995, p. 14).

Dito isto, encerramos aqui a breve revisão da literatura correlata aos temas abordados nesta dissertação. As visões dos teóricos críticos, dos cientistas políticos e pesquisadores de Relações Internacionais que analisam fenômenos científicos (em sua maioria, neoliberais) e das vertentes do realismo e neorrealismo foram utilizadas

como base para a formulação das três hipóteses de trabalho, como é possível observar em detalhe no próximo capítulo. Nele serão abordadas também as especificidades do nosso estudo sobre os programas Math-AmSud e STIC-AmSud, expondo a problematização realizada para delimitar a pergunta de pesquisa, e a metodologia empregada para a coleta de dados e para a condução das entrevistas.

CAPÍTULO 3

PROBLEMATIZAÇÃO, HIPÓTESES E METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo trata de questões mais técnicas para a realização do trabalho de investigação das consequências que os programas Math-AmSud e STIC-AmSud tiveram para os pesquisadores que deles fizeram parte. Ele está dividido em duas partes: uma primeira, onde são apresentadas a questão que guia esta pesquisa e as três hipóteses propostas como possíveis respostas ao problema colocado; e uma segunda, na qual estão expostos o método de seleção dos estudos de caso, bem como a forma como se coletou e analisou os dados obtidos.

3.1. Problematização e hipóteses

No primeiro capítulo deste trabalho, mostramos que, historicamente, as atividades científicas e educacionais foram importantes instrumentos para a política externa francesa, cujo uso permitiu que a França alçasse uma posição privilegiada no sistema internacional e a mantivesse com o passar do tempo, ao menos em determinado grau (tendo em vista que outras potências a ultrapassaram em capacidade de influência nos últimos séculos). Além disso, apresentamos também o corpo diplomático France-AmSud, presente na América do Sul desde 1990, e suas atividades no ramo acadêmico, Math-AmSud e STIC-AmSud, como iniciativas que fazem parte desse contexto, assim como outros programas franceses de cooperação científica multilateral em diferentes regiões do globo.

Como dito anteriormente, o objetivo oficial das iniciativas científicas multilaterais da França é não só fomentar a colaboração entre os pesquisadores do continente e os de instituições francesas, como também contribuir para a cooperação a integração regional na região em que atuam. Contudo, como pudemos observar no segundo capítulo da presente dissertação, intelectuais de diferentes correntes, provenientes dos campos das Ciências Sociais, da Ciência Política e das Relações Internacionais, apresentam distintas interpretações sobre o fenômeno da cooperação internacional e em suas implicações para a dinâmica entre os países do Norte Global e do Sul Global. Por exemplo, sob a ótica de autores de vertentes críticas ao positivismo científico, esta iniciativa poderia ser vista com desconfiança, haja vista que

a interferência de um dos antigos colonizadores em nossa pesquisa científica poderia ser uma forma de recolonizar o continente. No entanto, é esse o caso aqui? Estão ambas as iniciativas francesas aproximando os pesquisadores sul-americanos e promovendo a cooperação entre eles em redes que incluem também pesquisadores franceses, como é um de seus objetivos oficiais? Ou seria esta uma estratégia para promover a manutenção do status quo existente desde o século XVI, um dos vestígios da dominação colonial?

Em outras palavras: Seriam as relações de cooperação entre cientistas franceses e sul-americanos mutuamente benéficas, como apontam os teóricos que cunharam o termo “diplomacia científica”? Ou os pesquisadores sul-americanos que participaram dos programas estão hoje mais distantes da produção científica regional e mais próximos das instituições europeias que fizeram parte dos projetos (confirmando, assim, as suspeitas dos teóricos críticos da América Latina)? Ou ainda, a atuação científica da delegação não é um fenômeno realmente importante para as relações entre França e América do Sul porque não surte em nenhuma consequência significante para o processo de integração científica (regional e/ou multilateral), sendo, por conseguinte, ineficaz e irrelevante (como afirmam pesquisadores mais conectados aos preceitos da corrente realista das Relações Internacionais)?

As indagações e provocações enunciadas acima são alguns dos questionamentos que essa pesquisa pretende abordar. No entanto, elas podem também ser resumidas em um único grande problema de pesquisa: Qual é o balanço, a partir de uma perspectiva sul-americana, que pode ser feito da atuação desses dois programas gerenciados pelo corpo diplomático France-AmSud (STIC-AmSud e Math-AmSud) em nosso continente, fomentando ou não a integração de cientistas (atuantes em instituições no Brasil, no Chile, na Argentina, no Uruguai e no Paraguai), no período compreendido entre 2012 e 2015?

A partir da revisão da literatura correlata sobre a temática, foram criadas três possíveis respostas para o problema de pesquisa formulado para este trabalho de mestrado. As três hipóteses que embasam este trabalho são:

1. Os programas <u>não contribuem para a integração regional</u> dos cientistas e servem apenas para aproximá-los da produção científica europeia, promovendo a <u>manutenção do status quo</u>.

2. Os programas contribuem para a integração regional dos cientistas sul-americanos, fomentando a formação de redes tanto entre eles quanto com pesquisadores franceses.
3. Os programas não têm nenhum impacto na integração dos cientistas que deles fazem parte, seja com franceses ou com outros pesquisadores regionais.

A primeira hipótese foi formulada a partir das visões mais críticas à globalização, à cooperação Norte-Sul e a dinâmica de circulação e produção de conhecimento vigente, apresentadas na seção 2.1. Por sua vez, a segunda hipótese teve como ponto de partida as teorias que interpretam de forma mais positiva o contexto da cooperação científica internacional, como é o caso, por exemplo, dos teóricos que cunharam o conceito de "diplomacia científica", contido na seção 2.2. Finalmente, a terceira hipótese foi respaldada das visões mais clássicas de teóricos das Relações Internacionais de vertentes realistas, que entendem que, mesmo em um sistema internacional multilateral, os "ganhos relativos" são mais importantes para os Estados do que os "ganhos absolutos", compartilhados por todas as partes envolvidas, e que, portanto, as atividades normalmente interpretadas como instrumentos de poder brando (ou "soft power"), como é o caso dos programas de cooperação científica, não seriam muito eficazes e tampouco resultariam em mudanças significativas para os atores que delas fazem parte.

3.2. Metodologia de pesquisa

Os filósofos da ciência ainda não chegaram a um consenso sobre qual seria a melhor definição para o que se chama de "método científico". Alguns, como Leônidas Hegenberg (2005, p. 115), afirmam que o "método é o caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido de antemão refletido e deliberado". Por outro lado, alguns pensadores preferem caracterizar o método científico não como o caminho em si, mas sim como a forma como se deve proceder ao longo dele – é o caso de Trujillo Ferrari (1974, p. 24), por exemplo.

Entretanto, independentemente do conceito que utilizam para explicar o que seria a metodologia para as ciências, é unânime entre os pesquisadores de diversas

correntes de pensamento que ela é um elemento indispensável para a realização de qualquer investigação científica que se queira rigorosa e criteriosa. Sendo assim, esta seção pretende esclarecer quais são os procedimentos e métodos adotados para garantir a qualidade desse trabalho.

Portanto, é importante mencionar de antemão que esta pesquisa de mestrado faz uso de uma metodologia predominantemente qualitativa. Isto significa dizer que é priorizada aqui uma abordagem que "aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas" (MINAYO, 2001, p.22) – instrumentos esses frequentemente utilizados em pesquisas que optam por uma metodologia quantitativa[13].

Em segundo lugar, faz-se necessário caracterizar este trabalho como um "estudo de caso", um método de pesquisa típico das ciências sociais, tendo em vista que, como pontuam Christian Laville e Jean Dionne (1999, p.155), tal "denominação refere-se evidentemente ao estudo de *um* caso, talvez o de uma pessoa, mas também o de um grupo, de uma comunidade, de um meio", e, nesta pesquisa em específico, da atuação científica de um programa de cooperação francês na América do Sul via duas iniciativas: STIC-AmSud e Math-AmSud.

Para Maria Helena Michel, a grande vantagem de trabalhar com um "estudo de caso" é que ele normalmente é caracterizado como sendo

> um estudo aprofundado, qualitativo, no qual se procura reunir o maior número de informações, utilizando-se de variadas técnicas de coletas de dados, com o objetivo de apreender todas as variáveis da unidade analisada e concluir, indutivamente, sobre as questões propostas na escolha da unidade de análise. (MICHEL, 2005, p.55)

Finalmente, quanto às técnicas de coleta de dados para a pesquisa, foram duas as principais: a pesquisa de documentos e a entrevista semiestruturada. A primeira teve por objetivo auxiliar no levantamento de dados e informações sobre o objeto estudado e é caracterizada "pela busca, recorrendo a documentos, de uma resposta a uma dúvida" (MICHEL, 2005, p.32). Nesta fase, que embasou as entrevistas, foram coletados e analisados os relatórios produzidos pelos cientistas que fizeram parte dos

---

[13] Embora seja verdade que alguns elementos quantitativos estão presentes na condução deste trabalho, cabe destacar que o seu uso foi pontual e instrumental, não permitindo assim que a metodologia desta pesquisa possa ser considerada como mista (isto é, qualitativa e quantitativa).

projetos financiados pelos programas Math-AmSud e STIC-AmSud, os informes da delegação France-AmSud durante o período de financiamento e os currículos de todos os pesquisadores participantes. Buscou-se assim entender com mais profundidade qual era a dinâmica de funcionamento dos projetos e quais foram os impactos que eles possivelmente tiveram na produção e na integração dos intelectuais sul-americanos que deles participaram.

A entrevista, por sua vez, como afirmam Christian Laville e Jean Dionne (1993, p. 190), é uma “abordagem própria das ciências humanas, [que] exige que o pesquisador dirija-se a pessoas que querem responder as perguntas, que têm a competência para fazê-lo e que o fazem com honestidade”. No caso dessa pesquisa, foram entrevistados os pesquisadores sul-americanos que fizeram parte dos projetos selecionados como estudos de caso, bem como a coordenadora regional do programa, que integra o corpo diplomático francês na América do Sul, France-AmSud.

As entrevistas realizadas para esse trabalho podem ser caraterizadas como semiestruturadas porque “combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). Nesse tipo de coleta de dados, o pesquisador segue um conjunto pré-definido de questões, mas o entrevistado tem mais liberdade para respondê-las de acordo com as suas experiências pessoais. É também permitido nesses casos ao condutor da entrevista direcionar o foco do entrevistado para assuntos específicos nos momentos que considerar oportunos, bem como realizar perguntas não previstas anteriormente, tendo por objetivo assim resolver e elucidar alguns pontos levantados durante o curso do diálogo com o informante.

Agora que os principais elementos metodológicos gerais foram discutidos, serão apresentados nas próximas páginas os critérios utilizados nessa pesquisa para garantir o rigor científico da metodologia em questões particulares.

3.2.1. Sobre a determinação do espaço temporal (2012-2015)

Como dito anteriormente, a delegação da France-AmSud está ativa no continente sul-americano desde 1990 e os programas STIC-AmSud e Math-AmSud têm financiado projetos na região anualmente desde 2006 e 2008, respectivamente. No entanto delimitamos o escopo desta pesquisa em um período mais recente (2012-

2015), por questões relativas ao tempo disponível para a realização e à capacidade do mestrando coletar individual e presencialmente os relatos com cada um dos coordenadores sul-americanos que fizeram parte dos projetos selecionados como estudos de caso.

É importante ressaltar também que a data fixada entre os anos de 2012 e 2015 engloba apenas os projetos que foram selecionados, realizados e concluídos nesse período, passando assim por todas as fases dos programas. Dessa forma, um projeto que foi selecionado em 2011 e realizado entre 2012 e 2013 não era elegível como um estudo de caso, assim como um projeto selecionado em 2014 e realizado entre 2015 e 2016 também não poderia ser selecionado. Sendo assim, somente os projetos selecionados por dois editais de cada programa (Math-AmSud e STIC-AmSud) faziam parte dessa delimitação temporal: os editais lançados em 2012 (que foram concluídos em 2014) e os editais lançados em 2013 (cujos projetos foram encerrados em 2015).

3.2.2. A seleção dos estudos de caso

Tendo em vista a delimitação temporal estabelecida para essa pesquisa, realizou-se um levantamento de todos os projetos financiados pelos editais de 2012 e 2013 dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud. Constatou-se assim que, ao todo, 39 projetos foram financiados e concluídos no período, conforme o **Quadro 3**:

Edital	**Número de projetos financiados e concluídos entre 2012 e 2015**	**Porcentagem**
STIC-AMSUD	26	66,67%
Math-AMSUD	13	33,33%
Total	39	100%

Quadro 3. Totalidade dos projetos Math-AmSud e STIC-AmSud entre 2012 e 2015

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

A partir da porcentagem, foi possível determinar também que um terço dos projetos financiados e concluídos entre 2012 e 2015 fazia parte do programa Math-AmSud, enquanto os outros dois terços eram projetos do STIC-AmSud. Logo, em respeito à proporcionalidade do número total de projetos, foi decidido que seriam selecionados três estudos de caso, sendo dois deles projetos do STIC-AmSud e um deles projeto do Math-AmSud.

3.2.3. A seleção de um caso do programa Math-AmSud

Para a seleção do estudo de caso do programa Math-AmSud, foram utilizados três critérios eliminatórios.

- *Primeiro critério: número de países*

Como o objetivo desta pesquisa é avaliar os impactos dos programas franceses na integração de pesquisadores sul-americanos, o primeiro critério utilizado foi selecionar os projetos que continham o maior número de cientistas membros de instituições de países diferentes. Portanto, observou-se que, dos treze projetos do programa Math-AmSud, quatro projetos tinham membros de instituições de quatro países diferentes. Eram eles:

- Projeto Alfa (com membros do Brasil, do Chile, da França e do Peru);
- Projeto Beta (com membros da Argentina, do Brasil, do Chile e da França);
- Projeto Gama (com membros da Argentina, do Brasil, da França e do Uruguai);
- Projeto Delta (também com membros da Argentina, do Brasil, da França e do Uruguai).

Em tempo, é importante ressaltar que - para garantir o anonimato dos pesquisadores entrevistados por essa pesquisa - todos os projetos tiveram seus nomes originais substituídos por letras do alfabeto grego.

- *Segundo critério: projetos exclusivamente do Cone Sul*

Até 2015, a estrutura organizacional da France-AmSud era composta por duas delegações distintas: uma responsável pela cooperação com os países do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) e outra responsável pela cooperação com os países andinos do continente (Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela). Mesmo tendo essas duas delegações sido unidas em 2016, optou-se por manter a separação vigente durante o período de realização dos projetos. Como não era possível, no momento da seleção dos estudos de caso, saber o impacto que os administradores exerciam sobre os projetos, o objetivo deste critério foi garantir dessa forma que os pesquisadores dos projetos selecionados como estudos de caso relacionaram-se com apenas uma das equipes mantidas pela France-AmSud à época, facilitando assim a análise aqui realizada.

Portanto, segundo esse critério, apenas três projetos continuavam elegíveis:

- Projeto Beta (com membros da Argentina, do Brasil, do Chile e da França);
- Projeto Gama (com membros da Argentina, do Brasil, da França e do Uruguai);
- Projeto Delta (também com membros da Argentina, do Brasil, da França e do Uruguai).

➢ *Terceiro critério: respeito à proporcionalidade*

Para assegurar que o estudo de caso selecionado fosse uma amostra representativa da totalidade de projetos financiados e concluídos pelo programa Math-AmSud entre 2012 e 2015, foi realizado um levantamento para apontar a frequência com a qual membros das instituições dos países em questão fizeram parte dos projetos Math-AmSud. O resultado pode ser visto no **Quadro 4**:

País	Número de projetos dos quais faz parte	Porcentagem do total de projetos
França	13 projetos	100%[14]
Brasil	10 projetos	77%
Argentina	09 projetos	69%
Chile	06 projetos	46%
Uruguai	03 projetos	23%

Quadro 4. Presença dos países que fazem parte dos possíveis estudos de caso frente à totalidade de projetos realizados via programa Math-AmSud (2012-2015)

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Sendo assim, como o Chile estava presente em mais projetos que o Uruguai durante o período estabelecido, o **Projeto Beta** foi selecionado como estudo de caso. Seus membros são listados em detalhe na próxima página (com os nomes substituídos por letras do alfabeto latino, também para a preservação das identidades dos pesquisadores que vêm colaborando como entrevistados).

Projeto Beta:

❖ Coordenador internacional:

- Pesquisador A (França)

❖ Coordenadores científicos locais:

[14] A França é o único país que faz parte de todos os projetos selecionados. Isso ocorre porque o regulamento dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud estabelece que todas as propostas de financiamento devem ser submetidas por no mínimo um cientista de uma instituição francesa e pesquisadores provenientes de, ao menos, dois países sul-americanos diferentes.

- Pesquisador B (Argentina)
- Pesquisador C (Brasil)
- Pesquisador D (Chile)
- Pesquisador E (França)

3.2.4. A seleção de dois casos do programa STIC-AmSud

Os mesmos critérios utilizados para a seleção do estudo de caso do programa Math-AmSud foram aplicados ao programa STIC-AmSud. Aqui também os nomes dos projetos e dos pesquisadores foram substituídos, respectivamente, por letras do alfabeto grego e do alfabeto latino para garantir o anonimato dos entrevistados.

➢ *Primeiro critério: número de países*

Dentre os vinte e seis projetos financiados e concluídos pelo programa STIC-AmSud entre 2012 e 2015, dois possuíam membros de instituições de cinco países diferentes e três projetos possuíam pesquisadores de quatro países distintos:

- Projeto Épsilon (com membros da Argentina, do Brasil, da França, do Peru e do Uruguai);
- Projeto Ômega (com membros do Brasil, do Chile, do Paraguai, da França e do Uruguai);
- Projeto Sigma (com membros da Argentina, do Brasil, do Chile e da França);
- Projeto Pi (com membros da Argentina, do Brasil, da França e do Uruguai).
- Projeto Zeta (com membros do Brasil, do Chile, da França e do Peru).

➢ *Segundo critério: projetos exclusivamente do Cone Sul*

Dos cinco projetos elegíveis, somente três possuíam exclusivamente membros provenientes de instituições do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai):

- Projeto Ômega (com membros do Brasil, do Chile, do Paraguai, da França e do Uruguai);
- Projeto Sigma (com membros da Argentina, do Brasil, do Chile e da França);
- Projeto Pi (com membros da Argentina, do Brasil, da França e do Uruguai).

Como, dentre esses, o **Projeto Ômega** possuía o maior número de pesquisadores advindos de instituições de diferentes países, ele foi selecionado como o primeiro estudo de caso. Somente os outros dois projetos foram analisados segundo o terceiro critério.

➢ *Terceiro critério: respeito à proporcionalidade*

O resultado do levantamento da frequência com a qual membros das instituições dos países presentes nos estudos de caso fizeram parte dos projetos STIC-AmSud pode ser observado na **Quadro 5.**

País	**Número de projetos dos quais faz parte**	**Porcentagem do total de projetos**
França	26 projetos	100%[15]
Brasil	20 projetos	77%
Chile	13 projetos	50%
Argentina	11 projetos	42%
Uruguai	11 projetos	42%

[15] Idem a nota anterior.

Quadro 5. Presença dos países que fazem parte dos possíveis estudos de caso frente à totalidade de projetos realizados via programa STIC-AmSud (2012-2015)

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Sendo assim, como o Chile estava presente em mais projetos que o Uruguai durante o período estabelecido, o **Projeto Sigma** foi o segundo projeto selecionado como estudo de caso do programa STIC-AmSud. Os membros de ambos os estudos de caso selecionados estão listados em detalhe a seguir.

Projeto Ômega:

❖ Coordenador internacional:

- Pesquisador F (França)

❖ Coordenadores científicos locais:

- Pesquisador G (Chile)
- Pesquisador H (Brasil)
- Pesquisador I (Uruguai)
- Pesquisador J (Paraguai)
- Pesquisador K (França)

Projeto Sigma:

❖ Coordenador internacional:

- Pesquisador L (Brasil)

❖ Coordenadores científicos locais:

- Pesquisador M (Chile)
- Pesquisador N (Chile)

- Pesquisador O (Argentina)
- Pesquisador P (França)
- Pesquisador Q (França)

3.2.5. A preparação para as entrevistas semiestruturadas

Tendo ainda em vista o objetivo principal desta pesquisa, de observar, por intermédio das entrevistas de que maneira as iniciativas francesas Math-AmSud e STIC-AmSud impactaram a integração dos pesquisadores sul-americanos, foram elencadas cinco metas específicas para as entrevistas com esses investigadores locais. Elas foram elaboradas de tal modo que, a partir delas, seja possível avaliar as consequências que os programas tiveram na atuação desses cientistas e nas suas relações com colegas europeus e regionais. São elas:

a) Investigar como se formaram as redes de cientistas latinos e se os programas franceses (STIC-AMSUD e Math-AMSUD) as tornaram mais densas ou não;

b) Observar o quão frequentemente se deu durante o programa (e se dá após o término do mesmo) o contato entre eles, se houve algum tipo de produção coletiva e se suas pesquisas atualmente convergem de alguma forma;

c) Caracterizar as relações entre os cientistas (antes, durante e após o financiamento do projeto), com atenção para os indícios de possíveis assimetrias entre os diferentes atores envolvidos;

d) Verificar qual foi o papel desempenhado pela delegação francesa e seus diretores em favorecer ou desfavorecer a integração entre os pesquisadores envolvidos nas pesquisas financiadas;

e) Entender quais são os seus objetivos e metas para o futuro próximo e verificar se há interesse em seguir cooperando com outros pesquisadores sul-americanos ou se recomendariam a iniciativa para um colega que busca aprofundar suas redes com outros latino-americanos.

Na tentativa de atender aos cincos objetivos determinados, criaram-se doze blocos de perguntas, compondo assim as entrevistas semiestruturadas para os pesquisadores sul-americanos. Cabe ressaltar ainda que a entrevista com a funcionária do corpo diplomático francês, Hortense Philipot, foi a única que não seguiu o modelo exposto na próxima seção.

Ademais, como dito anteriormente, por se tratar de entrevistas semiestruturadas, outras perguntas não previstas no modelo original poderiam ser (e foram, em alguns casos) adicionadas conforme o entrevistador julgasse conveniente. Todos os dez pesquisadores que foram entrevistados para este trabalho o fizeram de forma voluntária e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que lhes garantia total anonimato e deixava explícito que eles tinham o direito de se recusarem a responder qualquer uma das indagações ou até mesmo a interromper a entrevista sem que fossem necessárias explicações de qualquer ordem.

3.2.6. O questionário das entrevistas semiestruturadas

Foram criados doze blocos de perguntas, diretamente ligados às cinco metas estabelecidas para o trabalho e citadas na seção anterior, que pautaram as entrevistas realizadas presencialmente, em cinco países da região (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) com os pesquisadores sul-americanos que fizeram parte dos projetos selecionados como estudos de caso. São eles:

1. Como foi a elaboração do projeto enviado para o programa Math-AMUD/STIC-Amsud? Você conhecia todos os outros membros do seu projeto? Se sim, como os conheceu pela primeira vez? Quanto aos que você não conhecia anteriormente, como eles se tornaram parte do projeto?

2. Quais eram suas temáticas de interesse antes da participação no programa Math-AMUD/STIC-Amsud? A área em que o projeto se encontra contemplava seus interesses pessoais de pesquisa na época?

3. O grupo de pesquisadores, do qual você fazia parte, teve que adaptar algum aspecto da pesquisa originalmente planejada para que ela pudesse concorrer no edital? Se sim, qual/quais aspecto(s)?

4. Como foi a dinâmica durante os dois anos de pesquisa? Houve algum tipo de divisão de tarefas? Se sim, como foi realizada essa divisão e qual foi a seção que ficou sob sua responsabilidade? Você ficou satisfeito(a) com essa divisão ou, em algum momento, ela lhe descontentou?

5. Como se deu a comunicação com os outros pesquisadores durante o projeto? Com que frequência vocês se comunicavam virtualmente e quantas vezes se encontraram pessoalmente? Você avalia essa comunicação entre as partes como satisfatória?

6. Atualmente, você continua em contato com os outros pesquisadores que fizeram parte do seu projeto? Se sim, com qual frequência? (Caso você esteja em contato apenas com algum/alguns dos membros do projeto, favor especificar quais e o porquê).

7. Qual era a sua relação com o coordenador internacional do projeto? E com a comissão dirigente do programa STIC-AMSUD/Math-AMSUD?

8. Durante o curso do projeto, você observou que havia algum tipo de assimetria ou hierarquia quando efetuava esses contatos? Se sim, em qual/quais ocasião/ocasiões e por quê?

9. Quais foram, em sua opinião, as maiores dificuldades encontradas durante todo o projeto (da concepção à conclusão)? E quais as melhores características do mesmo?

10. Houve algum tipo de produção conjunta com os outros pesquisadores do projeto financiado (artigo, livro, congresso, apresentação de trabalho, etc.)? Se sim, qual/quais? Se não, por que não houve?

11. Como você avalia sua experiência no programa STIC-AMSUD/Math-AMSUD? Você recomendaria esse projeto a outros colegas pesquisadores?

12. Quais são os projetos científicos que você planeja desempenhar em um futuro próximo? Quais os seus maiores interesses de pesquisa hoje? Você pensa em cooperar com algum parceiro (institucional ou físico) internacional? Se sim, qual/quais?

3.2.7. Compilação e análise do material coletado

Todas as entrevistas realizadas para este trabalho foram gravadas, com o devido consentimento dos cientistas entrevistados, e apenas o pesquisador Paulo Henrique Ribeiro Neto teve acesso aos áudios originais. Todas elas foram transcritas na íntegra, com a supressão apenas de informações que possivelmente prejudicariam o anonimato dos sujeitos consultados, e podem ser lidas nos apêndices desta dissertação. Os relatos foram coletados pessoalmente, na instituição de origem de cada um dos entrevistados que aceitou colaborar conosco.

Para a elaboração do próximo capítulo, que contém os resultados deste trabalho, comparou-se as entrevistas fornecidas por todos os cientistas que participaram de um mesmo projeto, com a finalidade de checar se as informações estavam corretas e se os participantes interpretaram da mesma forma os fatos ocorridos. Além disso, quando necessário, procurou-se verificar se os fatos e resultados mencionados pelos participantes dos programas STIC-AmSud e Math-AmSud também estavam contidos em seus currículos ou nos relatórios dos projetos disponíveis no website dos programas.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS OBTIDOS

Neste capítulo, serão expostos os resultados obtidos após a coleta e análise dos relatos oferecidos voluntariamente[16] pelos pesquisadores sul-americanos, coordenadores internacionais ou regionais dos projetos dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud que foram selecionados como estudos de caso para este trabalho, conforme a metodologia exposta na seção anterior.

Ao todo, das onze entrevistas semiestruturadas com cientistas inicialmente planejadas, nove foram efetivamente realizadas, de forma presencial, em cinco países da região: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. As razões pelas quais o pesquisador brasileiro C (do projeto Beta, financiado pelo programa Math-AmSud) e o pesquisador chileno N (do projeto Sigma, financiado pelo programa STIC-AmSud) não participaram desta pesquisa serão explicitadas nas seções que apresentam os resultados de seus respectivos projetos.

Em tempo, cabe mencionar também que alguns dados, fornecidos diretamente pelos membros da delegação France-AmSud, que foram obtidos a partir de pesquisas internas sobre os programas, serão mencionados nas próximas páginas e utilizados em comparação com os casos aqui apresentados. No entanto, embora estejam referenciados na bibliografia deste trabalho, eles não foram divulgados a público na forma de uma publicação oficial, tendo sido disponibilizados ao autor por Hortense Philipot. Finalmente, deve-se ressaltar que a transcrição integral das nove entrevistas com os pesquisadores sul-americanas (além da entrevista com a coordenadora regional das atividades científicas da France-AmSud), que embasaram a redação deste capítulo, podem ser consultadas nos apêndices desta dissertação.

[16] Ver “Apêndice II”

4.1. Projeto Beta (Math-Amsud)

O projeto Beta foi um projeto internacional no campo da matemática, financiado pelo programa Math-AmSud, que contou com a participação de cientistas de instituições da França (representada pelo pesquisador A, que ocupou também a função de coordenador internacional), da Argentina (pesquisador B), do Brasil (pesquisador C) e do Chile (pesquisador D). Como previsto na metodologia desta pesquisa, todos os coordenadores regionais sul-americanos do projeto Beta (isto é, que atuam como representantes de universidades no continente) foram contatados para que pudessem oferecer seus relatos de experiência no programa Math-AmSud. No entanto, apenas dois deles – os pesquisadores B e D – aceitaram colaborar com esta pesquisa. O pesquisador C, representante do Brasil, respondeu apenas a primeira mensagem enviada por e-mail com um breve texto, no qual indicava que o projeto não resultou em "nenhum tipo de integração latino-americana" e insinuava a ausência de espírito colaborativo por parte do coordenador internacional da equipe, o pesquisador A. Ainda que tenhamos, posteriormente, reiterado a importância da coleta de seu relato para a presente pesquisa, mesmo que este retratasse o programa negativamente, por meio de diversas tentativas de contato com o pesquisador C, incluso por outros meios (telefone comercial, redes sociais, etc.), ele não nos ofereceu qualquer outra devolutiva. Por essa razão, esta seção foi composta a partir do relato dos coordenadores das equipes argentina e chilena[17]. É importante mencionar também que, embora o coordenador internacional, representante da instituição francesa, seja nacional de um país latino-americano, ele não foi incluído na lista de entrevistados por não representar ou coordenar, dentro do marco do projeto Math-AmSud, uma equipe científica regional do nosso continente.

- *Relações antecedentes ao caso analisado e elaboração do projeto*

Observou-se que grande parte dos coordenadores se conhecia antes do projeto Beta, tendo três deles, inclusive, colaborado em um outro projeto no marco do

[17] Transcrições completas dos relatos do pesquisador B e do pesquisador D se encontram, respectivamente, nos apêndices III e IV.

programa Math-AmSud, que antecedeu o caso aqui analisado. Como apontou o coordenador argentino em sua entrevista, o projeto Beta “já era uma continuação, um pouco, dos temas que estávamos trabalhando”[18] no primeiro projeto financiado pelo programa Math-AmSud. O pesquisador B, da Argentina, afirmou também na entrevista que tem contato com o pesquisador C desde sua primeira visita de trabalho ao Brasil, realizada em 2002, e com o pesquisador A desde 2007, quando este último esteve de passagem pelo Chile. Em ambos os casos, o pesquisador B afirma que os conheceu por terem colegas em comum, tendo aprofundado a relação ao encontrá-los em congressos acadêmicos de seu campo de estudos. Os três pesquisadores mencionados anteriormente (A, B e C) participaram do primeiro projeto no programa Math-AmSud, tendo colaborado também, naquele momento, com uma equipe de mais uma instituição francesa, não presente no projeto Beta.

Deve-se ressaltar que, segundo levantamentos realizados pela delegação France-AmSud, é comum que algumas equipes prolonguem os trabalhos de cooperação iniciados em um projeto financiado pelo Math-AmSud ou pelo STIC-AmSud ao submeterem novas propostas de pesquisas multilaterais dentro do marco do mesmo programa. De acordo com os dados compilados pela gestão dos programas, mais de um terço dos pesquisadores que continuaram a colaborar e obtiveram financiamento para a estenderem os elos cooperativos, o lograram através de novos projetos Math-AmSud ou STIC-AmSud.

Mesmo não tendo participado do primeiro projeto financiado pelo programa Math-AmSud, o pesquisador D também conhecia os três pesquisadores antes do início das atividades do projeto Beta. O pesquisador C, do Brasil, era aquele com o qual ele menos havia tido contato até então, mas o pesquisador D disse que o conheceu pela primeira vez em algum dos eventos acadêmicos em que participou no período em que esteve no Brasil a trabalho. Quanto aos pesquisadores A e B, o coordenador regional do Chile afirmou que trabalhou com eles pela primeira vez na França, em um momento no qual uma de suas visitas a um colega francês coincidiu com uma visita de trabalho do pesquisador A ao pesquisador B, fazendo com que todos eles se cruzassem na mesma instituição. Segundo o pesquisador B, essa visita

[18] Tradução nossa. No original, em espanhol: ““ya era una continuación, un poco, de los temas en que estábamos trabajando”.

ao pesquisador A, na qual conheceu o pesquisador C, foi uma visita de trabalho realizada no marco do primeiro projeto financiado pelo programa Math-AmSud. Ainda de acordo com o pesquisador B, da Argentina, após um dos parceiros do primeiro projeto ter trocado seu cargo na instituição francesa por uma vaga em uma universidade da Alemanha, ele ficou impossibilitado de participar da nova iniciativa dentro do programa Math-AmSud. Foi nesse momento que partiu do pesquisador A a ideia de realizar um convite ao pesquisador D, que atuava como pesquisador em uma instituição do Chile naquele momento e já colaborava com outros cientistas da França no campo de estudos da matemática.

De acordo com os relatos coletados durante as entrevistas semiestruturadas, o principal responsável pela elaboração da proposta enviada ao programa Math-AmSud foi o pesquisador A, representante da França. Porém, todos os outros coordenadores acompanharam a redação do texto e contribuíram com a sua formulação, acrescentando temáticas e problemas de seu interesse ao projeto original. No momento da tradução do projeto a outros idiomas, também houve uma participação expressiva tanto dos coordenadores locais quanto da contraparte francesa. Ambos os entrevistados afirmaram que não foi necessária nenhuma alteração ou adaptação em seus interesses de pesquisa. Como expresso pelo pesquisador D, “a gente fez o que queríamos fazer” durante o projeto Beta. Ademais, embora contassem com colaboradores eventuais (no caso do Chile, uma pós-doutoranda, e, na Argentina, pelo menos quatro participantes, entre professores e estudantes de doutorado), há indícios de que a maior parte do trabalho realizado no âmbito do projeto Beta foi levada a cabo pelos próprios coordenadores regionais.

- *Dinâmica de trabalho durante o curso da cooperação científica*

Diferentemente de outros projetos financiados pelos programas de cooperação científica da delegação Math-AmSud, os quatro coordenadores do projeto Beta não se encontraram pessoal e simultaneamente em nenhum momento. Desde a concepção até a sua finalização, o contato entre eles se deu no âmbito virtual e as visitas de trabalho foram realizadas de forma bilateral. O pesquisador D, do Chile, afirmou que não encontrou o pesquisador C nenhuma vez, tendo trabalhado mais

ativamente no projeto Beta apenas com o pesquisador B, da Argentina (sua estimativa é que se encontraram cinco vezes ao todo nos dois anos). Apesar de ter avistado o pesquisador A, da França, em alguns congressos acadêmicos durante o período em que o projeto estava em curso, o pesquisador D também não colaborou efetivamente com ele, afirmando que o contatou apenas nos momentos mais críticos e burocráticos, como de entrega dos relatórios parcial e final. Finalmente, o pesquisador D reconheceu que, embora houvesse um planejamento das visitas de trabalho, houve pouco planejamento acadêmico no projeto Beta, justificando esta ausência de um cronograma definido para a pesquisa como uma característica do trabalho realizado no campo da matemática, que não seria tão previsível ou passível de sistematização quanto os de outros campos de estudo.

O coordenador responsável pela equipe argentina, por outro lado, afirmou em sua entrevista que cooperou com todos os parceiros que fizeram parte do projeto Beta. Segundo o pesquisador B, ele foi um dos pesquisadores que mais viajou durante o curso da pesquisa, tendo realizado aproximadamente sete visitas a outros países nos dois anos e recebido seus parceiros internacionais para visitas de trabalho na Argentina entre sete e oito vezes no mesmo período. A **Figura 1**, que se encontra a seguir, ilustra as relações cooperativas estabelecidas entre as equipes durante o projeto Beta. Mesmo não tendo sido possível realizar a entrevista com o pesquisador C, não consideramos que existiu esse tipo de relação entre as equipes francesa e brasileira tendo em vista não só a entrevista do pesquisador D, como também o conteúdo da única mensagem enviada pelo pesquisador C como resposta à nossa solicitação.

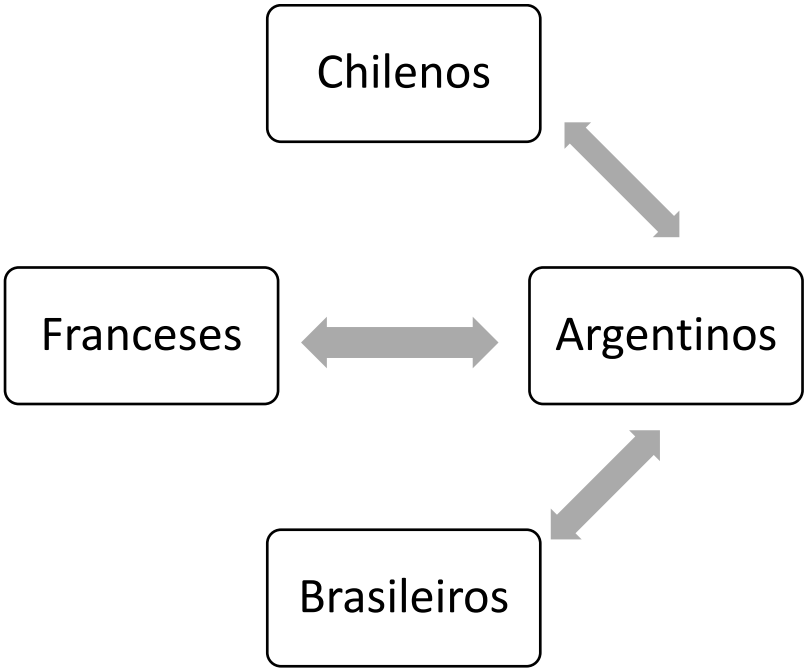


Figura 1. Relações entre equipes durante o projeto Beta

Fonte: figura elaborada pelo autor.

Os pesquisadores B, da Argentina, e D, do Chile, afirmaram em suas entrevistas que não observaram nenhum tipo de assimetria ou hierarquia entre os pesquisadores durante o projeto. O pesquisador B ressaltou que os fundos disponibilizados foram suficientes para realizar a pesquisa e que, devido ao orçamento generoso, inexistiram atritos entre eles. Ao serem indagados especificamente sobre o afastamento do pesquisador brasileiro de seus pares, o pesquisador D pontuou que ele desconhece a existência de uma razão específica para que eles não tenham colaborado ("talvez ele saiba, eu não sei"), enquanto o pesquisador B destacou que uma série de fatores dificultaram a colaboração com o Brasil no projeto Beta. Segundo o cientista da Argentina, um dos fatores que se destacou foi uma falha na comunicação entre eles sobre os fundos disponibilizados pela CAPES, o que impediu o total aproveitamento do montante advindo do governo brasileiro, mas é necessário considerar também outras questões acadêmicas do pesquisador C, como o alto número de atividades desempenhadas por ele em sua universidade de origem. Ao serem questionados sobre suas relações com o pesquisador A, coordenador

internacional do projeto, o pesquisador D classificou-a como “normal” e o pesquisador B também afirmou que eles possuíam uma boa relação.

Nenhum dos dois pesquisadores afirmou ter tido contato diretamente com membros da comissão dirigente do programa Math-AmSud ou da delegação France-AmSud, evidenciando que inexiste uma influência significativa dos representantes franceses na região sobre os cientistas que participam dos projetos como coordenadores locais. Os pesquisadores afirmaram ter contato apenas com o pesquisador A, da França, coordenador internacional do projeto, e com representantes das agências nacionais de fomento à pesquisa científica de suas respectivas nações, órgãos responsáveis pelo repasse dos valores aprovados para financiar o trabalho realizado no projeto Beta.

O coordenador regional da equipe chilena não se recordou de nenhum obstáculo enfrentado pelos coordenadores durante o projeto em sua entrevista. O pesquisador B, por sua vez, lembrou as dificuldades enfrentadas na gestão financeira, destacando dois pontos: a falha na comunicação com o Brasil, que resultou em um subaproveitamento dos valores disponibilizados, e a lógica francesa de ressarcimento dos custos, que exigia que os pesquisadores arcassem com os gastos fazendo uso de suas reservas pessoais para abater os gastos meses após a realização das visitas. Em outro momento da entrevista, o mesmo cientista recordou que a ausência de coordenação entre as agências nacionais dos países participantes também foi um empecilho, visto que nem sempre os fundos aprovados eram compatíveis, o que prejudicava a organização das visitas de trabalho.

Todavia, o pesquisador B destacou em todas suas respostas que o balance geral do projeto foi, na sua opinião, muito satisfatório. Como elementos positivos, o cientista argentino destacou: a possibilidade de trabalhar em uma cooperação multilateral, formando equipes com mais de duas nacionalidades; os montantes disponibilizados para o projeto, que, segundo ele, eram suficientes para desenvolvê-los com tranquilidade; e a possibilidade de realizar muitas mobilidades em um curto período do tempo, promovendo a interação entre pesquisadores atuantes em vários países. O pesquisador D ressaltou, no que diz respeito ao maior êxito de sua experiência no projeto Beta, a sua aproximação com o pesquisador B. Segundo ele, o projeto Beta possibilitou que eles cooperassem em temáticas de interesse para

ambos e fez com que, posteriormente, eles pudessem explorar temáticas “além desse projeto, que talvez eram mais significantes ainda”.

- *Produções conjuntas e relações pós-término do projeto de cooperação*

Como resultado do projeto Beta, houve uma vasta produção conjunta, em especial na forma de artigos, por parte dos coordenadores regionais das equipes participantes. O pesquisador D afirmou ter participado como autor de ao menos três artigos com os outros coordenadores regionais e também disse que as atividades resultaram em apresentações de trabalhos em eventos acadêmicos. O pesquisador B, por sua vez, afirmou ter publicado quinze artigos em revistas que decorreram diretamente dos dois projetos do programa Math-AmSud nos quais participou, assim como pelo menos seis resumos expandidos em anais de congressos. Além das publicações, o pesquisador B também destacou as orientações em conjunto de teses de doutorado e de um pós-doutorado, realizadas em uma parceria com o pesquisador A, da França, também no período de funcionamento do projeto Beta. Ambos entrevistados afirmaram que os projetos tiveram um impacto benéfico em suas agendas de pesquisa, acrescentando temáticas que antes não exploravam, e disseram que recomendariam a iniciativa Math-AmSud aos seus colegas, classificando suas experiências de cooperação internacional através da iniciativa como positivas.

Atualmente, nem todos os coordenadores que participaram do caso analisado mantêm contatos ou projetos em conjunto. O **Quadro 6**, na próxima página, apresenta uma síntese das relações cooperativas existentes ainda hoje entre os coordenadores regionais do projeto Beta com os cientistas ou com instituições das outras nacionalidades participantes, conforme os dois relatos coletados por meio da condução de entrevistas semiestruturadas.

Houve melhora observável nas relações cooperativas de coordenadores regionais com cientistas de quais outras equipes?				
Coordenador Regional	**França**	**Brasil**	**Argentina**	**Chile**
Pesquisador B	Sim	Incerto	N/A	Sim
Pesquisador C	Não	N/A	Incerto	Não
Pesquisador D	Não	Não	Sim	N/A

Quadro 6. Relações entre coordenadores de equipes e instituições e/ou pesquisadores das outras nacionalidades participantes, após o fim do projeto Beta

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Como se pode observar, o pesquisador B, da Argentina, que dentre os coordenadores foi o que mais interagiu com os parceiros, realizando visitas de trabalho e recebendo hóspedes, foi também o que demonstrou possuir elos mais fortes de cooperação após o término do projeto. Como apontou em sua entrevista, ainda que possua algumas limitações pessoais maiores do que na época do projeto, ele segue em contato com o pesquisador A (representante da França) tendo aceitado participar como colaborador em uma nova proposta ao programa Math-AmSud, que não foi aprovada, e organizando um congresso internacional no seu campo de estudos, a ser realizado na França. O pesquisador B afirmou também que continua próximo do pesquisador C, do Brasil, apesar dos problemas enfrentados com o financiamento da CAPES durante o projeto Beta, mas que não possuem um projeto em conjunto no momento por restrições acadêmicas, externas a relação de ambos. Contudo, o pesquisador B ressaltou que segue trabalhando também com outros cientistas provenientes de universidades brasileiras.

Tendo em vista que o pesquisador C não concedeu uma entrevista para este trabalho, não foi possível confirmar o grau da relação existente entre ele e o cientista

argentino. A partir de sua breve e única resposta por e-mail, inferimos que não houve integração ou manutenção de relações cooperativas entre ele e o pesquisador A ou com o representante do Chile. Finalmente, o pesquisador D apontou em sua entrevista que manteve uma real colaboração acadêmica, após o término do projeto Beta, apenas com o pesquisador B, da Argentina, único dos coordenadores com quem de fato colaborou durante sua participação no programa Math-AmSud. O cientista, que atua em uma universidade do Chile, foi convidado pelo pesquisador B para um congresso em 2016 na Argentina, continuou a explorar outras questões com o mesmo depois do fim do projeto Beta e demonstrou que só não está colaborando com o argentino de forma mais efetiva pelas limitações pessoais momentâneas deste último. Em sua entrevista, o pesquisador B também reforçou essa proximidade com o pesquisador D, afirmando que "eu agora estou colaborando de forma direta com o pesquisador D e isso surgiu em parte graças a essa rede"[19]. Mesmo não mantendo contato com os outros coordenadores do projeto Beta, com exceção da contraparte argentina, o pesquisador D demonstrou em sua entrevista possuir colaboradores em diferentes partes do mundo, em especial com cientistas do Canadá, mas que na América do Sul os seus maiores vínculos estão dentro do Chile e na Argentina, com o pesquisador B. O coordenador da equipe argentina, por sua vez, no que diz respeito a colaboradores de nacionalidades que não participaram do projeto Beta, destacou seus elos com a comunidade científica na Itália, mas lembrou que há uma dificuldade maior em estabelecer projetos de cooperação com esses parceiros do que com os franceses, por exemplo, destacando que a vasta gama de oportunidades de cooperação científica com a França incentiva e facilita a realização de projetos internacionais com pesquisadores provenientes deste país.

- *Correlação dos casos observados com as hipóteses de trabalho*

Levando todos esses fatores em consideração, correlacionamos as situações que foram observadas e as informações que foram coletadas nos relatos dos coordenadores com as hipóteses trabalhadas nesta dissertação. É possível perceber

[19] Tradução nossa. No original, em espanhol: "yo ahora estoy colaborando en forma directa con el investigador D y eso surgió en parte gracias a esa red"

por meio do relato do pesquisador B, da Argentina, que estabeleceu elos de cooperação tanto com os franceses quanto com os pesquisadores atuantes na América do Sul, que a sua experiência se enquadra melhor com a segunda hipótese deste trabalho. Por outro lado, o pesquisador C, do Brasil, por ter tido dificuldades na gestão dos fundos disponíveis para o projeto em seu país, bem como na comunicação com seus pares, permaneceu mais isolado dos outros coordenadores e não parece ter sido impactado beneficamente pelo projeto Beta, aproximando-se da terceira hipótese. Finalmente, o caso do pesquisador D, que representava uma instituição chilena no programa Math-AmSud, não se enquadra em nenhuma das três hipóteses com as quais inicialmente trabalhamos. Isto porque ele se integrou apenas com um dos parceiros regionais, a contraparte argentina, mas não apresentou nenhum tipo de integração com a França ou o Brasil.

Em tempo, deve-se destacar que a realidade complexa e internacionalizada da ciência na era da globalização enfraqueceu o uso da primeira hipótese, baseada nas teorias mais críticas ao *status quo* e à estrutura vigente da produção do conhecimento, nos casos observados no projeto Beta. É muito difícil falar em relações hierárquicas entre as partes, que de alguma forma emulem o passado colonial, quando, por exemplo, o representante da instituição francesa possui nacionalidade latino-americana e o representante de uma das instituições sul-americanas, o pesquisador D, possua, na realidade, nacionalidade europeia. Ao ser confrontada com uma realidade diversa e multifacetada, na qual os cientistas transitam por instituições dos hemisférios Norte e Sul, atuando em territórios que não são os seus países de origem, a dicotomia colonizador-colonizado, tão explorada pela primeira hipótese, perdeu sua força explicativa e fragilizou-se.

No **Quadro 7**, que na página seguinte, é possível encontrar um resumo das relações estabelecidas entre os coordenadores dos países da América do Sul e as hipóteses de trabalho, conforme exposto nos últimos parágrafos da presente seção.

Cientista sul-americano	Hipótese mais adequada
Pesquisador B	Hipótese 2
Pesquisador C	Hipótese 3
Pesquisador D	Nenhuma

Quadro 7. Correlação entre os casos observados e as hipóteses

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

4.2. Projeto Ômega (STIC-AmSud)

O projeto Ômega foi um projeto de cooperação científica multilateral, no campo das tecnologias da computação e da informática, financiado pelo programa STIC-AmSud, que contou com a participação de cientistas da França (o pesquisador F, que exerceu a função de coordenação internacional, e o pesquisador K, que representou outra instituição acadêmica do país), do Chile (pesquisador G), do Brasil (pesquisador H), do Uruguai (pesquisador I) e do Paraguai (pesquisador J). Todos os coordenadores das equipes sul-americanas do projeto Ômega aceitaram colaborar com esta dissertação, oferecendo relatos de suas experiências ao projeto que embasaram a presente seção, em entrevistas semiestruturadas realizadas presencialmente em seus respectivos países[20]. De acordo com os pesquisadores, dentre os coordenadores regionais listados oficialmente no projeto original enviado ao programa STIC-AmSud, apenas o pesquisador K não participou efetivamente das atividades, tendo sido substituído por outro cientista de sua instituição.

[20] Transcrições completas dos relatos dos pesquisadores G, H, I e J se encontram, respectivamente, nos apêndices V, VI, VII e VIII.

❖ *Relações antecedentes ao caso analisado e elaboração do projeto*

Assim como acontece em parcela considerável dos projetos financiados pelos programas Math-AmSud e STIC-AmSud, esta não foi a primeira iniciativa dentro do marco deste programa da qual participaram os coordenadores regionais do projeto Ômega. Os pesquisadores da França, do Brasil e do Uruguai haviam participado de ao menos dois projetos científicos multilaterais dentro do marco dos programas STIC-AmSud antes de serem parte daquele que analisamos aqui como estudo de caso. Segundo o pesquisador I, do Uruguai, ele tomou conhecimento do programa por ter sido convidado pela comissão France-AmSud a participar do evento de lançamento do mesmo, no Chile. O pesquisador H, por sua vez, afirmou em sua entrevista que foi convidado para fazer parte do primeiro projeto STIC-AmSud por um colega da França e que seguiu colaborando com os outros participantes, que conheceu ao realizar os trabalhos dentro do marco da iniciativa entre França e América do Sul, mesmo após o colega que o convidou ter se afastado das atividades. Além disso, o coordenador da equipe brasileira afirmou também que, ao reiniciarem as atividades com um novo projeto STIC-AmSud, era comum que houvesse uma rotatividade na função de coordenador internacional e que se fosse “alterando as equipes e alterando os participantes também, convidando participantes novos”. Ambos afirmaram conhecer a maioria dos outros coordenadores porque haviam colaborado com eles anteriormente.

O pesquisador G, do Chile, afirmou ter participado em um projeto STIC-AmSud antes do projeto Ômega, mas que este último foi o primeiro no qual ele assumiu a função de coordenação regional. Ele conheceu grande parte dos coordenadores quando participou desta primeira cooperação científica, mas possuía um vínculo mais forte com os franceses tendo em vista que o pesquisador F foi um dos professores tutores durante o seu doutorado. Por sua vez, o pesquisador J, do Paraguai, apontou na entrevista que este foi não só o primeiro projeto dentro do marco do programa em que seu grupo de pesquisadores participou, mas também o primeiro projeto STIC-AmSud a contar com a presença de cientistas paraguaios desde que o seu país se tornou um dos membros da iniciativa, seis anos antes da aprovação do Projeto

Ômega. Ele acredita que uma das razões para a baixa participação de nacionais de seu país nos projetos Math-AmSud e STIC-AmSud é a desvalorização da atividade científica no Paraguai, que desencoraja o comprometimento e a vinculação de novos talentos às carreiras acadêmicas, isso porque o mercado profissional apresenta aos profissionais em formação opções muito mais atrativas que as universidades. Ademais, o pesquisador J afirmou ainda ter sido convidado para integrar a equipe do programa STIC-AmSud pelos pesquisadores franceses, que faziam parte da equipe do pesquisador F. Eles o contataram por meio de um contato em comum, um colega uruguaio do pesquisador J, com o qual o cientista paraguaio já cooperava há algum tempo na organização de uma conferência latino-americana anual em seu campo de estudos.

Segundo as informações colhidas nas entrevistas semiestruturadas, embora todos os coordenadores tenham aprovado e contribuído com sugestões na redação do modelo original de projeto Ômega submetido ao programa STIC-AmSud, o maior responsável por redigir e organizar o documento foi o coordenador internacional francês, o pesquisador F. É interessante observar também que, como levantado pelo pesquisador H, ainda que houvesse um projeto com objetivos científicos bem delimitados e metas propostas para a investigação, o principal objetivo dos participantes não foi realizar uma pesquisa em conjunto, que convergisse para uma mesma temática e gerasse resultados complementares. Na realidade, o que ocorreu na prática foi uma apresentação das temáticas de interesse de cada uma das equipes participantes e um fomento à um primeiro contato e intercâmbio entre elas, a partir da identificação de pontos de convergência entre suas agendas de pesquisa. Por essa razão, como veremos a seguir, os resultados concretos do projeto Ômega (tais quais artigos e publicações em anais de congressos) não foram tão expressivos quanto os dos outros casos aqui analisados.

- *Dinâmica de trabalho durante o curso da cooperação científica*

Tendo em vista que o maior objetivo do projeto era colocar as diferentes equipes em contato, e não realizar uma pesquisa realmente em conjunto, com a participação de todos os membros, o principal contato dos pesquisadores ocorreu em

visitas de trabalho, realizadas em formatos que se assemelhavam, nas palavras do pesquisador I, a um “workshop”, nos quais as pesquisas que vinham sendo realizadas por cada equipe eram analisadas e debatidas. Todos os cientistas sul-americanos disseram estar satisfeitos com essa dinâmica de trabalho em suas entrevistas. Nos dois anos de projeto, foram organizados quatro destes encontros gerais, que contaram com a presença de representantes de quase todas as equipes: uma primeira reunião de lançamento das atividades no Chile, uma segunda reunião no Paraguai, um terceiro encontro geral no Uruguai e, finalmente, um encontro para o encerramento das atividades realizado na França. O Brasil foi a única das nações participantes que não teve uma reunião geral realizada em seu território e, segundo o pesquisador H, essa foi uma decisão consciente, tendo ele evitado a todo custo realizar uma reunião em sua instituição (“eu aprendi que eu faço força para nem ter a reunião no Brasil”) por saber das dificuldades existentes no repasse dos fundos pela CAPES o que poderia prejudicar o bom andamento das atividades do projeto, , a partir de suas experiências anteriores no projeto STIC-AmSud. Além disso, segundo o cientista brasileiro, havia uma limitação orçamentária estipulada no regulamento do STIC-AmSud que permitia a disponibilização de fundos apenas para duas visitas de trabalho a cada ano, o que, inevitavelmente, faria com que um dos países participantes não tivesse a chance de realizar uma reunião do projeto em seu território.

De acordo com os entrevistados, os encontros gerais para o Projeto Ômega duravam alguns dias e, nos casos do Paraguai e do Uruguai, foram coordenados para ocorrerem simultaneamente a alguns eventos ou conferências, para expandir o conhecimento produzido pelos pesquisadores que faziam parte do projeto. Essa proposta de abrir os encontros às comunidades universitárias foi idealizada pela equipe do Paraguai e, embora o pesquisador J tenha afirmado que alguns de seus colegas resistiram à mesma inicialmente, ela foi bem-sucedida, fazendo com que na reunião realizada na instituição paraguaia, por exemplo, mais de trezentos estudantes participassem de uma palestra com os membros do projeto financiado pelo programa STIC-AmSud. A reunião do Paraguai foi lembrada pelo cientista brasileiro como tendo sido “muito boa” e, ainda que não tenha contado com a presença dos pesquisadores F, da França, e I, do Uruguai, teve a participação de representantes de todos os países que fizeram parte do projeto. Por outro lado, o pesquisador I, do Uruguai, participou de todas as outras três reuniões, enquanto representantes da equipe paraguaia só

não esteve presente na reunião que ocorreu na França, devido a alterações no calendário. Ademais, o pesquisador G, do Chile, foi o único coordenador a participar pessoalmente de todas as reuniões, e o pesquisador brasileiro, por limitações da CAPES, só recebeu verbas para participar em duas reuniões, mas acabou estando presente de fato apenas em uma (ocorrida no Paraguai). Como dito anteriormente, as datas inicialmente previstas para o encontro na França tiveram que ser alteradas devido a um ataque terrorista e o pesquisador H só conseguiu viajar ao país uma semana depois de ela ter sido efetivamente realizada, tendo trabalhado lá apenas na forma de cooperação bilateral com os franceses.

Deve-se colocar também que, diferentemente da França, as equipes sul-americanas não contavam apenas com pesquisadores doutores. Além do pesquisador J, a equipe do Paraguai contava com outros dois professores e dois estudantes de graduação (tendo em vista que, segundo o coordenador do país, o ensino de pós-graduação ainda é muito incipiente). No Brasil, fizeram parte do Projeto Ômega dois professores doutores (incluso o pesquisador H) e dois estudantes de doutorado. No Chile, dois estudantes de graduação atuaram como assistentes do pesquisador G e, no Uruguai, a equipe era composta por dois professores e dois estudantes de doutorado. Com exceção de um estudante brasileiro, que participou de uma reunião no Paraguai, não houve relatos de outros estudantes, de qualquer nível de ensino, que participaram de reuniões de trabalho do Projeto Ômega realizadas em outras instituições que não as suas de origem.

Na **Figura 2**, que se encontra a seguir, é possível ver um resumo das relações cooperativas estabelecidas entre as equipes de diferentes nacionalidades, que fizeram parte deste projeto do programa STIC-AmSud, conforme detalhado nos últimos parágrafos. Esta imagem foi organizada de forma um pouco diferente das que ilustram as relações nos projetos Beta (Math-AmSud) e Sigma (STIC-AmSud), tendo em vista que, no caso do Projeto Ômega, a maior evidência do estabelecimento de relações durante o projeto foi a presença ou não de representantes dos países participantes realizadas nas instituições parceiras.

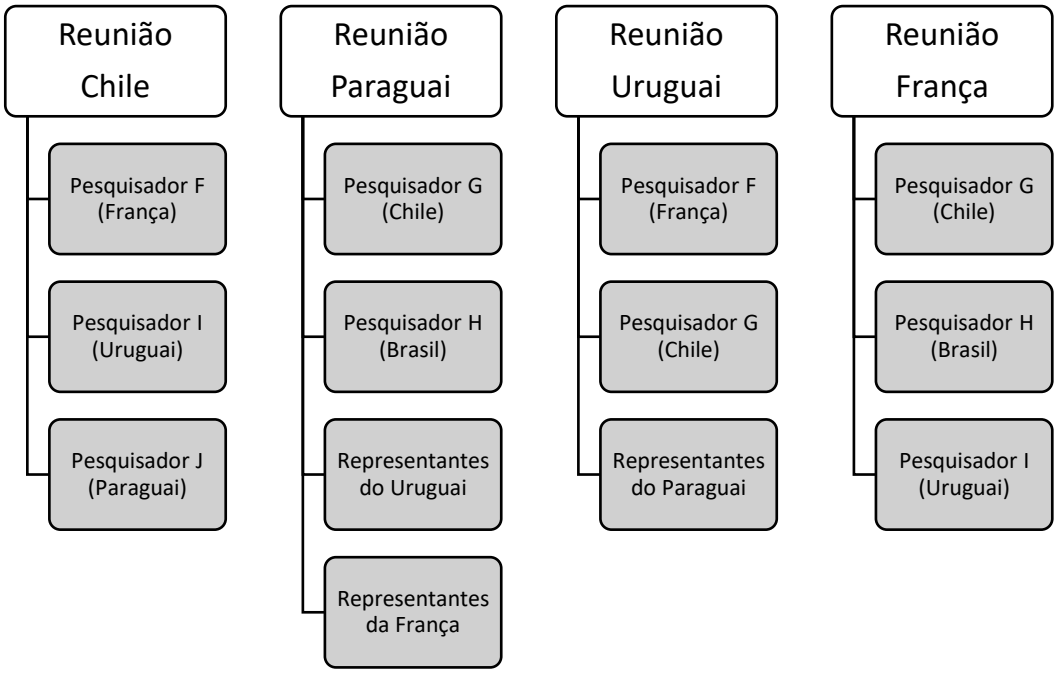


Figura 2. Relações entre equipes durante o projeto Ômega

Fonte: figura elaborada pelo autor.

Durante as entrevistas, os pesquisadores se mostraram satisfeitos com a dinâmica de trabalho estabelecida durante o curso do projeto financiado. No entanto, eles admitiram que a comunicação entre eles variava durante o curso do projeto e, embora tenham apresentado estimativas distintas, pôde-se observar que ela diminuía em períodos em que não, ou seja, como afirmou o pesquisador I, do Uruguai, ela ocorreu "mais próxima dos eventos presenciais"[21] e não se mantinha tão constante. Ainda segundo o pesquisador I, o principal meio de comunicação entre os pesquisadores era o e-mail e "muito de vez em quando uma videoconferência"[22], mas também houve relatos do uso de servidores de armazenamento online para o compartilhamento de arquivos entre as equipes.

Nenhum dos pesquisadores entrevistados afirmou ter tido contato direto com os membros da comissão dirigente do programa STIC-AmSud e que, quando necessário, contatavam diretamente o pesquisador F, que era o coordenador

[21] Tradução nossa. No original, em espanhol: "más al redor de los eventos presenciales".

[22] Tradução nossa. No original, em espanhol: "muy de vez en cuando una videoconferência".

internacional do projeto, ou as agências nacionais de pesquisa de cada um de seus países, para tratar de questões orçamentárias. O pesquisador H afirmou que ele chegou a receber o convite para participar de uma das reuniões gerais do programa STIC-AmSud, assim como os outros coordenadores, mas que ele nunca participou deste tipo de encontro e que não se interessa por essa “parte de política”. Todos os coordenadores das equipes sul-americanas classificaram suas relações com o pesquisador F, da França, que supervisionou o Projeto Ômega, como sendo positiva.

Ao serem indagados sobre a existência de relações possivelmente assimétricas ou hierárquicas entre os cientistas participantes da iniciativa científica multilateral, os pesquisadores G, do Chile, e I, do Uruguai, afirmaram que não observaram nenhum tipo de interação do tipo e classificaram a dinâmica entre os membros do grupo como sendo “horizontal”. O coordenador da equipe paraguaia, por sua vez, afirmou que havia diferenças na formação dos pesquisadores de diferentes países, na proximidade existente entre equipes de outras nacionalidades e os franceses, que eram colaboradores de longa data, e que também observaram, por parte de alguns membros, uma postura mais individualista, no sentido de buscarem realizar parcerias com o objetivo de publicarem e melhorarem seus próprios currículos. Contudo, ao ser questionado se, em algum momento, ele se sentiu marginalizado, o pesquisador J negou veementemente e pontuou que esta era só uma barreira existente na relação dos paraguaios com outros membros que não existia entre eles. Por fim, o pesquisador H, respondeu que todos os parceiros são seus colegas e que não observou nenhum tipo de disparidades nas relações. Entretanto, em outros momentos de sua entrevista, o cientista brasileiro afirmou que havia uma grande diferença no orçamento disponibilizado pelo governo francês à sua equipe, o que favorecia a participação dos pesquisadores europeus em praticamente todas as reuniões e contrastava com a escassez de recursos dos parceiros da América do Sul. Segundo o pesquisador H, a verba francesa era tão mais generoso perante os das outras nacionalidades que, durante os encontros presenciais, “a equipe francesa, quando vinha, eles que pagavam uma, duas ou três refeições [...] para todo mundo porque nós [*os pesquisadores sul-americanos*] não tínhamos dinheiro”.

Aliás, a questão orçamentária foi mencionada por quase todos os entrevistados como um dos maiores obstáculos enfrentados durante o projeto Ômega. O coordenador da equipe uruguaia, por exemplo, lamentou que o programa STIC-

AmSud disponibilize fundos apenas para mobilidade temporária de pesquisadores e não possibilite também a atribuição de bolsas a estudantes, dificultando que a cooperação se sustente por mais tempo. Por sua vez, o coordenador J, do Paraguai, também disse que o maior problema enfrentado foi a falta de recursos, afirmando que a agência governamental de ciência do seu país atrasou em um ano o financiamento do projeto Ômega e não aceitou reembolsar a sua instituição de origem pelos altos gastos tidos no primeiro ano, quando uma reunião de trabalho foi realizada no Paraguai. Além deles, o pesquisador do Brasil também afirmou ter tido dificuldades em manejar o orçamento disponível no projeto Ômega, lembrando que os procedimentos burocráticos definidos pela agência nacional responsável pelo projeto no Brasil eram muito confusos e que havia uma falta de coordenação entre as agências dos vários países participantes, o que causou situações desconfortáveis nas visitas de trabalho, haja vista que o financiamento das viagens e da hospedagem dos pesquisadores visitantes é repartido entre elas. Apenas o coordenador da equipe chilena afirmou que não houve grandes dificuldades durante o curso do projeto e levantou outros tópicos (especificamente, a duração dos projetos no programa STIC-AmSud e a disponibilidade de tempo dos coordenadores de outras nacionalidades) como pequenos empecilhos ao bom andamento do mesmo.

No que diz respeito aos êxitos do projeto Ômega, o coordenador da equipe paraguaia destacou que o maior ganho, em sua opinião, foi a oportunidade de seu grupo de pesquisadores e dos estudantes de sua universidade tiveram de interagir e conhecer o trabalho de outros pesquisadores em seu campo de estudos, que atuam nos países vizinhos da América do Sul e na França. O pesquisador G, do Chile, afirmou que o programa STIC-AmSud possibilitou uma expansão da sua rede de contatos na América Latina por meio de uma rica troca de “experiências de investigação entre os distintos atores”[23]. O pesquisador I, coordenador da equipe uruguaia, afirmou que um aspecto positivo do programa STIC-AmSud é que o processo de submissão de novos projetos é simples e que a devolutiva da comissão científica é relativamente célere. O cientista brasileiro, por sua vez, destacou que o maior êxito do programa STIC-AmSud é a chance de “conhecer pessoas novas”, em especial acadêmicos de outros países do continente, tendo em vista que são escassas as oportunidades de financiamento para a cooperação científica com pesquisadores

[23] Tradução nossa. No original, em espanhol: “experiencias de investigación entre los distintos actores”.

de outras nações sul-americanas. Todos os cientistas entrevistados disseram em suas entrevistas que, apesar de terem enfrentado dificuldades na gestão financeira e nas relações com as burocracias nacionais durante o projeto Ômega (como ressaltado, principalmente, pelo pesquisador H), recomendariam o programa STIC-AmSud aos seus colegas.

- *Produções conjuntas e relações pós-término do projeto de cooperação*

A despeito de não ter gerado uma produção conjunta tão vasta quando comparado aos outros casos analisados nesta dissertação, o projeto Ômega resultou em alguns artigos científicos e trabalhos apresentados em congressos. O cientista que liderou a equipe chilena afirmou ter participado como autor de duas publicações, em colaboração com os franceses, enquanto o pesquisador H, do Brasil, afirmou ter participado como coautor de dois ou três textos científicos no mesmo período. O pesquisador I, do Uruguai, lembrou a interação de estudantes de doutorado de sua universidade com os parceiros da França e também colaborou com um dos membros da equipe paraguaia em um artigo, mas este não havia sido aceito para publicação no momento em que os relatos foram coletados. Este artigo foi o único resultado concreto do projeto Ômega, em forma de publicação, que contou com a participação de cientistas do Paraguai e do Uruguai. Segundo o pesquisador I, não houveram muitas publicações resultantes do trabalho realizado no âmbito do programa STIC-AmSud porque as atividades foram muito fragmentadas entre as equipes, sem um ponto concreto de colaboração, e “para publicar é necessário estar trabalhando exatamente o mesmo e isso se dificulta bastante com isto tão fragmentado assim”[24].

Atualmente, os pesquisadores sul-americanos entrevistados, por uma série de circunstâncias específicas a realidade de cada um deles, não possuem uma colaboração sólida com todos os participantes de outras nacionalidades que fizeram parte do projeto Ômega. Uma síntese das relações cooperativas ainda existentes entre as equipes pode ser encontrada no **Quadro 8**, na próxima página.

[24] Tradução nossa. No original, em espanhol: “para publicar exige estar trabajando exactamente lo mismo y eso se dificulta bastante con esto tan fragmentado así”.

Houve melhora observável nas relações cooperativas de coordenadores regionais com cientistas de quais outras equipes?					
Coordenador Regional	**França**	**Brasil**	**Uruguai**	**Chile**	**Paraguai**
Pesquisador G	Sim	Não	Não	N/A	Parcial
Pesquisador H	Sim	N/A	Não	Não	Não
Pesquisador I	Sim	Não	N/A	Não	Parcial
Pesquisador J	Parcial	Não	Parcial	Parcial	N/A

Quadro 8. Relações entre coordenadores de equipes e instituições e/ou pesquisadores das outras nacionalidades participantes, após o fim do projeto Ômega.

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Como é possível observar na tabela acima, o pesquisador G, do Chile, possui hoje laços mais fortes com a comunidade francesa, tendo até mesmo trocado a sua instituição chilena por uma vaga em uma filial de um instituto francês no seu país, onde atua mais com questões relacionadas ao desenvolvimento que com a pesquisa científica em si. Embora ele tenha afirmado em sua entrevista que sua nova colocação não teve relação com o programa STIC-AmSud ("foram coisas independentes"[25]), outros pesquisadores, como o coordenador da equipe paraguaia, afirmaram que havia um interesse maior dos franceses em cooperar com o Chile durante o Projeto Ômega exatamente pela inauguração dessa sede de um instituto francês, no qual o pesquisador G viria posteriormente a trabalhar. O responsável pela equipe chilena afirmou ainda ter contato com o pesquisador F, da França, e com o pesquisador J, do

[25] Tradução nossa. No original, em espanhol: "fueran cosas independientes".

Paraguai, mas que, por não atuar mais como investigador acadêmico, hoje o contato que mantém com eles é mais informal.

O cientista brasileiro, por sua vez, disse manter fortes laços cooperativos apenas com os franceses, não possuindo atualmente projetos com os outros participantes da América do Sul. Segundo ele, a razão para tanto não é a ausência de temáticas de interesse em comum, nem problemas nas relações interpessoais com outros pesquisadores, mas sim a escassez de projetos de fomento à pesquisa científica entre os países do continente. É interessante notar que, em um momento de sua entrevista, o pesquisador H afirmou que “os franceses, eu acho, que são os grandes integradores aqui da América do Sul” porque, segundo ele, são eles os responsáveis por apresentar os pesquisadores do continente uns aos outros, sendo “a cola” que os mantém unidos. Ainda segundo o pesquisador H, isso se deve ao fato de que grande parte dos pesquisadores atuantes na América do Sul fizeram parte de sua formação na Europa, o que faz com que os acadêmicos da França tenham mais contatos no continente que os próprios sul-americanos. Na opinião do pesquisador H, caso os franceses não fossem parte da iniciativa, isto é, “sem esse STIC-AmSud, que vem via França, talvez a gente não conhecesse o pessoal da América do Sul [...] talvez a gente não tenha conhecimento de pessoas para pôr no projeto”.

Por sua vez, o pesquisador I, do Uruguai, segue hoje em colaboração com a equipe francesa, fazendo parte, inclusive, de um novo projeto dentro do marco do programa STIC-AmSud, que conta também com a participação de pesquisadores do Brasil, do Chile e, obviamente, da França. No momento da coleta do relato do pesquisador I, ele nos informou que o financiamento do projeto havia sido aprovado, mas que, por questões burocráticas e administrativas, as atividades ainda não tinham tido início. O pesquisador I afirmou ter também outros parceiros internacionais, em países como Bélgica, Argentina e Espanha, mas que seu projeto mais concreto na atualidade continua sendo dentro do programa STIC-AmSud. O coordenador da equipe uruguaia afirmou ainda não ter se aproximado tanto do pesquisador H, do Brasil, durante o projeto, e ter se afastado do pesquisador G após a sua mudança de instituição, mas afirmou ter uma relação com o pesquisador J, do Paraguai, visto que eles participam de uma mesma conferência latino-americana anualmente.

Por fim, o pesquisador J, do Paraguai, respondeu que ainda continua em contato com membros de outras equipes participantes no projeto, mas ao detalhar

suas relações com estes na atualidade, percebe-se que elas não são tão concretas quanto as relações dos outros coordenadores, até porque se apresentavam mais como metas e planos para o futuro do que como colaborações que de fato ocorreram após o Projeto Ômega. Com o pesquisador I, do Uruguai, ele lembrou que estavam em contato porque tentavam publicar um artigo, escrito em parceria com um dos membros de sua equipe, mas que ainda não havia sido aprovado por nenhum periódico acadêmico. O pesquisador J admitiu também não ter se aproximado tanto do pesquisador H, do Brasil, mas havia convidado o pesquisador G, do Chile, para oferecer algumas conferências em sua universidade e esperava usar essa oportunidade para pensar em novas maneiras de continuar a colaboração com ele. No entanto, o pesquisador G não mencionou em sua entrevista esse convite, não sendo possível confirmar se essa viagem do acadêmico chileno ao Paraguai de fato ocorreu ou não. Com os franceses, o pesquisador paraguaio afirmou ter algum contato porque dois de seus estudantes, que fizeram parte do programa STIC-AmSud, tinham planos de ir à França para seguirem os estudos na pós-graduação. Finalmente, o pesquisador J também mencionou que sua equipe havia obtido financiamento para a realização de um projeto local no Paraguai e que esperava contar com a ajuda dos pesquisadores I, do Uruguai, e F, da França, não como colaboradores diretos, mas como consultores e avaliadores do trabalho de investigação que iriam realizar.

- *Correlação dos casos observados com as hipóteses de trabalho*

Levando em consideração o que foi exposto nos últimos parágrafos, é possível perceber que os casos dos pesquisadores que coordenaram as equipes do Brasil, do Uruguai e do Chile no Projeto Ômega adequam-se melhor à primeira hipótese levantada nessa dissertação, visto que eles estão hoje muito mais próximos da contraparte francesa de seus projetos que dos parceiros da América do Sul. O caso paraguaio é um pouco mais complexo, porque, embora o pesquisador J tenha explicitado em sua pesquisa que existem planos, por parte dos membros de sua equipe, de dar continuidade a colaboração não só com os franceses, mas também com os acadêmicos sul-americanos, nenhum desses projetos se materializou ou foi formalizado de forma realmente concreta. Sendo assim, por não possuir, no momento

da coleta do relato, nenhuma iniciativa de colaboração bem estabelecida com as outras nacionalidades participantes do Projeto Ômega, a situação da equipe paraguaia caracteriza-se por um isolamento muito maior que aquele observado em seus pares, aproximando-se assim da terceira hipótese trabalhada nessa dissertação.

No **Quadro 9**, há um resumo da correlação entre os cientistas sul-americanos entrevistados, que participaram como coordenadores regionais do Projeto Ômega, e as hipóteses de trabalho mais adequadas para interpretar as suas experiências, conforme exposto no último parágrafo:

Cientista sul-americano	**Hipótese mais adequada**
Pesquisador G	Hipótese 1
Pesquisador H	Hipótese 1
Pesquisador I	Hipótese 1
Pesquisador J	Hipótese 3

Quadro 9. Correlação entre os casos observados e as hipóteses

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

4.3. Projeto Sigma (STIC-AmSud)

O projeto Sigma foi uma iniciativa de cooperação científica internacional financiada pelo programa STIC-AmSud que teve como coordenador internacional o Pesquisador L (representante do Brasil) e como coordenadores locais os pesquisadores M (de uma instituição do Chile), N (também do Chile), O (representante da Argentina), P (membro de uma instituição francesa) e Q (proveniente de outra universidade da França). Seguindo a metodologia adotada para o trabalho, todos os coordenadores regionais sul-americanos foram contatados para oferecerem

entrevistas sobre suas experiências no projeto. Os relatos dos pesquisadores L, M e O foram coletados e servem de base para esta seção[26]. Apenas o pesquisador N, do Chile, declinou a possibilidade de oferecer uma entrevista ao presente projeto de pesquisa, alegando que o coordenador das atividades do projeto Sigma em seu país era, na verdade, o pesquisador M. A informação foi, posteriormente, confirmada por este último em entrevista realizada presencialmente no Chile, na qual ele afirmou que "o coordenador era eu mesmo" e que o pesquisador N se encontrava listado entre os líderes do projeto não tanto por desempenhar uma função de coordenação, mas sim por ser um dos pesquisadores sêniores que trabalharam nesta atividade.

- *Relações antecedentes ao caso analisado e elaboração do projeto*

A ideia de tentar o edital do programa STIC-AmSud partiu dos pesquisadores L, do Brasil, e P, da França, que eram colaboradores de longa data e buscavam formas de financiamento para a realização de uma pesquisa conjunta. Ambos conheciam o pesquisador M, do Chile, desde os anos 1980, tendo inclusive participado de outro projeto científico multilateral coordenado pelo chileno nos anos 2000, dentro do marco de um programa financiado pela União Europeia. Nenhum dos cientistas sul-americanos afirmou conhecer o pesquisador Q a fundo antes do projeto STIC-AmSud, ele foi convidado pelo pesquisador P, com o qual tinha contato na França. O pesquisador argentino O, por sua vez, foi convidado para integrar a equipe pelo pesquisador L, que o conhecia de congressos acadêmicos internacionais e sabia das afinidades existentes entre os seus interesses de pesquisa, mas que, até então, também não havia trabalhado diretamente com ele.

De acordo com os relatos coletados nas entrevistas semiestruturais, todos os coordenadores acompanharam e sugeriram melhorias à proposta que foi apresentada ao comitê do programa STIC-AmSud, ainda que os pesquisadores L e P tenham participado mais ativamente da elaboração e redação do documento por estarem mais familiarizados com a temática e com as exigências do edital. Sobre a escolha do coordenador internacional, o pesquisador L afirmou que ela ocorreu de forma natural

[26] Transcrições completas dos relatos dos pesquisadores L, M e O se encontram, respectivamente, nos apêndices IX, X e XI.

e que, por terem lançado a proposta, estava também mais inclinada para ele ou para o pesquisador P. Como este último ocupava, na época, um cargo administrativo em sua universidade de origem, dificultando que se dedicasse total as questões burocráticas do projeto Sigma, o pesquisador L foi indicado para a função de coordenação, decisão que foi acatada por todos os seus colegas.

É importante abrir pequenos parênteses e mencionar que essa função de coordenador internacional, desempenhada no Projeto Sigma por um cientista brasileiro, nem sempre é dividida igualitariamente nos projetos dos programas financiados pela delegação France-AmSud. Como apontam os dados dos próprios gestores dos programas, entre 2006 e 2012, a cada três projetos financiados pelo STIC-AmSud, dois possuíam acadêmicos franceses como coordenadores internacionais. No período analisado nesta dissertação, entre 2012 e 2015, a disparidade diminuiu, mas não deixou de existir: pouco mais de 46% dos coordenadores internacionais eram provenientes dos países sul-americanos que cooperam com a França nessa iniciativa. Levando em consideração este cenário, não surpreende perceber que, dentre os três estudos de caso analisados neste capítulo, este seja o único em que o coordenador internacional tenha sido um pesquisador de uma instituição sul-americana e não francesa.

- *Dinâmica de trabalho durante o curso da cooperação científica*

Após a aprovação da proposta pelo comitê científico do programa STIC-AmSud, iniciou-se a organização de uma reunião no Brasil para darem início aos trabalhos que seriam realizados nos dois anos subsequentes. Este “mini-workshop”, como caracterizado pelo pesquisador L, durou pouco mais de uma semana e foi o único momento em que cientistas e representantes das equipes de todas as nacionalidades se encontraram presencialmente, de forma simultânea. Após se apresentarem e explicitarem seus interesses de pesquisas, os cientistas se dividiram em três grupos de trabalho, cada um com um pesquisador responsável, que atuariam em frentes diferentes, mas complementares, para o alcance dos objetivos do projeto. A divisão em grupos de trabalho foi uma alternativa encontrada pelos coordenadores para facilitar a administração das atividades do projeto, tendo em vista que o número

de pessoas envolvidas era grande: embora algumas equipes contassem apenas com a presença de doutores (como no caso da França e do Chile), outras possuíam também alunos de pós-graduação, em sua maioria doutorandos, envolvidos nas atividades dos projetos (especialmente nas equipes argentina e brasileira).

Após a realização deste grande encontro de partida dos trabalhos, a dinâmica das visitas dentro do marco do Projeto Sigma funcionou em um mecanismo mais bilateral que multilateral, ou seja, os encontros presenciais continuaram acontecendo, mas passaram a ocorrerem na forma de reuniões entre equipes de apenas duas nacionalidades participantes do projeto por vez. Essa lógica de trabalho foi caracterizada como sendo muito benéfica pelos pesquisadores consultados: o pesquisador O, da Argentina, classificou-a como "genial, é muito, muito boa"[27], considerando-se que ela exige, ao menos por alguns dias, a dedicação total dos pesquisadores visitantes e de seus anfitriões ás atividades do projeto; o pesquisador L, por sua vez, afirmou que essa "foi a parte que fez de fato o projeto acontecer", também ressaltando os avanços realizados neste contato intensivo entre as equipes como muito positivos.

O contato virtual no período entre as reuniões era muito mais espaçado, o que, segundo o pesquisador O, chegava até a prejudicar o andamento do ritmo dos trabalhos, porque sem o elemento presencial as atividades levavam muito mais tempo para serem concluídas. Segundo o pesquisador M, o contato por e-mail ocorria, em média, uma vez ao mês, a não ser que houvesse a necessidade de entrega de algum relatório ou documentação para a comissão gestora do programa STIC-AmSud, períodos nos quais as trocas de e-mail se intensificavam. Ademais, parte das equipes também se encontraram algumas vezes pessoalmente, como apontado pelo pesquisador M e pelo pesquisador L, em congressos acadêmicos internacionais de seu campo de estudos. Embora não estivessem ali para tratar especificamente de questões relacionadas ao projeto Sigma, eles aproveitaram essas oportunidades também para trocarem informações e se manterem atualizados sobre as atividades que vinham sendo desempenhadas por cada uma das equipes.

[27] Tradução nossa. No original, em espanhol: "genial, es muy, muy buena"

No marco do Projeto Sigma, os pesquisadores brasileiros conseguiram realizar visitas bilaterais aos três outros países participantes, no entanto, como admitiu o pesquisador L em sua entrevista, eles tiveram mais contato e trabalharam de forma mais ativa com a França e com a Argentina do que com o Chile. Isso porque, segundo ele, por dificuldades externas ao projeto, como mudanças no calendário de aulas de sua instituição de origem, só foi possível realizar uma visita brasileira ao Chile no final do projeto, impossibilitando que o trabalho realizado ali evoluísse da mesma forma que ocorreu com as outras duas equipes.

O Pesquisador M, por sua vez, também afirmou em sua entrevista que os pesquisadores chilenos realizaram visitas de trabalho dentro do marco do Projeto Sigma aos três outros países participantes. No entanto, por limitações tanto orçamentárias quanto acadêmicas, apenas alguns membros da equipe do Chile estiveram presentes em cada uma das visitas. No que diz respeito ao caso argentino, o pesquisador O informou em sua entrevista que seu grupo de pesquisadores recebeu e visitou os colegas de projeto de instituições do Brasil e do Chile. Havia a previsão de visitas bilaterais entre Argentina e França, mas, novamente, por cortes no orçamento inicialmente previsto tanto no lado argentino quanto no francês, essas visitas de trabalho não foram realizadas. Na **Figura 3**, que se encontra a seguir, é possível encontrar um resumo das relações estabelecidas entre as equipes durante o projeto Sigma, conforme detalhado nos últimos parágrafos:

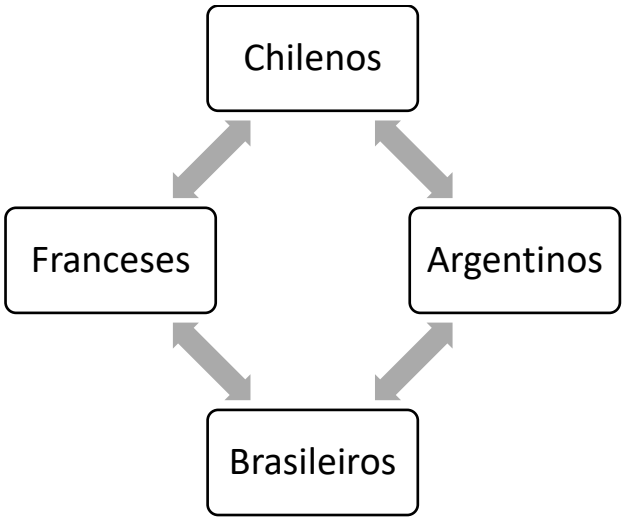


Figura 3. Relações entre equipes durante o projeto Sigma

Fonte: figura elaborada pelo autor.

Ao serem questionados se observaram relações possivelmente assimétricas ou hierárquicas entre coordenadores regionais ou membros de diferentes equipes, os pesquisadores entrevistados não apontaram episódios significativamente conflitivos, classificando a dinâmica de trabalho como horizontal. O pesquisador L alegou que, se houve alguma assimetria, ela ocorreu no âmbito acadêmico, mencionando a pouca familiaridade da equipe chilena com a metodologia de trabalho utilizada no Projeto Sigma. O coordenador da equipe argentina, por outro lado, defendeu que "na computação e na matemática esse tipo de coisas não acontece"[28], por acreditar que os cientistas desse campo de estudos não possuem muitas relações pré-estabelecidas entre si. O pesquisador O disse ainda que o trabalho nas temáticas dessas disciplinas se dá de forma mais tranquila que em outras porque nelas "não há problemas como diferenças de opinião ou escolas de pensamento distintas"[29]. No que diz respeito a relação com o coordenador internacional, o pesquisador L, tanto o entrevistado chileno quanto o argentino elogiaram a atuação do brasileiro e declararam que não existiu qualquer atrito entre eles.

Os coordenadores regionais também foram indagados durante as entrevistas sobre as possíveis relações existentes entre eles e a comissão dirigente do programa STIC-AmSud. Assim como no caso analisado do programa Math-AmSud, ficou comprovado aqui que os representantes franceses na região têm pouco ou nenhum contato direto com os cientistas sul-americanos. Os pesquisadores M e O apenas tiveram contato com os órgãos nacionais de fomento científico de seus respectivos países, tendo em vista que são essas entidades as responsáveis por arcar com o custo da viagem dos cientistas de suas instituições ao exterior, bem como com as diárias dos pesquisadores que visitam seu território. O pesquisador L, que exerceu a função de coordenador internacional do Projeto Sigma, foi o único dos entrevistados que efetivamente teve contato com a comissão dirigente do programa, mas ele afirmou que "a comunicação fluiu muito bem", ocorrendo de forma pontual, no início do projeto e na entrega dos relatórios parcial e final.

---

[28] Tradução nossa. No original, em espanhol: "en computación y en matemática no suele pasar ese tipo de cosas".

[29] Tradução nossa. No original, em espanhol: "no hay problemas como diferencias de opinión o escuelas de pensamiento distintas".

Dentre os maiores obstáculos enfrentados durante o curso do projeto Sigma, a questão financeira foi a mais mencionada pelos entrevistados. O Pesquisador L destacou a incerteza sobre o orçamento real disponível para o projeto ("você demanda um certo montante, você não sabe exatamente o que vai vir") como um fator que prejudicou o planejamento da mobilidade dos participantes entre os países e o Pesquisador O lembrou um episódio problemático, quando dois professores brasileiros que visitavam a Argentina tiveram que dividir o mesmo quarto em "um [hotel] bem barato"[30] porque o dinheiro oferecido pelo governo era insuficiente para cobrir os gastos. O Pesquisador L também relatou discrepâncias entre o valor previsto pela CAPES para a estadia dos cientistas visitantes e a realidade encontrada na reserva de quartos para alocar os convidados. O pesquisador M, por outro lado, disse acreditar que a maior dificuldade apresentada foi conciliar as agendas dos pesquisadores para que as visitas de trabalho fossem realizadas, conforme previstas no cronograma inicial. Outros problemas destacados pelo pesquisador O foram a distância geográfica e a dificuldade de manter a comunicação fluindo entre as equipes após a realização das visitas de trabalho.

Em contrapartida, ao falar sobre os êxitos do projeto, os cientistas sul-americanos ressaltaram a internacionalização de seus trabalhos, a possibilidade de interação com pares de outras nacionalidades, como um dos maiores ganhos obtidos. O coordenador regional da equipe argentina, o pesquisador O, afirmou que a posição geográfica de seu país por si só dificulta a interação com acadêmicos de outras nações e que o projeto fez com "que o mundo venha um pouco para cá"[31], auxiliando muito no crescimento do grupo de pesquisadores do qual ele faz parte. O pesquisador O destacou especialmente o contato com os pesquisadores brasileiros, que, segundo ele, é um grupo muito importante nesse campo de estudos. O pesquisador L, do Brasil, também destacou o contato com outros grupos foi muito importante e que o projeto cumpriu o seu objetivo, que era "consolidar parcerias que já existiam, fortalecer essas parcerias, renovar algumas delas que estavam... adormecidas, digamos, e criar esses novos laços". Ainda segundo o pesquisador L, "todos aqueles que participaram efetivamente do projeto foram unânimes em dizer que foi muito bom". Finalmente, o pesquisador do Chile elencou os três maiores benefícios do projeto para o seu grupo:

---

[30] Tradução nossa. No original, em espanhol: "un bastante barato"

[31] Tradução nossa. No original, em espanhol: "que el mundo venga un poco para acá"

conhecer os outros coordenadores e suas atividades, como o pesquisador O, da Argentina, e o pesquisador Q, da França; ter a oportunidade de fazer publicações conjuntas com os colegas de outras nacionalidades; e trabalhar em problemas novos, com os quais não estava tão familiarizado.

- *Produções conjuntas e relações pós-término do projeto de cooperação*

De fato, houve uma produção expressiva durante o Projeto Sigma, que se materializou principalmente na forma de artigos publicados em periódicos e anais de eventos acadêmicos. Segundo o pesquisador O, o artigo é a principal forma de avaliação para os pesquisadores e é utilizado pelas instituições como uma unidade de medida para avaliar a produtividade dos cientistas que compõem seus quadros. Membros da equipe argentina, de acordo com o relato dele, participaram como coautores de ao menos cinco artigos e dois resumos expandidos em eventos acadêmicos, além de apresentarem trabalhos resultantes do projeto em sessões orais. O pesquisador M, por sua vez, estimou que os chilenos produziram ao menos seis artigos durante os dois anos do programa STIC-AmSud. Por fim, o pesquisador L destacou que, além dos artigos, também surgiram outros tipos de atividades resultantes do projeto Sigma: conferências, sessões especiais em congressos, orientações de doutorado em cotutela, etc. Ele lembrou ainda que até mesmo um dos seus colegas, que não participou diretamente do projeto Sigma, foi encorajado a realizar um pós-doutorado na Argentina após ter conhecimento do tipo de trabalho que foi desenvolvido durante os dois anos de financiamento do projeto. Todos os entrevistados avaliaram suas experiências pessoais no programa STIC-AmSud como enriquecedora e afirmaram que o recomendariam aos seus colegas.

O projeto Sigma finalizou-se há algum tempo, mas, como afirmou em sua entrevista o pesquisador L, foi uma iniciativa que “continua dando frutos”. Em outras palavras, ainda hoje existem elos e parcerias estabelecidas entre os pesquisadores que são resultados, diretos ou indiretos, do programa STIC-AmSud. No **Quadro 10**, que se encontra na próxima página, é possível observar em detalhes as relações em que houve uma manutenção da cooperação entre os coordenadores regionais e nacionalidades que participaram do projeto.

Houve melhora observável nas relações cooperativas de coordenadores regionais com cientistas de quais outras equipes?				
Coordenador Regional	**França**	**Brasil**	**Argentina**	**Chile**
Pesquisador L	Sim	N/A	Sim	Não
Pesquisador M	Sim	Não	N/A	Sim
Pesquisador O	Não	Sim	Sim	N/A

Quadro 10. Relações entre coordenadores de equipes e instituições e/ou pesquisadores das outras nacionalidades participantes, após o fim do projeto Sigma

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Como pode ser observado na tabela acima, as relações estabelecidas durante o projeto Sigma entre as equipes de diferentes nacionalidades influenciaram muito na permanência ou não de elos cooperativos entre elas. O pesquisador L, que admitiu em sua entrevista que o grupo brasileiro trabalhou pouco com os chilenos, hoje mantém relações mais fortes apenas com as outras nacionalidades. Ele chegou a solicitar financiamento em outro projeto de cooperação científica na CAPES, em conjunto com o pesquisador P, mas este não foi aprovado. De qualquer forma, o cientista brasileiro afirmou que continuará tentando e que, caso surja um “um projeto de cooperação sul-americano, certamente a gente vai tentar concorrer, não tenho dúvidas”, falando também sobre a parceria com a equipe da Argentina.

O pesquisador M, do Chile, afirmou que continua próximo de todos os antigos coordenadores. No entanto, sua menção ao contato com os pesquisadores L (Brasil) e P (França) diz respeito apenas a encontros em conferências internacionais, uma relação que existia antes do programa STIC-AmSud. Apenas no caso do grupo

argentino há uma melhora considerável que evidencia um incremento na cooperação entre as duas partes, tendo em vista que o Pesquisador M apontou que membros de sua equipe participam do “comitê de programa” de uma conferência que é organizada pelo Pesquisador O. Mesmo não demonstrando proximidade especificamente dos pesquisadores franceses P e Q, que participaram do Projeto Sigma, consideramos que o Pesquisador M continua próximo da comunidade científica francesa em seu campo de estudos. Isso se dá ao fato de que, logo após o término do projeto multilateral no programa STIC-AmSud, o seu grupo de pesquisadores ingressou em outro projeto de cooperação científica bilateral, entre o Chile e a França, trabalhando com pesquisadores franceses de outras instituições nos anos subsequentes.

Por outro lado, o pesquisador O, da Argentina, que não teve contato com os franceses por limitações orçamentárias, admitiu na entrevista não estar tão próximo dos pesquisadores P e Q. Ele afirmou que um de seus colegas ainda mantém certo contato com os cientistas franceses que participaram do Projeto Sigma, mas não soube determinar a real extensão dessa relação. Por outro lado, ele afirmou que continua próximo da equipe chilena, mantendo um diálogo assíduo com o Pesquisador M e seus colegas. Ele também demonstrou manter laços com os cientistas do Brasil, recebendo-os para visitas acadêmicas e convidando-os para que ofereçam cursos sobre temáticas com as quais os argentinos não estavam tão familiarizados.

- *Correlação dos casos observados com as hipóteses de trabalho*

Levando isso em consideração, entendemos que os casos do pesquisador L e do pesquisador M estão mais próximos da segunda hipótese de trabalho, que previa que o programa STIC-AmSud cumpria de fato os seus objetivos oficiais, colaborando tanto para a integração das comunidades acadêmicas francesas com as sul-americanas, quanto dos cientistas sul-americanos entre si. Ambos saíram do projeto com laços cooperativos mais fortes com os acadêmicos argentinos e franceses e seguiram trabalhando, ou tentando financiamento para novos projetos, que envolviam cientistas de uma dessas nacionalidades. O pesquisador O, por sua vez, foi o único caso do projeto Sigma que não se enquadrou em nenhuma das três hipóteses com as quais trabalhou-se inicialmente nesta pesquisa de mestrado, em uma situação semelhante àquela observada com o pesquisador D, do Chile, no projeto Beta do

programa Math-AmSud. Tanto ele quanto a maior parte da equipe argentina saíram do programa STIC-AmSud com uma proximidade maior do trabalho de seus colegas pesquisadores nos países sul-americanos, mas mantiveram pouco ou nenhum contato com os acadêmicos franceses de sua disciplina. O **Quadro 11** apresenta um sumário dessa correlação entre o cientista entrevistado e a hipótese mais adequada para descrever a sua experiência no programa STIC-AmSud:

Cientista sul-americano	**Hipótese mais adequada**
Pesquisador L	Hipótese 2
Pesquisador M	Hipótese 2
Pesquisador O	Nenhuma

Quadro 11. Correlação entre os casos observados e as hipóteses

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

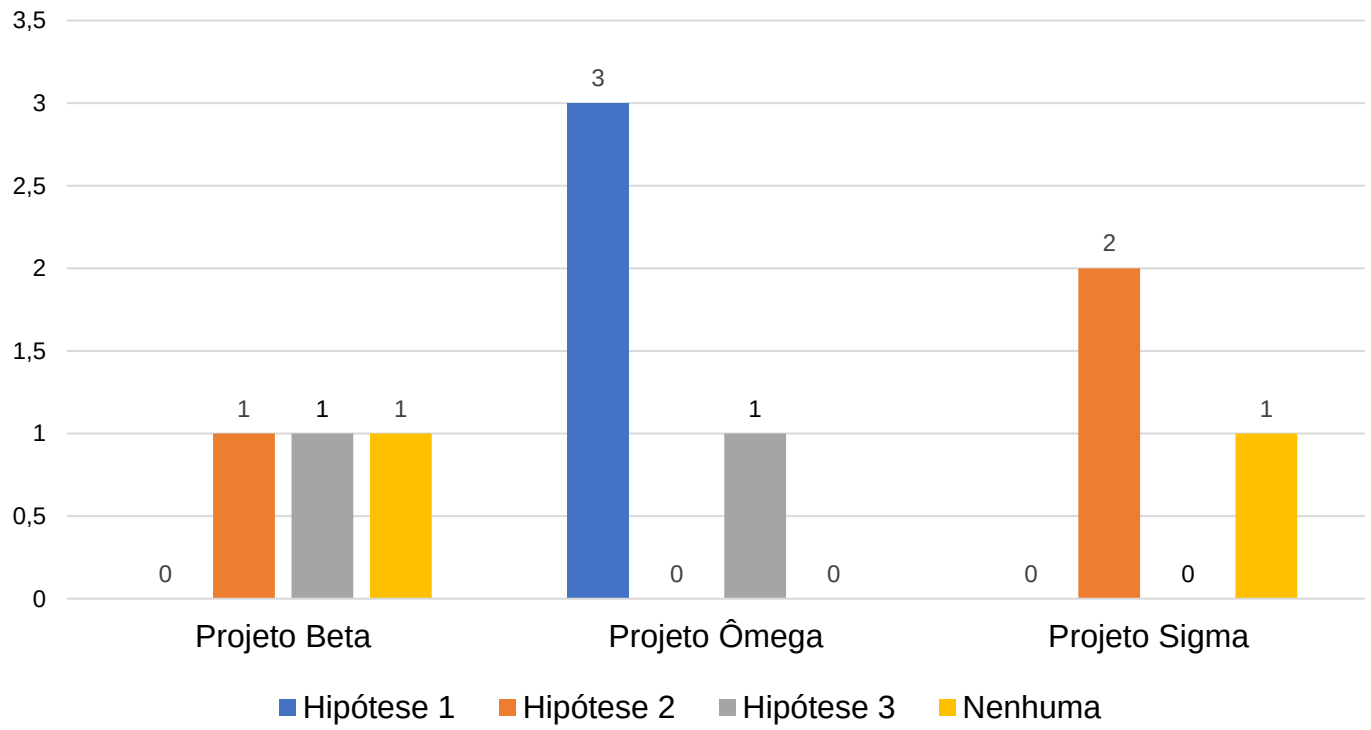
Nesta seção, concluiremos o trabalho de pesquisa realizado expondo nossas reflexões finais, oriundas da análise realizada a partir dos três estudos de caso dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud. O caminho percorrido para chegar até aqui foi detalhado nas seções anteriores da presente dissertação: no primeiro capítulo, introduzimos a questão da presença científica francesa nas Américas com um breve histórico e apresentamos a delegação France-AmSud, bem como suas duas iniciativas no âmbito da cooperação acadêmica; na segunda parte, dialogamos com as teorias de Relações Internacionais e de outros campos das Ciências Sociais, incorporando diferentes visões sobre o uso da atividade científica como uma ferramenta de poder, algumas complementares, outras concorrentes e opostas entre si, mas todas presentes no debate contemporâneo sobre essas temáticas; no terceiro capítulo, descrevemos a metodologia utilizada neste trabalho e explicamos em detalhe o método aplicado na seleção dos projetos analisados; finalmente, na última seção, expomos os resultados obtidos a partir dos relatos dos cientistas sul-americanos que participaram das iniciativas de cooperação multilateral, detalhando as relações estabelecidas entre eles antes, durante e depois dos programas administrados pela delegação France-AmSud.

Não é necessária uma análise muito aprofundada dos dados para perceber que os resultados que foram observados a partir das entrevistas semiestruturadas não apontaram de forma clara e inequívoca para uma das três hipóteses levantadas. Nem sequer dentro dos mesmos projetos foi possível enquadrar a experiência de todos os pesquisadores sul-americanos participantes em um único prognóstico. Contudo, o fato de não ter sido possível obter uma conclusão específica e exclusiva para este trabalho (algo que, provavelmente, só seria viável com a realização de um estudo sobre os programas Math-AmSud e STIC-AmSud em maior escala) não impede que sejam coletadas informações relevantes e esboçar novos argumentos tendo como ponto de partida o conhecimento aqui produzido.

- *Compreendendo os resultados inconclusivos*

Como dito anteriormente, os resultados que foram obtidos a partir da coleta dos relatos de cientistas sul-americanos por meio de entrevistas semiestruturadas não apontou para uma das hipóteses de trabalho de forma inequívoca. Nenhum dos casos analisados teve a ocorrência de uma única hipótese entre todos os membros do mesmo projeto, ainda que os dois projetos financiados pelo programa STIC-AmSud tenham sim demonstrado a preponderância de uma delas. A primeira hipótese, mais vinculada a teorias críticas ao modo de produção de conhecimento vigente e receosa das relações Norte-Sul, foi a mais próxima dos relatos de três cientistas, todos do projeto Ômega. A segunda hipótese, que estava relacionada aos objetivos oficiais do programa e a óticas positivas sobre a cooperação científica, também descreveu a experiência de três pesquisadores: um no projeto Beta e dois no Projeto Sigma. A terceira possibilidade, que previa que os programas teriam pouco ou nenhum impacto sobre os pesquisadores, foi utilizada como a mais propícia para dois pesquisadores, um do programa Math-AmSud e outro do programa STIC-AmSud. Ademais, o relato de dois dos entrevistados não foi passível de enquadramento em nenhuma das hipóteses com as quais se trabalhou nesta pesquisa. O **Gráfico 1** ilustra um resumo dos resultados obtidos após a compilação e análise de todas as informações fornecidas:

Gráfico 1. Hipóteses observadas nos casos analisados



Fonte: gráfico elaborado pelo autor.

Levando isso em consideração, é possível levantar três principais considerações a partir dos resultados obtidos. A primeira delas é que, embora a terceira hipótese (segundo a qual “os programas não têm nenhum impacto na integração dos cientistas que deles fazem parte, seja com franceses ou com outros pesquisadores regionais”) tenha sido registrada como a mais próxima de dois casos, pode-se afirmar que, em geral, os programas Math-AmSud e STIC-AmSud tem um impacto positivo na carreira profissional e nas relações dos coordenadores que deles fazem parte, em menor ou maior grau. Ainda que o pesquisador J, por exemplo, que coordenava a equipe paraguaia no Projeto Ômega, não tenha apresentado o mesmo nível de aproximação com seus colegas após o término das atividades, ele deu sinais em sua entrevista de que gostaria de continuar a colaborar (e demonstrou a existência de vínculos parciais) com estes. Tendo em vista que este foi o primeiro projeto do qual o Paraguai foi membro e as dificuldades existentes para o fomento da atividade científica no país, o projeto Ômega proporcionou avanços, ainda que menores quando comparado às demais equipes, para o referido cientista e sua instituição[32]. Por sua vez, o pesquisador C, representante brasileiro no projeto Beta, embora não tenha tido um grande aproveitamento nesta última iniciativa, havia participado de outros projetos no marco do programa Math-AmSud anteriormente. É possível, portanto, inferir que, como ele estava fazendo parte da iniciativa como coordenador novamente, ele obteve resultados positivos em sua primeira experiência e que os problemas que o levou a não colaborar tanto com os outros membros do projeto Beta se deve mais a circunstâncias específicas da realização deste último do que a uma questão mais estrutural, de descontentamento com o programa em si. Outra evidência de que os programas científicos da delegação France-AmSud beneficiaram seus participantes é o fato de que todos os pesquisadores entrevistados classificaram suas experiências nos projetos como positivas. Os noves cientistas sul-americanos afirmaram também que recomendariam os programas Math-AmSud e STIC-AmSud para seus colegas.

O segundo ponto que pode ser colocado em pauta é que a primeira hipótese de trabalho, que fazia uso de uma dicotomia entre antigo colonizador e antiga colônia

[32] Deve-se levar em consideração também que a literatura sobre cooperação internacional aponta que parcerias mais antigas, cujos vínculos se perpetuaram pelo tempo, tem maiores chances de proporcionar resultados positivos às partes envolvidas. Trata-se de uma possível explicação para que os benefícios obtidos pelos paraguaios no programa STIC-AmSud tenham sido menores, quando comparados aos cientistas de outros países sul-americanos que participaram do mesmo projeto.

para olhar com desconfiança às relações cooperativas entre Norte Global e Sul Global, se mostrou, em alguns momentos, frágil e datada para explicar a realidade vivenciada pelos cientistas sul-americanos que foram entrevistados para esta pesquisa. Em primeiro lugar, apesar de os programas serem de fato uma iniciativa da França (que possui uma agenda específica de política externa e planeja maximizar seus ganhos como qualquer outro Estado na arena internacional), os países sul-americanos que fazem parte dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud aceitaram participar e alocar recursos para essas iniciativas de forma voluntário. Se os governos da América do Sul utilizam parte do seu orçamento para financiar iniciativas como essas, eles também entendem que elas podem ser proveitosas para os seus pesquisadores e, mais ainda, que elas corroboram seus objetivos de política externa. Se os Estados sul-americanos interpretassem que uma iniciativa francesa ameaça deliberadamente os seus interesses de política internacional e/ou regional, como o de desenvolver uma comunidade acadêmica especializada e autônoma dos grandes centros europeus, muito provavelmente seus governantes não permitiriam, e muito menos incentivariam, a participação de seus cientistas nela.

Além disso, a oposição entre as categorias de colonizador e colonizado não é capaz de se manter tão firme perante as complexidades inerentes à sociedade internacional contemporânea. Como pôde ser visto no projeto Beta, o mundo em que se vive hoje é um mundo globalizado, onde pesquisadores nem sempre atuam em seus países de origem e o conhecimento circula de forma mais rápida e espontânea. Sendo assim, seria um equívoco caracterizar relações entre cientistas como sendo uma possível “recolonização do pensamento”, quando, por exemplo, um cientista europeu atua em uma universidade sul-americana e um pesquisador latino-americano é contratado por uma instituição no continente europeu.

Ademais, os dois casos que não se enquadraram em nenhuma hipótese comprovam que, mesmo que a França tenha idealizado os programas Math-AmSud e STIC-AmSud, os pesquisadores franceses nem sempre são os mais favorecidos. Tanto no caso do pesquisador chileno do Projeto Beta, quanto do pesquisador argentino do Projeto Sigma, observou-se manutenção das relações de cooperação somente entre com os parceiros sul-americanos, excluindo as contrapartes francesas. Sob a ótica dos teóricos críticos que serviram de base para a primeira hipótese, seria inconcebível que uma iniciativa do governo francês pudesse resultar em uma

integração entre países sul-americanos sem a participação da França, como foi observado com dois dos entrevistados.

Por fim, o terceiro e último ponto necessário destacar a partir dos resultados é que, ainda que a primeira hipótese tenha se mostrado fragilizada perante alguns dos relatos que foram coletados para esta dissertação, questões relacionadas à estrutura do sistema internacional, que tem alguns resquícios da era da colonização dos países do Sul, não podem ser totalmente descartadas. O projeto Ômega, por exemplo, evidencia que, por não existirem muitas iniciativas de colaboração entre os países da América do Sul entre si, assim como pela migração de cientistas sul-americanos para realizarem sua formação em universidades europeias, os franceses tornam-se necessários para que uma integração regional seja possível. Como apontou o pesquisador H, algumas vezes, os franceses conhecem mais acadêmicos do continente do que os nossos próprios pesquisadores, realizando a conexão entre os países da região. Isso sem contar que as desconformidades entre o orçamento disponibilizado pelo governo francês aos cientistas que representam a França e as verbas aprovadas pelas autoridades locais aos pesquisadores da América do Sul fazem com que os franceses, muitas vezes, tenham a possibilidade de aproveitar o projeto com mais tranquilidade e de realizar mais visitas de trabalho, o que resulta diretamente na qualidade de suas relações colaborativas durante e depois dos projetos financiados.

Ademais, deve-se mencionar também que o estudo realizado aqui se limitou ao âmbito das ciências exatas, contempladas pelos editais dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud. Uma análise sobre a cooperação científica entre países do Norte Global e do Sul Global, que estivesse voltada para a pesquisa em ciências humanas ou, até mesmo, para o campo das biológicas, poderia apresentar resultados distintos aos aqui encontrados, ressaltando aspectos que não foram observáveis nos três casos aqui analisados.

- *O futuro dos estudos sobre ciência em Relações Internacionais*

A temática que abordamos nesta dissertação, que explora o uso de atividades científicas como ferramentas de política externa e de integração entre comunidades

de diferentes países, não é frequente no campo de pesquisas de Relações Internacionais. Isso porque, como colocado no segundo capítulo, pesquisadores deste campo costumam ser resistentes à novas aberturas em suas agendas de pesquisa e à inclusão de novos temas.

Com o estudo dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud, gerenciados por um corpo diplomático francês instaurado no nosso continente, tentamos demonstrar a importância que a atividade científica tem para os Estados-nação, sendo um dos dispositivos utilizados por eles para aproximarem-se de outras nações e lograrem seus objetivos de política externa. Para entender os mecanismos pelos quais os governos de diferentes países interagem na atualidade, as iniciativas de cooperação científica precisam também ser valorizadas e reconhecidas como instrumentos dos quais a diplomacia oficial de vários países comumente faz uso.

As formas utilizadas por cada nação para conduzir processos educativos e para produzir novos conhecimentos científicos dizem muito não só sobre a sua atual estrutura social, como apontado por Foucault, mas também sobre o que ela almeja para o futuro. Por conseguinte, quando dois ou mais países colaboram em um projeto científico internacional, eles estão também partilhando de crenças que moldam as suas percepções sobre a sociedade global contemporânea e revelam o futuro que almejam internacionalmente, seja no âmbito regional ou mundial. Além disso, como foi possível observar a partir dos três projetos analisados como estudos de caso, a cooperação científica atinge muito mais que só os pesquisadores que participam dela mais diretamente: seus efeitos os transpassam e chegam também aos seus pares, aos seus alunos de pós-graduação e graduação, às suas instituições e, em certa medida, até mesmo aos governos de seus países de origem.

É sabido que pesquisadores de Relações Internacionais tem tido grande êxito em realizar análises macroestruturais, observando reuniões e tratados assinados por governantes de alto escalão e averiguando as dinâmicas mais evidentes presentes entre os Estados. No entanto, é preciso que os cientistas que atuam com fenômenos internacionais entendam que as Relações Internacionais ocorrem também no microcosmos. Isso porque o estabelecimento de parcerias mais sutis ou menos turbulentas (como é o caso de grande parte das cooperações acadêmicas) é tão

importante para a manutenção de boas relações entre os países quanto as relações existentes em outros campos, mais clássicos e, por isso, mais estudados.

BIBLIOGRAFIA

ARMITAGE, Richard L; NYE, Joseph S. **Smart Power and the U.S Strategy for Security in a Post-9/11 World**. Center for Strategic and International Studies (CSIS), 2007.

BICALHO, Maria Fernanda B.. A França Antártica, o corso, a conquista e a "peçonha luterana". **História (São Paulo)**, Assis, v. 27, n. 1, p.29-50, jul. 2008.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012

CASTRO-GÓMEZ, Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la "invención del otro". In: LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciências sociales.** Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2000.

DA SILVA BUENO, André. **A arte da guerra**: os treze capítulos originais. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011.

DAMIANI, Gerson Denis Silvestre Duarte. **Teoria dos Jogos e Relações Internacionais:** Estratégias da Governança Mercantil Global. 2014. 203 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ELMALAN, Serge. Villegagnon ou a utopia tropical. **História (São Paulo)**, Assis, v. 27, n. 1, p.247-281, jul. 2008.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FERRARI, Trujillo Afonso. **Metodologia da ciência**. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

GADEA, Carlos A. **Paisagens da pós-modernidade: cultura política e sociabilidade na América Latina**. Itajaí: Univali, 2007.

GAMA, Ruy. Cooperação Pós-colonial. In: HAMBURGUER, Amélia Império et al. **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950).** São Paulo: Edusp, 1996. p. 41-48.

GARCÍA, José María Rodríguez. Scientia protestas est – Knowledge is power: Francis Bacon to Michel Foucault. **Neohelicon**, [s.l.], v. 28, n. 1, p.109-121, jan. 2001.

GAYARD, Nicole. Democratizando a ciência no cenário internacional: um debate sobre conceito de comunidades epistêmicas e sua perspectiva da ciência na política internacional. **Liinc em Revista**: v. 13, n. 1, 2017.

GEGGUS, David Patrick. Slavery, War and Revolution in the Greater Caribbean, 1789-1815. In: GASPAR, David Barry; GEGGUS, David Patrick. **A Turbulent Time:** The French Revolution and the Greater Caribbean. [s.l.]: Indiana University Press, 1997. p. 1-50.

HAMBURGUER, Améliaa Império et al (Org.). **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950).** São Paulo: Edusp, 1996. 359 p.

HEGENBERG, Leonidas; SILVA, Mariluze**. Métodos**. São Paulo: EPU, 2005

HODSON, Christopher; RUSHFORTH, Brett. Bridging the Continental Divide: Colonial America's "French Quarter". **OAH Magazine Of History**, Oxford, v. 25, n. 1, p.19-24, jan. 2011.

KEOHANE, R. International Institutions: Two Approaches. **International Studies Quarterly**, v. 32, p. 379-396, 1988.

KNIGHT, Franklin W.. The Haitian Revolution. **The American Historical Review**, Oxford, v. 105, n. 1, p.103-115, fev. 2000.

La France au Chili. **Délégation régionale de coopération pour l'Amérique du Sud.** Site da delegação France-AmSud. Disponível em: <https://cl.ambafrance.org/-Delegation-Regionale->.

La France au Chili. **STIC Math AmSud - Programa regional de cooperación científico-tecnológica.** Disponível em: <http://www.sticmathamsud.org/>.

LANE, Philippe. **Présence française dans le monde:** l'action culturelle et scientifique. 2. ed. Paris: La Documentation Française, 2016.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

Library of Congress. **Louisiana:** European explorations and the Louisiana purchase. [s.l.]: Library of Congress, [s.d.]. 118 p.

LYON, Eugene. The Enterprise of Florida. **The Florida Historical Quarterly**, [s. L.], v. 52, n. 4, p.411-422, Apr. 1974.

MCCLELLAN, James E.; REGOURD, François. The Colonial Machine: French Science and Colonization in the Ancien Regime. **Osiris**, Chicago, v. 15, p.31-50, 2001.

MELLO, Flávia de Campos. Teoria dos Jogos e Relações Internacionais: Um Balanço dos Debates. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 44, 2º semestre de 1997, p. 105-119.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 35-54.

MIGNOLO, Walter. La razón postcolonial: herencias coloniales y teorías postcoloniales. **Revista Chilena de Literatura**, Santiago, n. 47, nov. 1995, p. 91-114.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder: Entrevista a Walter Mignolo. **Polis**, Quito, p.1-22, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NYE, Joseph S. Soft Power. **Foreign Policy**: n. 80, 1990.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Cambridge: Perseus Books, 2004.

NYE, Joseph S. **The Future of Power**. Nova York: Public Affairs, 2011.

PETITJEAN, Patrick. As Missões Universitárias Francesas na Criação da Universidade de São Paulo (1934-1940). In: HAMBURGUER, Amélia Império et al. **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950).** São Paulo: Edusp, 1996. p. 259-330.

PETITJEAN, Patrick. Ciências, Impérios, Relações Científicas Franco-brasileiras. In: HAMBURGUER, Amélia Império et al. **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950).** São Paulo: Edusp, 1996. p. 25-40.

PETITJEAN, Patrick. Entre Ciência e Diplomacia: A Organização da Influência Científica Francesa na América Latina (1900-1940). In: HAMBURGUER, Amélia Império et al. **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950).** São Paulo: Edusp, 1996. p. 89-120.

PRIORE, Mary del. Os tupinambás e os papagaios amarelos ou as relações entre Brasil e França entre os séculos XVI e XVII. **Hist. Ensino**, Londrina, v. 6, p.11-32, out. 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In:

LANDER, Edgardo et al (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

RACY, J. Carlos; ONUKI, Janina. Globalização: perspectivas teóricas das relações internacionais. **Revista Faap**, São Paulo, 2001.

RAMA, Ángel. **A Cidade das Letras.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **A crítica pós-moderna/pós-estruturalista nas relações internacionais.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2011.

RITZER, George. **The McDonaldization of Society**. London: Sage, 1993.

ROYAL SOCIETY. **New Frontiers in Science Diplomacy**: navigating the changing balance of Power. Londres: The Royal Society, 2010.

RUFFINI, Pierre-Bruno. La diplomatie scientifique, nouvelle dimension des relations internationales? **Repères de Campus France**, [s.l.], n. 23, p.1-6, jan. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os Processos da Globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **A Globalização e as Ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Vol. 63, 2002.

SKOLNIKOFF, E. **The elusive transformation**: Science, Technology and the evolution of International Politics. Princeton: Princeton University Press, 1993.

SOARES, Gabriela Pellegrino. A correspondência de Augustin-Louis Frélaut durante a intervenção francesa no México. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, n. 1, p.61-89, jan.-jun. 2014.

STEPHAN, Beatriz González. Modernización y disciplinamiento: La formación del ciudadano: del espacio público y privado. In: STEPHAN, Beatriz González (Org.). **Esplendores y miserias del siglo XIX:** cultura y sociedad en América Latina. Caracas: Monte Avila, 1995. p. 431-456.

SUPPO, Hugo. A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias. **Revista de História**, São Paulo, n. 142-143, p.309-345, 2000.

WEISS. How do Science and Technology affect International Relations? **Minerva**, v. 53, 2015.

APÊNDICE I - ENTREVISTA COM HORTENSE PHILIPOT, funcionária da embaixada francesa e coordenadora dos programas Math-AmSud e STIC-AmSud[33]

Realizada no Chile em abril de 2017

ME: Bueno, cuando yo empecé esta investigación, había una delegación en Francia que era encargada por los programas, que era la delegación France-AmSud. Pero, en el comienzo del año pasado [2016] hubo un cambio: había dos delegaciones distintas que se juntaran y después el sitio web desapareció completamente. ¿Ella existe aún?

HP: Si, existe aún. En efecto, se funcionarán… Antes había la delegación para los países andinos y la delegación para el cono sur y Brasil. Ahora, hay una misma delegación, que es la que yo trabajo, que se llama la Delegación Regional para América del Sur y que es para toda la región de América del Sur… y está basada en la embajada de Francia en Chile. Y… Si, entonces ahora el sitio web de esta delegación permanece en el sitio de la embajada de Francia.

ME: ¿Está incorporado al sitio de la embajada?

HP: Si, tienes como… Puedes entrar en el sitio de la embajada y encontrar la parte que describe todo sobre la Delegación Regional.

ME: Pensé que podría haber desaparecido…

HP: No, no… todavía está funcionando.

ME: ¿Y sigue encargada de gestionar los programas STIC y Math-AmSud?

---

[33] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **HP** para as contribuições feitas pela senhora Hortense Philipot. A transcrição está em espanhol, que foi o idioma original da entrevista.

HP: Si, en la CONICYT[34], sí. Todavía… Yo estoy, como se dice… Puesto a puesto de la CONYCIT para trabajar a cien por ciento de mi tiempo, dos o tres días por semana, sobre los programas STIC y Math.

ME: Los programas STIC y Math no son iniciativas muy comunes cuando pensamos en cooperación científica internacional. Es más común que la cooperación sea bilateral y no multilateral. ¿Por qué se opta por una iniciativa de cooperación científica multilateral y no bilateral?

HP: Como yo estoy aquí desde nueve meses, no tenía el histórico para saber esto, entonces pregunté[35] a una colega que trabaja también sobre los programas en la CONICYT y ella me explico que, bueno, ya existían programas bilaterales en estas temáticas… Y que como esas temáticas eran prioritarias para Francia y que también, en América del Sur, había varios países que estaban mucho interesados y que tenían muchos investigadores… muchas cosas pasando en estas temáticas, decidieron hacer este programa… con al menos tres participantes, tres países participantes. También para fomentar, me imagino, vínculos entre Francia y América del Sur, pero también en América del Sur, entre los países también.

ME: ¿Sabes decirme si la creación fue una idea de Francia o una idea conjunta de los países?

HP: Pienso que… A ver, mi colega me dijo que… Fue una iniciativa que partió de Francia, desde sus ministerios.

ME: ¿Partió de Francia?

---

[34] Comisión Nacional de Investigación Cientifica y Tecnológica (Comissão Nacional de Investigação Científica e Tecnológica), órgão público chileno, subdivisão do Ministério da Educação do Chile.

[35] Diferentemente das entrevistas realizadas com pesquisadores dos programas STIC e Math-AmSud, as perguntas que embasaram conversa com Hortense Philipot foram enviadas anteriormente e aprovadas por ela. Por essa razão, a entrevistada também pode consultar seus colegas de trabalho para dar respostas mais precisas ao mestrando.

HP: Si.

ME: Francia es miembro de la Unión Europea, que tiene inúmeras iniciativas en el campo de la cooperación científica y un financiamiento muy largo. ¿Por qué es importante, para Francia, mantener dos iniciativas propias en la región y no quedarse sólo con las iniciativas científicas del bloco de la Unión Europea para América del Sur?

HP: Eso es una estratégica por parte de Francia, que piensa que siendo el único país involucrado va a poder desarrollar mucho más sus vínculos con los países, con las agencias y con los investigadores... Porque, por ejemplo, si hubiera otros países de la Unión Europea, la Francia no tendría este rol central de poder concentrar eses intercambios con los países de América del Sur… Y también, no sé… Las matemáticas y las TICs son áreas prioritarias para Francia y… no sé, si, me parece que quería como quedarse, así… con vínculos sencillos, pero claros como…

ME: Con Francia y los países, no…

HP: Si, no complicar e involucrar muchas más personas… Sería otra escala. Entonces, sí, algo más concreto, más sencillo y también que permite a Francia a estar más presente en los intercambios.

ME: Usted ha dicho que matemáticas y tecnologías de información fueran elegidas porque son temáticas de interés para Francia, ¿cierto?

HP: Y también para América del Sur. Es que hay una masa critica muy importante en las dos partes.

ME: ¿Un interés de ambas las partes?

HP: Sí, y muchos investigadores, muchas… Entonces sí.

ME: ¿Cuáles son las etapas de selección a que son sometidos proyectos de investigadores que quieren hacer parte del programa?

HP: Bueno, hay la convocatoria que se abre el 15 de diciembre. Por ejemplo, ahora se abrió se abrió en 15 de diciembre de 2016 y se cierre en el 15 de mayo de 2017. Entonces, el 15 de mayo, cuando recibimos todos los proyectos… Yo aún no he vivido esta etapa, pero… porque yo llegué en junio…. Bueno, la primera etapa es que yo voy enviar eses proyectos a todas las agencias de los programas, por ejemplo, la CONICYT aquí, en Paraguay la CONACYT, etcétera…Y ellos van a ver si ya están fueras de bases o no los proyectos… Así, cómo, hay todos los puntos que… por ejemplo, si hay un proyecto que no tiene dos países de América del Sur, bueno, está fuera de bases… Entonces, eso es la primera etapa para ver si todos responden a las bases. También hay un nuevo punto que es que, ahora, proyectos que tengan investigadores que todavía no han vuelto sus informes finales del proyecto pasado, no pueden presentarse en un nuevo. Entonces también hay que averiguar si no hay investigadores que son ya involucrados en otros proyectos de STIC y Math.

ME: ¿Es muy común que investigadores que ya hicieron parte de los proyectos de los programas intenten nuevamente?

HP: Si. Ahora, si quieres, estoy haciendo una tabla Excel con todos los proyectos que hicieron desde el principio… Con el dominio, el área y los investigadores. Y veo que sí, hay algunos que se repiten… Entonces, también puedo enviarte eso.

ME: Yo también he percibido eso hablando con los investigadores. Hay muchos que están desde 2008 y siguen haciendo proyectos… Bueno, ¿las etapas?

HP: Si. Entonces, esa es la primera etapa…La segunda etapa es hacer la evaluación internacional de cada proyecto. ¿Sabes que en los programas hay un Comité Científico y un Comité Directivo?

ME: Si.

HP: Entonces, el Comité Científico va enviarme propuestas de investigadores que no son de América del Sur y que no son franceses. Y yo voy a contactar esos investigadores para que me… con una pauta de evaluación para que evalúen cada

proyecto. Y, a principio, queremos 12 evaluaciones internacionales, externas, por proyecto.

ME: ¿Entonces son evaluadores que son ni de instituciones de América del Sur ni de Francia?

HP: No, deben ser neutros, el máximo posible. Pero cual es difícil, porque son comunidades pequeñas, donde todo mundo se conoce, pero lo logramos bien… Hay japoneses, suecos… Después, una vez que yo tenga todas esas evaluaciones internacionales por proyecto, las envió al Comité Científico que él, con estas evaluaciones y con su evaluación propia, va a producir un… un… como un "claciamiento"… No sé.

ME: ¿Un ranking?

HP: Si, un ranking de los proyectos. Bueno, dicen, estos… Los primeros son los que hay que financiar; los segundos son los que hay que financiar si hay dinero; y los terceros… no es prioritario, no son tan buenos. Y, después, con este ranking del Comité Científico, vamos a la reunión anual, que va a tener lugar en Rio… Si quieres venir, tu estas invitado.

ME: Gracias.

HP: Y ahí el Comité Directivo, según el ranking del Comité Científico, y según la disponibilidad "presupuesta"… presupuestarias, presupuestaria… de dinero, de cada agencia, van a decir que este proyecto si, que ese no.

ME: ¿El resultado final sale solo después de esta reunión anual?

HP: Si, sí. En esta reunión que todo se decide.

ME: ¿Este Comité Científico, como es compuesto?

HP: Son expertos en Math o STIC, entonces hay uno comité para STIC, uno para Math, y son… cada agencia de cada país que elige una persona, entonces cada agencia que está en los programas tiene una persona representante en los comités científicos… hay algunas agencias que tienen uno por cada uno, dependiendo de los investigadores, si tienen una amplia expertise o no.

ME: ¿Y esos miembros cambian mucho o si mantienen con el tiempo?

HP: Es que depende… Eso es la elección de cada agencia… La secretaría no decide eso, es la agencia que dice “bueno, ese año vamos a cambiar”.

ME: ¿Y la comisión directiva es compuesta por la señora y cuantas personas más?

HP: También hay un representante por agencia.

ME: ¿Que también cambian a la voluntad de cada agencia?

HP: Sí.

ME: Después de la selección, ¿los representantes de Francia que están encargados de gestionar los programas mantienen algún contacto directamente con los investigadores o solamente con las agencias nacionales?

HP: Las agencias nacionales están en contacto con los investigadores para todo lo que es financiamiento, para la rendición, si ellos tienen duda o si quieren cambiar, decir, finalmente no quiero irme acá pero allá… Todo lo que es financiamiento, lo ven directamente con las agencias, pero todo lo que es seguimiento de proyecto es la secretaría que lo hace. Yo, por ejemplo, envié un correo a todos los investigadores para que me envíen sus informes finales y yo estoy en contacto directo con todos, para los informes finales, para los informes de avances…

ME: ¿Con todos los investigadores o sólo con los coordinadores internacionales?

HP: Sí, todos. Los pongo todos. Pongo lo coordinador internacional como recipiente y en copia todos los otros.

ME: Entonces es más frecuente cuando hay informes finales…

HP: Si. Pero ahora lo que quiero hacer, no sé si viste, pero tenemos un nuevo sitio web, que acaba de terminarse…

ME: Sí, el sitio web de los programas…

HP: Sí y entonces el objetivo ahora es de difundir el máximo posible los programas… Entonces lo que pensaba en hacer en un tiempo corto es contactar a todo el mundo, todos los coordinadores, para que me envíen los talleres que van a hacer, no se si van a hacer seminarios, para que yo pueda difundirlos a través del sitio web, entonces también podría hacer eso… entonces también estoy en contacto para la difusión y la comunicación.

ME: ¿Cuál es la dinámica existente entre las agencias nacionales y la secretaría? ¿Ustedes están en contacto directo con las agencias nacionales de los participantes para acompañar el funcionamiento de las iniciativas? Porque lo que he escuchado de los investigadores es que hay muchos problemas relacionados al financiamiento, agencias que dan el dinero, otras que no, y los proyectos tienen problemas de funcionamiento por eso…

HP: Bueno, como secretaría, nuestro rol es de hacer que los proyectos se pasen lo mejor posible, y como esta escrito en el reglamento, en las bases… Entonces, cuando hay una agencia que no financia o que otorga los financiamientos en tiempo, como secretaria los enviamos correos para decirles “no es posible, tienes que hacerlo, por qué, qué pasó”… pero igual no podemos decir “bueno, ahora va salir el dinero”, no es posible… entonces, intentamos hablar con ellos, ver lo que pasó, hacer la comunicación con los investigadores diciendo “hay un problema con el estado no sé qué, hay uno retraso”… hacemos esa comunicación… pero si, no podemos decir “mañana tienes que dar el dinero”.

ME: ¿Pero están en contacto con las agencias acompañando todo el proceso?

HP: Sí, siempre a través de los miembros de Comité Directivo… Por ejemplo, en la CAPES, cuando tengo una duda sobre financiamiento, voy a contactar el representante brasileño del comité, él es mi suelo punto de contacto.

ME: Mismo teniendo nueve países sudamericanos como participantes en las dos iniciativas, hay una gran preponderancia de investigadores de países como Brasil, Argentina, Chile y Uruguay en los proyectos. ¿Por qué ustedes creen que esto ocurre? ¿Ustedes estudian alguna manera de hacer la participación de países sudamericanos en los programas ser más simétrica?

HP: Eso lo pregunté también a una colega, que me explicó que aparentemente hay una mayor masa critica en Chile, Brasil, Uruguay y Argentina… Hay más investigadores, las agencias tienen quizás más recursos financieros y humanos, entonces de manera natural se hace así, hay más proyectos presentados. Pero sí, claro que nosotros queremos una mayor representatividad de Paraguay, por ejemplo, Ecuador, en los programas… Lo que si podríamos hacer seria aumentar la difusión en estos países, podríamos hablar con las agencias y decir “bueno, quizás la difusión no está funcionando… quizás tenemos que ir a los estudiantes, a los investigadores” … y en eso, como ese año va a ser los diez años del programa Math yo estoy empezando también a hacer un trabajo como lo que estás haciendo, para ver, bueno, que se produce y que podemos hacer para mejorarlo, y pensó que eso es un punto importante y que se podría resolver en la difusión… que las agencias, por ejemplo, que la CONACYT, quizás… como hay menas agencias en Paraguay, tendría que ser más implicada, que la CAPES en Brasil, que hay muchos proyectos que llegan y no tienen que hacer tantas cosas, solamente publicar en el sitio web una información, pero quizás en Paraguay hay que ir a ver las universidades… en ese sentido, favorecer más proyectos.

ME: Entonces es por no tener tantos investigadores en eses países…

HP: Sí, en esas áreas… Por ejemplo, Bolivia no participa.

ME: Sí, es el único país de hispano de América del Sur que no participa.

HP: Porque aparentemente igual no tiene tantos investigadores en el campo de matemáticas y STIC, pero también, aparentemente, hay manifestado la voluntad de integrarse. Pero, todavía no se concretó porque tiene que venir a la reunión anual y todavía no lo hizo.

ME: ¿Si Bolivia decide integrarse al programa, hay una negociación con todos los otros países asociados?

HP: Sí, eso se hace durante la reunión anual. Habría que hacer una solicitud oficial a la secretaría y después nosotros comunicamos este correo a todo el mundo, a todo el Comité Directivo… Y me parece, no estoy segura, pero me parece que para poder incorporarse tienen que venir y asegurar que pueden venir, que tienen los recursos y el interés de presentarse a la reunión anual… Y entonces, por ejemplo, los bolivianos vendrían a la reunión en Rio este año y hablando con todos los miembros del Comité Directivo se haría un voto, me imagino, se haría un voto para ver si pueden o no involucrarse y, desde ahí, se integran.

ME: ¿Y existe algún mecanismo de evaluación de los programas?

HP: No es oficial, son los cooperantes, como yo, que lo hacen… Yo ahora estoy haciendo uno para diez años de Math, estoy preparando una evaluación de los programas para saber concretamente que produjo, cuantos intercambios de investigadores, cuantos “doctorantes” fueran apoyados, etcétera, etcétera… y si, todavía, se quedan vínculos entre los investigadores y eso en América del Sur, entre Francia y América del Sur… Es general, no es solamente la parte francesa. En ese sentido, voy a hacer cuestionarios y voy enviar a todos los investigadores en este sentido para saber si quedan vínculos después de, no sé, cinco años, se todavía hablan, si los paraguayos hablan con los investigadores franceses o no, etcétera… con el fin de presentar este trabajo en la próxima reunión anual, en noviembre.

ME: ¿Es posible tener acceso después a eses resultados?

HP: Claro, sí, sí…. Ahora estoy buscando en los ordenadores lo que hay y aparentemente hubo dos evaluaciones de los programas antes de mí, una en 2014 y una en 2010/11, entonces también te podría enviar… No son extremamente completos, visto que son trabajos enormes y he visto que hay algunas cosas que faltan… entonces no sé si con el tiempo se perdió algunas informaciones, pero igual te puedo enviar.

ME: ¿Qué hechos la señora destacaría como los mayores éxitos de los programas en los últimos años?

HP: Para mí, los éxitos son la producción de los proyectos… Primero, hacer vínculos entre los investigadores franceses y los sudamericanos, y también entre los sudamericanos… eso es cómo el objetivo, hacer estos vínculos… y a través de esos vínculos poder hacer los intercambios, los viajes, hacer patentes, nuevos descubrimientos, poder formar “doctorantes” entre las dos regiones, organización de seminarios, de workshops… son las demonstraciones de éxitos del programa.

ME: ¿Y cuáles son los mayores desafíos para los próximos años?

HP: Los desafíos son… Bueno, sería, como hablamos más temprano, hay algunos países que lamentablemente son menos involucrados, entonces involucrar más estos países… y también… hacer que cada agencia queda muy dinámica, y quedamos en una dinámica de, de financiación en continuación en número de proyectos y no disminuir… guardar este interés. Esto tengo fe porqué, por lado de Francia, estamos muy involucrados, por nosotros son problemas muy preciosos, muy importantes, porqué involucran muchos países, crean muchas redes, muchos intercambios científicos…

ME: Pero ese decrecimiento en el número es porque no hay financiamiento por parte de las agencias o porque no hay tantos proyectos…

HP: Pero ahora no hay tanto, quizás en 2016 bajó un poquito porqué habia algunas agencias que no tenían… lo que es difícil es que cómo no es bilateral, tiene que tener dos países de América del Sur y un francés, eso es difícil, porqué a veces provoca frustraciones, porque en la reunión anual… digo así, voy a diseñar así, pero no es la realidad, es un ejemplo… Paraguay quiere hacer este proyecto, pero Brasil no quiere, y es como el único proyecto que Paraguay tiene y Francia también quiere financiarlo, pero, si Brasil no quiere y es el único tercero país, está terminado, no puede ser financiado… entonces, eso a veces provoca frustraciones… o a veces agencias dicen "ese es un bueno proyecto, pero para Perú no es un área prioritario" y para, por ejemplo, Colombia "ah sí, es muy prioritario, tenemos que financiarlo", y no, el proyecto se va a caer… entonces a veces no es tan el financiamiento, es también la prioridad, depende de muchas cosas… pero ese también es un desafío, asegurar los financiamientos y asegurar la involucración de las agencias en estos programas.

ME: ¿Hay iniciativas francesas similares a los programas Math-AmSud y STIC-AmSud (que apoyan a investigaciones científicas multilaterales y/o buscan fortalecer las redes de investigación entre Francia y los países asociados) en otras regiones del mundo?

HP: Del mundo, no sé, pero en América del Sur, o América Latina, hay el PREFALC. Es un programa entre Francia y América Latina y los Caribes, de intercambio en el sector de la universidad, de profesores. Entonces, financia la movilidad de profesores franceses o suramericanos en las universidades…

ME: ¿Es sólo para caribeños o toda América Latina?

HP: Toda América Latina. Y también hay intercambios sobre los programas universitarios, las metodologías… Más en nivel de profesor. Ahora también estamos creando una red en biociencias con el Instituto Pasteur de Montevideo, estamos haciendo un taller de formación de "doctorantes" e investigadores cada año, que se pasa en Montevideo, y que involucra expertos franceses y de la región, de toda América del Sur… Y que participan "doctorantes" de toda América del Sur.

ME: ¿Y programa de cooperación científica multilateral, sabes si hay algún otro?

HP: No. Multilateral no.

ME: ¿No sabes o no hay?

HP: Hay PREFALC, es el único.

ME: ¿Pero, no hay otros programas como eses de cooperación?

HP: No, me parece que antes había uno en biología, que se llamaba Bio-AmSud o algo así, pero ahora no existe más… Me parece que estaba cómo STIC y Math, pero en biología, en la salud, pero ahora no existe.

ME: Bueno, eso es todo. Gracias.

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (modelo)

Eu, _____, professor e pesquisador vinculado à _____, nacionalidade _____, declaro por meio deste termo que aceitei, livre e espontaneamente, o convite para participar da pesquisa “Os impactos da cooperação científica e universitária francesa (France-AMSUD) no processo de integração regional Sul-Americano”, que vem sendo desenvolvida pelo estudante de mestrado Paulo Henrique Ribeiro Neto, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação da Professora Maria Cristina Cacciamali e com financiamento da Coordenação para o Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Tenho ciência ainda de que o referido trabalho visa avaliar o impacto dos programas Math-AMSUD e STIC-AMSUD na produção dos pesquisadores latino-americanos que deles participaram entre os anos de 2012 e 2015 e de que forma os mesmos podem ter afetado o processo de integração científica regional.

A minha participação no referido estudo será no sentido de oferecer ao mestrando Paulo Henrique Ribeiro Neto uma entrevista semiestruturada, de duração aproximada de uma hora, com informações sobre a minha participação no programa Math-AmSud/STIC-AMSUD (mais especificamente, no projeto _____). Autorizo a gravação do áudio desta entrevista, desde que o arquivo permaneça sigiloso e seja totalmente descartado após a transcrição da mesma (transcrição essa que será anexada integralmente à dissertação de mestrado e que poderá ter trechos utilizados em outras publicações, como artigos para periódicos e congressos acadêmicos).

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, isto é, que meu nome e o da instituição à qual estou vinculado não serão mencionados no trabalho. No entanto, declaro estar ciente de que a minha nacionalidade, bem como a de todos os outros participantes do meu projeto, será explicitada no trabalho, tendo em vista que é um elemento essencial para a análise realizada pelos pesquisadores do PROLAM – USP.

Fui informado ainda de que posso me recusar a responder qualquer indagação realizada durante a entrevista, ou até mesmo retirar meu consentimento em participar

do estudo, sem precisar justificar. Sei ainda que tenho direito, caso seja de meu interesse, a ter os resultados e as conclusões desse estudo disponibilizadas a mim.

Declaro, finalmente, que os pesquisadores colocaram-se à disposição para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que eu poderia vir a ter, sendo o contato com eles estabelecido via os e-mails: paulohrneto@usp.br e cciamali@uol.com.br; ou via o telefone: (contato telefônico do mestrando).

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

_____, ___ de _____ de 201__.

_____

Assinatura do entrevistado

_____

Paulo Henrique Ribeiro Neto (Mestrando – PROLAM/USP)

APÊNDICE III - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR B
Equipe argentina – Projeto Beta (Math-AmSud)[36]

Realizada presencialmente, na Argentina, em março de 2017

ME: ¿Cómo fue la preparación del proyecto enviado al programa Math-AmSud? ¿El señor conocía todos los demás miembros de su proyecto previamente?

B: No del todo, en realidad, yo conocía la contraparte brasileña y a la contraparte francesa, en realidad el investigador A… Y él contactó otro grupo de gente francesa que trabaja con el investigador D, de Chile, y propuso a incluirlo también… O sea, en principio gracias a eso surgió, yo ahora estoy colaborando en forma directa con el investigador D y eso surgió en parte gracias a esa red porque resulta que… el investigador A contactó otra gente que trabajaba en Francia, que trabajaba con gente en Chile y ahí nos encontramos todos en una visita allá.

ME: ¿Los miembros que ya conocía, los investigadores A y C, como los conociste por la primera vez?

B: El investigador A, él en un momento estaba pensando en ir a trabajar a Chile e hizo una entrevista de trabajo en Chile y ahí conoció él que fue mi director de doctorado, y lo invitó a ir a un congreso que organizamos nosotros en Chile y ahí lo conocí. A partir de ahí, bueno, lo fue invitando a Chile a trabajar y a mí también a trabajar juntos… y empezamos a trabajar juntos.

ME: ¿Eso hace cuánto tiempo?

B: Eso fue en 2007.

---

[36] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **B** para as contribuições feitas pelo Pesquisador B do Projeto Beta (Math-AmSud). Informações que potencialmente revelariam a identidade do entrevistado foram suprimidas ou substituídas na transcrição do áudio da entrevista.

ME: ¿Y el investigador C?

B: El investigador C, lo conocía desde 2002, que fue por primera vez a Brasil a trabajar con un profesor… Y él había sido alumno de ese profesor y ya tenía sus alumnos ahí en la universidad, nos cruzamos en un montón de congresos latinoamericanos y en congresos internacionales también y empezamos a colaborar incluso antes de… del proyecto este, en un proyecto anterior.

ME: Yo estaba mirando su currículo y ¿usted había participado en un proyecto del programa Math-AmSud antes?

B: Si, sí.

ME: ¿Puedes hablar un poco de ese otro proyecto? ¿Fue con los mismos miembros?

B: Más o menos… El investigador C si estaba y el investigador A estaba, estaban, acá de Argentina era un profesor que fue director de mi tesis de doctorado, pero yo estaba también, era parte del proyecto y… de Francia en realidad había otra gente que después se terminó indo trabajar a otros lugares, fuera de Francia, y por eso no hicieron parte de este nuevo proyecto, entraron nuevos investigadores franceses.

ME: ¿Entonces ese fue su segundo proyecto en el programa Math-AmSud?

B: Sí.

ME: Bueno, ¿cuáles eran sus temas de interés antes de participar en el programa? ¿El tema del proyecto Beta estaba en línea con sus intereses personales de investigación de la época?

B: Si, el tema del proyecto ya era una continuación, un poco, de los temas en que estábamos trabajando.

ME: ¿Ustedes tuvieran que adaptar algunos aspectos de la investigación planeada para competir en el programa?

B: No, casi… No, o sea, planteamos básicamente lo que ya teníamos en mente trabajar, sí. Fue una tarea, lo que es una tarea grande en estos proyectos es el tema de tener que traducir en todos los idiomas: en francés, inglés, portugués y español.

ME: ¿Ustedes hicieron juntos este proyecto original o eso quedó sobre la responsabilidad de una persona?

B: Lo hicimos verificando juntos. En realidad, hasta nuestro coordinador francés también habla español y el investigador C lee español, entonces, en realidad, hicimos una primera… el investigador A es suramericano, de nacionalidad, en realidad… entonces así hicimos una primera versión en español y ahí cada uno tradujo a su idioma y yo que ya lo tenía en español lo traduje al inglés.

ME: Perfecto. ¿Y cómo fue la dinámica de trabajo durante los dos años de investigación? ¿Había algún tipo de división?

B: Había ya algunos temas que alguna gente estaba trabajando en conjunto y continuamos, pero también lo que hicimos fue tratar de coordinar las visitas, incluso entre eses distintos subgrupos… Por ejemplo, estaba, uno de mis colegas, era post-doc en ese momento… Estaba trabajando en Francia, pero es alemán en realidad… Él invitó al investigador D, de Chile, y en ese mismo período, ese mismo mes, fue yo a trabajar con el investigador A y, en realidad, lo que hicimos fue juntarnos todos… unos días y ahí salió un trabajo en colaboración con nosotros cuatro, y después yo, el investigador D y el colega alemán seguimos, volvimos a juntar en Chile, en parte con ese proyecto, seguimos trabajando en otro tema juntos, tenemos otras publicaciones juntos… Y, bueno, tratamos de integrar los trabajos anteriores, continuar las colaboraciones previas y tratar de coordinar visitas para iniciar nuevas colaboraciones… Bueno, por ejemplo, los investigadores C y A, también coincidimos el investigador C y yo en una visita a Francia, eso quedo en un trabajo que, todavía está aún en curso, un poco en “standby” por ahora, pero, bueno, fue así iniciado…

ME: Pero, ¿qué parte estaba específicamente bajo su responsabilidad? ¿Había alguna o era todo en conjunto mismo?

B: No, lo que es académico, en conjunto, la parte bajo mi responsabilidad es la gestión administrativa de los viajes desde acá y hasta acá.

ME: ¿Pero académico, todo siempre en conjunto?

B: Si, o cada, bueno, cada subgrupo, en realidad, los temas eran bastante similares los que trabajamos… Mi responsabilidad si era los trabajos que yo participé, mi parte, escribí mi parte, pero…

ME: ¿Y cuantas personas participarán del proyecto de Argentina, al todo?

B: Cómo 5 personas, por lo menos.

ME: ¿Todos profesores de la universidad?

B: No de esta de universidad, sino también de otra institución argentina, algunos. Salieran graduados de acá.

ME: ¿Pero todos profesores doctores?

B: No, algunos estudiantes de doctorado… O sea, por ejemplo, codirigimos con el investigador A una tesis de doctorado durante este proyecto. Él no viajo a trabajar con el investigador A, pero el investigador A vino aquí a trabajar con él en varias ocasiones, y, bueno, codirigimos… Poseímos un post-doc en conjunto, que él si fue trabajar con el investigador A un tiempo y él vino a trabajar con él y conmigo acá, y trabajamos juntos… y después… un profesor de otra institución argentina, pero doctor por nuestra universidad, también fue trabajar con el investigador A en una estadía postdoctoral y terminaron trabajando juntos… y junto con otro investigador de Brasil que también hacia un post-doc en Francia también con el investigador A… O sí, por lo menos eso sí, con eses tres.

ME: ¿Y el señor se quedó satisfecho con esa división de trabajo?

B: Parece que sí, o sea, digamos seria lo que en ese momento nos funcionaba y… seguro había gustado coordinar mejor más visitas a Brasil, ahí tuvimos algunos problemitas con los tiempos en los que trataran de dar los fundos allá o no hubo una buena coordinación con respecto de los fundos que llegaran allá… y parecía que no se podían usar, después en realidad si estaban, pero cuando estaban ya no habían más fundos acá para los viajes… o sea, el único, si quiere inconveniente… la verdad es que funcionó muy bien, nos sirvió mucho, trabajamos un montón de cosa, dirigimos una tesis de doctorado conjunta gracias a ese programa… pero, el único tema era que no había del todo una buena combinación entre las cosas que se aprobaban en cada uno de los países, a cada una de las entidades, dentro de lo que nos proponían, aprobaban su conjunto, pero eso ni siempre era compatible… por ejemplo, así, no sé, si acá aprobaban dos misiones de estudiantes a Brasil, pero Brasil en vez de aprobar la estadía para dos estudiantes, aprobaba la estadía para un viaje de profesor y para un viaje desde Francia… y Francia no aprobaba un viaje a Brasil, sino aproaba dos viajes a Chile y, así, digamos…

ME: La coordinación entre las agencias…

B: Digamos que no está todo coordinado entre las agencias… Pero a pesar de eso, eso fue un mínimo inconveniente, en muchas formas logramos solucionar pidiendo que nos cambien una cosa por otra… pero, bueno, la verdad que igual, como balance, muy, muy positivo… fue muy productivo.

ME: ¿Cómo fue su comunicación con los otros investigadores durante los dos años del proyecto? ¿Con qué frecuencia ustedes se comunicaban virtualmente?

B: Bastante, frecuentemente…

ME: ¿Una vez en la semana o más?

B: Más o menos, una por semana, seguro… Dependiendo de los tiempos, estábamos cerrando un trabajo, bueno, varias veces por día, sino cada tanto…

ME: ¿El señor se comunicaba sólo con el coordinador internacional o también directamente con los otros participantes?

B: A veces con el coordinador, a veces con los otros participantes… Muy libre.

ME: ¿Y sabes decirme cuantas veces ustedes se reunieron en persona?

B: No me acuerdo exactamente, pero…

ME: Fuiste a Chile una vez, has dicho…

B: Sí, a Brasil también. A Francia fue cómo tres veces.

ME: ¿A Chile y Brasil una sola?

B: No, más veces… lo que pasa es que no me acuerdo bien si todas las veces fueran financiadas con el proyecto o con otras fuentes de financiamiento, por eso… no me puedo fijar.

ME: Ok, sin problemas.

B: Más o menos, o sea… Yo, diría unas siete veces, más las veces que recibí gente, que fueran también unas siete, ocho veces… Mucha movilidad. También tenía que en esa época yo podía viajar más que otras personas del grupo, porque no tenía nada que me ate, entonces me podía ir un mes y medio, dos meses, sin problemas… seis veces al año, sin problemas.

ME: ¿Lo mismo no ocurrió con todas las personas del grupo?

B: No, no todos del grupo… Ellos tenían diferentes vínculos familiares, yo estaba en un momento ideal para viajar.

ME: ¿El señor evalúa esa comunicación entre las partes como satisfactoria?

B: Si, si, si… O sea, la posibilidad de trabajar mucho en conjunto, porque, bueno, mismo cuando una está de visita, no tiene que preocuparse en dar clases ni con muchas cosas cercanas al trabajo cotidiano.

ME: Actualmente, ¿el señor sigue en contacto con los investigadores de su proyecto?

B: Sí.

ME: ¿Con qué frecuencia?

B: No sé, por ejemplo, el investigador A y el investigador D, la última vez que nos vimos fue en noviembre pasado, con otros proyectos… y por contacto por mail, si, seguimos trabajando juntos en algunos problemas… sé que el investigador A me escribe dos o tres veces por semana, estamos organizando ahora un congreso juntos en Francia… con el investigador D también hablo seguido, con el investigador C me comunico también bastante… seguido, sino no tanto.

ME: No sé si es una impresión mía, pero me parece que hablas de proyecto con los investigadores A y D, y proyectos con el investigador C… ¿Ustedes no siguen trabajando todos juntos?

B: Más o menos, en realidad, digamos cómo, expuse el problema un poco del malentendido con los viajes de Brasil en la última edición del proyecto… en el primero, el anterior, sí había funcionado mejor, pero ese último… no hubo tanta interacción entre Brasil, con Francia y Chile.

ME: ¿Por eso están separados?

B: Claro. Si, hubo entre nosotros, Brasil y Argentina, porque… bueno, yo igual viaje, después deje de viajar… en realidad, también un problema, el investigador C también tuvo sus problemas personales y yo viaje hasta 2015, en octubre, fue la última vez que viaje a Brasil… Porque después apareció otro tema y yo tuve mis cuestiones personales y dejé de viajar… entonces, bueno, fue un tema más externo que, no de relación académica con él, digamos, sino que seguimos en contacto y todo, pero… él

también estuvo con muchas cargas docentes y administrativas en la universidad, y tiene muchos tesistas, entonces también, digamos, por ahora, no estamos en ningún haciendo ninguna cosa en conjunto, pero queda siempre la gana de retomar en algún momento… Y hay otra gente en Brasil con la quien colaboro, como uno de mis colegas, pasa que él no podía participar formalmente de ese proyecto porque él ya estaba en otro STIC-AmSud con otro grupo de franceses.

ME: ¿Pero el también sigue ahora en contacto con ustedes?

B: Si, con él si seguimos, bastante en contacto. De hecho, fue con él en parte que fue trabajar en 2015 y él vino el año pasado a Argentina.

ME: ¿Su relación con el investigador A, que fue el coordinador internacional del proyecto, fue una relación buena?

B: Sí.

ME: ¿Y tuviste contacto en algún momento con el comité directivo del programa STIC-AmSud?

B: No, en realidad… Siempre directamente con el investigador A… O sea, sí con la agencia nuestra cuando gestionamos los viajes.

ME: Pero con el comité francés del programa, ¿no?

B: No, no.

ME: Durante el transcurso del proyecto, ¿usted notó en la dinámica de trabajo con los otros coordinadores algún tipo de asimetría o jerarquía?

B: No, para nada… No, siempre planificamos todo con el consenso de todos. Además, la realidad es que los fondos siempre fueran suficientes para lo que teníamos planeado, no hubo… ningún momento que priorizar cosas sobre otras. En general, como que los fondos eran bastante suficientes para lo que planeábamos y no había

que tomar decisiones que general normalmente roses, que priorizan una cosa sobre otra. En general, eso es un punto a favor… un proyecto generoso y bien financiado, entonces no hubo conflictos a respecto.

ME: ¿Cuáles fueron, en su opinión, las mayores dificultades encontradas a lo largo del proyecto?

B: A ver, con respecto a la producción, científica, tuvimos bastante conforme, logramos nos reunirnos, trabajar bien, elaboramos… digamos, mejorar, crear nuevas interacciones, por ejemplo, con esta gente de Chile y de, ahora está en Alemania, él que estuvo, que empezó, como parte del proyecto en Francia, ahora está en Alemania, ahora se movió a Alemania, o sea, nascerán nuevas colaboraciones científicas que llevaran, por ejemplo, a una red muy importante… en ese sentido, estuvo bien… creo que la formación, logramos terminar un doctorando, eso es un logro bastante importante… y además con esa dirección conjunta, eso fue bastante exitoso. Pero, bueno, con respecto a lo que es la parte más bien administrativa, digamos, los únicos dos puntos… digamos, en balance fue super positivo… las únicas dos cosas que por ahí eran un poco complicadas eran que, bueno, por un lado, este, sería ese… si, finalmente, sería ese un malentendido de esta plata de Brasil que estaba aprobada, pero que no sabía, que no venía, pero que al final sí, que cuando entonces apareció este dinero ya no lo podemos aprovecharlo demasiado… y, por otro lado, ese tema de la modalidad que tiene en Francia, pero eso no es especifico de este proyecto, sino en general, en todos los proyectos y las misiones allá, que es que no te adelantan los viáticos, sino que te dan un reembolso por transferencia bancaria cómo tres o cuatro meses después de que terminó la misión, entonces eso presupone que los investigadores tienen plata para adelantar, bastante plata porque alojamiento en Francia no es barato… tienen plata para financiarse, porque acá, por ejemplo, los viáticos para los investigadores que venían de afuera, aquí los adelantaban… en el momento en que fui a Brasil, o sea, las veces en que estaba confirmada la plata y fuimos, también, el primer día que llegué, me daban un cheque, me acompañaban al banco y tenía dinero para el hotel o el departamento, lo que fuera… las pasajes aquí uno pedía directamente aquel destino y te sacaban, te mandaban un tiquete aéreo… en Francia, yo entiendo que eso pasaba así también, que ya se sacaba las pasajes de allá para acá, pero cuando uno iba de acá para allá el dinero de los viáticos llegaban

tres o cuatro meses después de que había terminado la misión… es complicado, o sea, hay que tener plata para adelantar, siempre, siempre de casa, porque son lugares caros… esa la única dificultad, del punto de vista administrativo, que bueno.. pero el lado académico, no… incluso en la parte de informes y cosas, no era demasiado molesto, digamos… era una cosa racional, un informe post inicial y después de cada misión y un informe final… eso era muy racionable.

ME: ¿Y cuáles fueran los aspectos más positivos también del proyecto?

B: El incentivo para armar redes de colaboración más amplias que bilaterales, que eso no hay, tantos proyectos que no sean bilaterales… poder hacer tantas reuniones de trabajo con gente de más de un país, eso es super positivo… el hecho de que eran proyectos grandes, donde había una financiación suficiente cómo que, para que uno pueda desarrollar el proyecto con tranquilidad… bueno, posibilidades de movilidad, interacción que son las cosas más importantes para un trabajo teórico como el nuestro… en otras disciplinas, tiene más materiales, laboratorios, más cuestiones de infraestructura, pero el nuestro lo más importante es la interacción de movilidad.

ME: ¿Hubo algún tipo de producción conjunta con los otros investigadores del proyecto financiado (artículo, libro, conferencia, presentación de trabajos, etc.)?

B: Me cuesta diferenciar entre los dos proyectos Math-AmSud, pero, bueno, no me acuerdo en cual empezamos… pero, total, quince “papers” en revistas… quince en los que yo participé, hay otros… seis en los dos, también en los que yo participé.

ME: Ok. ¿Libro no hubo?

B: No.

ME: ¿Cómo el señor califica su experiencia en el programa Math-AMSUD?

B: Muy positiva, muy positiva... Impactó mucho a mi carrera, eses “papers”, en proporción a la cantidad total de “papers” en ese periodo, son una proporción importante.

ME: ¿El señor recomendaría este proyecto a otros investigadores?

B: Sí, totalmente. Vale la pena traducir a cuatro idiomas proqué después se aprovecha mucho.

ME: ¿Hoy el señor sigue en algún proyecto del programa?

B: No ahora… He presentado uno, no como coordinadora, sino como colaboradora, en el año pasado, probablemente no fue aprobado, no me enteré de que haya sido aprobado… Probablemente no fue aprobado. Pero, bueno, ese envolvería un colega argentino y también el investigador A, que empezaran a trabajar gracias a eses proyectos anteriores. Yo volvería a participar, pero en eses últimos años tuve varios proyectos personales… Tampoco puedo viajar tanto, prefiero que esté a cargo de otra gente.

ME: ¿Cuáles son los proyectos científicos que el señor planea desarrollar en un futuro próximo? ¿Usted piensa en cooperar con un parcero internacional?

B: Sí, digamos, me gustaría mantener esa cooperación que tenemos con Francia, con Brasil y una cooperación que tengo con Italia, que ahí es más complicado conseguir los proyectos bilaterales porque hay muy poco financiamiento para cooperación con Italia, se salen muy pocos proyectos de Argentina e Italia, comparado con la cantidad de interacción que hay, no sé si es muy difícil…

ME: ¿Comparado con la interacción que hay entre Argentina y Francia?
B: O sea, en Argentina y Francia, hay mucha interacción, pero también hay muchos proyectos financiados, muchas fuentes de financiación para Argentina y Francia, está el ECOS, el Math-AmSud, el STIC-AmSud… Pero Argentina-Italia, hay también mucha cooperación, pero hay muchos menos proyectos financiados por año, entonces es más difícil obtener uno… que tenga financiamiento. Entonces, bueno, no tengo eso, pero financiado con otros proyectos, solo argentinos, solo italianos… cómo invitado o invitando gente. Y, pero principalmente sí, manteniendo esa colaboración con, bueno, fluida con Chile, Brasil, Francia e Italia principalmente.

ME: ¿Y sus temáticas de investigación hoy fueran impactadas por el programa de alguna manera?

B: Un poco sí, porqué, por ejemplo… me metí con cosas con las que yo no trabajaba y el investigador A sí o técnicas con las que el investigador D trabajaba y yo no… nuevos problemas que empecé a trabajar con el investigador C, con los cuales no trabajaba anteriormente, o sea… Sí, fue ampliando mis temáticas.

APÊNDICE IV - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR D
Equipe chilena – Projeto Beta (Math-AmSud)[37]

Realizada presencialmente, no Chile, em abril de 2017

ME: Obrigado mais uma vez. Só para confirmar então, você fez parte do Projeto Beta coordenado pelo Pesquisador A, com a participação dos pesquisadores B e C, correto?

D: Sim.

ME: Como foi a elaboração do projeto enviado para o programa Math-AmSud? Vocês todos participaram da elaboração do projeto ou só uma pessoa ficou encarregada pela redação?

D: Eu acho que o principal encarregado foi o pesquisador A, mas cada um contribuiu um pouco. Acho que já tínhamos alguns temas de investigação que queríamos fazer e depois juntamos tudo de alguma maneira... Porque não foi assim só um problema em que estávamos trabalhando. Muitas vezes é assim, na matemática, que a gente não tem um problema grande que perseguimos, mas são vários problemas mais pequenos, é... Acho que essa é uma diferença com outras disciplinas.

ME: Entendo, e você conhecia todos os outros coordenadores do projeto Beta anteriormente?

D: Não tão bem, por exemplo, com o pesquisador C nunca... Eu acho que sim, conhecia todos, mas conheci melhor durante o projeto.

---

[37] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **D** para as contribuições feitas pelo Pesquisador D do Projeto Beta (Math-AmSud). Informações que potencialmente revelariam a identidade do entrevistado foram suprimidas ou substituídas na transcrição do áudio da entrevista.

ME: Como você os conheceu pela primeira vez, você se lembra? Se pudermos ir um a um, o pesquisador A...

D: Eu acho que não lembro todos, mas... O pesquisador A, eu conheci na França quando eu estava visitando outro colaborador que eu tinha lá... Como o pesquisador A também está na França, ele, ele foi visitar a gente... Eu não sei se foi para um seminário ou alguma outra coisa, mas a pessoa com quem eu estava trabalhando lá e o Pesquisador A... e o Pesquisador B, que estava visitando o Pesquisador A ao mesmo na França, aí os dois vieram à instituição onde eu estava e aí a gente ficou trabalhando junto e... tínhamos alguma coisa ali, acho que é isso.

ME: E o pesquisador C?

D: O pesquisador C eu não lembro, acho que vi em algum congresso por aí. Eu fiquei um período no Brasil e conheci muita gente...

ME: Você não lembra então?

D: Não.

ME: Tudo bem. O projeto original se encontrava em uma área que era do seu interesse antes de participar do programa ou não, ele era de uma temática muito distante daquilo que você já pesquisava?

D: Eu acho que no final eles, como eu trabalhei com o Pesquisador A e o Pesquisador B, depois eu trabalhei mais com o Pesquisador B... Eu acho que eles me levaram numa direção que eu não trabalhei tanto antes, mas na formulação original dos projetos tinham coisas que eu já tinha trabalhado. Tinha coisas que talvez ao final não fizemos, que eu não fiz com eles, que estavam na minha parte, mas eu fui trabalhar em outras coisas com eles.

ME: Então, no início estava dentro das suas temáticas de interesse, mas ao final já se distanciou um pouco?

D: Sim.

ME: Vocês tiveram que adaptar algum aspecto da pesquisa originalmente planejada para que ela fosse aprovada no edital?

D: Eu acho que a gente fez o que queríamos fazer e isso estava na escolha do projeto...

ME: E como foi a divisão do trabalho durante os dois anos de pesquisa? Houve algum tipo de divisão de tarefas entre vocês?

D: Eu acho que como, é mais uma coisa... A gente dividiu, a gente tinha vários problemas mais ou menos pequenos... E também, eu não sei se alguém falou, mas como é matemática, a gente em geral não planeja tão bem antes o que é que a gente exatamente vai fazer... Acho que vocês, provavelmente você tenha que escrever, que planejar melhor, fazer tal entrevista dia tal e não sei o quê... a gente não, a gente fala 'existe esse problema aí, eu acho interessante e queríamos investigar esse problema, eu tenho várias metodologias ou, não sei, ideias de como vamos atacar esse problema e vamos tentar isso', mas a gente não pode nunca prometer que realmente vamos conseguir resolver o problema. Ás vezes é muito difícil também e a gente só resolve alguns casos, resolve o problema com algumas restrições e não sei o quê, então a gente não pode planejar antes e falar 'eu vou fazer essa parte, você vai fazer essa parte' porque depende das ideias que a gente tem, então isso não é tão "planejável". Então, como é difícil, acho que a gente planejou só visitas, o pesquisador B veio aqui, eu fui para a Argentina, ele e o pesquisador A tinham mais relações entre eles, mas aí em cada... Eu acho que eu trabalhei em coisas com o pesquisador B, ele trabalhou em outras coisas com o pesquisador A que as duas faziam, como, parte do projeto, mas nenhuma dependia da outra... E também nos levou, como, talvez não... fizemos tudo que vinha na proposta do projeto, mas como que fomos levados a outros lugares, porque você vai pesquisando, você vê que aqui não dá, então tem que fazer outra coisa... É muito comum na matemática, mas talvez difícil de explicar para outra gente que não é como química, onde você tem o seu experimento e vai funcionar assim...

ME: Sem problemas. Então vocês trabalhavam em duplas, é isso, mais ou menos?

D: Eu acho que sim, ainda que tinha outras pessoas... Com o pesquisador B fizemos... Sim, eu acho que sempre quando eu trabalhei com o pesquisador B tinha outras pessoas também, mas que não faziam parte do projeto, que só estavam aí por outra razão e aí nos juntamos e... trabalhamos juntos.

ME: Aqui no Chile, era só o senhor que fazia parte do projeto Beta oficialmente ou havia algum outro estudante de doutorado ou doutor que também fazia parte do projeto?

D: Então, tinha uma pesquisadora... Acho que ela nunca fez parte oficialmente do projeto.

ME: Ela é uma professora ou estudante?

D: Agora é professora, mas ela estava, no momento, no Brasil, depois ela voltou para cá e ficou como “pós-doutoranda” minha, depois alcançou uma posição... Eu não sei se ela realmente ficou. Ela não estava na proposta inicial e a gente nunca usou dinheiro para ela, mas eu não sei se... a gente mencionou ela.

ME: Mas ela esteve muitos momentos junta ao projeto?

D: Sim, com ela trabalhei nessa parte que não trabalhei com o pesquisador B, que mencionei no começo, essas coisas.

ME: E ela é chilena?

D: Sim.

ME: Você ficou satisfeito com essa dinâmica de trabalho?

D: Sim.

ME: Como se deu a comunicação com os outros pesquisadores durante o projeto Beta? Por e-mail?

D: Sim.

ME: Com que frequência vocês se comunicavam?

D: Muito diferente, variava... Acho que como eu, eu principalmente falei mais com o pesquisador B... e com o pesquisador A de vez em quando, mas só quando a gente tinha que fazer o informe final, não sei o quê, quando tinha que fazer alguma coisa burocrática.

ME: E com o pesquisador C?

D: Com o pesquisador C infelizmente não, eu não fiz nada... Não sei se os outros tiveram muita colaboração com ele. Essa é a única parte que talvez não... que não foi tão logrado, acho que pelo menos... não por mim.

ME: Vocês se encontraram pessoalmente algumas vezes, não é? Saberia me dizer quantas vezes vocês se encontraram? E você se encontrou pessoalmente com quem? Com todos eles ou só com os pesquisadores A e B?

D: A gente... Eu acho que eu não fui visitar o pesquisador A e ele não veio aqui, mas a gente se encontrou em alguma conferência, pelo menos uma, talvez duas em esse período, entre uma e três.

ME: Mas não especificamente para o projeto Beta?

D: Não, não fazia parte do projeto, mas a gente se via. Com o pesquisador B mais, mas eu não sei agora dizer... Teve uma época em que talvez ela, fomos como duas, três vezes em um ano, que eu fui para a Argentina e depois ele veio, uma semana ou um par de dias, mas também não tenho certeza agora o que a gente financiou com o quê porque tem outros dinheiros e eu não lembro como.

ME: Mas, em média, você diria que encontrou o pesquisador B cinco vezes ao todo?

D: Sim, eu acho que por aí.

ME: E você avalia essa comunicação como satisfatória?

D: Sim.

ME: Vocês se reuniram alguma vez todos os coordenadores juntos, pessoalmente?

D: Não. Não, eu acho que não.

ME: Não houve um encontro nem para o início do projeto nem para finalizá-lo?

D: Não, tudo por e-mail.

ME: Atualmente, você continua em contato com os outros pesquisadores que fizeram parte do seu projeto?

D: É, sim. Com... Eu continuei trabalhando com o pesquisador B e encontrando ele, ele me convidou, ele e outra gente me convidou a um congresso em novembro do ano passado, por exemplo.

ME: Na Argentina?

D: Sim, na Argentina. Ele fazia parte do comitê, não foi só ele, mas... Você sabe, ele está com algumas questões pessoais atualmente, ele não... A gente ia se encontrar mais e temos coisas para falar e trabalhar, mas quando eu fui lá em novembro ele me disse que agora é difícil e eu acho que, não sei, daqui a um ano, dois anos, talvez... Se eu for para lá, talvez é mais fácil, mas agora a gente não tem planejado nada e ele não foi para os congressos onde eu poderia ter encontrado ele... E o pesquisador A eu só vejo de vez em quando e não continuamos trabalhando, temos uma coisa em conjunto bem do começo, quando nos encontramos na França, mas eu não sei o que no futuro poderia ser.

ME: É um contato mais esparso agora? Não tem nada planejado?

D: Não, não tem nada planejado.

ME: E com o pesquisador C você não tem contato?

D: Não... e não tive muito.

ME: E como o senhor avalia a sua relação com o Pesquisador A especificamente, que era o coordenador internacional do projeto?

D: Não sei o que dizer, normal.

ME: Sempre foi uma relação tranquila?

D: Sim, sim.

ME: O senhor teve contato, em algum momento, com a comissão dirigente do programa?

D: Não.

ME: Só diretamente com o pesquisador A?

D: Sim.

ME: E durante o curso do projeto, o senhor observou que havia algum tipo de assimetria ou hierarquia na dinâmica com os outros membros?

D: Não.

ME: Mas houve essa questão com o pesquisador C... Seria por algum motivo especial?

D: Não, eu acho que não, era só que... No começo, eu não sei também, porque só precisava de dois países da América do Sul e a gente era três. Eu acho que era um

pouco também para ter mais um país, eu não sei se, quanto de projeto em comum eles tinham. Eu acho que desde o começo, talvez, eu conhecia ele menos e nunca fiz, assim, um projeto com ele, então... mas não acho que foi um motivo assim.

ME: Não teve uma razão específica?

D: Talvez ele saiba, eu não sei.

ME: Seria uma incompatibilidade de agenda de pesquisa mesmo?

D: Talvez.

ME: Entendi. E quais foram, na sua opinião, as maiores dificuldades encontradas durante o projeto? Da concepção à conclusão?

D: Em “terminos” da investigação, da pesquisa mesmo, ou em geral.

ME: Em geral... Tanto na questão científica, quanto nas relações.

D: Não, eu não sei nenhuma grande dificuldade.

ME: E quais foram os maiores êxitos do projeto?

D: Eu acho que foi bom que eu fiquei mais perto do pesquisador B e pude trabalhar com ele... Acho que foi bom para mim e para ele, acho que também, porque... eu não sei, foram coisas boas que fizemos e que depois nos, não sei, como já estávamos trabalhando juntos, depois fizemos mais coisas... não sei, não sei... trabalhamos em coisas mais além desse projeto, que talvez eram mais significantes ainda.

ME: Mas só vocês dois trabalharam nessas outras...

D: Não, não, depois com outras pessoas.

ME: Ah, em outros programas. Mas desse projeto só vocês duas...

D: Mas acho que nasceu desse projeto todo, sim. Como, talvez não estava nessa formulação do que queríamos fazer, mas ademais, no final, ficou assim.

ME: Você poderia me falar um pouco mais sobre esse outro projeto que vocês fizeram? Era financiado por alguma instituição internacional ou local?

D: O projeto, este projeto?

ME: Não, o projeto com o pesquisador B que vocês fizeram posteriormente...

D: Ah, não, não, a gente fez um projeto aí quer dizer um projeto de pesquisa, somente que a gente trabalhou nessas coisas, mas que nasceu nesse projeto Beta, na verdade, mas que depois nos levou a trabalhar com mais gente e ficou melhor. Mas também usou outro projeto, existe um centro aqui na minha instituição, eles também pagaram...

ME: Foi então uma cooperação posterior ao Math-AmSud?

D: Ao mesmo tempo, também pode ser... Eu também tenho um projeto aqui da agência CONICYT, que é do governo do Chile, que é um projeto onde um investigador só e você pode pagar seus voos, suas estadias... Acho que também devo ter usado isso ou para ir ou para convidar ele.

ME: Mas era um projeto que continuava questões que vocês tinham trabalhado no programa Math-AmSud, é isso?

D: Sim.

ME: Houve algum tipo de produção conjunta com os outros pesquisadores do projeto financiado? Artigo, livro...

D: Sim.

ME: Que tipo de produção?

D: Artigos.

ME: E você publicou artigos com quem? Com todos eles ou só com o pesquisador B?

D: Só com o pesquisador B e outra gente, mas não do projeto.

ME: Entendi. Mas o pesquisador B fazia parte e o tema estava relacionado ao projeto?

D: É.

ME: E foi um artigo?

D: Então, a gente tem... Eu acho que não, a gente tem um outro artigo com os pesquisadores A e B e uma outra pessoa que começamos a fazer na França... Mas isso foi antes de fazer todo esse projeto, então eu não sei quanto isso conta como uma produção do projeto. Depois, eu tenho com essa mesma pessoa e o pesquisador A, fizemos outra coisa, os três, mas tinha outra gente em Estados Unidos, trabalhando no mesmo problema, então aí eles fizeram também a prova deles e no começo era duas coisas, mas no final nos juntamos e publicamos juntos. Então, aí somos seis autores, dois dos quais somos desse projeto. Então temos isso e depois fiz mais uma coisa com o pesquisador B e um pós-doutorando dele, que já não tinha tanto a ver com a temática que tinha no projeto, mas começamos trabalhando em uma dessas visitas que foi financiada pelo Math-AmSud.

ME: Apresentação de trabalho em congressos houve também?

D: Sim.

ME: Como você avalia sua experiência no programa STIC-AMSUD?

D: Para mim foi muito boa a experiência.

ME: Você recomendaria esse projeto a outros colegas pesquisadores?

D: Sim, acho que sim. Ainda que alguém, quando eu fiz, quando a gente... No começo, um dos meus colegas me falou que é muita burocracia e pouco dinheiro que te dão no final e um pouco posso dizer que é verdade. Pelo menos aqui no Chile tem outras fontes de financiamento, mas... por exemplo, para os argentinos, provavelmente é mais difícil.

ME: Mas mesmo assim você recomendaria?

D: Sim, também não era tanta burocracia.

ME: Você continua hoje com algum projeto no programa Math-AmSud ou STIC-AmSud?

D: Não, agora não.

ME: Esse foi seu último projeto com eles?

D: Sim.

ME: Quais são os projetos científicos que você desempenha hoje ou planeja desempenhar no futuro próximo? Projetos científicos internacionais. Você faz parte de algum hoje?

D: Não, eu no momento não tenho um projeto assim... Você está falando desse tipo de...

ME: De cooperação internacional.

D: Ah não, assim, aí sim, tenho muita. Eu pensei, como, de parte de financiamento, porque aí eu tenho esse pessoal, eu estou em um grupo... A pesquisa mesmo.

ME: Eu digo em cooperação, isso.

D: Aí eu tenho várias coisas, como eu tenho... eu nem sei quantas, têm realmente muitas coisas que eu faço... como de vários lugares e outras temáticas também.

ME: E com América do Sul, você saberia dizer?

D: Aí menos, com América do Norte tenho várias pessoas. Tem o Canadá... América do Sul... Não, eu acho que não tem nada em concreto agora fora do Chile. Com gente aqui dentro do Chile também tenho, de outras universidades, no momento não estou fazendo nada com ninguém, mas eu acho que podia, a qualquer momento poderia fazer alguma coisa ou com alguém da Argentina ou com alguém do Brasil.

ME: Mas existe essa relação muito próxima com o pesquisador B ainda?

D: Sim.

ME: E com a França, você tem alguma hoje?

D: Não porque... Ou seja, está o pesquisador A, mas não temos nada agora, e a pessoa que tinha antes foi a outro país. Então, não tenho com a França nesse momento.

ME: E os seus interesses de pesquisa mudaram depois do projeto Beta de alguma forma ou continuam iguais?

D: Não, eu acho que sim. Eu acho que, como... No sentido de incluir mais aspectos ainda, porque eu antes era mais teórico nas coisas que eu faço e, agora esse outro aspecto eu não tinha tão incorporado, eu tinha feito algumas coisinhas, mas agora eu acho que eu sei muito mais e... sim, eu acho que isso foi do projeto.

APÊNDICE V - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR G
Equipe chilena – Projeto Ômega (STIC-AmSud)[38]

Realizada presencialmente, no Chile, em abril de 2017

ME: Sólo para confirmar, ¿el señor hizo parte del proyecto Ômega, coordinado por el investigador F, con miembros de Brasil, Uruguay y Paraguay, correcto?

G: Sí.

ME: ¿Cómo fue la elaboración del proyecto enviado al programa Math-AmSud? ¿Usted participó de la elaboración?

G: No, fue otro miembro que estuve encargado, que era el director del proyecto general, el investigador F, en Francia. Yo participé, o sea, un poco en la ideación, principalmente, pero la coordinación estuvo por el lado de allá, de Francia.

ME: ¿Y usted era profesor de una universidad o estudiante de doctorado?

G: Yo era ni uno ni otro, yo era… digamos, asistente de investigación o investigador, básicamente… ya había terminado el doctorado, pero estaba trabajando en un laboratorio de investigación en una universidad chilena… y ahí me invitaron a participar.

ME: ¿El señor conocía todos los demás miembros de su proyecto previamente?

G: Bueno, conocía el investigador F, que fue casi mi guía de tesis, y había tenido contacto con otros de los participantes de Francia. Con los de Latinoamérica, no conocía ninguno.

---

[38] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **G** para as contribuições feitas pelo Pesquisador G do Projeto Ômega (STIC-AmSud). Informações que potencialmente revelariam a identidade do entrevistado foram suprimidas ou substituídas na transcrição do áudio da entrevista.

ME: ¿No había tenido contacto con los investigadores H, I o J?
G: El investigador H sí, de un proyecto anterior.

ME: ¿Un proyecto STIC-AmSud?

G: Sí, era un proyecto STIC-AmSud.

ME: ¿Ese fue su segundo proyecto en el programa STIC-AmSud?

G: Sí. El otro había participado cuando era doctorando, estudiante de doctorado solamente.

ME: ¿No era como coordinador?

G: No.

ME: ¿El proyecto estaba en línea con sus temáticas de interés antes de participar de ellos?

G: Sí, por supuesto.

ME: ¿Ustedes tuvieran que adaptar algunos aspectos de la investigación planeada para competir en el programa?

G: No directamente, hubo… Teníamos un proyecto de investigación que estaba andando y el proyecto entraba bien dentro del marco del programa… Lo que básicamente estuvimos trabajamos fue en, un poco, atar la forma de tomar los datos o buscar como contribuir con los contactos que estábamos armando para que los otros actores pudieran desarrollar su análisis o investigación em base a eso.

ME: ¿Y cómo fue la dinámica de trabajo durante los dos años de investigación? ¿Había algún tipo de división de trabajo?

I: Sí, sí, el proyecto, en general, estaba… Básicamente, siempre los dividen en grupos de trabajo con distintos dentro de los grupos de trabajo… No me acuerdo exactamente como se llamaba mi grupo… Cada grupo tenía que ver con una cosa… Obviamente los grupos de trabajo se interceptaban, pero, si, había esa forma de distribuir la forma de las tareas en el fondo.

ME: ¿Y usted trabajó solamente en ese grupo?

G: Yo, principalmente, sí, trabajamos en uno de los grupos… No sé si uno o dos. El grupo de trabajo es una forma de hacer una división de “ethos” dentro del proyecto… es una forma de dividir el proyecto. Creo que estábamos en uno o dos grupos de trabajo.

ME: ¿En Chile había cuantas personas en el equipo del proyecto?

G: Éramos… era yo el investigador principal y tenía asistentes de investigación, creo que eran dos.

ME: ¿Ellos eran estudiantes de doctorado?

G: No, eran estudiantes de ingeniaría… en realidad, ellos ayudaban más en la parte del desarrollo de herramientas.

ME: ¿El señor se quedó satisfecho con ese tipo de división de trabajo?

G: Sí, sí.

ME: ¿Cómo fue su comunicación con los otros investigadores durante los dos años del proyecto? ¿Con qué frecuencia ustedes se comunicaban?

G: No me acuerdo… no era tan seguido, creo que era, teníamos reuniones, hablamos por lo menos de manera trimestral y las reuniones eran una o dos por año, una o dos reuniones físicas por año.

ME: Pero virtualmente hablaban…

G: Virtualmente, hablamos, no sé, una vez a cada dos meses.

ME: ¿Cómo el señor evalúa esa comunicación? ¿Satisfactoria?

G: Sí.

ME: Actualmente, ¿el señor sigue en contacto con los investigadores que eran parte de su proyecto?

G: Sí, pero de manera mucho más informal, o sea, mantenemos el contacto, hemos cruzado, pero no seguimos haciendo investigación, nada así formal.

ME: ¿Con todos ellos o sólo con algunos?

G: Con algunos, diría con la gente de Francia, sobre todo, bueno, él que era mi profesor… Y diría que también con la gente de Paraguay también hubo.

ME: ¿Con el investigador J?

G: Sí, con el investigador J.

ME: ¿Con los investigadores H y I no tienes más tanto contacto?

G: Yo no, pero… Antes te dije que, en el fondo, yo era el coordinador principal, pero en el fondo yo estaba en un laboratorio y mi jefe también un poco era él que coordinaba un poco más, otro aspecto de la investigación… él si mantiene, el laboratorio si mantiene con los investigadores H y I.

ME: ¿Hay alguna razón específica para no mantener contacto tan frecuente con las personas que no lo tiene?

G: La verdad es que, en parte, ahora, yo no estoy haciendo tanta investigación… Yo también he me alejado un poco del aspecto investigativo, no estoy más tan cerca del lado académico. Más que nada, por eso.

ME: ¿Cómo evalúa su relación con el investigador F, que fue el coordinador internacional del proyecto?

G: Muy buena.

ME: ¿Y tuviste contacto en algún momento con el comité directivo del programa STIC-AmSud?

G: Yo no, nunca.

ME: ¿Sólo directamente con el investigador F?

G: Sí.

ME: En la dinámica con los otros coordinadores, ¿usted notó algún tipo de asimetría o jerarquía con los otros participantes?

G: No, no realmente.

ME: ¿Era una relación horizontal siempre?

G: Sí, sí. En el fondo, cada uno tenía su “expertise” y colaboramos de esa manera. Sólo había uno coordinador que, era el investigador F, que buscaba organizar las reuniones, organizar ciertos eventos o los informes y cosas así, pero, fuera eso, era una colaboración más libre.

ME: ¿Y usted viajó cuantas veces durante el proyecto?

G: Tuve tres viajes y fueron de cuatro reuniones totales, porque la primera reunión fue aquí en Chile, la segunda fue en Paraguay, la tercera fue en Uruguay y la última fue en Francia.

ME: ¿Y no hubo una reunión en Brasil?

G: No, en Brasil no, nunca.

ME: ¿En alguna de esas reuniones, estaban presentes todos los coordinadores?

G: Sí, en prácticamente todas, creo que solo la última fue un problema de fechas, porque fue muy cerca de los atentados que hubo en Paris… Entonces también hubo una descoordinación entre los miembros, pero en casi todas participaron todos.

ME: ¿Cuáles fueron, en su opinión, las mayores dificultades encontradas a lo largo del proyecto?

G: No lo sé… Yo diría que no hubo ninguna grande dificultad. Quizás, a veces era el tema del tiempo y acceso a los otros participantes, a veces podría ser un poco complicado por la coordinación, porque, claro, todos son muy ocupados… Pero fuera de eso, en general, no hubo.

ME: ¿Y cuáles fueran los mayores éxitos del proyecto?

G: Yo diría que, sobre todo, expandir un poco la red latinoamericana, originalmente éramos, o sea, en los proyectos anteriores ya había gente que había participado junta, sobre todo entre Francia y Chile, pero agregar Paraguay y Uruguay también fue super interesante… Y eso contacto… intercambiar estas experiencias de investigación entre los distintos actores, en fondo.

ME: ¿Hubo algún tipo de producción conjunta con los otros investigadores?

G: Sí, hubo, pero… no me acuerdo cuantas. Yo sé, nosotros tuvimos una, dos con Francia… Sé que gente de Francia hicieran cosas con la gente de Uruguay. Y sé que con la gente de Paraguay también hubo publicación.

ME: ¿Cómo el señor califica su experiencia, en general, en el programa STIC-AMSUD?

G: Muy buena.

ME: ¿El señor recomendaría este programa a otros investigadores?

G: Sí, evidentemente… es una muy buena oportunidad para crear, lazos de investigación conjunta.

ME: ¿Hoy el señor no desempeña más un trabajo de investigación como antes?

G: No, casi nada… en teoría soy ingeniero de investigación, o algo de investigación y desarrollo, pero, en realidad, estoy mucho más orientado en desarrollo que en la investigación.

ME: ¿Y el señor hoy trabaja en una institución de Francia en Chile?

G: Sí.

ME: ¿Eso crees que tuvo alguna relación con su participación en el programa STIC-AmSud?

G: No, es separado… Yo tenía los contactos con la gente de ese centro y, técnicamente, ya existía la relación cuando postulamos a STIC-AmSud, entonces, no… Fueran cosas independientes.

ME: ¿Y no piensas en desarrollar investigaciones en el futuro?

G: No es mi prioridad, no.

APÊNDICE VI - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR H
Equipe brasileira – Projeto Ômega (STIC-AmSud)[39]

Realizada presencialmente, no Brasil, em agosto de 2017

ME: Você participou do Projeto Ômega que contou com a participação da França, do Paraguai do Uruguai e do Chile, correto?

H: Isso mesmo.

ME: Não era o seu primeiro projeto STIC-AmSud.

H: Não era.

ME: O senhor sabe me dizer quantos projetos STIC-AmSud o senhor participou?

H: Foram três... Três ou quatro.

ME: E o senhor, na época, fazia parte de outra instituição?

H: Fazia.

ME: Atualmente o senhor faz parte de algum projeto vinculado ao programa Math-AmSud ou STIC-AmSud?

H: Não, não faço.

ME: O senhor já conhecia todos os outros membros desse projeto anteriormente?

---

[39] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **H** para as contribuições feitas pelo Pesquisador H do Projeto Ômega (STIC-AmSud). Informações que potencialmente revelariam a identidade do entrevistado foram suprimidas ou substituídas na transcrição do áudio da entrevista.

H: Não, não conhecia. Algumas... A gente, normalmente quando a gente refaz, a gente coloca membros novos e a gente inverte também, por exemplo, normalmente em um eu sou coordenador, no outro eu não sou coordenador, a gente vai alterando as equipes e alterando os participantes também, convidando participantes novos... por exemplo, nesse, exatamente, quem era novo, era do Paraguai.

ME: E os outros membros, o pesquisador do Uruguai, do Chile... Como vocês os conheceu?

H: Eu conhecia eles do STIC anterior, os STICs que fazem a gente... Isso é uma maravilha no STIC, eu que a grande... a parte que eu mais gostei foi o fomento de você conhecer novos... eles não exigem que sejam todos novos integrantes, mas a cada ano que passa a gente vai colocando gente nova, o que ajuda, porque o grupo já se conhece e vai conhecendo, e vai aumentando, expandindo aí o conhecimento entre os pesquisadores. Isso eu achei muito interessante.

ME: E o primeiro STIC que o senhor participou, como você ficou sabendo?

H: Eu fui convidado por um professor francês.

ME: Por um dos professores franceses que fazia parte do projeto Ômega?

H: Ele já não fazia mais parte desse, ele era do anterior... Ele saiu desse. Então ele me apresentou, ele me pôs e depois ele acabou saindo e a gente acabou fazendo colaboração com outros. O grupo eu não sei ainda se ele está formado, se ele continuou fazendo, mas aí a CAPES mudou o sistema do STIC e eu não me encorajei... No meu último STIC, eu tive vários problemas aí com essa parte de financiamento, com o dinheiro, de recebe, trocaram os técnicos que atendem a gente... Eles ficam acho que trocando, não sei se são estagiários lá e é difícil assim, dependendo da hora, você passa maus bocados... Eu não cheguei a passar tão forte, mas um outro colega meu, que era coordenador de outro, teve que pegar dinheiro do salário dele porque a gente marca as reuniões e o dinheiro não chega a tempo ou é autorizado, sempre dá algum probleminha... e aí esse meu colega chegou a pagar pra depois conseguir reembolso e a CAPES não aceita reembolso, você tem que fazer

essa tratativa de conseguir os reembolsos antes... então a parte financeira é bem delicada, esse é que o grande problema... se não fosse, eu acho que seria uma das ótimas formas de financiamento, de integração da américa, seria maravilhoso, agora a parte financeira aí é complicadíssima... porque você assume a responsabilidade de trazer gente e você tem que pagar pra eles, esse que é o “pepino”, assim como quando você vai eles tem que pagar pra você e aí se dá algum problema financeiro você fica com a “batata quente” nas mãos.

ME: E as suas temáticas de interesse na época estavam em linha com as temáticas do projeto Ômega?

H: Sim, isso é uma das coisas que a gente faz e é por isso que vai trocando os membros, a gente vai acertando de acordo com o que o grupo, a maioria do grupo tá ficando... a gente começa a propor um novo projeto numa linha e vai vendo com as universidades participantes se eles têm pesquisadores naquela linha que daí vão entrando no projeto e a gente vai fazendo essa reciclagem.

ME: Então contemplava os seus interesses de pesquisa?

H: Sim.

ME: O grupo de pesquisadores, do qual você fazia parte, teve que adaptar algum aspecto da pesquisa originalmente planejada para que ela pudesse concorrer no edital STIC-AmSud?

H: Não.

ME: Vocês puderam enviar exatamente como vocês queriam?

H: Exatamente como a gente queria.

ME: Todos os membros participaram da elaboração do projeto?
H: É difícil responder essa pergunta assim, porque uma que faz bastante tempo..., mas eu acho que sim. Muitos ajudam um pouco mais, um pouco menos, mas todo

mundo lê, todo mundo tem que colaborar, tem que dar uma lida, “ah, isso tá bom pra você, não tá”. Alguns escrevem um pouco mais, outros um pouco menos.

ME: Como foi a dinâmica durante os dois anos de pesquisa? Houve algum tipo de divisão de tarefas?

H: É que, em nenhum projeto é diferente, né... Ele não é um projeto que tem algo a ser construído, mas sim a ideia dele é fomentar, cada reunião a gente faz, a gente fala, pelo menos essa era a nossa dinâmica... a gente fazia apresentações de trabalhos, do que cada um estava fazendo, e aí os professores “ah, eu posso ajudar com isso”, então, você vem lá, apresenta o seu trabalho, falam “nossa, eu gosto muito disso, posso te ajudar?”, então virava um fórum de troca de ideias, mas não necessariamente todo mundo tinha que trabalhar com todo mundo e, bem pelo contrário... cada um apresenta o seu trabalho e os colegas que estão assistindo falam “ah, eu posso ajudar”, “ah, posso escrever? gostei do seu assunto”, “podemos fazer uma pesquisa juntos?”, “ah, eu tenho um aluno meu que está trabalhando nesse assunto que você falou, posso falar para o meu aluno entrar em contato com você, a gente fazer um negócio junto”, é nesse sentido. Não é um projeto único, em que todo mundo trabalha para fazer a construção do mesmo e chegar no final e dizer “oh, a gente fez isso”, não é bem essa ideia... a gente põe uma temática e a gente no final não produz o projeto em si, mas sim faz reuniões sobre aquele assunto e aí as pessoas falam “ah, eu estou trabalhando isso dentro desse assunto”, “ah, posso ajudar?”, então isso que eu achei bem interessante... é essa não-obrigatoriedade de fazer uma coisa no final e obrigar todo mundo a trabalhar com todo mundo, porque nem sempre isso dá certo, depende muito da afinidade, de quem apresenta... então você leva um aluno teu, teu aluno vê uma apresentação, você já sabe que vai ser naquela linha, né, você leva o aluno certo, o aluno vê lá, conhece a pessoa e aí já começa a trabalhar junto... então viram várias parcerias, mas não que todo mundo trabalha todo mundo junto, em cima de uma única coisa... você pode trabalhar com todos, mas normalmente com a equipe A você faz um tipo de trabalho, com a equipe B você faz outro tipo de trabalho... não necessariamente é o mesmo trabalho que você vai fazer com todo mundo, isso eu achei bem bacana... então tem gente que gosta mais de uma coisa, gente que gosta mais de outra, então você vai se ajeitando dentro

da equipe, então não necessariamente todos os trabalhos está integrado, mas o pessoal está integrado... É uma dinâmica que eu gostei bastante.

ME: Então você ficou satisfeito com essa dinâmica de trabalho?

H: Fiquei, a única coisa que me desencorajou no STIC... Meu único problema é essa parte financeira, parte de funcionamento, que eu acho que eles mudaram agora, acho que a CAPES, ela tirou, não é mais um programa específico, pelo que eu entendi, porque a gente ia tentar submeter... eles iam fazer um, colocar junto com a chamada geral, colocar regras gerais, mas aí eu acabei, como eu estava passando por algumas mudanças, deu uma paradinha ali... eu cheguei a participar de dois ou três STICs em paralelo... simultaneamente... trabalhava sem recurso financeiro, né, lógico, aí é, o recurso financeiro é bem pequeno, é mais para um coordenador, um professor... mas a gente participava pelo grupo, então isso que me ajudava a ficar fazendo vários STIC, fui coordenador de dois ou três, mas eu participei de mais do que isso, porque a gente ficava alterando a coordenação, alterando a equipe, mais para estar em conversa com os professores mesmo, mas daí como eu sei que todos da América do Sul tem também esse tipo de problema, normalmente quem permanece por maior tempo são as equipes francesas que tem um sistema de financiamento melhor, não pela quantidade de dinheiro, mas pela organização de fazer a coisa funcionar o que foi combinado... sabe, você não ter surpresas, eles tem menos surpresas do que a gente... eles conseguem ficar por mais tempo, para eles fica mais interessante, é menos, tem... o número de dor de cabeça, de preocupação, é menor, porque cada vez que você vai entrar no projeto, você fala “hm, quanto eu vou ganhar com isso e quanto isso vai me dar de trabalho”, você fala “um, dois três, tô conhecendo gente daqui, dali, daqui, daqui, ótimo”, chega uma hora você fala “puxa”, passa uns apertos, calça curta ali, aqui, aí você fala “vamos dar uma acalmada, deixa eu me concentrar em outra coisa” porque ele gasta esse probleminha aí... mas eu acho que se tirar o lado, o lado financeiro ali, se desse uma ajeitada, ficaria muito bacana, como integração, né, como um projeto de integração... veja, não é um projeto de, como você está falando, de “vamos fazer um A, todo mundo senta, divide um A em vários pedaços e todo mundo faz”, ele não é esse tipo de projeto porque ele não tem dinheiro, né... o dinheiro que ele tem é para professores se encontrarem, então ele é mais um fomentador de ideias, que isso que eu acho que é o superinteressante... então a gente

fazia reuniões, todo mundo apresentava o que estava trabalhando, alguns já juntos, daí se alguém quisesse trabalhar juntos, naquele assunto ou em outro, isso que eu achei que era a parte interessante... quer dizer, não concorre dos programas do tipo... outros tipos de projeto onde todo mundo tem que fazer a mesma coisa, esse não... isso que eu achei que era o lado “dez” assim, era para fazer reuniões de grupos de pesquisa, aí a gente se encontrava, apresentava trabalhos e aí cada um montava seus subgrupos ali dentro, tinha maior interação com um ou com outro.

ME: Como se deu a comunicação com os outros pesquisadores durante o projeto? Vocês se comunicavam virtualmente?

H: Isso, virtualmente... Tudo por e-mail.

ME: Com que frequência vocês se comunicavam virtualmente durante o projeto?

H: Depende de fases, são... Eram fases. Por exemplo, se você estava fazendo um artigo, era diário, várias vezes no dia, quando não tinha os resultados, as coisas se acalmavam... então cada um fazia o seu trabalho ou você se comunicava mais com quem você estava trabalhando, né, normalmente, assim, “vamos fazer um trabalho em conjunto, sobre esse teu aí, vamos expandir, o que você acha de fazer a mesma coisa que você fez aí nesse tu projeto em outro”... “gostei da tua ideia”, aí a gente ia aumentando, então você entrava em boa comunicação com quem você estava trabalhando, com os outros você acabava daí não falando, só nas reuniões plenárias, que era uma ou duas... deveria ser umas três, quatro, mas aí você não tinha dinheiro, não consegui, daí você não ia, né, faltava...

ME: O senhor sabe me dizer se ocorreu alguma em que todos os coordenadores estavam presentes?

H: Ocorreu... Todos, todos, eu não sei se..., mas sempre ia muitos, vários assim. Eu, a que eu consegui levar aluno, foi a do Paraguai, assim, foi a que eu consegui.

ME: Você realizou alguma no Brasil?

H: Não realizei, não era prevista... porque ele tinha uma... eu não vou lembrar de cabeça agora, se eu não me engano é duas na América do Sul e uma fora... e nós éramos mais que dois parceiros na América do Sul, então não dá, você podia realizar dois na América do Sul e um na França.

ME: Mas o senhor não participou da reunião na França?

H: O da França eu fui uma semana depois. Eu não participei da reunião plenária, todas, mas daí eu participei com os franceses, se eu não estou enganado, foi simplesmente um problema de datas que a gente teve ali, mas, enfim.

ME: E a reunião plenária durava quanto tempo?

H: Depende, normalmente a gente fazia dois dias, três dias... Normalmente o país que faz, faz de dois dias para botar alguns alunos para fazer apresentação, para contar para os alunos e para todo mundo, como se fosse uma miniconferência, né... então a gente fazia as duas coisas junto, pega uma semana de informática, pega alguma coisa, e a gente tentava fazer junto para exatamente ter mais que só a reunião... tentar encontrar mais gente, ver mais serviço... essa que eu achei bem bacana foi a do Paraguai lá, foi muito boa.

ME: Como falamos anteriormente, havia pesquisadores do Uruguai, do Chile, do Paraguai e da França nesse projeto, e o senhor disse que...

H: Nesse, no caso, a gente tinha três viagens, uma na França e duas na América do Sul e aí você tinha que escolher qual você...

ME: Sim, mas o senhor mencionou que naturalmente você se alinha a alguns grupos e se afasta de outros. Você saberia me dizer de quais grupos o senhor ficou mais próximo e de quais acabou se afastando?

H: Então eu infelizmente acabei, por exemplo, não trabalhando com o pesquisador J, do Paraguai, mas foi só por um problema de que o assunto que ele entrava era um pouco maior... Trabalhei mais com os uruguaios e com os chilenos.

ME: E com os franceses?

H: Com os franceses eu trabalho muito, ainda hoje. Com os franceses foi o que mais deu certo, porque, mais uma vez, os franceses têm a equipe maior, eles têm mais apoio, aí eles conseguem receber você mais vezes... nós aqui, a gente sofre e muitos fazem sacrifícios para poder acertar, como eu comentei do meu colega que teve que usar parte do salário dele... ele ficou desesperado, porque ele marcou, o pessoal veio e ele não conseguiu o dinheiro para pagar a diária, porque a CAPES fala “não, vai sair, vai sair”, fica no vai e não vai, “pode marcar que vai” e não saiu, não deu tempo... inclusive eles abriram a exceção dele, poder fazer o adiantamento pra receber depois, mas ele quase “arrancou os cabelos”, né, ele falou que pegou o dinheiro pessoal para poder receber porque todo mundo vêm com a diária, que eu comentei com você... então, nesse quesito, daí a França é melhor, então eu tenho muito bom contato com os colegas franceses... É a maior de todas.

ME: E aqui no Brasil...

H: Inclusive, um abre aspas aí, quem é a cola que une os grupos da América do Sul, são os franceses. São os franceses que vão pondo a gente em contato com as universidades, é... eu entrei através de um francês e fui apresentado aos grupos da América do Sul através de franceses.

ME: Mas você continua trabalhando com pesquisadores da América do Sul hoje, independentemente dos franceses, ou não, os franceses têm que estar presentes para colaborar?

H: No meu caso, não e eu acho que todos os meus colegas, eles continuam trabalhando, mas sempre com a cola dos franceses porque os franceses foram quem apresentou, né... E daí normalmente fica aquela situação, né, o amigo do amigo você acaba sempre estando os franceses juntos. Os franceses, eu acho, que são os grandes integradores aqui da América do Sul, por incrível que pareça.

ME: E aqui no Brasil, faziam parte do projeto...

H: É, mas só uma coisa aqui.

ME: Pode falar.

H: Eu acho que isso acontece porque, de forma geral, grande parte deles fizeram o doutorado tudo na Europa. Por isso que a parte de quem conhece todo o mundo, são os europeus... Então, “ah, ele estudou aqui, ele fez o doutorado aqui, fez o pós-doutorado aqui” e eles vão juntando as pessoas que fizeram, nós aqui não temos contato. Por exemplo, você olha no Chile, “ah, quando é que eu vou ter contato com algum chileno? não sei”, daí quando eu vou fazer um pós-doutorado na Europa, chego lá tem um chileno também fazendo, tem um... então a ponte, a cola de tudo isso, acaba sendo os centros de pesquisa, francês nesse caso, simplesmente porque eles recebem mais América do Sul do que nós. Nós aqui, localmente, a gente não tem... A gente tem alguns estudantes de mestrado, mas doutorado raríssimos que vem fazer aqui e que voltam para o país, né, por isso que a gente não é interface de cola, você fala... sem esse STIC-AmSud, que vem via França, talvez a gente não conhecesse o pessoal da América do Sul. Se tirar o francês da jogada, talvez a gente não tenha conhecimento de pessoas para pôr no projeto... os franceses que dão a dica. Principalmente que, em um dos nossos, tem um pesquisador argentino que nos coloca em conexão com os argentinos e vai apresentando outros, isso que ajuda a gente a conhecer. Interessante isso, né? Nós somos vizinhos aqui, mas quem junta...
ME: E aqui no Brasil faziam parte do projeto, além do senhor, outros professores, doutorandos?

H: Sim.

ME: Mestrandos, não?

H: Mestrandos eu não lembro se a gente podia pôr. Eles faziam parte com as pesquisas dos doutorandos... Porque outro grande problema que tem é que, quando você vai fazer um projeto, muitas vezes você tem que pôr o nome do aluno e o mestrando, você começar o projeto e até você submeter, muitas vezes o mestrando já saiu... e os doutorandos ainda estão, então normalmente se põe doutorando simplesmente pela duração do processo. Você faz o pedido um ano antes, tem a

resposta aqui para começar a ganhar em janeiro e aí já saiu os teus alunos de mestrado que você pensou em pôr, eles já se formaram.

ME: Se o senhor tivesse que fazer uma estiva de quantas pessoas participaram no seu projeto...

H: No Brasil?

ME: No Brasil, sob sua coordenação.

H: Uns três...

ME: Três pessoas.

H: É, um professor... Acho que nesse tinha um professor e dois alunos.

ME: Dois alunos de doutorado?

H: Isso.

ME: Atualmente, o senhor mencionou que...
H: Sempre lembrando que o grande problema é que a verba é extremamente curta, você não consegue pôr, se você põe para participar, você não tem... Se você chega para um aluno e diz que ele vai participar de um projeto, a primeira coisa que ele pensa é que vai conseguir viajar, né, e você não pode... Se eu não me engano, eu tive que brigar para conseguir verba para um aluno ir para o Paraguai... Mas é isso, por isso que você para para pensar, dependendo você consegue fontes de financiamento mais fácil e menos burocrática do que o STIC-AmSud, o que é uma pena.

ME: O senhor mencionou que hoje continua com os pesquisadores franceses, não é? Atualmente?

H: Sim, tenho um forte contato.

ME: Com os paraguaios o senhor tem contato hoje?

H: Não tenho, não tenho.

ME: Com os uruguaios?

H: Eu tenho eles aqui, mas não estou fazendo nenhum... Não estou fazendo nenhum trabalho com eles.

ME: Com os chilenos?

H: Também não. Esse ano não fiz trabalho com nenhum deles.

ME: Nem com os argentinos, que você menciona?

H: Não, porque como eles continuaram em outro projeto, quem está é um outro colega meu, de outra instituição brasileira. É ele quem está tocando o STIC-AmSud.

ME: Mas mesmo fora do STIC-AmSud o senhor não tem nenhum projeto com eles?

H: Não, não tenho, não tenho... É difícil de conseguir fontes de financiamento. Com os colegas da América do Sul normalmente é com o STIC-AmSud, você não tem outras fontes de financiamento. Você tem com a Comunidade Europeia, que tem mais chamadas, com os Estados Unidos, com a Alemanha, mas com a América do Sul é difícil ter dinheiro para alguma coisa.

ME: Não é relação interpessoal?

H: Não, de jeito nenhum. Teria com o maior prazer.

ME: Nem temáticas de interesse?

H: Não, nós temos pessoas que trabalham exatamente nas mesmas, que eram as que participavam do STIC-AmSud.

ME: E como era a sua relação com o pesquisador F, que era o coordenador internacional do programa?

H: Super boa. Conheço ele super bem, mas ele foi o coordenador da vez só... Porque uma das regras é que o coordenador não pode apresentar dois seguidos, o próprio STIC obriga a gente não dar sequência. Daí a gente faz o maior “cambalacho” que é, faz uma equipe grande e vai rotacionando a equipe, mas aí você só tem uma viagem, uma passagem... você fala “ah, daí vai todo mundo?” não, não vai, não dá. Você pode arranjar dinheiro, que isso os franceses fazem muito bem, eles conseguem dinheiro e eles ficam com a equipe inteira andando, são os únicos que vem de três, quatro, cinco, são os franceses... a gente vai um e um... no Brasil, a CAPES, acho que só pode fazer uma viagem por ano, é, não pode repetir no ano seguinte, as regras são tantas, assim... que você como coordenador não pode fazer duas viagens, entende? você faz o programa, você cuida de toda a burocracia, você faz uma viagem e aí tem que mandar um professor fazer outra viagem... é realmente, assim... é a burocracia que... eu parei de mexer porque eu falei “poxa, o retorno é pouco assim, em termos da burocracia”... no início ele era um pouco melhorzinho, mas aí ele foi piorando, piorando, foram apertando as arestas... e essa parte de você ter que ir para um lugar para descobrir o que eles vão pagar isso eu achei muito ruim, porque você não sabe o que vai acontecer... eu tinha dinheiro mas não podia usar meu dinheiro para pagar a viagem, tinha que ir lá e eles pagarem a minha estadia, certo? Isso daí é muito ruim... porque você chega lá e descobre que o cara não tem dinheiro, dançou... o cara lá, coitado, chorando lá, tirando dinheiro do salário, porque é assim, é uma luta, é uma emoção, né, como a gente brincava... e os franceses não, os franceses eles têm uma jogadinha, que quando a gente faz essa “miniconferência”, o governo francês aceita pagar a inscrição e daí com a inscrição deles eles pagavam a diária deles, então eles conseguiam se manter bem assim... inclusive eles, para você ter uma ideia, a equipe francesa quando vinha, eles que pagavam uma, duas ou três refeições.

ME: Para todos os pesquisadores?

H: Para todo mundo porque nós não tínhamos dinheiro, por causa dessas bagunças aí. Então é mais esse lado, que todo mundo vai no STIC e fica meio desanimado...

porque todos sofrem, o pessoal da América do Sul inteiro. Não sei se alguém elogiou..., mas pelo que eu escuto todo mundo reclamava e bastante, só não sei o quão sincero eles podem ser, mas era bem difícil assim, era um dinheiro complicado, sabe? É aquele que você acha que você tem, mas você não tem certeza, quanto você tem, se vai ter dinheiro... chegou no final, eu devolvi dinheiro, aí você vai falar “pô, se você devolveu dinheiro, então estava sobrando” ... é que a gente não consegue gastar... quando dão, ainda é complicado de gastar.

ME: O senhor teve contato em algum momento com a comissão dirigente do programa ou algum representante do governo francês?

H: Não, eles fazem as reuniões, né, eu nunca tive dinheiro para ir... Também é em épocas do ano, não sei se é outubro, eles têm uma data que eles fazem ali, normalmente é semana de provas... eu já não tinha verba, não conseguia ir para a reunião que eu queria ir, não ia ir para outra.

ME: Mas eles também não contataram você diretamente?

H: Não.

ME: Era sempre através da agência nacional?

H: É, sempre através da agência nacional..., mas a gente recebia o convite, né... daí fica muito, a parte de política assim, não é meu forte, não... eu prefiro mais o lado de pesquisador e já é difícil ter dinheiro para as reuniões de trabalho...

ME: E durante o curso do projeto, você observou que havia algum tipo de assimetria ou hierarquia entre os membros?

H: Eu nunca tive problema, são todos colegas meus... São todos colegas.

ME: Acredito que o senhor já respondeu isso, mas... Quais foram, na sua opinião, as maiores dificuldades encontradas durante todo o projeto (da concepção à conclusão do projeto)?

H: A parte financeira... Com toda a estrutura financeira.

ME: E quais você acredita que foram as melhores características do programa?

H: Foi o que eu comentei também, de conhecer pessoas novas... Isso eu achei muito bacana, poder ter acesso, é uma pena que isso não tenha mais para fomentar os núcleos aqui, ou que seja tão difícil de ter... os núcleos dos sul-americanos aqui, porque a gente tem vizinhos que fazem ótimos trabalhos, mas todo o “link” de conexão vai ser os Estados Unidos ou a Europa, eles vão para lá, a gente vai para lá, se encontra lá, vem e faz um outro trabalho aqui, mas o nosso “link” acaba sendo sempre lá pela falta de dinheiro que a gente tem aqui... É mais fácil você ir para a França do que ir para a América do Sul porque tem muito mais projeto com a França ou com os Estados Unidos do que aqui com a América do Sul, apesar de ser mais barato, a gente não tem esse financiamento... e se a coisa não for organizada, não adianta, você chega lá e eles não conseguem te receber, vem para cá, fica difícil da gente receber, a fórmula deles de fazer você pagar quem vem, eu achei muito ruim... o problema foi assim, a pessoa tem que continuar se preocupando se vai pagar a passagem, por exemplo, eu vou para o Paraguai, eu tenho que me preocupar com a passagem, tem toda a burocracia da passagem, mas eu não peço a diária... aí eu chego lá e eles vão me dar o que eles podem pela diária, que teoricamente deveria ser a diária normal, mas sempre dá um problema e nunca é... então ficou ruim, você tem a burocracia e não tem o recurso... ao invés de deixarem “ah, já pede aqui no Brasil: avião e diária”, o Brasil não tem, ótimo, não vou, já sei que não vou ganhar, não vou... ou já sei quanto vou ganhar, me viro, “a CAPES liberou tanto, quer ir?”, ok, vou, não vou, decido... agora, do jeito que ficou, fica uma surpresa... você pega a passagem, briga pela passagem, ajeita, arruma a passagem, aí chega lá e tem problema do outro lado, que você nem sabia porque você não participou, quem estava “arrancando os cabelos” era o colega do outro lado... aí ficava ruim de receber, porque cada vez que você recebia você tinha que se preocupar em ajeitar a vida de um monte de gente, e cada um tinha que se preocupar com a sua passagem... eu achei assim a fórmula muito ruim, eles conseguiram complicar a vida de todo mundo... por exemplo, no último, que você perguntou se eu não recebi ninguém, eu fiz de tudo para não ter a reunião aqui... eu não estou afim de me preocupar em ter que receber todo mundo, correr atrás de

hotel para todo mundo, faz uma miniconferência com você tendo que organizar tudo... com todos os problemas burocráticos, esse é o lado ruim... só que isso todo mundo reclamava para a CAPES e não resolveu, agora acho que a CAPES trouxe para o genérico, mas eu não fui atrás, não vi como é que está... hoje em dia, eu não saberia, porque toda vez que eu ligava lá, eu fazia questão de reclamar.

ME: Houve algum tipo de produção conjunta com os outros pesquisadores do projeto financiado (artigo, livro...)?

H: A gente, no mínimo... sempre saiu um ou dois artigos de revista, de conferência.

ME: Mas não era um artigo de todos os pesquisadores?

H: Nunca, de todo mundo junto, nunca.

ME: De colaboração bilateral?

H: Isso, isso. “O pesquisador X gostou de um trabalho que eu apresentei com um aluno meu, aí colaborou... eu com o do Chileno, o outro com”, assim, cruzado assim, então daí tem as relações que a gente fazia.

ME: Vocês chegaram a apresentar os resultados em algum congresso?

H: Sim, em revista, congresso... em vários lugares. Todos a gente sempre fez questão de fazer no mínimo um, dois, três trabalhos, sempre saiu.

ME: O senhor estimaria então, mais ou menos, três trabalhos no último projeto?

H: Então, é assim, no projeto saiam mais que três...

ME: Que o senhor participou?

H: Que eu participei, nesse último, dois ou três... Bons trabalhos assim, deu, mas não com todo mundo, sempre com parte do projeto... aí a gente lista a quantidade de

trabalhos do projeto, é grande, chega a nove, dez trabalhos no projeto, então acho que dá um bom resultado.

ME: Em geral, como você avalia sua experiência no STIC-AmSud?

H: Eu gostava muito... tirando essa parte burocrática e financeira...

ME: Você recomendaria esse programa a outros colegas pesquisadores?
H: Com essa ênfase, acho que qualquer um que me perguntar, eu digo “pense bem”, “o projeto é bom, mas pense bem, porque o lado burocrático e financeiro é traumatizante” ... pode ser muito traumatizante, dependendo de como acontece... com o tempo você descobre, que normalmente a gente não consegue participar da primeira reunião... porque não dá tempo de sair o dinheiro, então você falar que vai fazer, na primeira vez eu falei de fazer a primeira reunião no Brasil, olha a inocência... depois eu aprendi que eu faço força para nem ter a reunião no Brasil... ou seja, eu gostava do projeto? gostava, mas a parte burocrática e financeira, eu não recomendo, não dá... senão depois o amigo vem reclamar comigo... então você tem que saber que é legal que você vai conhecer pessoas novas, a dinâmica é interessante, mas a parte burocrática e financeira é complicada.

ME: E hoje você coopera com parceiros acadêmicos internacionais?

H: Sempre?

ME: Você poderia mencionar os países dos principais parceiros? Você já falou dos franceses...

H: Com os franceses bastante, inclusive eu tenho um aluno que está para defender a dupla-diplomação, a tese de doutorado... e americanos.

ME: O senhor planeja cooperar com os parceiros sul-americanos no futuro próximo?

H: Eu acho que sim, se der certo, com certeza... se os nossos trabalhos assim, se encaixarem... foi o que eu comentei com você no início, eu faço de tudo para não

mudar a minha pesquisa, se eu ver que tem alguém pesquisando próximo, vamos trabalhar juntos... eu sou, eu gosto de trabalhar junto com as pessoas, desde que eu não tenha que fazer muito esforço diferente do que eu tinha planejado, não vou fazer uma rota aqui... porque normalmente não dá muito certo, se você sai da sua área de conhecimento, pesa bem mais, né.

ME: E os seus interesses de pesquisa mudaram desde que o senhor começou a participar dos projetos STIC-AmSud?

H: Não, continuam os mesmos... Sempre os mesmos.

APÊNDICE VII - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR I
Equipe uruguaia – Projeto Ômega (STIC-AmSud)[40]

Realizada presencialmente, no Uruguai, em março de 2017

ME: Sólo para confirmar, ¿el señor fue parte del proyecto Ômega, coordinado por el investigador F, correcto?

I: Sí.

ME: ¿Cómo fue la preparación del proyecto enviado al programa Math-AmSud? ¿El señor conocía todos los demás miembros de su proyecto previamente?

I: Si, bueno, nosotros, con el mismo grupo que propusimos ese proyecto, teníamos ya antecedentes de otros proyectos STIC-AmSud… dos otros proyectos anteriores… y más o menos a todos los socios les conocíamos de antes y parte normalmente del trabajo en el proyecto es pensar en cómo seguir trabajando.

ME: Entiendo. ¿Entonces había dos proyectos anteriores también financiados por el programa STIC-AmSud?

I: Si.

ME: Actualmente, ¿el señor está en algún otro proyecto STIC-AmSud?

I: Actualmente, tenemos un proyecto financiado, pero, que por distintos temas administrativos, no se ha ejecutado todavía… Es un proyecto STIC-AmSud y como los socios brasileños, que tienen determinado eses problemas administrativos para determinar las bolsas, las actividades concretas no han comenzado todavía, pero va

---

[40] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **I** para as contribuições feitas pelo Pesquisador I do Projeto Ômega (STIC-AmSud). Informações que potencialmente revelariam a identidade do entrevistado foram suprimidas ou substituídas na transcrição do áudio da entrevista.

a venir un estudiante chileno hacer una pasantía acá cómo parte de este proyecto nuevo.

ME: Pero, por ejemplo, el investigador J, de Paraguay no estaba en los otros proyectos STIC-AmSud. ¿No lo conocías antes?

I: El investigador J... No, creo que el primer proyecto contaba con los paraguayos, sí… En el primer o en el segundo, no me acuerdo…, pero los paraguayos participaran, a ver… No, entiendo que es el primero que participan los paraguayos.

ME: ¿Usted no participó de la invitación a los paraguayos?

I: Que buena pregunta… No me acuerdo muy bien, por qué lado llegaran los socios de paraguayos.

ME: ¿Y ellos no están en su proyecto actual?

I: En el proyecto actual… hay socios de Chile, de Brasil, nosotros y los franceses.

ME: ¿El proyecto estaba en línea con sus temas de interés o tuve que cambiar algo?

I: Bueno, siempre, digamos, dentro del área general de investigación son los mismos temas… como parte de los proyectos, ponen más énfasis en un tema o en otro, pero, si, básicamente, los temas de investigación son los mismos.

ME: ¿Estaba en línea con sus intereses personales?

I: Si, sí.

ME: ¿Ustedes tuvieran que adaptar algunos aspectos de la investigación planeada para competir en el programa?

I: No, en general, en eses proyectos que son, sobre todo, un intercambio, cada socio mantiene más o menos su línea de investigación y tratamos de ver qué cosas aportan

a la idea general del proyecto, no se ha una grande variación en la línea de trabajo de cada uno.

ME: ¿Y cómo fue la dinámica de trabajo durante los dos años de investigación? ¿Había algún tipo de división de trabajo?

I: Sí, en eses proyecto se marcan esas tareas y hay los responsables por esas tareas… y, bueno, cada uno aporta su “expertise” en el área que está más cercana al que viene trabajando.

ME: ¿Y aquí en Uruguay, usted coordinaba un equipe de cuantas personas?

I: En ese proyecto particular, creo, participamos cerca de três investigadores.

ME: ¿Todos profesores doctores de la universidad?

I: A ver, déjame ver bien... No también hay estudiantes... Un par de estudiantes de doctorado… dos investigadores y dos estudiantes.

ME: ¿Usted se quedó satisfecho con esa división de trabajo?

I: Si, no tengo quejas.

ME: ¿Cómo fue su comunicación con los otros investigadores durante los dos años del proyecto?

I: Mucho por correo electrónico, sobre todo, algunas videoconferencias… y reuniones presenciales, hicimos tres o cuatro durante los dos años.

ME: ¿Con qué frecuencia ustedes se comunicaban virtualmente?

I: No muy frecuente… Lo más usual es el correo electrónico, muy de vez en cuando una videoconferencia.

ME: ¿Pero por correo, una vez por mes más o menos?

I: No, depende mucho… Cuando, un par de meses previos a, por ejemplo, organizar un “workshop”, un “workshop” acá, el intercambio por correo es mucho más intenso, por ejemplo… y después del “workshop” también porque, como se acuerda la línea de trabajo, etcétera, se trabaja más frecuentemente… la medida que va pasando el tiempo, hay cómo que, hay menos comunicación… no es sostenido la comunicación, es más al redor de los eventos presenciales.

ME: ¿Cuantas veces ustedes se reunieron presencialmente?

I: Tres o cuatro veces, a ver… Hubo un “kick-off”, un primer “workshop”, un segundo “workshop” y un “final meeting”. Cuatro.

ME: ¿Dónde fueran?

I: En Chile se empezó el proyecto, después hubo el primer “workshop” en Paraguay, un segundo “workshop” aquí en Uruguay y el cierre del proyecto fue en Francia.

ME: ¿El señor participó de todos los encuentros?

I: No, yo participé del acá, de Uruguay, y del cierre, en Francia… No me acuerdo, pero creo que sí, participé del lanzamiento en Chile… Sí, estuve en Chile.

ME: ¿Y en Paraguay, había alguno representante de su equipo?

I: Si, fue un doctor de acá.

ME: ¿El señor evalúa esa comunicación como satisfatoria?

I: Sí.

ME: Actualmente, ¿el señor sigue en contacto con los investigadores que eran parte de su proyecto?

I: Si, con algunos de ellos tenemos una comunicación un tanto seguida.

ME: Voy a decir el nombre del investigador y ahí me dices si tienes comunicación frecuente o no… ¿Con el coordinador, el investigador F, tienes contacto?

I: Sí, esporádico, pero sí… porque tenemos un estudiante de doctorado en co-tutela en Francia y tenemos alguna comunicación.

ME: ¿Con el investigador G, de Chile?

I: Un poco menos, porque él ahora se movió a otra institución y está en otras cosas.

ME: ¿Con el investigador H?

I: En general, los brasileños han participado muy esporádicamente de esos proyectos y actualmente no tengo relación con él.

ME: ¿Con el investigador J, de Paraguay?

I: Sí, tenemos una relación, además él participa de una conferencia latinoamericana y estamos muy en contacto con la universidad.

ME: ¿Y con el investigador K, de Francia?

I: Si, en realidad, terminó trabajando otra persona ahí…

ME: ¿No era él?

I: Él era si lo responsable, pero la persona que yo conocí… A él no lo conocí.

ME: ¿Era sólo el coordinador?

I: Exacto.

ME: ¿Hay alguna razón específica para no mantener contacto tan frecuente con las personas que no lo tiene?

I: No ninguna, simplemente temas em común. Tengo más contacto, incluso por un tema hasta cultural, tengo más contacto con los chilenos porque trabajamos en cosas más parecidas, ellos han venido muchas veces para acá, hemos tenido un intercambio, incluso fuera de los proyectos ese STIC-AmSud… Por cercanía, simplemente, por ningún otro motivo.

ME: ¿Cuál fue su relación con el investigador F, que fue el coordinador internacional del proyecto? ¿Se comunicaba bien con él?

I: Sí, ningún problema.

ME: ¿Y tuviste contacto en algún momento con el comité directivo del programa STIC-AmSud?

I: No, siempre a través del investigador F.

ME: Durante el transcurso del proyecto, ¿usted notó algún tipo de asimetría o jerarquía en la dinámica de trabajo con los otros participantes?

I: No, no. Fue bastante igualitário.

ME: ¿Usted clasificaría la relación como horizontal?

I: Sí.

ME: ¿Cuáles fueron, en su opinión, las mayores dificultades encontradas a lo largo del proyecto?

I: La mayor dificultad que tengo en ese proyecto, pero eso en general, digamos, es que la financiación es sólo para movilidad, entonces trabajar concretamente un tema

de forma sostenida sería… más fructífero se hubiera, por ejemplo, becas para estudiantes, que nos permite mantener el tema… sino lo que terminamos haciendo es escribiendo los temas en que ya venimos trabajando más o menos en los temas del proyecto, pero no hay casos específicos del proyecto… pero es una característica del programa, no de ese proyecto en particular.

ME: ¿La dificultad entonces es de hacer un proyecto con varios equipos en diferentes partes, al mismo tiempo?

I: Sí, sí.

ME: ¿Y cuáles fueran los aspectos más positivos también del programa?

I: Bueno, primero que es bastante sencillo presentar el proyecto y la respuesta es racionablemente rápida… nos ha costado, ahora se normalizó un poco, pero nos ha costado cobrar bastante porque la relación con las distintas agencias, de los distintos países, no es la misma siempre… varía mucho de país a país… muchas veces se nos complica armar una reunión, porque alguno de los socios, la agencia de investigación de ese país no tiene, no liberó los fondos, ese tipo de cosas son las que complican un poco más la parte de recursos.

ME: ¿Hubo algún tipo de producción conjunta con los otros investigadores del proyecto financiado (artículo, libro, conferencia, etc.)?

I: Estoy intentando recordar… Lo que si hubo fue colaboración concreta de estudiantes de doctorado nuestros con estudiantes de doctorado franceses…

ME: ¿Intercambio o colaboración directa?

I: Las dos cosas, un estudiante nuestro estuvo allá, un estudiante de Francia, que es suramericano, estuvo aquí, tratando los mismos temas. En esa estancia no se llegó a tener una colaboración conjunta, pero como fruto de eso, otro investigador de nuestro proyecto termino haciendo una pasantía de un año en Francia, con el grupo del investigador F.

ME: ¿Sabes decirme porque no hubo publicaciones?

I: Simplemente porqué, ya te digo, estuvo mucho fragmentado encontrar un punto concreto de colaboración… para publicar exige estar trabajando exactamente lo mismo y eso se dificulta bastante con esto tan fragmentado así.

ME: ¿Cómo el señor califica su experiencia en el programa STIC-AMSUD?

I: Para mí, ha sido positivo, porque… sobre todo con los seis grupos, ir buscar colaboraciones más allá de los proyectos, digamos… estos proyectos STIC-AmSud son proyectos para conocer gente, básicamente, conocer líneas de trabajo que están haciendo otra gente, en otros lados… y después uno busca colaborar por su lado, digamos, con la gente que tiene más afinidad, etcétera.

ME: ¿El señor recomendaría este programa a otros investigadores?

I: Sí, a principio sí… Creo que es muy bueno para ponerse en contacto, yo te digo… está muy bien y sobre todo si hay participación de estudiantes, que es lo que más o menos garantiza que haya una línea de trabajo que se siga con más intensidad, digamos… los investigadores estamos en muchas cosas a la vez y no lo podemos dedicar tiempo específico a un tema concreto, y cuando un estudiante está haciendo su doctorado o su maestría en un tema particular y está alineado con el proyecto, las cosas funcionan mejor.

ME: ¿Aún sobre su relación con los coordinadores, alguno de ellos estaba en el primer proyecto STIC-AmSud de que participaste?

I: Sí, de la parte francesa… El investigador F, por ejemplo… En los equipos franceses, más algunos colegas… Colegas chilenos también.

ME: Aún sobre el primer proyecto suyo, ¿cómo tuvo conocimiento del programa? ¿Fuiste invitado?

I: Sí, en 2007 o 2008, hubo el lanzamiento del programa ese, fuimos invitados muchos investigadores a Chile, se hizo una presentación del programa, el lanzamiento… y ahí se empezó a establecer vínculos.

ME: ¿Entonces el señor conoció la mayoría de esos investigadores en el lanzamiento del programa?

I: No, no, algunos los conocí ahí, otros eran conocidos de conocidos.

ME: Bueno, además del proyecto que ya mencionaste, ¿piensas en con un parcero internacional?

I: Sí, sí, claro… Todo el tiempo… O sea, los programas STIC-AmSud son una fuente de cooperación y tenemos muchas, incluso por mi propia formación… Tengo contactos en España, Bélgica, Francia, Argentina, Brasil… Por muchos lados tenemos cooperación, además del STIC-AmSud

ME: ¿Pero el proyecto internacional más concreto que tienes hoy es del programa STIC-AmSud?

I: Sí, es ese.

APÊNDICE VIII - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR J
Equipe paraguaia – Projeto Ômega (STIC-AmSud)[41]

Realizada presencialmente, no Paraguai, em fevereiro de 2017

ME: Primeramente, ¿Cómo fue la preparación del proyecto enviado al programa Math-AmSud? ¿El señor conocía todos los demás miembros de su proyecto previamente? ¿En caso afirmativo, cómo los conociste por la primera vez? ¿En cuanto a los miembros que no conocía antes, como ellos fueron incorporados al proyecto?

J: Bueno, para iniciar el proyecto, no conocía a nadie, ni a los franceses, ni a los chilenos… Los chilenos tampoco conocían a los uruguayos. Ellos contactaran conmigo a través de colegas que ya trabajaran en proyectos anteriores.

ME: ¿Y quién contactó al señor?

J: A mi contactó un investigador uruguayo, el doctor…

ME: El investigador I, ¿no?

J: No, no, no… El investigador I no contactó conmigo, contactó conmigo un colega de él que ya trabajó conmigo y me invitó a participar con en el grupo, pero ya me ponía en contacto con los franceses. El investigador F, era él que organizaba el STIC-AmSud, entonces era el coordinador del grupo y con él me contactó… a través de una tercera persona que participó del proyecto, que no era el investigado I, cómo se llama el otro chico que estuvo en el proyecto por Uruguay, que participó de una de nuestras reuniones… Luego puedo buscar su nombre.

---

[41] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **J** para as contribuições feitas pelo Pesquisador J do Projeto Ômega (STIC-AmSud). Informações que potencialmente revelariam a identidade do entrevistado foram suprimidas ou substituídas na transcrição do áudio da entrevista.

ME: No hay problema, no necesito de los nombres, solo me gustaría saber mismo quien era.

J: Fue un colega que forma parte, a quien conocí en un congreso latinoamericano de informática, el más grande que se realiza… y ahí conocí ese profesor, ese colega, y él contactó conmigo, luego hicimos un trabajo juntos y luego el vino a dar un curso acá… nosotros tenemos una escuela regional de TICs, donde traemos profesores, colegas, que puedan dar áreas diferentes que no desarrollamos... y ahí que nos contactamos mucho, trabajamos juntos en varios proyectos.

ME: ¿Y eso cuanto tiempo antes del proyecto STIC-AmSud?

J: Cinco años antes, ya lo conocía.

ME: ¿Cuáles eran sus temas de interés antes de participar en el programa STIC-AmSud? ¿El tema del proyecto estaba en línea con sus intereses personales de investigación de la época?

J: En realidad, cuando yo estaba trabajando en eso, porqué después mudamos un poco dado que me dediqué más a hacer gestión… el cargo no me permite, por la estructura de mi universidad, tener un cargo administrativo casi no te permite a seguir haciendo investigación, entonces tenía colegas que sí estaban trabajando conmigo en el área… más o menos, teníamos interés también de ver… porque yo estoy en una área de proyectos que hace relación universidad-empresa, y tenemos una empresa estatal que tenía interés de ver, de mejorar ciertos aspectos de su servicio y sobre todo conocer la percepción del usuario… y el proyecto en si tenía ciertas relaciones en cuanto a lo que era infraestructura del área en que doy clases aquí, que tiene que ver un poco… luego, mi área, digamos, empezó a migrar un poco hacia lo que es la gestión… hoy estoy en de nuevo departamento.

ME: Entonces, además del interés del corso, ¿había el interés de la empresa estatal que influenció la participación, sí?

J: Exactamente… Sí. Y ahí también había que agregar que tengo dos colegas, un había llegado recién de España, después de doctorarse, y otro profesor acá, que si tenían sus áreas de investigación más relacionadas…

ME: ¿El equipo de investigación, que usted perteneció, tuvo que adaptar algunos aspectos de la investigación planificada originalmente para que pudiera competir en el programa STIC-AmSud?

J: Sí, nosotros trabajamos… ¿Te refieres a la propuesta que enviamos, la primera?

ME: Sí.

J: Sí, hicimos… nosotros aportamos nuestras ideas, no, porque cada grupo o cada país y grupo de investigación se ocupó de alguna parte de agregado, de… y de otros quesitos que se debía hacer… entonces aportamos nuestras ideas, hicimos algunos cambios, “tropicalizando” un poco a nuestra situación, a ver, como podíamos aportar y trabajar más ahí… y lo que sí incorporamos nosotros, con salario, a dos estudiantes, para que puedan trabajar y salir una tesis de grado, porque nosotros tenemos muy pocos alumnos todavía de posgrado, mucho posgrado incipiente aún, entonces tuvimos un resultado así, muy interesante, en que dos chicos trabajaran con nosotros para hacer la propuesta.

ME: Desde el primero momento, el investigador F fue responsable por organizar todo, desde la concepción del proyecto, ¿sí?

J: Sí, mi contacto primero fue con el investigador F, el coordinador de Francia, muy gentil por supuesto… nuestra comunicación fue en inglés porque ellos manejaban muy poco de castellano… también tenemos un colega que es Argentino, que si él era un poco como interlocutor entre, porque acá, manejando al inglés, bueno, hay muy poca gente… y como queríamos que ellos vengan y queríamos hacer un “workshop” en Paraguay, si el “workshop” es en el idioma local mira mejor a los estudiantes y puede impactar con mayor oportunidad a los estudiantes… pero el investigador F estuvo constantemente apoyándonos, para mí fue un excelente coordinador.

ME: ¿Cómo fue la dinámica de trabajo durante los dos años de investigación? ¿Había algún tipo de división del trabajo y qué parte estaba bajo su responsabilidad?

J: Si, nosotros teníamos un cronograma de tareas, teníamos actividades por fases, como cualquier proyecto… y en realidad, éramos en pares, estábamos como responsables uno y otro de modo que aquello pueda cumplir el objetivo del STIC-AmSud de relacionar a la gente en sí, verdad… entonces, había un coordinador, pero sólo para decir "bueno, esta tarea, va a ser… vamos a ocuparnos de eso", pero responsables eran siempre dos por universidad, lo cual a mí me pareció muy interesante. Y casi todos participábamos, alguien del grupo participaba de otras actividades, para entender bien y para también relacionarnos con los demás… eso fue, en realidad, una propuesta de Paraguay, a ver si se podía hacer así, porque estaba bastante más dividido. Bueno, y ellos creerán que sí, que era interesante, y se propuso eso… Nosotros estuvimos en lo que era la "calidad de la experiencia", en ese sentido estuvimos en la parte del proyecto.

ME: ¿Usted se quedó satisfecho con esta división o, en algún momento, ella le causó descontento?

J: No, no, no. En cuanto al proyecto en sí, a la división, a lo programa, a las propuestas, al trabajo que se hizo, hicimos un "workshop" muy interesante, estuvieran más de trecientos estudiantes escuchando a los profesores, fue una experiencia muy interesante… el único problema que si nosotros tuvimos, es que el CONACYT Paraguay no nos transfirió el dinero y todo el primer año él lo pagó por la universidad, la universidad se hizo cargo… Luego, un año después de que inició el proyecto, el CONACYT nos transfiere el dinero, pero resulta que no reconoce todos los gastos que se hicieron durante un año… Que pasa que en Brasil también es así, según nos comentó el colega… Entonces, al final, que nosotros ya hicimos lo "workshop" acá, los gastos más pesados ya tuvimos, ya lo pago la facultad, pero el CONACYT Paraguay no quiso reconocer eses gastos… tuvimos que devolver parte del dinero por eso, porqué luego te cuento más adelante el problema que surgió cuando explotó la bomba, cuando íbamos reunirnos en Francia, explotó la bomba está en varios lugares, creo que, y bueno, y se tuvo que cancelar el viaje, no pudimos hacer sino una reunión virtual, que nunca es lo mismo.

ME: ¿Cómo fue su comunicación con otros investigadores durante los dos años de proyecto? ¿Con qué frecuencia ustedes se comunicaban virtualmente y cuantas veces se reunieron en persona?

J: Sí, en persona nos reunimos una vez, para iniciar, en Chile, otra vez en Paraguay, otra vez en Uruguay y la última vez teníamos que irnos a Francia, pero hicimos una reunión virtual porqué fue imposible… Hacíamos las reuniones, semanalmente nos comunicábamos vía correo electrónico o “One Drive” porqué ahí compartíamos los documentos, hacíamos todo compartido, se tenía en un calendario “Google” lo cronograma, entonces te avisaba en cual momento teníamos que hacer trabajos… dificulto mucho para nosotros la falta de los recursos porqué teníamos que poner todo de nuestra parte, de la facultad, y en ese entonces estaba otro decano que nos apoyó muchísimo, que siempre nos apoyó, y bueno, pero no sirvió el apoyo de CONACYT en ese primer año… hacemos las reuniones virtuales, que todo mundo nos juntábamos, una vez al mes, y las reuniones entre grupos si hacíamos dependiendo de que se faltaba algo en el cronograma o si no vamos a poder llegar, o las entregas, entonces hacíamos a cada quince días, más o menos.

ME: ¿Y esas tres reuniones que mencionas, fueran con todos los coordinadores internacionales presentes?

J: No, no… En mi caso, no. Yo me fue a Chile, en Uruguay se fue otro doctor, que tenía más experiencia en el tema que se iba tratar, era más técnica también la reunión…. Y a Francia si íbamos a ir los tres, nosotros, porque ya que teníamos ese dinero del CONACYT también… en Chile no se pudo ir el brasileño porque su CONACYT allá, CAPES, no le próvido el dinero a tiempo y él no podía usar el dinero de otro proyecto para ir hacer eso… en cambio, nosotros sí, hicimos acá algo, teníamos algo más elástico, digamos, más dinámico… y aquí en Paraguay no vino el investigador F, vino otros investigadores franceses… y tampoco pudo venir el investigador I, vino otro colega uruguayo… y vinieran los dos brasileños, el profesor y su alumno de doctorado.

ME: ¿Y era una semana de reunión?

J: Una semana casi… Por problemas de vuelo, por ejemplo, el uruguayo tuvo que venir casi tres días antes, porque había muy pocos vuelos… en cambio, nosotros cubrimos, por ejemplo, para eso, era el dinero, la facultad pago todo eso, el hotel, el viatico y también esa era la regla… ellos tenían, pagaban sus pasajes, y nosotros pagábamos el hotel, el viatico y todo que costo hacer el “workshop”, preparar, publicitar, nosotros hicimos, en realidad, el “workshop”, visto así, tenía que ser solamente en el grupo, debido que en Chile no tuvo éxito el “workshop” que se quiso hacer a nivel de universidad… entonces hubo una resistencia de mis colegas cuando en la reunión de Chile, les dije “vamos a hacer público”, porque yo quiero que eso sea para los estudiantes y se motiven para seguir trabajando, y que sepan que se está haciendo en el mundo sobre eso… bueno, estuvieron “no, va a haber un workshop como en Chile”, me decían ellos, mientras aquí tuvimos trecientos estudiantes en el aula magna escuchando las charlas que fueran en un día, fue muy exitoso.

ME: ¿En Chile se intentó hacer eso también?

J: Sí, y no pudo un “workshop” me dijeron. Sí, yo creo que, porque nosotros tenemos también unas formas de motivar a nuestros estudiantes, se los tienen cuenta la participación en algunas asignaturas, se participa de una charla hay un porcentaje que se pueden tener en cuenta, como una actividad del estudiante… en Chile no, entonces, no pudo tener el éxito. En Uruguay si se hizo y también se fue exitoso.

ME: ¿Sólo en Francia no se pudo hacer?

J: No, no se pudo hacer por un problema ajeno al proyecto.

ME: ¿La comunicación entonces evalúa como satisfactoria?

J: Sí, entre los colegas sí.

ME: ¿Actualmente, usted sigue en contacto con los investigadores que eran parte de su proyecto?

J: Solamente con el investigador I porque teníamos algunas, la posibilidad de publicar juntos, que esa era la idea, entonces tenemos comunicación porque otro investigador, que fue a Uruguay, estuvo trabajando con él en un artículo, que al final no lograran a publicar, pero si, se escribo este artículo… también estamos en contacto con los franceses porque nosotros queremos enviar nuestros estudiantes allá, iban a ir dos chicos que probablemente hicieron la tesis conmigo… quieren ir los dos hacer, en el área del investigador F y su equipo, una maestría allá… entonces están vendo con ese sistema de becas que estamos teniendo nosotros, muy interesante, el gobierno está pagando ahora unas becas muy interesantes, mil y quinientos dólares por mes y te paga toda la inscripción en la universidad, en las trecientas mejores universidades del mundo… están viendo para ir hacer el posgrado. Pero, lastimosamente, yo creo que el tiempo de STIC-AmSud fue un poco corto y los recursos, más que nada, fueran muy dificultosos y poco para poder interactuar más de cerca y sacar mayor provecho de esto, yo creo que esa es la parte que a nosotros nos dificultó mucho… por lo demás, todo estaba muy… porque para interactuar con un grupo diferente, necesitas definitivamente más que dos años de que duró la propuesta, fue corto y ellos… por ejemplo, en el caso de los franceses, que nos explicaban, que ellos en realidad tenían otros proyectos de no sé cuántos millones de euros, que tenían que dedicarle tiempo y eso era algo así demasiado poco dinero y no podían tener otra gente que pueda trabajar con ellos… algunos, había gente que vino por el proyecto, pero que el proyecto no pagó su pasaje… le pago mismo la universidad de Francia, para poder apoyar al equipo y al grupo de investigación.

ME: No tiene más tanto contacto con…
J: No, de trabajo, no.

ME: ¿Con los investigadores G y H?

J: El investigador G estuvo, no… Con el investigador H casi nada, no sé si por el idioma o si porqué el sólo estuvo una vez y después no nos vimos más, él no fue, creo que, quizás haya ido a Uruguay… sólo vino a Paraguay y después ya fue complicado. El investigador H se iba ir a Francia, pero al final tampoco salió… Creo que hubo muchas dificultades externas también al proyecto, por eso no logro el objetivo… pero tampoco está roto. Con el investigador G hablamos y él va a venir a darnos un curso

de su área ahora en Julio para la escuela de STIC que hacemos, él va venir… Entonces, seguramente, en esa reunión, podemos ver cómo podemos continuar trabajando juntos… Él nos apoyó mucho en el proyecto de los chicos que estaban haciendo la tesis… Nos ayudó mucho en eso, siempre a la distancia, verdad, porqué recursos es lo que no tenemos…

ME: Hablaste un poco, pero me gustaría…

J: Te voy a explicar también, ¿puedo agregar algo ahí?

ME: Sí.

J: En base a la experiencia que tuvimos con el proyecto Omega, nosotros nos presentamos a un proyecto de CONACYT, en Paraguay, para trabajar con la empresa estatal que ya mencioné… Porque, dado el corto tiempo y dado que no podemos avanzar mucho en ciertos aspectos del trabajo, no pudimos hacer muchas cosas con ellos… Entonces, la idea de hacer el experimento con la empresa estatal, no pudo ser e hicimos un simulador, de nuestro experimento fue muy acotado con ciertas personas… Pero tuvimos que hacer con otra empresa, que no era la estatal, que era una empresa privada y la gente privada siempre tiene interés de detener ese tipo de información. Nos presentamos una propuesta y el primer año fue rechazada. Nuestra análisis de la argumentación del rechazo fue algo que no podíamos creer, pero reclamamos eso y resultase que ahora, un año y medio después, aceptan la propuesta, tal cual, sin ningún cambio, y felicitando el CONACYT por la propuesta. Pero, todos los investigadores ya están haciendo otras cosas, estamos en otra cosa, un año después es muy complicado decir “vamos continuar”, pero estamos nosotros ahora analizando cómo hacer para aprovechar ese dinero, estirar nuevos estudiantes que haya continuidad de lo que ya hicimos, y hacer lo que queríamos hacer, un experimento en sitio, en máquinas reales…

ME: ¿Y cuantas personas hacían parte del equipo de STIC-AmSud en Paraguay?

J: Éramos tres profesores, dos alumnos… Cinco.

ME: ¿Cuál fue su relación con el coordinador internacional del proyecto? ¿Y tuviste algún tipo de contacto con el comité oficial de programa STIC-AMSUD?

J: No, no… Lo que si tuvimos que reunirnos con el presidente de CONACYT acá por el problema del desembolso y, bueno, después cambió el presidente y ahí hubo más problemas aún, había que explicar, nadie se hacía cargo, el CONACYR de Paraguay decía “no, no funciona el presupuesto”, el presidente saliente decía “si, hay una nota”… cosas así, entonces eso fue lo que rechazo mucho… cuanto a las personas y el coordinador francés, siempre tuvimos muy buena relación, buen contacto, sin ningún inconveniente, por lo menos los paraguayos… a pesar del problema del idioma un poco, porque había que comunicarse el inglés de un francés y el inglés de un paraguayo y, bueno, entonces era un poco complicado, pero estuvo bien… la gente se entiende, igual el idioma no es nunca un impedimento cuando hay buena voluntad.

ME: Durante el transcurso del proyecto, ¿usted notó algún tipo de asimetría o jerarquía en contacto con otros miembros o con el coordinador internacional?

J: ¿En qué sentido, más o menos? Había mucha diferencia de preparación y formación entre lo que ellos habían hecho ya en su trayectoria profesional con respecto a nosotros, definitivamente sí, pero yo creo que el STIC-AmSud es también un poco hacer eso… esa transferencia y ayuda en conocimiento para que la gente de Latinoamérica pueda crecer. Yo noté, a ver, cada uno, como el tiempo era corto y cada uno quería estirarse hacia lo suyo para poder publicar, porque ese era el objetivo… individualmente… hubo un poco de eso y tal vez porque el relacionamiento era complicado, no relacionamiento, digo más, el encuentro… tenía que haber más encuentros, creo que yo, tal vez así podíamos comunicarnos más o tal vez el tiempo tenía que ser más largo… porqué entonces la gente piensa “bueno, apenas tengo ese tiempo, tengo que sacar provecho de esa situación”… y una institución de Francia había instalado en Chile, hacía poco tiempo, su sucursal, digamos, su filial en Chile, entonces ellos tenían un interés mayor en lo que podían hacer con los chilenos… y también porque muchos de ellos, uruguayos y chilenos, eran alumnos de los franceses, eran fueran tutores de muchos de ellos o estuvieran en la universidad o trabajaban juntos, entonces, como es lógico, la relación con ellos era un poco mejor, digamos, había cierta afinidad entre ellos, y a nosotros nos costó más.

ME: ¿Pero el señor se sintió marginalizado?

J: No, no, no, al contrario… No, todos apoyaran. Yo digo, no más, a ver… como ya tienen investigación en conjunto, ya habían publicado entre ellos, era más fácil hacer eso mismo y que, sabían que podían con nosotros, tenían que cómo… empezar, solo por eso. Pero como personas, así, todo… ninguna. Cosa que los franceses tienen fama de ser así un poco elitistas, ellos no.

ME: Bueno, yo estoy investigando los programas, pero no he encontrado muchas instituciones o investigadores de Paraguay que hacen parte de Math-AmSud o de STIC-AmSud…

J: Ese fue el primero, el primero fue… después de seis años…

ME: ¿Por qué el señor cree que eso ocurre? Paraguay es un parcero de los dos programas, teóricamente… ¿Cuál es tu opinión?

J: Por el problema del apoyo de la investigación acá en Paraguay, hay muy poco apoyo… Por ejemplo, algunos de nuestros colegas tienen un salario muy bajo como investigadores y para poder sostener una familia es imposible… entonces tienen que hacer otras cosas además de su trabajo de investigación. Entonces, los paraguayos no pueden dedicarse mucho tiempo… Yo tuve un estudiante de ingeniaría, que fue ingeniero y que era profesor acá y que fue presentarse con un grupo de Uruguay, de Chile a una propuesta para STIC-AmSud, en el año 2013, pero no prosperó, no ganaron, digamos, no salió elegida la propuesta y allí murió... eran otras personas, verdad… pero también, el colega que contactó conmigo me dijo “esta es la línea de investigación”, entonces no era la mía y fue otro colega, y nosotros nos habíamos conocido a través del congreso… y como el congreso nos reúne todos los años, nos vemos al menos una vez al año entre todos, y se trata siempre de hacer algún trabajo en conjunto o te invitan a hacer una presentación en una universidad o ellos vienen aquí… para eso nosotros creamos también la escuela, pero la escuela es a puro pulmón hacemos eso, el CONACYT de Paraguay no nos apoya en eso, porque solo apoya al área de investigación de posgrado… y el grado está como que, quien apoya

el grado? Y nadie… Y en el grado es donde hay que empezar el tema que la gente se involucre y quería ser investigador, porque acá, en Paraguay, hay demasiado ofertas laborales muy, muy importantes, para el estudiante que está en el tercer año ya, y les cuesta por eso decidirse por ir al área de investigación, se quedan obnubilados por el tema del dinero porque ganan demasiado… yo tengo estudiantes que ganan mucho más que yo, pero mucho más que yo, trabajando como analista, programador… ese tipo de cosas hacen que en Paraguay la investigación este tan, pero tan incipiente… entonces, no somos en realidad, digamos, un país o un grupo de investigadores muy… motivantes para que nos inviten, yo recuerdo que un organismo de España y Portugal que ayuda América Latina decía “si Paraguay, Bolivia y no sé qué país están con ustedes, tienen tanto por ciento más de probabilidad de ganar” porqué así trataban de motivar a que los paraguayos tengan… pero aquí hay poca investigación y el investigador gana muy poco dinero, ese es el problema en el fondo, verdad… que te mueres de hambre, prácticamente, siendo un investigador… y la carrera de investigador tampoco está bien reglamentada, acá se le contracta al investigador y resulta que es un contrato laboral de tres años, que no te da tampoco estabilidad laboral.. es un concurso, pero es un contrato, verdad… entonces la gente, igual, no sabe, aún que trabaje, aún que produzca, no sabe, porque las reglas no son claras… a ver, una universidad que tiene cincuenta mil estudiantes, como la nuestra, y prácticamente noventa por ciento de los profesores son profesores de paso, que vienen, dan clases y se van… o a medio tiempo, pero medio tiempo no se puede… y el profesor que está a tiempo completo es porque hace una área de gestión también… entonces, ahora, luego del problema que tuvimos… de la corrupción que había acá y que sigue estando… hay que resolver esos problemas de fondos en la universidad, eso le va costar mucho, todavía… porque aún hay un gigante que se cortó la cabeza, pero la ramificación aún está… yo creo que va pasar mucho tiempo, todavía, unos diez años para que esa universidad siga adelante… lamentablemente, porque hay personas brillantes… y que, tengo esperanza, que toda esa gente que se fue afuera estudiar, vuelva y se involucre en la universidad y entonces allí puede que sea un cambio…

ME: Volviendo al proyecto, ¿cuáles fueron, en su opinión, las mayores dificultades encontradas a lo largo del proyecto (desde la concepción hasta su finalización)? ¿Y cuáles fueran las mejores características del mismo?

J: Bueno, las mayores dificultades, el tema del dinero… no teníamos recursos… y sin recursos, no se puede hacer magia, nosotros casi hicimos magia, verdad… y la mayor satisfacción fue haber tenido la oportunidad de contactar con todos esos colegas, de escuchar lo que estaban haciendo, que tampoco estábamos tan lejos, en lo poco que hacíamos de ellos… de que nuestros estudiantes puedan tener la posibilidad de contactar también con ellos, interactuar, presentaron su propuesta en el "workshop", los chicos presentaron ya su propuesta, fueron ellos los que estuvieron hablando cómo que por Paraguay también y salió la tesis… lastimosamente, la continuidad de eso, que nosotros queríamos que ellos vayan a hacer el posgrado, todavía no se concretó, pero creo que va a ser.

ME: ¿Hubo algún tipo de producción conjunta con los otros investigadores del proyecto financiado (artículo, libro, conferencia, etc.)?

J: Presentamos un artículo, pero no se… Entre nosotros, por lo menos con Paraguay, no se aceptó… Un artículo con los uruguayos, con Uruguay hicimos un artículo…

ME: ¿Pero no fue publicado?

J: Fue poca la producción… No pudimos lograr eso, yo creo que por problemas de recurso… Si Brasil tuvo problemas de recurso, Paraguay también, entonces, y Uruguay no tenía tampoco mucho… Es un poco absurdo pretender que con cinco mil euros se pueda hacer, se llevar adelante un proyecto en un corto tiempo, demasiado corto es el tiempo… yo creo que cuanto más… si más corto es tu tiempo y necesitas trabajar más, tienes que interactuar mucho más…. porque a distancia, no más, es más difícil, porque la gente no estuvo solo concentrada en hacer sólo ese proyecto… ningunos de los del grupo estuvimos solo con eso, los franceses tenían gigantes proyectos con Europa, los uruguayos también en los mismos proyectos que ellos, Chile con los suyos, Brasil con los suyos, todos estaban ahí… sólo creo que nosotros fuimos los que estuvimos si concentrados en eso, pero éramos los más pequeños y con problemas de recurso.

ME: ¿Cómo califica, en general, su experiencia en el programa STIC-AMSUD? ¿El señor recomendaría este proyecto a otros investigadores?

J: Sí, definitivamente… El hecho de relacionarse con gente que esta tan capacitada, que tiene posibilidades de apoyar a que siga creciendo la investigación en nuestros países, vale la pena, vale la pena el esfuerzo, aún que el dinero sea tan elementar… claro que recomendaría, que de hecho ya lo hice… para nosotros, si vamos a balancear entre lo negativo, y lo positivo, fue muy positivo, fue muy positivo… queríamos haber hecho más, queríamos haber concretado lo del articulo…, pero, dada las dificultades de hacer, por eso que nosotros, entonces, al final, cuando vimos que no podíamos hacer tan fácil la investigación y continuar con los colegas… porque ellos tampoco no podían atrasarse por culpa nuestra, aún que el objetivo sea apoyar más al… tal vez ahí había un poco de, digamos, cómo te decía, cada uno quería un poco hacer… cuando es investigador, te obliga la entidad que te paga o de quien está contratado, de que se no publicas ese número de artículos en cierto nivel, están penalizándote… esa presión nosotros notamos también, no en los colegas franceses, pero con nuestros mismos colegas aquí de Latinoamérica.

ME: Has hablado un poco de tu función hoy, pero ¿cuáles son los proyectos científicos que la señora planea desarrollar en un futuro próximo y cuáles son sus principales temáticas de investigación hoy?

J: Bueno, como te decía, nosotros tenemos una propuesta de continuar algo que empezamos en el proyecto Omega… lo estamos analizando de hacer esa propuesta y continuar también con algún alumno de maestría, porqué hay ahora una maestría en TICs, que pueda hacer, y sacar los artículos que tampoco logramos hacer… yo creo que con ese dinero y a través de ese proyecto entonces si vamos a poder hacer… de seguir haciendo esa parte… y que va tener un aporte muy importante para la empresa estatal.

ME: ¿Pero ese es un proyecto local solamente?

J: Sí, local.

ME: ¿Usted piensa en cooperar con un parcero (institucional o físico) internacional?

J: Sí, como eso salió de hecho de la propuesta del proyecto Omega, está como nuestro “partner” internacional está el investigador I, de Uruguay, el investigador F, que era coordinador internacional, y otros investigadores de Francia… Ellos tienen que hacernos… Nosotros haríamos el trabajo y nos van hacer una evaluación y un aporte de conocimiento, la idea es que los estudiantes puedan ir hacer una pasantía, los que van trabajar acá localmente ir hacer una pasantía en Francia… ahora, pero, la semana pasada que nos aprobaran, entonces que nos vamos empezar a hacer los contactos con ellos a ver se siguen dispuestos a apoyarnos en eso y… la parte que ellos harían con nosotros en el proyecto es esa, verdad, cómo validaría nuestra propuesta y ver se podemos sacar artículos en conjunto, en esa área que estamos analizando se vamos a seguir.

APÊNDICE IX - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR L
Equipe brasileira – Projeto Sigma (STIC-AmSud)[42]

Realizada presencialmente, no Brasil, em dezembro de 2016

ME: Você participou do Projeto Sigma entre 2014 e 2015, correto?

L: Sim.

ME: Como foi a elaboração do projeto enviado para o programa STIC-Amsud? Você conhecia todos os outros membros do seu projeto? Se sim, como os conheceu pela primeira vez? Quanto aos que você não conhecia anteriormente, como eles se tornaram parte do projeto?

L: Eu conhecia todos os coordenadores, né, das diversas instituições. Conheci em oportunidades diversas a... Talvez eu possa falar um pouco de cada um deles, né... O Pesquisador P é meu colaborador de longa-data. Nós já tínhamos uma colaboração anterior. Tínhamos feito uma orientação em cotutela de um aluno de doutorado. Ele tinha ficado um período na minha universidade. Isso há... Quer dizer, esse período ele tinha ficado há uns dez anos atrás. E aí nós participamos de um projeto ALFA, que é financiado pela Comunidade Europeia, né. Que é a minha instituição... Eram duas instituições brasileiras e a instituição dele lá na França e nós sempre tivemos a vontade de dar seguimento a essa colaboração de alguma maneira. E aí já tínhamos pensado em alguma forma de financiamento, né, porque apesar das facilidades que temos hoje em dia com a internet e tal, a mobilidade é sempre muito mais frutífera eu acho. Quando você vai e está diretamente com aquela pessoa, imerso naquele ambiente, você consegue produzir melhor. E a gente tinha esses planos, de quando tivesse um edital propício, tivéssemos numa situação ambos de fazer um projeto levamos a cabo esse projeto. Então, basicamente começou entre nós dois. O outro parceiro francês eu conhecia vagamente, mas o Pesquisador P já tem colaboração com ele. Do lado sul-americano, o pessoal do Chile, que são duas instituições que

---

[42] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **L** para as contribuições feitas pelo Pesquisador L do Projeto Sigma (STIC-AmSud).

entraram, ambos já tinham participado desse projeto ALFA que eu comentei. E o da Argentina em conheci numa conferência, nós trabalhávamos... nós trabalhamos em temas muito correlatos e nunca tínhamos feito nada juntos, realmente nada. Mas eu tinha a intenção de convidá-lo para fazer algum projeto e quando apareceu a oportunidade de fazer o STIC-AmSud foi o que precisava para reunir todas essas pessoas. E, além do quê, a gente precisava de um tema comum e... Antes de fazer o projeto, eu tinha tido planos de fazer um pós-doutorado e tinha proposto esse tema para o pesquisador P, essa área, mas acabou que não deu certo por uns motivos pessoais e o tema ficou meio adormecido. E esse tema congregava todas essas pessoas, né, nas suas mais variadas vertentes. Aí foi assim que apareceu o tema do projeto. Eu me encarreguei basicamente pela redação porque era um tema que eu já trabalhava e tinha interesse. O pesquisador P interagiu fortemente comigo. Os outros, evidentemente tiveram acesso ao documento e fizeram contribuições, mas foi fundamentalmente... a proposição do projeto e a escolha do tema foi feita a partir de nós dois.

ME: Quais eram suas temáticas de interesse antes da participação no programa? A área em que o projeto se encontra contemplava seus interesses pessoais de pesquisa na época?

L: Sim.

ME: Você já respondeu, não é?

L: Sim.

ME: O grupo de pesquisadores, do qual você fazia parte, teve que adaptar algum aspecto da pesquisa originalmente planejada para que ela pudesse concorrer nesse edital especificamente? Se sim, quais aspectos?

L: Bom, como eu disse, da minha parte... do meu grupo de pesquisa particular, não teve essa necessidade porque já era um tema que eu estava disposto a trabalhar com ele, já era um possível tema de pós-doutorado e as outras pessoas do meu grupo de pesquisa, da minha universidade que participaram, ou trabalham diretamente com

esse tema ou com abordagens que se adequam a esse tema, então a gente não teve que fazer adaptação. Me parece que... que os pesquisadores do Chile... e talvez o segundo da... Menos, mais talvez um pouco o Pesquisador Q, da universidade francesa, tiveram que se adaptar um pouco à temática. Não que eles não concordassem, mas... Principalmente para o do Chile, me parece que a abordagem era uma nova para eles.

ME: Isso para os dois do Chile?

L: Isso, para os dois.

ME: Como foi a dinâmica durante os dois anos de pesquisa? Houve algum tipo de divisão de tarefas? Se sim, como foi realizada essa divisão e qual foi a seção que ficou sob sua responsabilidade?

L: Certo. É, eu acho que a gente fez um pontapé bem interessante. Então nós conseguimos fazer uma reunião conjunta, pegando pelo menos um representante de cada equipe, no Brasil... porque, como eu disse, já existia conhecimento entre alguns, mas existiam outros que nós conhecíamos de eventos, mas não conhecíamos diretamente, a forma de trabalho, etecetera. E nós conseguimos fazer essa reunião no Brasil e, é, organizamos o calendário de tal modo que todo mundo esteve lá. E essa reunião... É, na verdade, foi um “mini-workshop” porque durou um pouco mais de uma semana, alguns ficaram o período todo, de sete, oito dias, outros ficaram quatro dias, mas o fato é que todo mundo esteve reunido, nesse primeiro momento, juntos. E aí a gente tinha o tema, a gente tinha a abordagem, mas como tinham várias frentes de trabalho possíveis de serem atacadas e tinham *expertises* diferentes entre os pesquisadores, o que a gente fez foi... E a equipe não era pequena, envolvia todas essas instituições que eu já mencionei, o que a gente fez foi dividir a equipe em grupos de trabalhos, onde mais de uma pessoa poderia participar de mais de um grupo de trabalho, não eram disjuntos os grupos. E, isso... Bom, começou cada um se apresentando, né, dizendo as suas potencialidades, não pessoais, mas do grupo, porque a gente não conhecia pessoas do grupo, né... Os coordenadores, como eu falei, mais ou menos... eu conhecia todos e quase todos se conheciam..., mas existiam pessoas naquele grupo que nunca tinham tido contato, então cada um fez uma

apresentação rápida no primeiro dia. Identificamos dentro do projeto quais eram os temas de interesse e expertise de cada um e fizemos uma divisão, se não me engano, em três grupos de trabalho. Nós elegemos um responsável por cada grupo de trabalho, que iria manter atualizado para a equipe toda quais eram os progressos que estavam havendo no seu grupo, o que é que estava sendo feito e... Bom, eu fiquei responsável por um grupo desses, mas além disso, eu fiquei – como eu era o coordenador do projeto – eu fiquei responsável por administrar... a palavra não é essa, mas eu vou usar a que me ocorre, a cobrança aos coordenadores, né, “como é que está indo o seu grupo?”, etecetera. Nós fizemos uma página onde ficou “publicizado” lá, quem eram os grupos, o que estava acontecendo, quais eram os objetivos, etecera, e era a forma da gente se comunicar. E isso funcionou principalmente no primeiro ano, aonde as coisas estavam começando a acontecer.

ME: Entendi. Esses outros membros que você menciona... Eram todos pós-graduandos? Ou eram doutores também?

L: Tinham vários doutores, né, em cada... Na França, dois em uma instituição, dois em outra. Na Argentina, dois também. No Chile, em uma das instituições eram dois e na outra um. E a gente, lá, na minha instituição, nós éramos acho que seis doutores... e tinham alunos envolvidos. A maioria dos alunos eram argentinos e brasileiros. A França não teve alunos participando... e no Chile teve pós-doutorandos, mas não teve alunos em formação.

ME: E como foi a decisão de que você assumiria essa função de coordenador internacional? Já foi junta com o projeto ou foi em diálogo com a coordenação do programa? Como isso ocorreu?

L: Ocorreu de forma muito natural. Eu não tinha a intenção de ser o coordenador inicial, mas como eu lancei o tema e participei muito fortemente da definição, da redação do projeto... quer dizer, eu e o pesquisador P acho que conhecíamos com mais detalhes o que seria o projeto que era esperado, né, como eu disse todo mundo teve acesso ao documento que foi enviado e tal. E eu acho que ocorreu de uma maneira natural ficarmos ou eu ou ele na coordenação e ele por questões circunstanciais, ele tinha um cargo administrativo na universidade e você sabe que a

coordenação do projeto demanda um certo trabalho, um trabalho burocrático, de prestação de contas... de dividir as tarefas e organizar se tá tudo funcionando, isso dá um certo trabalho especialmente quando envolvia tantas instituições. Me parece que esses projetos da STIC-AmSud envolvem, em geral, menos instituições do que o nosso. Eu não tenho estatísticas, mas acho que o nosso foi... por alguns comentários que ouvi. Então... e era envolvido um bom número de pessoas e isso ia demandar algum esforço. Aí eu acho que o Pesquisador P, quando estávamos discutindo quem seria o coordenador na hora de submeter, ele sugeriu meu nome e os outros acataram... Então foi assim.

ME: Como se deu a comunicação com os outros pesquisadores durante o projeto? Com que frequência vocês se comunicavam virtualmente e quantas vezes se encontraram pessoalmente?

L: Bom, teve esse encontro inicial onde teve pelo menos um representante de cada instituição, alguns teve mais de um, e aí essas comunicações se davam mais corriqueiramente entre os grupos. No grupo que eu fazia parte, nós trocávamos informações por e-mail, né. O pontapé inicial é sempre o mais complicado porque você está começando a trabalhar naquele tema, nós ficamos uma semana, uma semana e três dias trabalhando, então... a gente tentou trabalhar em cada grupo, para já sair de lá alguma coisa, um Vº (v zero), mas é evidente que o trabalho em si começou a acontecer depois que a gente se separou, né, e se dava por e-mail. Mas a gente também organizou, e aí já não contou com toda a equipe, mas com parte dela, alguns eventos onde diversos grupos iam lá, então, por exemplo, teve um evento no Chile, onde teve uma sessão técnica, então foram argentinos... foram... franceses pra lá. Depois teve um evento no Brasil, quer dizer, não foram eventos do projeto, mas eventos e congressos nacionais onde a gente propunha sessões técnicas e membros tomavam parte... eram sessões abertas, evidentemente, mas os trabalhos tinham a ver com o projeto. A mesma coisa que aconteceu no Chile, aconteceu na Argentina e aconteceu no Brasil. Então, nesse momento, houve reuniões presenciais de parte da equipe que estavam trabalhando naqueles trabalhos apresentados lá. E, fora isso, tinham as visitas de trabalho que, eu arriscaria dizer, foi a parte que fez de fato o projeto acontecer. A gente tentou fazer visitas com... de mais de um membro, então, por exemplo, essa visita inicial aconteceu assim, mas... quando eu fui pra Argentina,

eu fui com um colega, do projeto, da minha instituição, já tinha um outro lá que estava fazendo o pós-doc e eu acho que esse fato de estarem vários membros do projeto reunidos fez com que em pouco tempo, que é uma semana, uma semana e pouco que é o que essas visitas duram, em pouco tempo a gente conseguisse resultados. Porque tinham... Se a gente... Acho que foi uma boa estratégia essa, ao invés de fazer reuniões separadas, “não vai você” e daqui a dois meses vai uma outra pessoa, a gente concentrava... Porque, de alguma maneira, o grupo que estava recebendo tinha que adequar a sua rotina, praticamente você parava a sua rotina para receber aquelas pessoas que eram muitas e o trabalho era concentrado. Quando, em geral, você recebe... Pelo menos essa é a minha experiência, quando você recebe uma pessoa então você continua fazendo as suas aulas, suas atividades administrativas e se reúne durante duas horas, três horas. Não é regra isso, mas, assim, acho que você se sente menos intimidado, né, do que você receber uma quantidade maior de pessoas e ver que tem que acontecer alguma coisa e acaba mudando a sua rotina em função daquilo e isso faz com que você consiga, num curto tempo, ter algum resultado.

ME: Entendi. Mas a única vez em que vocês se reuniram todos, presencialmente, foi no início?

L: Isso, no inicial.

ME: Você avalia essa comunicação como satisfatória?

L: Sim, como qualquer comunicação, sempre tem algum ruído, né. Nada é perfeito, às vezes você... Porque as pessoas também têm as suas atividades em suas instituições, então você marca deadlines que muitas vezes não são cumpridos, por fatores dos mais variados. E algumas vezes a comunicação também não flui ou... Não que... Assim, você está esperando uma resposta, e a pessoa não tem tempo hábil para dar aquela resposta, aquilo atrasa alguma coisa, quando ela pode você também não pode, porque cada um está no seu mundo, mas de uma maneira geral eu acho que foi bem. Não existiu nenhum tipo de atrito ou divergência ao longo da produção do projeto, o que aconteceu foram alguns atrasos no que a gente tinha planejado dentro de alguns grupos.

ME: Atualmente, você continua em contato com os outros pesquisadores que fizeram parte do seu projeto?

L: Sim.

ME: Se sim, com qual frequência? Eu peço que, caso você esteja em contato apenas com algum/alguns dos membros do projeto, diga quais são eles e qual o motivo desse contato.

L: É, então talvez eu tenha que individualizar, de novo... Com o Pesquisador P nós mantivemos contato desde então por vários motivos, durante o projeto nós tivemos uma orientação em cotutela, o início né... Era um aluno meu, que tinha feito as disciplinas aqui, foi ficar um ano lá e depois voltou para a minha universidade. Então a gente tinha contato direto com o co-orientador francês para dar seguimento a esse trabalho. Muito também em função desse projeto, o pesquisador francês acabou vindo com uma bolsa... de pesquisador visitante especial para o Brasil. Então, depois do projeto, ele ficou um ano, dois... não, três anos com essa bolsa, onde a gente teve outras orientações conjuntas, outros trabalhos conjuntos. Entao, isso acabou agora, está acabando... Tem uns dez dias que acabou o projeto, né, com esse pesquisador. Com o outro grupo francês [do pesquisador Q] o meu contato é menor, eu não tive... O meu contato estou falando da minha instituição, né, a gente... deu... uma parada, depois do projeto a gente não teve mais contato a não ser para pedir parecer para um artigo, alguma coisa assim, mas não continuidade do trabalho. Com o grupo argentino, que era aquele com o qual eu tinha menos contato antes do projeto, a gente mantém uma boa colaboração, dentro do possível, eu pessoalmente e alguns pesquisadores que trabalharam... da minha instituição que trabalharam mantém contato com esse grupo e... aconteceram outras publicações depois que o projeto terminou, publicações conjuntas. Eu tenho um colega que continua trabalhando atualmente com o grupo lá, a gente sempre troca alguma ideia por e-mail e aconteceu de que um... um pesquisador e que não fez parte do projeto mas que tinha trabalhado com o coordenador argentino está no Brasil há três meses, com o meu grupo lá, e eu acho que o interesse dele de ir para o Brasil foi exatamente em função do que aconteceu, assim... do que ele soube que aconteceu, porque ele não fazia parte..., mas do que aconteceu, dos temas que a gente trabalhou, o tipo de coisa que a gente desenvolveu,

isso fez com que ele fosse fazer... está fazendo uma espécie de pós-doc de três meses, com uma bolsa argentina, com financiamento da Argentina, que por acaso está terminando agora também. Faltou falar dos chilenos. Os chilenos foi o grupo com quem o grupo do Brasil menos trabalhou. Eu cheguei a enviar um aluno já no final do projeto para trabalhar com eles, lá... já no final do projeto, então a ideia era dar começo em alguma coisa, mas não foi muito além. Eu tive ainda um trabalho com um dos pesquisadores lá do Chile, que a gente fazia parte daquele mesmo subgrupo, mas também foi esse trabalho inicial, não foi muito adiante. A gente teve uma certa dificuldade, dos brasileiros eu estou falando, da mobilidade porque nós tivemos um ano de paralisação na universidade que fez com o que o calendário de aulas ficasse bagunçado, então quando a gente tinha planejado ir para tal lugar não pode mais ir porque estava dando aula. Então acabou com que as nossas visitas ficaram meio prejudicadas. Essa do Chile, por exemplo, só aconteceu no último mês do projeto, o que é chato porque... o bom é que você faça essa visita inicial, para definir um tema e tal e possa dar prosseguimento ainda ao longo do projeto e só pôde acontecer no final... foi de um aluno de doutorado, que também não pode ir antes porque precisava concluir sua tese de doutorado, né, e nós, os professores, estávamos... eu tive que optar em... para ir para um lugar e fui para a Argentina porque era o grupo com o qual eu tinha menos contato e achei que era uma possibilidade de estreitar esses laços e, de fato, eu acho que foi a decisão correta.

ME: E como era a sua relação com a comissão dirigente do programa? O que era exigido de você enquanto coordenador internacional e dos outros coordenadores do projeto?

L: As exigências não eram muito grandes... A coordenação internacional, foi bastante tranquilo, né, porque o que eu tinha de tratar com eles... foi no início, a submissão do projeto, tudo feito por e-mail, sem problema. Depois, na hora da renovação, porque no final do primeiro ano você manda um relatório e recebe, e o relatório final. Foi bastante tranquilo, né, não tive nenhum problema e a comunicação fluiu muito bem. E aí eu centralizava essa comunicação, né, toda a informação que foi para a coordenação internacional passava por mim, então os coordenadores de cada país mandavam seus dados para mim, eu consolidava tudo isso, fazia o relatório, distribuía depois para os coordenadores para ver se é isso mesmo, se eu entendi bem,

etecetera, ou então se tem alguma discrepância entre o que a gente tinha planejado e o que eles informaram que aconteceu porque sempre tem mudanças, o financiamento às vezes não está disponível, bom... e aí de alguma maneira eu tinha esse controle. Às vezes, quando... Por exemplo, uma visita de um chileno para França, que não passava muito por mim, as datas, etecetera..., mas mesmo essas visitas das quais eu não tinha um domínio, que não passavam pelo meu grupo, eu consegui obter as informações, escrevia para um, escrevia para outro e consegui fazer. Por outro lado, cada país também tinha as suas exigências de prestação de contas e de acompanhamento, etecetera... e cada país tem um formato um pouco diferente de como o dinheiro é liberado, por exemplo, a CAPES, ela me manda o dinheiro para uma conta e eu administrava essa conta... Na Argentina, quando o pesquisador ia, o governo liberava o dinheiro especificamente para aquela visita. Então, as formas de administrar o dinheiro eram diferentes em cada país, eu mais ou menos sabia como cada um funcionava, mas não tinha nenhuma ingerência sobre isso e também não tive nenhum complicador. Do meu lado, que era o lado brasileiro, eu devo confessar que eu tive algum... nada grave, mas eu tive alguns problemas com a CAPES de comunicação, então... especialmente no segundo ano eu recebi, por exemplo, uma comunicação dizendo “olha, diferentemente do primeiro ano, você não vai ter o dinheiro depositado na sua conta, vai ser sob demanda”. Então você se preparava para esse tipo de logística, aí você estava recebendo os pesquisadores e... aconteceu esse fato, por exemplo, você assume o compromisso de dizer, aos pesquisadores franceses, “não, vocês venham, a gente vai fazer, diga com antecedência, tal” e aí, de repente, o processo não era aquele, “não, você tem que aguardar o dinheiro sair na sua conta”. Então existiam certas divergências de informação que deixavam você... não exatamente numa saia justa, mas causava algum... contratempo ou até um “mal-estarzinho”, né, porque você está tratando com outro pesquisador, você assume a sua palavra supondo uma certa coisa e aquilo muda de figura, então você tem que dizer, explicar, “não é bem assim”, etecetera. Mas todos foram muitos compreensíveis porque eu acho que isso acontece não só aqui, como lá. Uma coisa que eu achei talvez desnecessária, mas pode ser uma coisa de regulamentação, é que a CAPES, por exemplo, exige que você faça um relatório específico para a CAPES. Os outros países, ao que meu consta, eles aceitam o relatório que você manda para o STIC-AmSud. Eu tive que fazer, enquanto coordenador, dois relatórios: um para a coordenação geral e um para mim, para o meu grupo, como a gente gasto dinheiro,

com essas missões que a gente tinha feito, os alunos... então foi um trabalho, não dobrado porque se aproveita muita coisa, mas... bom, pelo menos você tem que escrever em duas línguas e as informações que um formulário pede não são as mesmas que o outro formulário pede, são organizadas de uma forma diferente. Apesar das informações serem as mesmas, né, mas são estruturadas de maneira diferente, o que duplica o trabalho. E a gente não tem nenhum tipo de apoio... na minha instituição por exemplo, não tem nenhum tipo de apoio administrativo, é o pesquisador... eu faço o projeto, prestação de contas, compro a passagem, vou no banco pegar o dinheiro, toda essa parte é a gente que faz... Eu digo assim, a pessoa chega e não pode sacar o dinheiro no banco ou não sabe direito, não se comunica... aí você vai lá, pega o dinheiro, etecetera, tira a “xerox” dos seus documentos, toda essa parte... é o coordenador que faz, né.

ME: E durante o curso do projeto, você observou que havia algum tipo de assimetria ou hierarquia quando você efetuava contatos com a comissão ou com os outros membros?

L: Pessoas do projeto?

ME: É, entre os coordenadores do projeto.

L: A... Assimetria em que sentido, assim, que você diz? Dos recursos disponíveis ou da...

ME: Não, assimetria eu digo mesmo em... questões de relações, né...

L: A parte acadêmica?

ME: É, na parte acadêmica.

L: Não. Se teve alguma diferença, eu acho que foi com a parte chilena, porque, como eu disse, a gente trabalhava na mesma área, mas eles trabalham com uma metodologia... que não era exatamente o enfoque do trabalho. Então, eu acho que, de alguma maneira... não teve nenhum comentário, isso é um sentimento particular

meu... que de alguma maneira, eles não se sentiram completamente a vontade, principalmente dois deles, naquela temática, naquele tipo de abordagem que estávamos fazendo. Embora tenha havido as visitas, né, chilenos foram para França e aí puderam trabalhar um pouco lá, vieram para o Brasil, foram na Argentina... foi deslanchado alguns projetos, mas eu... não foi tão notória a integração como foi com outros grupos, eu achei

ME: Entendi. E, na sua opinião, quais foram as maiores dificuldades encontradas durante todo o projeto (da concepção à conclusão do projeto)? E quais você acredita que foram as melhores características, os maiores ganhos do processo?

L: As dificuldades não foram grandes. Se eu posso falar alguma, é essa parte administrativa, porque a gente não tem nenhum apoio. Existe uma incerteza inicial... você demanda um certo montante, você não sabe exatamente o que vai vir... particularmente no primeiro ano, o montante que era esperado da França foi bem menor, então todo o planejamento de missões que a gente tinha feito teve que ser redesenhado, né, a gente fez um desenho para o projeto... e fez um outro desenho completamente diferente depois que o projeto foi aprovado. No segundo ano, a gente também não tinha a certeza do que viria, a gente teve que fazer um outro desenho... para funcionar, foi menos drástica, essas mudanças, então eu acho que essa parte de redesenhar, né, a cada ano as estratégias..., mas me parece que é assim, não sei se pode ser muito diferente, né... era o mais complicado, porque você tem que adequar os calendários, as agendas das pessoas e aí você tinha planejado que esse grupo vai trabalhar esse tema mas esse grupo não pode mais se visitar, porque ele não tem dinheiro suficiente para receber aquelas pessoas que tinham... então você tem que lidar com essas circunstâncias. Do ponto de vista de tratamento com as pessoas, não houve nenhum problema, eu acho que tudo fluiu muito bem... todos os grupos me pareceram muito receptivos a quem visitava e também muito desejosos de irem nas outras instituições, dentro dos orçamentos que eles dispunham. Acho que tem essas... dificuldades administrativas. Tem uma coisa também pontual que é o valor que era pago a diária muitas vezes era insuficiente e aí a gente tinha que arrumar de uma outra maneira... eu vou citar, por exemplo, o caso do Brasil então... que talvez não seja nem o mais grave... em uma cidade como a nossa, a diária que a CAPES pagava era basicamente a diária do hotel, então a gente tinha que... a gente

conseguiu, de alguma maneira, pela universidade, ter uma contrapartida, vamos dizer assim. A universidade tem um convênio com hotéis, etecetera, a gente tentava usar desse convênio para ter uma diária mais barata... os pesquisadores, isso acho que aconteceu em todos os países, se disponibilizavam para fazer o translado do hotel para a universidade... quando eu fui para a Argentina foi assim, o professor ia me pegar no hotel e me levava para a universidade, quando eles vieram para o Brasil a gente sempre fazia a o transporte, para fazer caber dentro do orçamento, dentro do dinheiro disponível, o que se gastava no dia. Não é grande os valores, né, você deve ter acesso ao quanto é aprovado... então, certamente, os valores não são grandes, o dinheiro que você recebe para cada grupo não é grande, e eu acho que a gente conseguiu fazer bastante movimento e bastante gente de um lado para o outro... e isso realmente eu acho que faz acontecer. Do lado brasileiro, tem uma vantagem que são, além do orçamento aprovado, existem as bolsas de doutorado e pós-doutorado, né, que a gente conseguiu usar também, como eu te disse teve essa cotutela no doutorado e foi, assim, foram bastante úteis para nós.

ME: Ok, isso para os pontos negativos. E para os pontos positivos?

L: Positivos, é. Eu acho que o ponto positivo era exatamente o que o projeto se propunha, que era consolidar parcerias que já existiam, fortalecer essas parcerias, renovar algumas delas que estavam... adormecidas, digamos, e criar esses novos laços. Eu pedi, eu posso depois te dar esse texto, no relatório técnico, eu pedi para cada coordenador fazer um pequeno parágrafo falando isso, o que ele achou que o projeto foi importante para o seu grupo. E existem... Eu falei que não teve assimetrias do ponto de vista da qualidade, mas existiam assimetrias em números, de um grupo maior, um grupo menor, um grupo de pessoas mais jovens, um grupo de pessoas mais seniors..., mas essa assimetria não comprometeu em nada o desenvolvimento do projeto e é até benéfico, né, assim, eu acho que é isso que esse tipo de projeto se propõe mesmo, fazer com que... digamos, pesquisadores mais novos tenham contato com esses pesquisadores mais seniors e possam aprender estilos diferentes, possam presenciar e aprender com isso... esses mais novos energizam esses outros, trazem outras visões. Grupos menores, ou com menos acesso a, menos contato com pesquisadores estrangeiros, tiveram essa oportunidade... o coordenador argentino, por exemplo, eles têm um grupo excelente, pessoas muito capacitadas, mas eles são

de uma universidade pequena de lá e uma das coisas que ele me disse foi exatamente isso, uma das grandes vantagens do projeto foi fazer com que esse grupo se sentisse inserido em uma coisa muito maior. Em vez de você ficar em um local e eventualmente uma pessoa ir, o grupo todo parecia inserido nesse ambiente maior.

ME: Acho que você já mencionou, mas houve algum tipo de produção conjunta com os outros pesquisadores do projeto financiado (artigo, livro, congresso...)?

L: Sim. Houve artigos... artigos em periódicos, depois alguns que foram submetidos já no final e só foram publicados depois... Teve várias conferências, teve essas sessões especiais, como eu disse, em três conferências, tanto no Brasil, quanto no Chile, quanto na Argentina... Teve produções de tese em conjunto, em cotutela... Esses projetos originaram cooperações depois, há um projeto que tenho hoje que teve origem nesse aí... e essas outras colaborações também que continuam existindo, em outros temas de pesquisa que nem são mais os temas do projeto, né... eu tenho um colega que continua trabalhando em outro tema, eu recebi esse visitante agora que, de alguma maneira, está ligado aquele grupo lá.... eu não tenho notícias de como evoluiu a parceria entre os argentinos e os chilenos, que começou também durante esse projeto. Esses dois grupos eles não tinham contato, eles começaram a trabalhar em um tema... mas eu não sei como evoluiu. Eu acho que continua dando frutos. A gente terminou vai fazer dois anos e essas coisas continuam acontecendo. Eu acho que vai ser natural também que comece a ficar mais raro, mais rarefeitas algumas dessas colaborações... É natural, né, porque você começa a se envolver com outras coisas e a distância sempre enfraquece essas relações.

ME: Como você avalia sua experiência no STIC-AmSud? Você recomendaria esse programa a outros colegas pesquisadores?

L: Com certeza. Para mim, pessoalmente, foi muito bom e todos os depoimentos que eu tive... não sei se as pessoas... me pareceram sinceros, né, os depoimentos, eu não sei se alguém iria se pronunciar em contrário..., mas também não precisava se pronunciar, né, se não tivessem gostado, então... eu acho que foi unânime, no final do projeto teve uma troca de e-mails, de agradecimentos e reconhecimentos... todo mundo, todos aqueles que participaram efetivamente do projeto foram unânimes em

dizer que foi muito bom. Eu acho que esse tipo de projeto é a amostra que não precisa nem tanto dinheiro, né, às vezes você faz um projeto muito menos ambicioso dentro do seu país e que envolve muito mais financiamento... às vezes projetos individuais, eu mesmo já tive orçamentos maiores... como eu disse, tem essas dificuldades porque o orçamento é pequeno e você quer fazer, mas dá para ver que essa... que a oportunidade de criar esses laços faz com que coisas muito maiores aconteçam em um orçamento reduzido, porque se propaga e você... você manda um pesquisador lá e ele cria laços com aqueles outros e esses laços só tendem a crescer pelo menos durante um certo período de tempo... tem a sua longevidade também, que eu acho que depois precisa ser renovado e reforçado. Mas, para mim, pessoalmente, foi muito bom, e eu arriscaria dizer que para todos os envolvidos... Todos eles tiverem ganhos, talvez algum menor outro maior, mas acredito que todo mundo ficou contente.

ME: Quais os seus maiores interesses de pesquisa hoje? Quais são os projetos científicos que você planeja desempenhar em um futuro próximo? Você pensa em cooperar com algum parceiro (institucional ou físico) internacional? Se sim, qual parceiro?

L: Eu continuo trabalhando na mesma área, né, com o tema especificamente do projeto eu desenvolvo algum trabalho, mas não é o centro agora..., mas é claro que esse aprendizado que você tem, você leva para outras coisas que você vai fazer. Eu diversifiquei a minha temática mais recentemente, mas ainda tenho alguns trabalhos nesse mesmo tema ou nos outros que eu estou trabalhando sempre aparece alguma coisa que a gente usa. Sobre outras parcerias internacionais, sim, estão sempre no foco... particularmente com o grupo argentino e o grupo francês a gente tentou até fazer esse outro projeto, envolvendo outros grupos além desses (brasileiros e franceses), mas tem as circunstâncias do momento. Esse foi um projeto também submetido a CAPES, mas não foi aprovado. Por vários motivos, pelo momento, né, de falta de financiamento do país mesmo e também porque foi um projeto feito muito à toque de caixa... a gente tinha uma temática diferente e aí é claro que tem que ter uma boa redação e... foi feito muito... nessa época de submissão, eu estava organizando um congresso e particularmente não participei de nada na redação... foi uma coisa muito conturbada, então, não sei se por conta disso também, acabou não acontecendo. Mas a gente continua com esses planos, eu continuo tendo essas

parcerias todas lá... da próxima vez que a gente tiver um projeto de cooperação sul-americano, certamente a gente vai tentar concorrer, não tenho dúvidas. Por que é o que eu digo, a gente quer fortalecer, gerou muito bons frutos para nós.

APÊNDICE X - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR M
Equipe chilena – Projeto Sigma (STIC-AmSud)[43]

Realizada presencialmente, no Chile, em abril de 2017

ME: Obrigado mais uma vez. Só para confirmar então, você fez parte do do Projeto Sigma coordenado pelo Pesquisador L, certo?

M: Sim, certo.

ME: Como foi a elaboração do projeto enviado para o programa STIC-Amsud? Você participou da elaboração ou só os coordenadores?

M: Participamos.

ME: Todos?

M: Participamos, é, participamos cada um dos coordenadores de cada país. Participamos na elaboração do projeto e, em cada país, pelo mesmo no caso nosso, trabalhamos também com os colegas que estavam involucrados. Era importante trabalhar em conjunto no mesmo país e também... o que ficava em um projeto global... porque era um compromisso para a gente trabalhar em essas áreas... e compromisso das tarefas e das atividades que estávamos trabalhando. Então, era muito importante participar e, de fato, participamos todos. Os... os acordos finalmente conseguiram... os resultados que a gente estava procurando foram de comum acordo entre todos os países, todos os integrantes.

ME: E aqui no Chile eram quantas pessoas além do senhor?

---

[43] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **M** para as contribuições feitas pelo Pesquisador M do Projeto Sigma (STIC-AmSud). Informações que potencialmente revelariam a identidade do entrevistado foram suprimidas ou substituídas na transcrição do áudio da entrevista.

M: Éramos quatro pessoas.

ME: Da sua universidade ou do Chile?

M: Da minha universidade éramos duas pessoas. Eu e um colega que era investigador júnior. Outro colega que também era investigador júnior e também o pesquisador N.

ME: Investigadores júnior seriam estudantes de doutorado?

M: Não, eles já eram doutores. Já tinham feito seu doutorado, mas estavam chegando... Não me lembro bem, um ou dois anos... sendo professores, de duas universidades diferentes.

ME: Você conhecia todos os outros coordenadores antes do seu projeto?

M: Conhecia do... o Pesquisador L muito bem. Conheço o Pesquisador P muito bem também. O Pesquisador O, da Argentina, eu conhecia também porque da... da mesma área que a gente... “cercanas”. Mas eu não tinha trabalhado nunca com ele, mas sim conhecia de nome, de vista, de ter falado alguma vez em alguma conferência... O grupo do Pesquisador Q eu não conhecia, não... Eu sabia os nomes deles, mas não conhecia de maneira direta no início.

ME: Você menciona que você conhecia melhor os pesquisadores L e P... De onde você os conhecia?

M: Eu fiz o meu mestrado e meu doutorado no Brasil e conheci o Pesquisador L no doutorado. Não me lembro bem quando, porque eu estava saindo e ele estava entrando... E o Pesquisador P conheci também lá porque ele chegou como visitante da universidade. Conheci eles em meados dos anos 1980.

ME: E vocês já tinham trabalhado juntos em outro projeto?

M: Com o Pesquisador P eu tinha feito. Eu tinha trabalhado com ele em outros projetos da Comunidade Europeia, com outras universidades da América... da Europa.

Naquele projeto também estava o Pesquisador L... e isso. Em outro projeto nacional, me parece que já tínhamos trabalhado também com o Pesquisador P, mas sim, naquele projeto da União Europeia, que era muito bom trabalhamos os três. Eram três universidades e seis universidades na América Latina, porque estava Cuba também.

ME: Um projeto grande também?

M: Muito grande. Esse projeto foi muito importante porque a gente formou doutores na Europa... estudantes que foram do Brasil, do Chile, do Uruguai e de Cuba foram lá para fazer o doutorado. Isso foi muito bom porque eles voltaram como doutores para cá também... Não só da universidade do Pesquisador L, mas de outra universidade brasileira também. Com outro professor brasileiro, meu colega.

ME: Isso foi nos anos 2000?

M: 2000. Mais ou menos 2000. Deu muito trabalho... eu fui o coordenador geral do projeto, deu muito trabalho, muito trabalho... Mas foi muito bom, muito bom porque era só formar doutores... tivemos também estudantes de mestrado que ficaram com "pasantia" na Europa e também estudantes de... de graduação que também ficaram com essa... então era muito trabalho para coordenar tudo isso. Muito trabalho.

ME: Bom, voltando agora para o projeto STIC-AmSud... A área em que o projeto se encontrava estava alinhada com os seus interesses de pesquisa na época?

M: Certo. Estava alinhada com os interesses de todo mundo, porque... esses problemas que a gente tratou são problemas que ainda estão em aberto, a gente fala em aberto porque temos que procurar melhores... métodos para resolver esses problemas de... porque ainda não temos... temos métodos para resolver esses problemas, mas ainda é possível procurar melhores e que sejam muito mais rápidos... ou que o computador seja capaz de processar e obter resultados no menor tempo possível. Ainda estão em aberto, aqueles problemas... são muito interessantes e estávamos todo mundo motivados nesse projeto.

ME: Vocês tiveram que adaptar algum aspecto da pesquisa originalmente planejada para que ela pudesse participar do programa STIC-AmSud?

M: Não, não.

ME: Foi exatamente da forma que vocês queriam?

M: Sim, como a gente queria e da forma como a gente tava... tinha planejado no início.

ME: Houve algum tipo de divisão de tarefas durante os dois anos de pesquisa?

M: É... Sim, houve. A gente teve reuniões no início, bem no início. Lembro que uma reunião foi lá no Brasil, ou duas... Duas. Essa foi uma reunião originária que ali... nós, a gente não dividiu tanto as tarefas, mas sim as ferramentas que íamos utilizar para resolver esse problema. Então, em essa reunião inicial, falamos que íamos tratar de... no caso nosso, procurar aplicações para usar e tentar... entregar alguma resposta, com algoritmos, eficiente, para esse tipo de problema, essa aplicação que estávamos interessados em resolver.

ME: E o senhor ficou satisfeito com essa divisão de tarefas?

M: Fiquei, porque a gente gosta muito das aplicações e a gente gosta muito dos métodos. Era isso que a gente queria e isso que a gente gostava de trabalhar em esse caso e em esse projeto.

ME: Como você se comunicava com os outros pesquisadores durante o projeto?

M: Por e-mail mesmo. Às vezes, tínhamos contato em alguma conferência que a gente estava junto, por exemplo... Eu me lembro que a gente teve uma conferência aqui no Chile e a equipe da Argentina veio completa para o Chile... Pelo menos três pessoas vieram para cá e falamos, conversamos. E também, quando a gente foi a França, o pesquisador P estava também lá então dava para conversar e ver o que estava acontecendo até esse instante.

ME: Você se comunicava com todos coordenadores ou somente diretamente com o Pesquisador L, que era o coordenador internacional?

M: Ele era coordenador geral, mas sempre estávamos falando entre si, os coordenadores... O Pesquisador L é muito executivo e ele também é muito aberto. Todas coisas estavam falando entre os coordenadores, o da França, o do Chile, o da Argentina e ele. Sempre estávamos falando do... da coordenação geral, ele nunca... nunca fez alguma coisa que não tinha falado com a gente, nunca. Foi muito bom.

ME: Com que frequência vocês se comunicavam virtualmente?

M: Provavelmente... Pelo menos, era uma vez ao mês. Às vezes, quando a gente estava fazendo um relatório, porque tínhamos que fazer relatórios, aí estávamos falando muito rápido, comunicando-nos cada... cada semana, até o relatório ficar pronto porque o relatório era feito entre todas... todos os países que estavam participando, não era só um. Então aí era muito rápida a comunicação, mas normalmente estávamos sempre em contato com diversas coisas.

ME: Você avalia essa comunicação como essa satisfatória?

M: Sim, muito satisfatória. Nenhum problema.

ME: Você foi a quantos encontros pessoalmente?

M: Eu fui ao Brasil, duas vezes, acho... Faz algum tempo, talvez não me lembro muito bem, mas a gente cumpriu a programação dos encontros completa. Estivemos na França e, na Argentina, eu não fui, mas um de meus colegas foi. O terceiro encontro, no Brasil, eu não fui, mas outro colega também foi para lá.

ME: Então havia sempre pelo menos um representante chileno nos encontros?

M: Sempre, sempre, sempre... Um ou dois, às vezes... no primeiro encontro, fomos em duas pessoas, eu e meu colega, na França fomos eu e o pesquisador N, na Argentina foi o outro colega.

ME: Atualmente, você continua em contato com os outros pesquisadores que fizeram parte do seu projeto?

M: Sim. Sim, por causa que a gente somos da mesma área. Com o Pesquisador L, estamos em contato porque sempre que a gente vai a alguma conferência... normalmente, a gente se encontra. Com o pesquisador O também, porque agora ele tem uma conferência e a gente participa no comitê de programa, por exemplo. Com o Pesquisador P também, achamos ele sempre nos grandes eventos que têm no Brasil... O ano passado eu não fui, mas no ano anterior tinha ido. Esse ano espero... Esse ano não, mas espero, talvez, o ano que vem, talvez sim... Sempre temos contato.

ME: E o senhor possui algum projeto de pesquisa conjunto com algum deles hoje?

M: Infelizmente não, por causa que a gente está fechando um projeto agora que também era com franceses... que fechou agora em março e era com outros pesquisadores e colegas da gente que são de uma outra universidade francesa. Então, estamos fechando agora esse projeto e ficamos dois anos em isso. Eles vinham para cá e a gente foi para lá também.

ME: Entendo. E como o senhor avalia especificamente a sua relação com o Pesquisador L?

M: Ótima. O máximo.

ME: O senhor teve, em algum momento, contato com a comissão dirigente do programa?

M: O que é isso, a comissão dirigente?

ME: Com os representantes franceses na região, que fazem a gestão do programa.

M: Não. Só a comunicação... foi com o Pesquisador L, com os outros pesquisadores do país e só em termos técnicos. A gente se conhece em termos técnicos.

ME: E durante o curso do projeto, o senhor observou que havia algum tipo de assimetria ou hierarquia na dinâmica com os outros coordenadores?

M: Não, porque isso foi coordenado e o projeto foi preenchido por todos. Não, isso foi sempre... O que a gente planejou, foi o que se fez.

ME: O senhor classificaria essa relação como horizontal?

M: Isto, horizontal. Completamente.

ME: Entendi. E, na sua opinião, quais foram as maiores dificuldades encontradas durante o projeto?

M: As dificuldades encontradas... Coordenar as visitas por causa das atividades de cada um. Por exemplo, veio aqui um estudante de doutorado do Brasil, ficou quase que um mês aqui, mas custou muito para coordenar uma data em que ele poderia vir e em que a gente estava aqui e poderia trabalhar com ele. A mesma coisa na segunda viagem ao Brasil, em que eu pensava também estar e não foi possível, mas o meu colega foi... porque a gente estava com outras atividades aqui. É dizer que, mesmo o plano... no caso nosso, foi cumprido cabalmente com a participação dos outros integrantes... poderia ter sido, no meu caso talvez... assistir também às reuniões na Argentina, mas não foi possível por causa das atividades que a gente tem, porque a gente tem que dar aula, tem que continuar com o trabalho aqui na universidade e o projeto tem que avançar... então não é possível falar “não, vamos trocar a data porque essa semana eu não posso ir”. Não. Então o que a gente faz como equipe é que, eu não posso ir, termos que ir com alguém... temos uma vaga disponível, temos que procurar outro do mesmo país e isso foi o que fizemos.

ME: E quais foram os maiores êxitos do projeto?

M: É, os maiores êxitos do projeto, acho... Para a gente, é, para mim, era conhecer as atividades que os outros coordenadores tinham. Dois, as publicações que temos feito... nos diferentes “journals” da disciplina, ou “cercanos” da disciplina, que podiam

ser... que apareceram, e que acho que até o ano passado ainda tínhamos alguma publicação... então esse foi para mim o maior logro. E outro logro é ter conhecido e... ficar mais próximo com a equipe argentina, coordenada pelo pesquisador O, isso porque eu o conhecia há muitos anos, mas nunca tínhamos ficado tão perto como foi no projeto e ali conhecemos outros pesquisadores muito bons de sua equipe que não conhecia. Também não tinha ideia do grupo do pesquisador Q... não sabia que existia uma unidade que estava lá, que podia ser “cercana” com a gente... do pesquisador L eu sabia muito bem e o conhecia muito bem, o mesmo com o pesquisador P... Então, isso foi o melhor para mim, as publicações, que até agora estão aparecendo, ter conhecido outras pessoas além dos coordenadores, que já nos conhecíamos, e ter aprendido, ter trabalhado um pouco mais nessa área que a gente as vezes ensina e que... às vezes não vê outra forma de resolver, ou outras aplicações, esse tipo de coisa. Acho que isso foi... as três coisas mais importantes para mim.

ME: Entendi. E, uma dúvida, professor: o senhor e o pesquisador N estão listados como pesquisadores no site do STIC-AmSud. No entanto, quando eu contatei o pesquisador N, ele me informou que o senhor era o coordenador de fato. Você pode me confirmar essa informação?

M: Sim. O coordenador era eu mesmo. Na verdade, a nível de pesquisa, os dois somos iguais por causa que éramos “seniors” e os dois chilenos que estavam eram colegas da gente “juniors”. Aliás, foram os dois outros colegas... eles foram meus alunos da graduação e do mestrado e fizeram o doutorado na Itália, um deles pelo projeto anterior da Comunidade Europeia e o outro “cercano” ao projeto anterior. Então... então, a verdade, é que, como os dois éramos “seniors”, a única coisa que tentávamos é sempre incorporar os dois que são jovens... incorporar e motivar para eles, em algum futuro, tentar arranjar projetos assim, multinacionais. Mas o coordenador mesmo era eu, que estava desde o início do projeto.

ME: Ok. E, além dos artigos que você já mencionou, quais foram as outras produções conjuntas com os outros pesquisadores do projeto financiado?

M: Conferências, artigos... Isso, mas para a gente, o artigo é uma meta... um objetivo muito importante, muito importante... porque o artigo aparece depois de alguma tese

do mestrado ou tese da graduação e, no meu caso, eram várias teses de graduação que foram feitas em função do projeto e o artigo aparece depois que a tese de graduação ou de mestrado está feita. Mesmo assim, as conferências vêm depois que o estudante já trabalhou em um tema, que foi a sua tese de mestrado ou trabalho da graduação. Então, talvez... isso é muito importante, para nós, os artigos são muito válidos... Aqui, para a universidade, toda, em qualquer parte do mundo, o artigo é um trabalho final que todo professor tem que fazer... no nosso caso aqui, temos que fazer no mínimo um artigo de alguma revista por ano e, se você não faz, você vai ter problema na carreira de professor. Então, isso é muito bom para a gente... Além do mais, com esses artigos, damos a conhecer o que se fez, está publicado para outras as pessoas, está disponível para todo mundo... e também é, involucrar os alunos de mestrado e, no meu caso, de graduação, foi bom porque eles não tinham nenhuma oportunidade de se involucrar numa pesquisa desse tipo se não fosse por causa do projeto. Então, as teses... que também é um resultado muito importante, que saem antes do artigo... porque o artigo vai aparecer quando a tese está pronta. Se não está pronta a tese, o artigo não vai aparecer porque são resultados que estamos provando com os estudantes. Então, isso para a gente é muito, muito importante, a nível de pesquisa.

ME: O senhor sabe me dizer, em média, quantos artigos a equipe do Chile produziu?

M: Eu não me lembro ao certo, porque faz muito tempo... Teria que ver, mas eu acho que em média foram três a quatro artigos por ano, em diferentes... em revistas, em conferências, em isso todo.

ME: As conferências que o senhor menciona... São artigos de conferência ou foi a realização de uma conferência, que vocês organizaram?

M: As duas coisas. Nós fizemos uma conferência aqui no Chile, onde vieram professores, palestrantes convidados de diversos países: Estados Unidos, Canadá, França, Itália, Bélgica... E, além disso, veio os colegas argentinos, os três que estavam no projeto a participar da conferência e apresentar seus trabalhos... A mesma coisa ocorreu em um evento no Brasil e foram artigos feitos a partir de trabalhos de estudantes e me lembro que um dos artigos, no meu caso, foi apresentado no

Uruguai... eu fui a conferência, mas foi um estudante que apresentou e era um trabalho do projeto STIC-AmSud.

ME: Como você avalia sua experiência no programa STIC-AMSUD?

M: A minha experiência foi muito bom por causa que eu gostei muito da coordenação do pesquisador L porque ele é muito executivo, muito trabalhador.... Ele não deixa passar as datas dos relatórios, ele estava muito por dentro da época que... Ou seja, do resultado que tínhamos que ter e dos relatórios que tinha que fazer. Então, gostei muito do coordenador, do trabalho que ele fez e da disponibilidade que ele teve todo o tempo, isso foi muito bom. E também foi bom... ter conhecido novos colegas, como falava no caso dos argentinos, que eu conhecia o pesquisador O, mas os outros dois não conhecia... a equipe do pesquisador Q também não conhecia. O pesquisador P sim, eu conhecia muito bem, sabia que esse projeto ia dar certo estando ele e o pesquisador L, tenho muita confiança nos três... então, minha avaliação é positiva quanto a equipe, os temas e os coordenadores dos países.

ME: Você recomendaria esse projeto a outros colegas pesquisadores?

M: Sim, sim. Com certeza. Eu não sei se existe esse concurso agora, porque o Chile e a França têm vários concursos..., mas, que aparece o Brasil ou outro país da América Latina em conjunto... não é tão fácil os concursos. Me lembro que aquele projeto da União Europeia, que já tínhamos feito, esse foi muito bom, aparecia várias universidades da América Latina e da Europa, mas não tenho visto outro igual... É, se fosse... se existir, seria muito bom aproveitar esses concursos e fazê-lo. Depois que a gente agarrou STIC-AmSud, fomos fazer outro projeto com a França e esse acabou agora. E, nesse ano, eu estava pensando que preciso participar em outro projeto, porque são muito interessantes, são muito bons para se comunicar com outros colegas, mas até agora não tive tempo de dar uma outra olhadinha.

ME: Mas o projeto STIC-AmSud continua em funcionamento.

M: Com vários países?

ME: Sim, com a mesma lógica.

M: Eu não sabia, eu pensei que tinha acabado naquela época.... porque de repente depende dos fundos que tenha. Não foi o meu caso, mas alguns projetos tem dificuldade com o dinheiro da Europa por causa que estamos trabalhando e diferentes semestres... Então, eles lá estão de férias e a gente está trabalhando... então, tem que fazer tudo, tudo... A gente não teve problema, não teve problema... Tem que fazer tudo antecipadamente para coordenar bem e isso foi o que o Pesquisador L conseguiu manejar muito bem.

ME: Esse foi o primeiro projeto STIC-AmSud que o senhor participou?

M: O primeiro.

ME: E o senhor não participou de nenhum projeto STIC-AmSud posteriormente?

M: Não, infelizmente. Só desse outro que comentei.

ME: E esse projeto que você comenta era um projeto bilateral?

M: Sim, Chile e França. Muito bom também.

ME: E, nesse projeto, participou a mesma equipe do Chile?

M: A mesma equipe do Chile.

ME: Só a equipe da França que mudou?

M: Mudou, exatamente, porque o tema... era outro tema e os professores de lá, que trabalha esse tema, é de outra universidade. Mas eu também os conhecia há tempo.

ME: E você, se tiver a oportunidade, pensa em cooperar com algum dos parceiros do projeto STIC-AmSud?

M: Sim, seria muito interessante. Com certeza, sim, se pudesse ser. Ninguém falou até agora, mas se fosse possível, sim. Vamos fazer.

APÊNDICE XI - ENTREVISTA COM O PESQUISADOR O
Equipe argentina – Projeto Sigma (STIC-AmSud)[44]

Realizada presencialmente, na Argentina, em março de 2017

ME: Sólo para confirmar: ¿usted ha participado del Proyecto Sigma, coordinado por el Investigador L, correcto?

O: Si, cierto.

ME: ¿Cómo fue la preparación del proyecto enviado al programa STIC-AmSud? ¿El señor conocía todos los demás miembros de su proyecto previamente?

O: Fue así… El Investigador L, nos conocimos en un congreso en 2011 que realizamos aquí en Argentina. Nos conocíamos por los trabajos, no nos conocíamos personalmente, no habíamos tenido contacto… Fue como "mucho gusto, soy el investigador L", "ah, te conozco de tus papers" y "yo también te conozco de tus papers" me dijo el a mí, o sea, trabajamos en cosas parecidas, pero no habíamos tenido contacto. Y en ese ahí, en 2011, quedamos en ver la posibilidad de hacer un proyecto en conjunto y cuando surgió… Yo creo que fue el año siguiente, 2012, empezamos a ver la posibilidad en presentarnos en esta convocatoria, yo no estoy seguro de las fechas, pero seguro fue durante 2012… Y como era un proyecto STIC, el investigador L propuso, él ya estaba en contacto con dos universidades de Francia, del investigador P y otra… Eran dos universidades de Francia, la verdad es que no me acuerdo la otra. Ellos estaban en contacto, nosotros no conocíamos los investigadores de Francia y propuso también sumar la gente de Chile.

ME: ¿El investigador L propuso?

---

[44] No documento, são usadas as abreviações: **ME** para referir-se ao mestrando e autor deste trabalho, Paulo Henrique Ribeiro Neto, e **O** para as contribuições feitas pelo Pesquisador M do Projeto Sigma (STIC-AmSud). Informações que potencialmente revelariam a identidade do entrevistado foram suprimidas ou substituídas na transcrição do áudio da entrevista.

O: El investigador L, sí. Él lo conocía al investigador M de Chile... Yo también, o sea, nos conocemos. Así, los que trabajamos en eses temas en Latinoamérica medio que nos conocemos todos.

ME: ¿Vos también conocías el investigador M anteriormente?

O: Sí, sí, sí.

ME: Y usted conocía antes…

O: Sí, de congresos… Haría diez años… Y nadie más. Creo que fue un par de universidades en Chile. Terminó siendo un proyecto bastante grande… lo coordinamos por mail. El investigador L coordinó el proceso de hacer las cosas por mail, que íbamos a trabajar en esos temas… y fue todo bastante fluido. El investigador L coordinó la presentación de la propuesta, preguntó más o menos que problemas podría proponer cada uno para trabajar en conjunto y eso fue como… fluido, fue muy bien, no fue complicado. Si, recuerdo que hubo alguna ida y vuelta por mail de documento final, pero no fue mucho más que eso.

ME: ¿Todos ustedes hicieron parte de la elaboración de este documento?

O: Los coordinadores. El investigador P en Francia, el investigador L por la gente de Brasil, yo por el grupo argentino, el investigador M por el grupo chileno. Éramos cinco o seis personas en esa conversación por mail. Todos, todos los que participaron, no… todos los investigadores no…

ME: ¿Pero todos los coordinadores sí?

O: Sí, los coordinadores sí… Funcionó muy bien el trabajo que hizo el investigador L de decir “bueno, vamos a trabajar al redor de estos temas”. Estaba claro que todos trabajamos cerca de eso, pero fue como “vamos a trabajar cerca de eso”. Entonces cada uno propuso problemas para trabajar al redor de eso, pero el investigador L lo coordinó muy bien.

ME: ¿Y este tema de interés estaba en línea con sus intereses personales de investigación de la época?

O: Sí, sí, sí… Es que el investigador L y yo trabajamos en temas parecidos… estábamos cerca a nivel de temas. En lo cual, en ese sentido, por lo menos para nosotros, bien…

ME: ¿No fue muy lejos de sus temáticas?

O: No… En ese sentido, estuvo genial.

ME: ¿Y cuántas personas en Argentina hicieran parte del proyecto?

O: En Argentina… Bueno, eso suele ser medio informal, cuando uno arma un proyecto así… Quien participa y quien no, nunca está muy claro. O sea, uno pone en el formulario, no sé… algunos nombres, probablemente los que vayan a viajar o que estén más involucrados, pero después este suele ser un poco más caótico. En esa época no me acuerdo cuanto éramos… allá de mi universidad, debíamos ser ocho o nueve personas en aquel momento.

ME: ¿Todos profesores?

O: No, repartidos… En ese momento, debíamos ser tres profesores y seis o siete estudiantes… cinco, seis o siete estudiantes de doctorado. Ahora estamos un poco mejor, ahora somos catorce de los cuales somos siete profesores… Este, en verdad que esa época seriamos si unas nueve personas. Pusimos tres o cuatro de nosotros que era seguro que íbamos viajar… O sea, tres o cuatro nombres que eran los que más probablemente viajarían… Pero después, sobre todo cuando vinieron visitantes acá, bueno, eso se relajó mucho, trabajarán junto con ellos no suelo los que estaban formalmente en el proyecto.

ME: ¿Trabajarán con todos los miembros del equipo?

O: Sí, sí.

ME: Aún acerca del proyecto original, ¿ustedes tuvieran que adaptar algún aspecto de la investigación para competir en el programa STIC-AmSud?

O: ¿Vos decís del trabajo que ya estábamos haciendo hasta ese momento?

ME: No, me refiero al proyecto elaborado en conjunto con los otros coordinadores. ¿Este proyecto tuvo algún cambio para ser aprobado en el programa?

O: No, fue aprobado de la misma manera… Se hacia una presentación en Brasil, una en Francia e una en Chile. Nosotros no tuvimos que hacer ninguna formalidad aquí en Argentina, como que la parte latinoamericana, no brasileña, se centralizaba en Chile, no sé muy bien porqué... Así que yo no estuve en la formalidad de la presentación. Este… Pero se presentó en su momento, simultáneamente en los tres lugares, y después de un tiempo llegó aprobado.

ME: ¿Cómo fue la dinámica de trabajo durante los dos años de investigación? ¿Había algún tipo de división de trabajo?

O: Si, fue así... El investigador L organizó en Brasil una reunión como de inicio, creo que fue en abril de 2013, me parece que fue en abril… Eso fue una muy buena idea, no fuimos todo, pero si todos mandamos representantes… De aquí fue un investigador que en ese momento era doctorando allá en la universidad. Y eso estuvo muy bien porqué ahí todos contaran los problemas que cada uno había propuesto y se armaron como pequeños equipos, como que eso se… Fue medio informal, pero la idea era formar equipos que comenzaran a funcionar… si, hubo cuatro o cinco problemas y cosas para trabajar y ahí se hizo una división inicial de tareas… y después, bueno como sabes, todos estes proyectos fueran como… visitas en conjunto. En eses proyectos la mayor parte del avance se da durante las visitas, la verdad este viene por ahí… Primero vinieron, vino un chico de Chile a visitarnos a nosotros, después de esa reunión inicial. Hacia el fin de este año, vinieron tres profesores de Brasil acá… después fuimos yo y un colega a Brasil en abril… 2014, y en septiembre de 2014 nos visitó un profe más, este brasileño. La última visita, en 2014 también, fueran dos investigadores argentinos a Chile, esas fueran las visitas que involucraran gente de

Argentina. La mayor parte de los avances se realizarán durante esas visitas, o sea, hubo poco… no poco, pero fue como más… pausado, no tan intenso el progreso entre visitas… escribir los papers, hacer algunos experimentos, pero no… la parte más importante del trabajo se hizo durante las visitas. Y esa fue la dinámica.

ME: ¿Y no hubo visitas de gente de Argentina a Francia?

O: No, no, no. Yo creo… no estaba en los detalles, eso lo manejo el coordinador internacional, pero finalmente el presupuesto fue un poco menor del que estaba pautado inicialmente, entonces…

ME: ¿En Francia?

O: Si, y creo que Argentina también disminuyó… Eso no lo tengo muy claro, la verdad es que no estoy muy seguro de como fue esto... Pero en un momento hubo que reorganizar viajes este y… eso estuvo a cargo del coordinador internacional esencialmente… y entonces vimos que los viajes entre Argentina y Francia estaban más complicados y eso se suspendió. Había prevista un viaje de cada lado en cada año, cuatro viajes en total, eso estaba previsto y no se hicieran.

ME: ¿Entonces, ninguna persona de su equipo fue a Francia y ninguna persona de Francia vino a Argentina?

O: Exactamente, exactamente así.

ME: ¿Pero ustedes se comunicaban por correo?

O: Finalmente, por la dinámica que se fue dando, no hicimos ningún trabajo en conjunto con los franceses, fue con la gente de Brasil y de Chile este… No, perdón, no, uno de nuestros investigadores si hizo un trabajo con el Investigador P y alguien más, creo… Si, él sí, hizo, pero fue lo único, todos los trabajos que se hicieron, salvo ese, no fueran con los franceses… Bueno, porque no hubo viaje, entonces, como hay menos contacto…

ME: ¿Y el señor se quedó satisfecho con esta división?

O: Si, si, si… Bueno, no era algo muy estricto… seguramente lo harás visto, no somos muy formales, este, en computación, en matemática, por eso decimos bueno, tenemos este grupo que va trabajar este problema, pero si alguien más quiere trabajar es bienvenido y se alguien no se gusta, bueno, se deja de trabajar y no pasa nada. Entonces, se hizo la división de trabajo y se definirán los problemas en que cada uno iba trabajar, pero después cada uno podría aportar en cualquiera, y como que suelo fue convergiendo a algo que todos estaban satisfechos… Así que, por ese lado, no hubo ningún problema. No fue formal, no hubo formalidades, en momento alguno (*ininteligível*) en que estaban los equipos y… los problemas y los equipos que estaban trabajando y cada… los integrantes de cada equipo trabajando en cada problema, pero eso fue cómo una división inicial, después hubo un movimiento entre los equipos sin restricciones.

ME: Hablaste un poco de su comunicación, pero ¿Con qué frecuencia ustedes se comunicaban virtualmente? ¿Era semanalmente?

O: No, no, no… Bueno, mucha comunicación antes de los viajes, por supuesto, y antes de los informes finales, hubo un informe de avance y un informe final, o sea, un informe después de un año y otro informe después del segundo año, obviamente en esta época la comunicación era muy intensa, y después una vez por mes, diría yo.

ME: Pero con muchos viajes, ¿sí?

O: Si, al final hubo bastante… O sea, en eso sentido fue muy productivo, muy intenso para nosotros… Porque tuvimos… Un viaje a Brasil en el primer año más dos viajes, dos visitas un de Chile y otro de Brasil. Uno de los profesores brasileños se quedo tres meses acá, no en el marco de este programa, pero… se hizo como un mini-postdoc acá con nosotros, estuvo tres meses, había empezado en noviembre de 2013 y estuvo hasta fin de enero de 2014… Fue un período, si tres meses, bastante largo, trabajamos muy bien… Y después en 2014 hubo varias viajes más, fuimos dos a Brasil, vino un profe de Brasil acá, fueron dos de nosotros a Chile, entonces a cada tres o cuatro meses como máximo se pasaba algo del proyecto, entonces… era como

se iba… hubo actividad casi todo el tiempo. En el medio había poca comunicación entre los coordinadores, entre viajes.

ME: ¿Hubo algún omento en que todos los coordinadores se reunieron personalmente?

O: En la reunión inicial, yo no pude viajar… por cuestiones personales, entonces por eso fue un colega, pero la idea era que nos juntáramos todos los coordinadores en esa reunión en abril de 2013. Yo no pude hacerlo…

ME: Pero fue un representante de Argentina, ¿sí?

O: Claro, sí, sí… Pero la intención era que todos nos juntáramos, todos los coordinadores y la mayor cantidad de gente posible, pero seguro todos los coordinadores no se encontraran en esta reunión inicial. Yo no pude ir.

ME: ¿Actualmente, usted sigue en contacto con los investigadores que eran parte de su proyecto?

O: Si, si, si… En ese sentido fue muy bueno el proyecto, porque... Buen, nosotros, con la gente de Chile, nosotros ya teníamos algo de contacto. No habíamos hecho nada juntos, pero si teníamos contacto. Con la equipe brasileña, fue cómo… apenas nos conocíamos con algunos, por ejemplo, yo conocía el investigador L, y quedó un contacto muy interesante, seguimos trabajando con algunos de ellos este… invitamos a uno de los profesores brasileños, el año pasado... no, en 2015, fue que vino a dar un curso sobre un tema que acá que nosotros no manejamos… y después, otro profesor con él que seguimos trabajando, pero ahora no esta más en la misma institución, se mudó después que terminó el proyecto, el año pasado creo. Seguimos trabajando, el vino a visitarnos.

ME: ¿Y con los franceses, no tienes contacto?

O: Creo que uno de mis colegas sigue en contacto con algunos de ellos, yo no…. Yo no hice ningún, no trabajé en ninguna cosa específica con ellos, entonces yo no hice un contacto tan fluido. Este mi colega sí.

ME: ¿Cómo fue su relación con el investigador L, que era el coordinador internacional del proyecto?

O: Buen, no sé si lo conoces… Es muy amable, muy… muy atento, con la cual la relación a nivel personal fue excelente, muy bien… y es un muy bueno organizador. Es un proyecto grande, había mucha gente, bastante dinero involucrado, o sea…. Había que llevar adelante el esfuerzo. Lo hizo muy bien, no hubo ninguna… Cuando hay dinero, puedo haber alguna fricción o pude ser que alguien diga “por qué viajo el y no el”, hubo que organizar… entiendo que hubo que organizar un poquito el presupuesto… anduvo todo muy bien, creo que ese fue perfecto en realidad…. En cuanto a la relación, así más académica, bueno, con él, inicialmente, después de la reunión inicial… antes de la reunión inicial, bueno, coordinamos este que iba ir un representante por parte… y después íbamos gestionando en que estaba cada proyecto, los que estábamos involucrados nosotros, y los viajes… bueno, vamos a ver cuando íbamos poner viajar, vamos viajar, va a venir alguien para acá… coordinamos la logística de los viajes… sin ningún problema, anduvo todo muy bien. El tema, los temas más académicos, en que estamos trabajamos, tengo’ un alumno de doctorado, quizá se podría sumar’, este, o ir vendo como iba cada proyecto, no son cosas conflictivas… no hay cosas, como decir, yo opino una cosa y el otro dice ‘yo opina otra, tenemos que ponernos de acuerdo’, es como… en ese tipo de tema, no hay problemas como diferencias de opinión o escuelas de pensamiento distintas, entonces, en ese sentido, este tipo de proyectos son muy fáciles de llevar adelante… trabajamos en un problema, pensamos cosas, si alguien tiene una idea decimos ‘ah, que buena idea’ o, bueno, ‘quizá yo no haría eso, pero eso otro’ y cada uno hace cosas distintas y después se compara… y no hay… no son temas conflictivos para trabajar en equipo, entonces desde ese punto de vista, no hay grandes problemas de coordinación.

ME: ¿Y usted tuvo contacto, en algún momento, con el comité oficial del programa STIC-AMSUD?

O: No, no… Todo el contacto que tuvimos acá era con una división del Ministerio de Ciencia y Técnica, que gestionaba el presupuesto…

ME: ¿De Argentina o de Francia?

O: De Argentina. El Ministerio, se llama, Ciencia, Tecnología e Innovación Productiva… Era el Ministerio que tenía a cargo este programa y era una de las secretarías… Secretaría de Relaciones Internacionales o algo así… Y era por el tema de los pasajes. Los pasajes, la rendición y eso… Era sólo algo bien administrativo y puntual, no hubo contacto con…

ME: ¿Con ningún miembro del gobierno francés?

O: No, tampoco. Ni tampoco con miembros del gobierno… Bueno, el Ministerio es parte del gobierno, no con… No con funcionarios de alto nivel… Y la relación acá con la Secretaría de Relaciones Internacionales fue… anduvo muy bien porque era… sacar los pasajes, rendir los viáticos, presentar formularios, y no era una burocracia complicada, eso fue sencillo.

ME: Durante el transcurso del proyecto, ¿usted notó en la dinámica de trabajo con los otros coordinadores algún tipo de asimetría o jerarquía?

O: No, no, no… Naturalmente, el investigador L era como él líder porque... había gestionado, iniciado todo el proceso, armó el formulario que después se presentaran en los tres países, era como él que estaba llevando adelante las cosas, pero… Salvo eso, no hubo una… Bueno, ya lo harás visto, en este tipo de disciplina, no hay una relación muy preestablecida entre las personas… en otras disciplinas, quizás este, no sé, el prestigios previo o la trayectoria hace con que se formen jerarquías, quizás no jerarquías, pero relaciones asimétricas entre las personas… en computación y en matemática no suele pasar ese tipo de cosas… y entonces… y eso se trasladó a las relaciones entre los coordinadores, no hubo una cosa así muy… por lo menos yo no lo noté, como una relación asimétrica entre nosotros… lo mismo entre nosotros y los doctorandos, este… en algunos ámbitos, uno, no sé, a su jefe no lo contradice, el jefe dice una cosa y uno sabe que está equivocado, pero quizás se lo dice después, en

privado… acá en el ámbito académico, en computación y matemática un doctorando dice “no, eso está mal” a su director y no pasa nada, no es una falta de respeto… y eso se traslada también a las relaciones personales, yo nunca le diría a un alumno “no, no, usted no puede decir eso” o “eso que acaba de decir es”, no sé, “está fuera de lugar, no corresponde”… y eso también se dio acá… no había tampoco una relación jerárquica entre los profesores y los alumnos o los doctorandos, en ese sentido fue… muy entre colegas, entre pares… pero eso es el habitual, no es algo de este proyecto, es de la disciplina.

ME: ¿Cuáles fueron, en su opinión, las mayores dificultades encontradas a lo largo del proyecto (desde la concepción hasta su finalización)?

O: La mayor dificultad fue económica. Creo que ahora cambió, pero en aquella época era así: el país de origen pagaba el pasaje y el país de destino pagaba los viáticos, las diarias… y lo que la Argentina le dedicaba, le destinaba por día a los profesores visitantes no era mucho dinero, entonces eso fue un problema… en algún momento tuvimos que conseguir dinero del otro lado para cubrir los gastos de hotel, los profesores que vinieron, vinieron tres de Brasil, dos de ellos compartirán una habitación en un bastante barato porque no alcanzaba el dinero, como que… esas quizás fueran las mayores dificultades… que no es una dificultad académica, es como algo accidental.

ME: Administrativas más que académica...

O: Si, tal qual, tal qual... En cuanto a cuestiones académicas... No, no, quizás… El tema de... la, la distancia... este tipo de proyecto, esta mecánica de que venga un visitante y durante, no sé, una semana o dos semanas nos dedicamos a trabajar con él, por lo menos para nuestra disciplina, es genial, es muy, muy buena… porque, para el visitante, bueno, como no está ni dando clases ni ocupados con sus deberes administrativos cuotidianos, sino que esta en otro lado, se puede dedicar cien por ciento al proyecto… y para los locales, los que lo reciben, uno también como que se hace un… una burbuja para poder trabajar, si hay algo, “no, no, hagámoslo la semana que viene porque esta semana estoy con un profesor de Brasil”… entonces, tanto uno como él que visita como que uno se hace un (*ininteligível*) para trabajar juntos, esa

semana suele ser muy productiva, eso es muy bueno… quizás el problema es después, mantener esa… ese ritmo… suele pasar, nos pasó con casi todas las visitas, durante la semana, los diez días o las dos semanas, hacemos un montón de cosas y, bueno, quedamos ya con eso podemos escribir un “paper” y hacemos eses experimentos… y podríamos haber escrito el “paper” en tres días, pero lo escribimos en dos meses… después de la visita, uno tiene que volver a la vida real, a las tareas administrativas y esas cosas, entonces, cómo que conspira un poco contra el avance que las cosas vuelvan a normalidad y se pongan en un ritmo “standard” después de la visita… esto nos pasó, por ejemplo, la primera visita de los profes brasileños que vinieron para acá… los tres juntos estuvieron una semana después uno de ellos se quedó más tiempo y… dijimos “buenísimo, con eso tenemos para producir un paper”, en nuestra disciplina es como la unidad de producción, tienes algo, escribe un “paper”, lo manda y sigue adelante… y estuve, me quedé, yo dije, bueno, “yo escribo los resultados que tenemos”, porque yo había tomado nota, “y los mando”… yo internamente pensaba “en una semana escribo todo y seguimos con ese ritmo, que es muy bueno”, tardé cómo un mes y medio a escribir el “paper” este… esa es una gran dificultad académica, porque uno ya pierde, pierde el ritmo, uno lee y vuelta “cómo era esto? tengo que pensarlo otra vez”, o sea… es muy buena la dinámica durante la visita, quizás la mayor dificultad es mantener ese ritmo unos días después para aprovechar de todo la visita, volver a la vida cuotidiana… conspira un poco contra la productividad de esos días… entiendo que es así siempre en este tipo de proyecto, pero, bueno… a nosotros nos pasó bastante.

ME: ¿Y cuáles fueran los aspectos más positivos también del proyecto?

O: Ustedes en Brasil menos, pero nosotros acá en Argentina estamos muy lejos del mundo… Ustedes están más cerca. Sobre todo los que están más al Norte, un viaje a, no sé, Francia para la gente no es cerca, pero es mucho más cerca que acá… No es cómo catorce horas de vuelo… Acá estamos al final del mundo, entonces… No pasa nada, salvo que uno haga que pase algo, nadie viene acá de camino a otro lado… Salvo de camino a Antártida, pero no… Eso de “estoy en Francia y paso a trabajar con un colega por algunos días ya que estoy en Francia”, nadie pasa por Argentina de camino a otro lado… Entonces, acá estamos muy, muy lejos del mundo y no pasa nada, no hay… Si queremos que haya una conferencia tenemos que

organizarla nosotros porque no hay una conferencia que regularmente pase por acá porque le interese estar aquí, entonces ese tipo de proyecto están muy buenos porque permiten traer gente y que pasen cosas… Un investigador puede venir y dar una charla en la universidad, y cuenta las cosas que esta trabajando para un montón de gente, quizás la primera vez que tengan contacto con eses temas o con esa forma de trabajar y eso esta bueno… y hay que hacerlo pasar, no sucede sólo… yo creo que ese es el impacto más positivo de este tipo de proyecto, permitir que el mundo venga un poco para acá y, bueno, que algunos de nosotros también vayamos a otros lados. La mecánica de trabajo es genial, eso de… que viene alguien y durante una semana, diez días, hacemos un alto en las tareas cuotidianas para trabajar con él… Uno de mis colegas, que era doctorando en aquella época, después de la primera visita de un chico de Chile me dijo “eso es buenísimo, tenemos que hacer eso más seguido, porque es genial”, o sea, esa forma de trabajar, era la primera vez que lo tenía, “está muy bueno”… además, de ver siempre las mismas caras, en eses temas en Argentina seremos 30 personas, nos conocemos todos… entonces ya, como que se pone, no diría aburrido, pero muy repetitivo… nosotros nos encontramos una vez por año, los que trabajamos en ese tema en Argentina, y ya nos conocemos todos, en que trabaja cada uno, quien es más teórico, quien es más experimental, termina siendo una cosa medio repetitiva… entonces, tener contacto con eso de que venga alguien y trabajamos con él o vaya alguien para allá y vuelva para contar las cosas que hizo es muy bueno… a la comunidad científica en Argentina, eso le hace muy, muy bien… en eso sentido, eso es genial… a nosotros nos hizo, como grupo de investigación crecimos mucho con este proyecto… especialmente con la gente de Brasil, que es un grupo importante en el tema, a nosotros no hizo muy bien…yo creo que ese, por lo menos desde Argentina, es el mayor beneficio… que pasen cosas acá… es como abrir la ventana y que entre un poco de aire fresco, que naturalmente no lo tenemos… solamente nos viene a visitarnos alguien si lo invitamos… y solamente hay un congreso internacional si mandamos alguien o si lo organizamos, no tenemos un congreso en una ciudad argentina porque sí, no hay ese tipo de cosas… yo creo que ese es lo mejor, da la oportunidad de que pase cosas.

ME: ¿Hubo algún tipo de producción conjunta con los otros investigadores del proyecto financiado (artículo, libro, conferencia, presentación de trabajos, etc.)?

O: Sí, si, sí… Bueno, nosotros trabajamos así, en ciencias exactas, cómo que tenemos… pensamos en “papers”… es lo que uno quiere hacer, te sale algo y uno ya piensa “tengo sufience para un paper con eso o todavía no” y si es mucho “ puedo hacer dos papers con eso”… cómo que es, el incentivo permanente es escribir “papers” en revistas… eso es algo que suele ser cómo criticado, para mí no me parece mal el tema de tener una unidad de medida tan clara para la producción… eso, yo creo que salgo bueno, porque finalmente a uno le da una medida clara de si está haciendo algo o no… yo creo que eso es bueno, a mí no me parece que… eso de tener el “paper” como unidad de medida o cómo objetivo principal de la investigación sea malo, yo creo que por lo menos en nuestro país funciona bien como incentivo… entonces, desde el primer momento, cuando nos juntamos a trabajar, en realidad siempre que uno está en eses temas, lo que está pensando es “bueno, ¿qué voy a hacer con eso que estamos haciendo? ¿lo voy a contar en un congreso? ¿y eso finalmente se va convertir en un paper o dos? ¿qué hacemos?” …. Y, en este contexto, es habitual que los “papers” sean conjuntos… o sea, por lo menos en los que nosostros participamos, todos los resultados fueran finalmente a presentaciones en congresos… habría que ver el informe final, no me acuerdo cuantas presentaciones en congreso hubo, fueran varias porque presentaciones en congreso es algo mucho más fácil de hacer… y “papers”, de temas que estuvimos involucrados… hubo tres o cuatro… si, por lo menos yo estoy involucrado en cuatro “papers” con gente del proyecto durante eses dos años… uno de mis colegas estuvo en otro más, ahí yo no estuve involucrado… o sea que sí, yo diría a vos, por lo menos con coautores argentinos, hubo si cinco “papers” y un par de “abstracts” extendidos, este… y después varias presentaciones a congresos, pero eso no suele ser tan importante en nuestra disciplina… bueno, la gente de Brasil son muy buenos… muy, muy buenos… se trabaja muy bien con gente tan buena.

ME: ¿Cómo el señor califica su experiencia en el programa STIC-AMSUD?

O: Excelente, para nosotros fue muy positivo, muy positivo… incluso con esos problemas económicos, la verdad es que eso fue una cosa completamente menor, si, fue muy positivo… a nosotros como grupo de investigación nos vino muy bien, este… no solamente para tener contacto, sí, hacer más proyectos, cómo para diversificar entre comillas la investigación, no sólo eso, sino… el roce internacional es muy

positivo, por lo menos en computación… uno tiende a encerarse en sus técnicas, en las cosas que sabe hacer, manda siempre los “papers” a la mismas revistas, cómo que uno, la tendencia natural es… bueno, uno sabe hacer un conjunto de cosas, típicamente aprendidas en su doctorado, y uno se mantiene ahí adentro que sabe que más o menos la cosa funciona… cuando uno tiene un poco de… cuando viene un visitante y sabe hacer otras cosas, ahí a uno lo saca de la zona de conforto y es muy bueno porque… por lo menos a nosotros, nos permitió crecer mucho como grupo de investigación, o sea, en ese sentido, la verdad es que el proyecto fue genial.

ME: ¿El señor recomendaría este proyecto a otros investigadores?

O: Sí, sí, sí, sí… Bueno, hicimos un intento con un ECOS este año, año pasado, pero no fue exitoso… Nosotros ahora hicimos con mi ex directora doctora, ahora está en Francia, pero es alemana…

ME: ¿En el mismo programa, STIC-AmSud?

O: No, ECOS… no tuvimos éxito… me suena que quizás estábamos medio… era cómo más competitivo, muchas otras disciplinas… si, más tarde o más temprano, vamos a seguir… porque la verdad es que es muy bueno este… a nosotros nos hizo muy, muy bien.

ME: ¿Cuáles son los proyectos científicos que el señor planea desarrollar en un futuro próximo? ¿Usted piensa en cooperar con un parcero (institucional o físico) internacional?

O: Bueno, informalmente, siempre estamos cooperando, sigo trabajando con mi ex directora, alemana, a pesar de que ya pasaron algunos años, pero seguimos trabajando… seguimos trabajando con los colegas brasileños que contactamos con este proyecto, con gente de Chile también estamos trabajando bastante asiduamente, sí, se da sola la cooperación… más en esos temas, en computación, no hace falta demasiada la infraestructura para colaborar… no hace falta un laboratorio, ni hacer experimentos, cómo en química, que hay que tener reactivos y cosas… entonces es cómo, que las colaboraciones así, informales, se dan muy naturalmente.

ME: ¿Pero, no es un proyecto formal?

O: No es un proyecto formal, sí, sí… No formalizado en un proyecto, pero eso termina en un “paper” en conjunto… pero no formalizado cómo un proyecto. Eso a las veces le pone a la universidad nerviosa porque de golpe estamos colaborando con gente, pero no en el marco de un convenio de cooperación, de un proyecto internacional, estamos trabajando… mandamos un mail, nos juntamos, por ahí nos vemos en un congreso y a partir de ahí surgen cosas, y después seguimos trabajando por mail… eso se da mucho en computación y matemática, esto de colaborar pero no en el marco de un convenio formal entre las instituciones o un programa de cooperación como ese, eso se pasa todo el tiempo… y entre universidades nacionales también… el resultado final termina siendo presentaciones en congresos y “papers” escritos en conjunto… especialmente con uno de los investigadores brasileños, seguimos trabajando bastante… tenemos una relación bastante fluida y con él seguimos trabajando así, no en el marco de ningún proyecto, pero, por lo menos en computación, eso es mucho común de otra universidad, de otro país, sin un proyecto formal.

ME: ¿Y sus temáticas de investigación cambiaran después del proyecto?

O: No, no, no…

ME: ¿Siguen siendo las mismas?

O: Si, si, si… Si tengo - y yo creo que todos - yo seguro, cómo un horizonte más amplio… por lo que te decía del contacto con otra gente, otras ideas, otras posibilidades, o sea, el horizonte se amplía, las posibilidades se amplían, pero generalmente los temas siguen siendo los mismos… eso sigue igual.